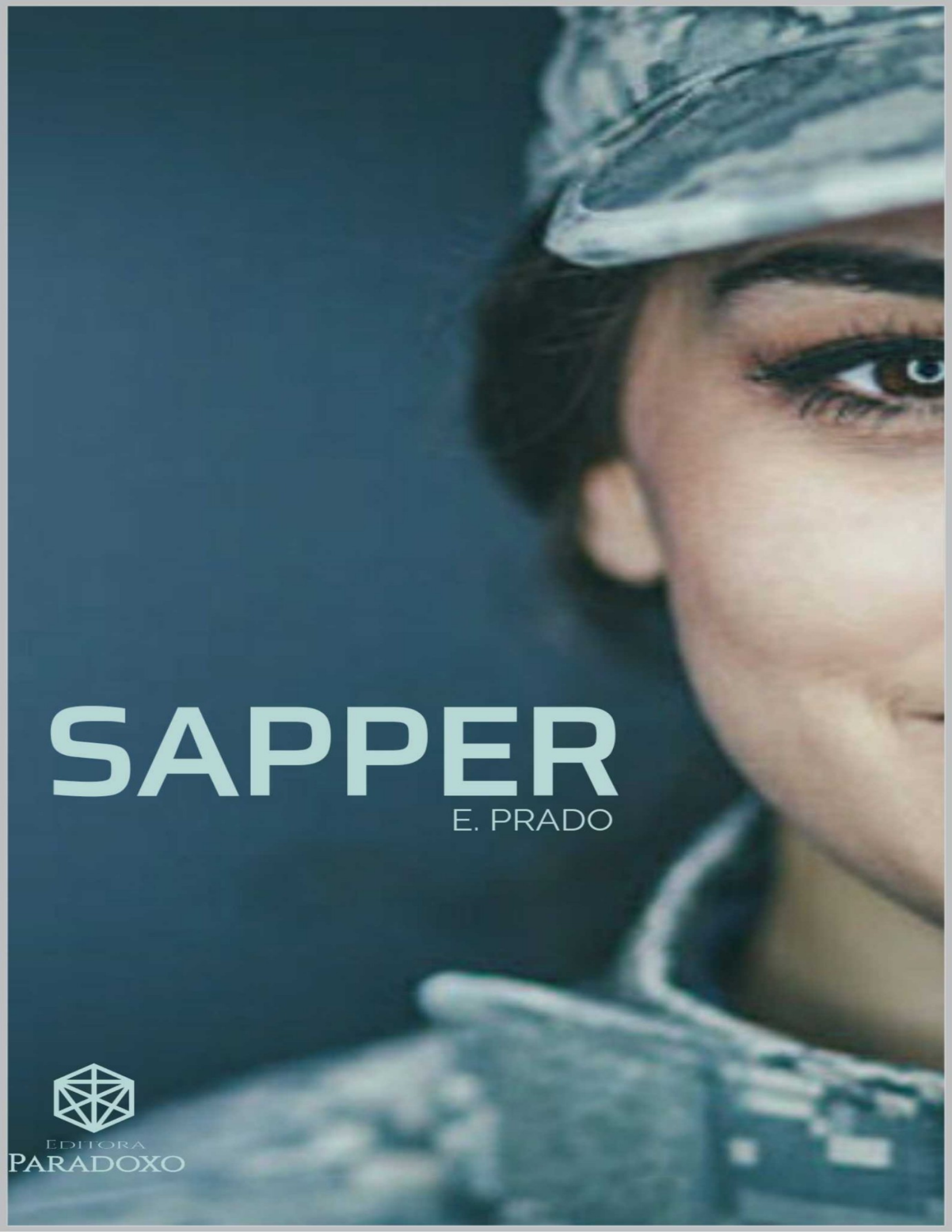


A close-up, high-angle shot of a person's face, likely a woman, wearing a military-style cap and uniform. The person's eyes are looking upwards and to the right. The background is a solid, dark blue-grey color.

SAPPER

E. PRADO



EDITORIA
PARADOXO





TODOS OS DIREITOS RESERVADOS DESSA EDIÇÃO
PROIBIDO QUALQUER FORMA DE CÓPIA SEM A PRÉVIA
AUTORIZAÇÃO DA EDITORA PARADOXO,

ESTARÃO SUJEITOS A PENALIDADE PREVISTA NA LEI
9.610/98

Revisão: Cláudia Naine

Diagramação e adaptação de capa: Editora Paradoxo

Imagem: Itstcok

COPYRIGHT 2022 editora paradoxo e E.PRADO

Para o Ro, que olha para mim como se tivesse descoberto
uma nova galáxia.



Prólogo

Quatro anos atrás...

— Linda, isso não é uma aventura, que pode estar parando a qualquer hora, tem que ter disciplina e responsabilidade. — meu pai falava como se eu não tivesse juízo algum. — Eu posso falar com alguns amigos, eles podem te dizer como é difícil uma mulher no exército em algumas situações.

— O senhor só pode está brincando comigo, *General*. — franzi os olhos com indignação. — Pai — respirei fundo para explicar. — Eu sinto essa necessidade, eu quero servir com honra meu país e eu sei que posso!

— Carol, meu bem, me ajude aqui — meu pai mostrava claramente que perderia a paciência em breve. — Ela vai continuar com essa história até quando?

Se minha mãe estivesse aqui, ela olharia de relance para nós e apenas sorriria, já até teria se acostumado com nossas sessões de discussão sobre eu servir. Desde criança nunca parei em um lugar fixo, meu pai, sendo militar, sempre era transferido de um lugar a outro. Aprendi a não me adaptar a lugares, nem a me apegar a muitas pessoas, e, depois que perdi minha mãe para um câncer de útero há cinco anos, ficou natural meu distanciamento social. Ainda dói, a falta dela dói, ela era o ponto de equilíbrio entre eu e meu pai, nossa ponte de paz. Hoje nós dois nos tornamos fios descascados encostando um no outro.

— O senhor sabe que não pode me impedir — sentei-me no banco da cozinha, de frente a ele na ilha. — Não quero sua permissão, só sua aprovação.

— Menina! Você tem opções, pode escolher as outras universidades que foi aceita — esbravejou.

Em seus olhos verdes escuros, vi o lampejo da raiva queimando, e estavam iguais aos meus, ele passou os dedos na testa, depois apoiou ambas as mãos na ilha. O encarei de igual para igual porque sabia que não havia acabado.

— Vamos fazer um trato — olhei curiosa, pois ele jamais voltaria atrás em uma decisão. — Você tem minha autorização para ir para *USMA*.

Saltei do banco e fui direto ao seu encontro para lhe dar um abraço, mas ele ergueu a mão em protesto.

— Não terminei de falar, Linda! — me coloquei em postura com as mãos para trás, preparando-me para mais um sermão. — Não pense que terá regalias por eu ser quem sou, se você reclamar ou quiser abandonar a faculdade, e eu estou falando sério, menina, você vai fazer o curso que eu impor sem questionar, compreendeu?

— Sim, senhor! — prestei continência com o rosto sério, mas explodindo de felicidade por dentro. — Permissão para falar, General?

— Permissão concedida — ele disse, relaxando com o assunto.

— Obrigada, Pai! — falei, diminuindo o espaço entre nós e ele, já com os braços abertos, me recebeu.

— Filha, eu sempre sonhei coisas melhores para você, trabalhei e trabalho duro para obter resultado, sucesso e você quer seguir o mesmo caminho que trilhei?

— O senhor é o meu maior exemplo, pai — apertei ainda mais o abraço. — Eu sempre tive o mesmo objetivo, o mesmo que o senhor teve quando era da minha idade, é só aceitar.

Ele me soltou do abraço, olhou em meus olhos, iguais aos seus, e deve ter visto algo que lhe fez entender que eu realmente estava determinada a seguir carreira militar, pois saiu da cozinha em passos sempre firmes e cochichando. Tirei o celular do bolso e mandei uma mensagem para Jordan.

"Passarinho foi autorizado a pousar no ninho verde"

Logo recebi resposta;

"General caiu de cabeça, é!? Como conseguiu convencer o coração de granada !?"

Gargalhei, minha única amiga sabia que eu não voltaria atrás em minha decisão, e que iria batalhar por ela até obter um resultado positivo.

"Tática de negócios"

Meu celular acendeu em chamada e eu já sabia que era Jordan.

— Ele acha que vou querer abandonar o curso, pelas dificuldades que possa surgir — atendi, falando com cautela para evitar que ele ouvisse.

— Você sabe que ele pode mexer uns pauzinhos para você querer desistir — Jordan falou com repulsa, ela era a única amiga que fiz nos anos de idas e vindas, sendo ela filha de militares, entendia como era essa vida. Conseguimos manter a amizade firme e tínhamos o mesmo objetivo, *West Point*.

— Sei, eu duvido muito, cachorro que ladra não morde, mas nem por isso vou desistir — falei um pouco mais alto para deixar clara a minha decisão. — E aí preparada para a mudança!?

— Não acredito que vamos para o exército, Linda — Jordan quase gritava do outro lado da linha.

— Calma, Jordan, temos quatro anos de formação acadêmica militar, depois que vamos para o exército — Falei, rindo da sua empolgação.

— Eu sei, eu sei... — ela deve ter feito aquela cara torta de quando não gosta de que seja corrigida. — Mas só de estarmos na *USMA*, já é passaporte carimbado.

— Jordan, nos vemos em julho — Falei só para ter um pouco mais de certeza de que realmente eu iria.

— Shawn, nos vemos em julho. — Ela desligou, e eu fiquei ainda na cozinha, pensando que a partir daquele mês tudo iria mudar.

E tudo foi mudado mesmo.



Capítulo Um

O sol ainda não nascera, porém meu relógio biólogo sabia que horas eram, levantei sem fazer barulho. O dormitório feminino estava quase vazio, muitos dos cadetes deixaram *West Point* para se prepararem, estávamos nos formando e, sentada na cama, olhei meu uniforme cinza e branco de gala no cabide junto com meu sabre cerimonial e quepe. O orgulho se espalhou por mim, foram quatro anos provando a mim mesma que eu conseguiria. Geralmente eu dominava com facilidade a área de exatas e me destaquei com orgulho, com o meu próprio esforço, sempre suportando as piadinhas de que, se eu obtinha a melhor nota nos exames e testes, era por causa do meu pai. Isso era ridículo, mas só me incentivava a estudar mais. Estava decidida em ir para o corpo de sinais do exército americano, onde, na área de engenharia, poderia ajudar o meu país. Tenho minhas metas pessoais, um objetivo central, e absolutamente nada, nem ninguém pode me impedir de conquista-los.

Arrumei-me como todos os dias de manhã, legging, camiseta, moletom e tênis, era melhor fazer um rabo de cavalo, logo teria que cortar meus longos cabelos castanhos. Sorri ao pensar em como ficaria com eles extremamente curtos. Parti para o ginásio e comecei a me exercitar, mantinha o mesmo ritmo de treino desde quando entrara na *USMA*, gostava de me sentir sempre preparada, pois nunca sabíamos quando poderíamos ser convocados.



— Sério que hoje precisamos fazer isso, Linda? — Jordan falava enquanto se alongava, usava shorts de pijama, moletom e tênis, sempre prática. — Hoje poderíamos ter dormido mais.

— Sim, mas que graça teria? — comecei a fazer o alongamento também. — Já escolheu para onde vai?

Ela me olhou sorrateira e começou a correr para dar voltas no ginásio, acompanhei em silêncio, não sabia se ela queria falar sobre o assunto. Encontrava-se em dúvida sobre três áreas, decisão difícil.

— Vou para o quadro de engenheiros, quem sabe ir para o campo depois do treinamento? — falei um pouco exaltada, após uns cinco minutos de corrida. — Tenho a intenção de me aprimorar em bombas e detonadores.

— Você é louca — Jordan debochou. — Eu quero medicina, e isso consiste em mais uns pares de anos estudando antes de ir para o campo.

Parei de correr, abismada, sempre que falávamos para onde iríamos após a formatura, Jordan sempre se esquivava do assunto, nunca tinha dado uma resposta concreta até aquele momento. Jordan era linda, negra com cabelos black, olhos amêndoas, com seu um metro e setenta e personalidade de encantar até um touro. Ela se virou saltitante e veio ao meu encontro, parou e apoiou em meus ombros com ambas as mãos.

— O que foi? — questionou-me, olhando nos olhos.

— Jordan, não quero perder contato com você, foram quatro anos juntas aqui, você me conhece melhor que ninguém — inalei fundo, sentindo aquele ardor na garganta que eu sempre reprimia. — Você tem meu total apoio, sabe que eu torço pelo seu sucesso incondicionalmente.

— Eu sei, amiga! — Ela me apertou um pouco mais.

Fiquei tão orgulhosa da decisão dela que a puxei para um abraço breve, ela se desvencilhou fazendo cócegas em mim e finalizamos o exercício, corremos até a exaustão. Quando paramos, falávamos sobre o café da manhã grupal que teríamos em breve e chegando ao vestiário, retiramos todas nossas coisas dos armários. Era estranha essa nova sensação, os quatro anos que vivera ali — foram especiais — período em que constituí mais laços com alguém do que em minha vida toda. Eu

sempre fora uma rocha difícil de quebrar, conversas não me tombavam, viciada em desafios e, segundo Jordan, me tornei uma sádica.

— Já avisou ao boy magia para onde vai? — Jordan perguntou, sentada no banco, retirando os tênis.

— Ele não é meu boy magia! — respondi com indiferença. — E não avisei porque não devemos satisfação um ao outro, são só uns encontro casuais — fechei a bolsa de ginástica. — Além disso, temos um último encontro hoje à noite.

— E ele tá sabendo que é o último encontro? — ela perguntou com aquele olhar acusador. — Qual é, Linda, vai mesmo dispensar o cadete Miller?

— Sim! — Eu iria dispensar o cadete Willian Miller, loiro, com olhos cor de mel, um metro e oitenta e nove, jogador de Rúgbi e bom de cama. — E ponto final!

Já amanhecera e, no ginásio, começava a aparecer alguns cadetes agitados para treinar, Jordan só revirou os olhos e partiu para a ducha, aproveitei a deixa para sair e encerrar o assunto de vez, tinha que terminar de arrumar minhas malas, porque era meu último dia em West Point.



Na minha terceira tentativa de fazer o coque tradicional para a cerimônia, me vi fracassando novamente, não fiquei satisfeita e desmanchei, preferi fazer o penteado antes de pôr o uniforme, não queria amassar a roupa. Cindy me convidara para ir ao salão, e eu recusei para evitar aproximação. Olhei no espelho e pura fúria passava em meu rosto.

Estúpida. Cabeça oca. Turrone.

Devia ter aceitado.

Cindy Moroe era da mesma turma de engenharia que eu, não era minha amiga confidente, porém, em todos os trabalhos em grupo, nos dávamos bem, fora gentil ela ter me chamado para o salão de beleza, porém nem dava tempo, até ir ao centro e voltar, ia acabar atrasando. Qual era o problema comigo!? Fiz pouquíssimos contatos, além de Jordan, só com mais uns cinco colegas da academia que eu mantinha amizade, e do tipo distante. E hoje iria encerrar mais um. Precisava de terapia, tinha certeza de que necessitava.

— Precisa de ajuda, cadete? — Assustei, Will estava parado no batente da porta do vestiário, o uniforme lhe coubera muito bem por sinal, olhava-me com puro cinismo e malícia.

— Você sabe que não pode ficar aqui. Quer levar uma advertência, cadete? — apontei para o letreiro e me fiz de desentendida. — Se não sabe ler, eu leio para você. Vestiário feminino.

Ele gargalhou, rodando o anel de formatura no dedo, meu humor ácido não o incomodava, olhei para ele e acabei soltando um riso abafado. Ele se aproximou com passos devagar e se colocou atrás de mim, era uma parede firme de músculos, com os quais eu me deliciara por dois anos, sem nenhuma palavra dita, pegou o pente e me olhou pelo espelho como se pedisse autorização. Apenas observei seus movimentos e ele começou a pentear meus fios lisos para o lado e para trás de minha orelha, fazia o trabalho com muita delicadeza, fechei os olhos e me permiti ser cuidada por alguém. Em apenas alguns minutos, ele finalizou o trabalho, eu sentia apenas a firmeza dos grampos e o peso do coque. Abri os olhos e admirei o resultado.

— Como um jogador de Rúgbi sabe fazer coques? — perguntei sem quebrar o contato de olhar.

— Sou o irmão mais velho de três meninas... — Abaixou a cabeça sem graça. — Minhas férias são recheadas de brincadeiras sobre penteados, maquiagens e balé.

Senti aquele velho incômodo na garganta, mas empurrei de novo para o lugar dele, era filha única, de um filho único que nunca ficava em casa, e eu não mantinha laços com a pequena família da minha mãe no

Brasil. Era o próprio lobo solitário, minhas férias eram recheadas de atividades extracurriculares. *Super empolgante!*

— Então está explicado por que tem habilidade em fazer um penteado feminino — sorri.

— Você sabe que tenho muitas outras habilidades com as mãos — Will disse, puxando-me pela cintura para acabar com o espaço entre nós.
— E olhe para mim, Linda.

Ao levantar meus olhos, o peguei admirando minha boca pelo reflexo do espelho, molhou os lábios com a língua. Comecei a sentir um formigamento onde ele me segurava com ambas as mãos. Will tinha intimidade com o meu corpo, éramos bons juntos, compartilhamos gostosos momentos, sabendo disso, continuava com uma mão me segurando pela cintura e com a outra deslizou pela barra da camiseta que eu usava, sua mão entrou em contato com a pele da minha barriga, ainda me encarando, dei a permissão para que ele fizesse o que queríamos.

— Alguém pode entrar a qualquer momento — falei, sentindo a excitação me tomando. — E vamos nos encontrar hoje à noite, cadete.

— Você fala como se ligasse — falou baixo e rouco no meu ouvido.
— Se quiser eu paro agora, Linda, é você que sempre manda.

Ainda com as mãos na minha barriga e na minha cintura, senti-me apertar um pouco mais a ele, o volume em suas calças roçou minha bunda, pelo moletom senti que começava a ficar inchado. Encarei seus olhos e assenti de leve para ele, cedendo ao desejo que ele e eu sentíamos, esperava me satisfazer somente à noite, mas, se William já estava ali, por que não aproveitar.

Will sorriu de lado, uma covinha se formou em sua bochecha e a mão que estava em minha barriga subiu para o seio direito e apertou de leve, como se estivesse sentindo o peso, mas ele não colocou os dedos por dentro do sutiã. Inclinei o pescoço de lado na expectativa, com a outra mão, que estava na cintura, deslizou para dentro do meu moletom e sem quebrar o contato visual deslizou os dedos entre meus lábios, sentindo minha umidade, deslizou devagar somente sentindo meu calor. Sem esperar eu pedir, apertou o bico do meu seio com os dedos e, ao mesmo tempo, começou a circular meu ponto de prazer.

E mordeu meu pescoço.

— Sempre deliciosa, Linda.

Suas mãos trabalhavam em ambos os lugares, enquanto ele beijava e mordida meu pescoço, contive o gemido na garganta, não queria chamar a atenção de ninguém para o vestiário. Ondas de prazer dançavam por todo meu corpo, me dando sinais de que o meu alívio estava perto. Will soltou o meu seio e foi para o esquerdo, apertando e beliscando com os dedos, enquanto sua outra mão fazia movimentos circulares e lentos no meu clitóris.

— Continue olhando para mim, Linda — ele falou quando nem eu percebi que tinha fechado os olhos. — Quero que veja como fica sob o poder das minhas habilidades.

Aquele safado sabia como incentivar uma mulher, ele ria e eu gostava do desafio. Apoiei uma das minhas mãos na pia e a outra coloquei entre nossos corpos colados, senti que seu volume sob a calça alinhada estava pronto, sabia que estava desconfortável e não aguentei, massageei.

— *Porra*, Linda, não faz isso, preciso da calça limpa para cerimônia — ele falou, manifestando o desejo que também o consumia.

Sua mão saiu do meu seio e foi envolvendo o meu pescoço pela frente apertando, mas sem machucar, seus dedos continuavam a me punir, ora com movimentos circulares, ora deslizando pela minha excitação. Apertei de leve a cabeça de seu pau, enquanto ainda esfregava minha mão sobre a calça.

— Desgraçada.

Sorri e ele apertou de leve meu pescoço, quando enfiou dois dedos dentro de mim, o gemido saiu alto. Will retirou os dedos e enfiou em sua boca, fechando os olhos ao envolver os lábios sobre os dedos e chupou, era muita sacanagem.

— Como consegue ser tão azeda, e ter um sabor tão doce?

Ordinário.

— Will.

Sem demora, voltou os dedos sobre meu clitóris e me torturou sem dó. Gemi, ardendo de desejo, me contorcia e ele segurou com um pouco mais de força meu pescoço. Seus olhos agora escuros emitiam a satisfação de me possuir com os dedos. Tirei a mão de seu volume e coloquei ambas em meus seios, por cima do moletom apertei os bicos já erizados e me entreguei ao tormento de prazer que emanava das minhas entranhas.

Will me abraçou enquanto recuperava minhas forças, apoiei ambas as mãos na pia, abaixando a cabeça, senti a garganta secar. Sua respiração também estava entrecortada, pois ele ainda não tinha obtido seu alívio.

— Nos vemos à noite, cadete — falei com um pouco de dificuldade.

— Agora vá antes de ser pego onde não devia estar.

— *É sério!?*

Sabia onde isso daria, outra conversa desnecessária. William, todo amor e carinho e eu, a grossa sem coração. Não me mexi, e ele entendeu que não ia falar sobre nós. Saiu, mas ao passar pela porta bateu, mostrando todas suas frustrações.

Eu.



Capítulo Dois

Não posso perder minha serenidade, apertei os dedos na pia até as pontas ficarem brancas e dormentes.

Inspira e expira. Lembrava a mim mesma.

O anel de formatura incomodava, a peça de ouro com o brasão de West Point e uma pedra imponente de turmalina com diamantes estava no dedo anelar direito. Acredito que não há emoção maior para uma família do que ver seus filhos se formando com honra, e meu pai não estava presente. Estávamos há meses sem nos falar, "*Linda, estou em missão, logo vou te ver. Te amo*", foi a única informação que tive dele antes daquele sumiço, deixei mensagens constantes, informei tudo que estava

se passando naquela reta final, mas não tinha sinal dele há tempos. Tristeza me tomava.

— Como sinto sua falta, Mãe.

Tive umas semanas de descanso antes de me mudar para o Missouri, escolhi ir para Fort Leonard Woody. Maior instalação militar de engenharia do país, pois poderia dar passos largos na minha carreira e a oportunidade que precisava estava lá.

Soltei a pia e meus dedos pinicavam, o celular vibrava na bolsa, eram mensagens, mas ignorei, estava aproximando o horário da cerimônia, meu corpo estava relaxado, Will ajudou a liberar minha tensão, mas minha mente ainda era um turbilhão. Lavei o rosto e fiz a maquiagem, coisa leve, já que íamos ficar ao ar livre, e estava no protocolo.

Fiquei satisfeita com o resultado, recolhi minhas coisas e fui para o dormitório, vestindo o tradicional traje cinza, organizei o restante dos meus pertences, para que mais tarde eu os guardasse e me despedisse mais uma vez de um lar.

Ouvi o burburinho no corredor, antes de entrar no ginásio, mantive o celular preso entre o cós = da saia e a pele. Não tinha bolsos. Ele vibrou repetidas vezes e continuei ignorando. Entrando no ginásio, procurei um rosto em especial, mas quem foi ao meu encontro foi Allison.

— Estou tão animada — ela dava pulinhos ao falar. — Vamos estar ao lado do vice-presidente.

— Pois é. — Fingi interesse.

Allison continuava a falar, e eu ouvindo, mas não absorvia nada. Gostaria de ser mais aberta com as pessoas, talvez mais simpática ou amigável. Só que não seria eu, era indiferente por natureza, imparcial ou me esforçava para ser assim. Sabia que tudo não dura para sempre, então qual o sentido de apegar-se?

—... ao bar depois? — Olhei confusa.

— O que falou?

— Depois das fotos, vamos ao bar comemorar, vamos? — O convite era legal, mas meu compromisso seria melhor.

— Talvez eu passe por lá sim. — Não queria negar de cara.

Allison foi chamada por outra pessoa, se despediu com um beijo rápido e saiu saltitante. Virei-me e dei de cara com Will, emburrado, sorri para amenizar o clima.

— Cinza lhe cai muito bem, William — chamá-lo pelo nome, ao invés da abreviação, mexia com ele. — Vou sugerir que use hoje à noite.

De braços cruzados sobre o peitoral, tentava transmitir superioridade.

— Talvez eu use se eu for.

— Bem... — Will me observou, mas não me abalou em nada, era uma disputa com só um jogador. — Vejo vários uniformes cinza circulando por aqui hoje.

Sua cara fechou ainda mais, soltou os braços e segurou as luvas, que estavam em suas mãos, ainda mais apertadas. Os olhos mel de Will variavam conforme seu humor, e naquele momento estavam escuros, ficavam assim na raiva, quando discutíamos por ele querer assumir um relacionamento e eu não ou quando gozava, às vezes chamando pelo meu nome e às vezes xingando-me.

— Precisamos conversar — falou, fechando os olhos. — Sei que vai para a Carolina do Sul.

— Sim, irei.

— Linda, preciso saber se vamos ficar bem.

Levantei meu rosto e mantive o olhar. Não queria, eu realmente não queria ter que fazer aquilo ali, mas, se estava difícil vendo o Will com roupas, imagina sem elas.

— Will, você ficará bem e eu ficarei bem.

Ele baixou a cabeça e balançando, riu mais forte. *Ok*, não era essa reação que eu esperava, talvez ele entendesse que seria melhor assim.—

Eu fui o mais estúpido cadete da academia — ele começou a falar baixo, quase cochichando.

— E eu fui me apaixonar pela mais indomável delas.

NADA.

Sim, eu estava surpresa ao ouvir o que Willian falava. Foi como o forte solavanco que sentia quando abria o paraquedas nas aulas de paraquedismo, só que não senti a leveza de flutuar no ar, a adrenalina nas veias. Era estranho não sentir nada.

— Sabe o que é mais irônico, eu sabia que estava me envolvendo demais, pensei que dando sinais do quanto me importo com você, iria mudar o seu pensar — ele estava triste. — Dois anos, realmente acreditei que iria quebrar a parede que você tem levantada no seu coração, Linda.

— O que sabe sobre o meu coração, Willian? — tentei não me exaltar. — O que sabe sobre mim? Você conhece somente o que deixei, o meu corpo e foi somente isso.

Ele olhou para mim derrotado, até eu sabia que era uma guerra perdida.

— Você tem que se permitir viver, Linda, mais do que somente existir.

Fiquei atônita enquanto Willian se afastava, e só um pensamento surgia em minha cabeça.

Nada dura para sempre.



Capítulo Três

Todos ao meu redor estavam eufóricos, uns falando mais alto que os outros, alguns cadetes se abraçavam, outros tiravam fotos e muitos me cumprimentavam. Peguei o celular no cós da saia, e as várias mensagens

recebidas eram dos grupos de conversas da academia, fui conferindo e a maioria do conteúdo das mensagens era despedidas, logo ia sair de todos.

Devorei uma barrinha de cereal, o almoço no The Thayer Hotel seria bem-vindo, eu tinha direito de chamar até seis pessoas, mas minhas mensagens não foram visualizadas pela única pessoa que eu poderia chamar, meu Pai.

Nove mensagens e quatro chamadas, Jordan deve estar furiosa.

"Onde está?"

"Tenho novidades"

"????"

"Estou sendo ignorada com sucesso"

"Linda você está bem??"

"Vaca, odeio quando faz isso!!!"

"Já estou no ginásio, perto da escada"

"Huum, a cara do Will não foi boa"

Ela está me observando, deve ter flagrado tudo, andando entre a multidão de cadetes, vejo de longe Jordan subindo os degraus, ela senta deixando um espaço e me aproximando abaixo com cautela para não amassar o quepe que está pendurado no quadril.

— Por que nunca responde as mensagens de imediato? — sim, ela estava furiosa. — Poderia ser algo urgente.

— Se fosse tão importante, me ligariam, não?

— Não venha dar uma de espertinha comigo, Linda, pode desembuchar.

Encarei meus sapatos pretos de boneca envernizados, como explicar a alguém que, mesmo mantendo uma relação por dois anos, terminar talvez não tenha diferença alguma para mim.

— Cada um vai para um lado mesmo, não daria certo à distância — menti para não dar a Jordan munição.

— Ele levou numa boa?

— Bem, não discutimos e ele não insistiu.

— Quer conversar sobre isso? — sua voz soou preocupada.

— Não.

Ela me conhecia o suficiente para saber que o assunto estava encerrado.

— Vamos tirar uma *selfie*, temos ainda uns cinco minutos. — ela falava, já posicionando o braço no alto com o celular nas mãos.

Tiramos várias, sorrindo, fazendo caretas e algumas sérias. Descendo os degraus, alisei mais uma vez a saia, nos posicionamos na fila e ela não ficaria muito longe, dei um aperto leve em sua mão.

— E seu pai, alguma notícia?

— Não, estou sozinha. — Dei os ombros.

— Minha família está toda lá, fica conosco para o almoço.

— Tudo bem — falei alto com ela já se distanciando. — Eu fico um pouquinho.

A luva era macia e fácil de colocar, posicionei o quepe na cabeça e aguardamos, seria uma das primeiras a ser chamada, no segundo ano da academia, fui selecionada como primeira capitã dos cadetes e também comandante da brigada. A tarefa não era nada fácil, muita responsabilidade, pois eu seria a ponte entre o corpo e a administração, responsável por mais de quatro mil cadetes no campus. Minha força e determinação mostraram para todos onde uma mulher podia chegar. E então mais um ciclo se encerrava.

Os condutores da cerimônia deram a ordem para nos posicionarmos, fomos anunciados pelo oficial e a banda começou a tocar, marchamos adentrando no campo de futebol americano. Minha marcha era firme e o coração estava acelerado, aos vinte e um anos estaria me

formando com excelência, me coloquei à frente do palco e aguardei o restante dos acadêmicos tomarem seus lugares nas fileiras de cadeiras brancas. O dia estava ensolarado, porém fresco, então ao menos não iria passar calor, depois que foram anunciados os oficiais, professores e responsáveis pelo ensino e gestão da academia, escutei o porta-voz anunciar os oficiais de patentes ali presentes, estava bem concentrada até escutar:

— Oficial General *US Army* Darryl Shawn.

Não podia virar o rosto, era o protocolo, minha postura se manteve ereta, enquanto via meu pai passando pela minha frente e subindo os degraus que davam para o palco. Meu sangue pulsava forte, senti meus ouvidos vibrarem, há quanto tempo não o via, saudade se esparramava em meu peito. Levantei meus olhos e o vi sorrindo, dei um meio sorriso e senti que estava tudo no lugar certo.

A cerimônia decorreu com êxito e formalidade, todos ouviram os discursos motivacionais de oficiais e do vice-presidente, ao final de sua fala, foi anunciado que os diplomas e patentes seriam entregues aos destaques do período acadêmico. Minha boca estava seca, apesar disso, minha postura não cedeu ao ouvir meu nome sendo anunciado. Subi as escadas e fiquei frente a frente com meu pai, prestei continência ao general, que me entregou o canudo e a patente prateada, estendeu sua mão direita ao me cumprimentar.

— Surpresa, passarinho — disse, abrindo o sorriso mais sincero. — Eu não poderia estar mais orgulhoso.

— Obrigada, Senhor — estendi a minha mão e tentei me manter séria, mas senti a garganta arder, não podia chorar. — Senti sua falta, pai.

Não podia me estender ali, ele acenou a cabeça e saiu orgulhosa, pois tinha em mãos o resultado de muito trabalho e dedicação. Voltei ao meu lugar, e após todos os cadetes receberem seus canudos e patentes, fui anunciada pelo General Shawn para finalizar a cerimônia.

Puxei o ar com força e ordenei.

— CLASSE DA ACADEMIA DE WEST POINT — todos se colocaram eretos em posição de sentido. — DISPENSADOS.

E todos, incluindo eu, jogaram os quepes em sinal de comemoração.



Um forte impacto por trás me pegou de surpresa, Jordan me agarrou pela cintura e levantou do chão por uns instantes e soltando-me, nos abraçamos, a felicidade que sentíamos era tanta que explodia em pequenas gotas salgadas saltando de nossos olhos.

— Seu pai está aí... — ela falou, afrouxando o abraço. — Puta merda, conseguimos, Linda, formamos.

Nosso abraço foi interrompido pela enxurrada de cumprimentos vindo dos outros cadetes. Abaixei para pegar o primeiro quepe disponível, eram todos iguais mesmo.

— Posso ter a honra de abraçar meu passarinho? — Meu pai falou, aproximando-se.

O homem era a austeridade em pessoa, juro que vi um fio brilhante rente aos seus cílios, era um coroa bonito, e nunca assumiu ninguém após a morte da minha mãe, meu pai abriu os braços e aguardou. Fui ao seu encontro e ele me recebeu com ternura.

— Sua mãe ficaria tão orgulhosa. Pensei que se eu colocasse empecilhos desistiria da ideia — meu pai falava com pura emoção. — Mas foi teimosa igual ela era. Eu não fiquei surpreso com a sua desenvoltura na academia, Linda.

— Recomponha-se, General! — brinquei. — Vai ficar para o almoço?

— Lógico, eu não perderia sua formatura, filha, estou no hotel desde ontem — confessou.

Soltei o abraço, já sentindo o sangue ferver. Ele riu despreocupado.

— Pai, isso não se faz!

— Não queria estragar a surpresa, passarinho - explicou com humor. — Mas, logo após o almoço, irei embora, o quarto estará disponível para você descansar antes de pegar a estrada.

— O senhor não me deu notícias suas! Deixou-me preocupada — Relaxe. — Só que entendo a importância do sigilo da missão.

— Você também vai passar por isso e entenderá o que a lealdade e dever requer de nós, passarinho.

As horas seguintes foram uma série de apresentações e cumprimentos aos oficiais que participaram da cerimônia. E fotos, muitas fotos foram tiradas, minhas bochechas começavam a ficar doloridas de tanto sorrir, comecei a ficar com a boca seca e necessitava urgente de água. Após o almoço, meu pai me ajudou a carregar meus pertences para minha camionete, uma Silverado HD 2500 vermelha — meu xodó — deixei apenas uma pequena mala para me arrumar no hotel. Emocionada, me despedi de uma das poucas pessoas que eu me importava e amava, meu pai voltaria para o seus serviços e ficaríamos mais um período sem nos falar.

Colocando o meu cartão de acesso na porta do hotel, o celular vibrou.

"Te espero no The Firstie Club. Às vinte e uma horas."

Meus planos eram com o Will, gostaria de ter me divertido com aquele corpo espetacular por mais algumas horas, como não fora possível, aceitei o convite de Allison.

"Estarei lá!"

Olhando a hora marcada no celular, calculei que teria tempo para uma soneca e um bom banho relaxante.

"Tem planos para a noite?"

Aguardei a resposta de Jordan enquanto começava a tirar a roupa da cerimônia.

"Jantar com meus pais, depois vou estar livre, temos algum plano?"

"Beber te interessa?"

"Leu meus pensamentos, Firstie?"

"Sim, merecemos uma boa noite!"

Seria uma boa despedida antes de pegar a estrada para o Missouri, eram mais de mil quilômetros, levaria uns dois dias com as paradas para o descanso, mas eu sabia que valia a pena.

Usei o secador do hotel para escovar os cabelos, meus fios soltos castanhos escuros estavam na altura dos cotovelos, vesti uma blusa de gola V preta, calça jeans clara skinny e All Star preto. Dei uma olhada no espelho, eu estava confortável e minha bunda ficou maravilhosa na calça.



Estacionei a camionete e entrei no bar, já estava lotado tanto dentro quanto fora, o lugar com o design industrial moderno, tinha muita madeira, ferro e tevês esparramadas pelas paredes junto com os espelhos. No fundo do bar, meus colegas já ocupavam uma mesa, Jordan com uma lata de *Budweiser* sorria solta com Jay Rodriguez, ela não tinha uma queda por ele, era uma catarata mesmo, e eu não sabia se ele era tonto ou se fazia, pois nunca o vi se aproveitar das investidas de Jordan.

Fui recebida com cumprimentos discretos, já estavam sentados e bebendo, eles eram os poucos colegas que eu mantive por perto durante os quatro anos que fiquei em West Point, Jordan, Allison, Cindy, Jay, Matt e Ren.

— Não consigo acreditar que acabamos essa fase! — Ren falou, levando a cerveja aos lábios, era de descendência oriental, os cabelos espetados e olhos rasgados o deixavam super fofo, por assim dizer.

Peguei uma cidra para beber, estava dirigindo e pularia cedo, teria que organizar tudo para a viagem. Não queria abusar, então iria começar

pela cidra depois algo mais forte.

Allison, Jay e Matt iriam para o Fort Bragg, Cindy escolheu Fort Hood, Ren optou por Fort Campbell e Jordan iria para a faculdade de Stanford. Iríamos nos separar, era inevitável o clima de despedida, apesar da conversa rolar solta, eu captava um olhar triste aqui e ali.

— Não vai beber nenhuma cerveja, Linda? — Matt perguntou, um pouco alterado. — Não precisa ser mais a número um!

— Não preciso, e não preciso beber também. — Bem, não ainda.

— Como vamos fazer um brinde com uma cidra no meio? — ele piscou para Jordan, aquele filho da mãe estava flertando com ela justo no nosso último dia ali?

— Vamos brindar a quê? — Allison perguntou, levantando o copo para cima.

— Às novas oportunidades? — Cindy propôs.

— Aos novos desafios! — Jay se juntou ao brinde.

— Novos caminhos! — Jordan sorria.

— Pela amizade! — Ren falou, apertando o ombro de Jay.

Todos olharam para mim esperando minha sugestão, levantei minha cidra, batendo nos copos dos meus colegas e falei.

— A novas surpresas! — E foram muitas.



Mais uma rodada de tacos foi servida em nossa mesa, Jordan já estava bêbada, tenho certeza de que meus outros colegas iam pelo mesmo caminho. Continuei na cidra, mesmo com disposição para beber a

noite toda, teria que sobrar alguém sóbrio naquele grupo. A música tocava alto, nenhuma conversa dos meus colegas me prendia a atenção, o bar estava cheio de rostos diferentes, muitos amigos e parentes foram para a formatura, sendo assim, era fácil ver a distinção de um cidadão civil e um militar.

De relance vi quando Will entrou no bar, estava acompanhado dos cadetes do time de Rugby, o cara era lindo mesmo, e gostoso, mas sensível demais para meu gosto, no sentido emocional. Sempre insistindo em assumir a tal relação que tínhamos, e depois que revelou que estava apaixonado, ele perdeu o restante do interesse que eu tinha nele. Não passei despercebida, logo que ele me viu, foi ao meu encontro sorrindo.

— Ei, gente.

Meus colegas o cumprimentaram, alguns com acenos, já alterados pelo álcool.

— Linda?

— Olá, Will. — Continuei encarando minha cidra.

— Pensei que já tinha ido embora. — Ele agachou na altura da mesa, ficando próximo ao meu rosto, assim somente eu o ouviria.

— Bem, como pode observar, ainda não.

— Podemos conversar?

— Will, já conversamos! — falei cabisbaixa, eu sabia que ele iria querer estender um assunto que eu já dei por encerrado.

— Por favor, prometo não te atrapalhar!

Olhei para Jordan, na esperança de que ela me ajudasse com aquela situação, porém, ela estava tão envolvida numa conversa com Jay que nem reparou em meu olhar suplicante.

— Vamos lá fora – concordei, por fim, irritada.

Saindo pelas portas, acompanhada por Will no meu encalço, senti minhas mãos gelar pelo nervosismo, eu detestava ser encurralada, me

sentir pressionada por algo, e era exatamente assim que eu me identificava naquele momento.

— Linda... — ainda estava de costas para Will quando começou a falar. — Eu já confessei o que sinto por você, e não me envergonho, no entanto, preciso saber o porquê de não me dar uma chance real, nós nos damos bem, em ambos os sentidos.

Will tocou meu braço e eu me retraí, virei para encará-lo, como poderia falar sem machucar!? Já o tinha dispensado e mesmo assim ele foi atrás de mim, um dos motivos de eu ter tentado não me apegar ou apaixonar por alguém era esse, jamais passaria por cima do meu orgulho por ninguém, não fazia sentido para mim.

— Não vai falar nada? — Will me tirou do meu devaneio.

— William o que nós tínhamos foi bom, mas acabou para mim, entenda que você tem todos os atributos para que tenha uma chance com alguém, só não sou eu — vesti meu manto da paciência. — Não deveria ter se apaixonado por alguém como eu, deixei bem claro todas as vezes que estivemos juntos que nunca passaria de sexo.

Seus olhos derretiam doçura, seu maxilar bem esculpido estava começando a ficar tenso, conhecia os sinais dele, estava lutando internamente para se conter.

— Sabe o que não entendo, por que não permite ser amada, Linda? O que tanto teme? — Will encurtou a pouca distância que tínhamos.

Cruzei os braços e lhe dei um olhar feroz, ele sempre insistia nesse assunto, e isso me enlouquecia. Will sentiu meu incômodo com o assunto e se encolheu, arrependido, tendo consciência de que pisava em terreno perigoso, eu estava prestes a estourar com ele. O que ele achava que iria ganhar com aquilo, me acuar não era uma boa opção, sempre me defendi e ganhei minhas batalhas sozinha.

— William, não irei repetir o que lhe disse, pois você não é surdo. Respeito seus sentimentos e, por tudo que tivemos, será apenas isso que conseguirá de mim.

Ele me olhou com desdém, minhas palavras duras mudaram algo nele, Will segurou meu braço com um aperto firme, fazendo-me encará-lo e um riso sem humor escapou de seus lábios.

— Acredito que a donzela deu por encerrada a conversa com o soldado.

Viramo-nos ao mesmo tempo ao escutar uma voz vinda da lateral do muro, e foi surgindo através da sombra um belo espécime, por sinal. Ao me desvencilhar da mão de William, fiquei ainda mais furiosa.

— Nunca mais coloque suas mãos em mim — minha repulsa estava estampada em meu rosto, tenho certeza de que meus olhos permeavam entre negro naquele instante. — *Willian*.

Seu espanto foi tanto que, sem me olhar de volta, ele se encaminhou para dentro do bar, meu corpo vibrava pelo ódio, tentar me coagir a aceitar algo, era repugnante. O desconhecido escorado no muro continuava a me observar, chacoalhei as mãos, tentando aliviar a tensão, eu teria que ser mais fria ainda para não entrar no bar e esganar o pescoço do Will.

— Obrigada, mas eu não preciso de ajuda!

— Disso eu tenho absoluta certeza — sua voz firme me fez encará-lo com curiosidade, não estava muito bem iluminado do lado de fora do bar, mas era impossível não reparar na sua beleza. — Mas ele era chato demais.

Ele não se conteve e riu, e foi uma verdadeira desgraça, pois ele era muito mais bonito sorrindo, mantive a carranca, ele continuava a ser um desconhecido e eu estava tentada a querer saber quem era, mas minha cota de homem já tinha dado por encerrada por hoje.

— Posso te pagar uma cerveja, Linda? — Travei, ouvir meu nome sendo pronunciado pelos seus lábios liberou um choque em minha pele, muitos me chamavam pelo meu nome, mas no sotaque americano, porém ele pronunciou do modo brasileiro, como minha mãe fazia.

Fitei-o de baixo para cima, estava com botas de couro, calça jeans escura e uma blusa de linha cinza, analisei se seria civil ou militar, difícil dizer, tinha uma boa musculatura nos braços e peitoral, não me

impressionava tanto, pois estava acostumada com músculos na academia, mas o que me instigou foram os olhos, mesmo com a baixa luminosidade, não era difícil perceber, cada um dos seus olhos tinha uma cor, os cabelos acobreados davam mais destaques a sua beleza, sob os cílios cheios estavam os olhos mais enigmáticos que eu já contemplara, um era de cor verde sálvia com pontos castanhos, e o outro era de cor cinza azulado brilhante. Fui atraída pelos seus olhos como uma mariposa é atraída pela luz, ele levantou sua sobrancelha em um arco perfeito esperando minha resposta, um conflito estava dentro de mim, se aceitava ou não, mas a minha curiosidade venceu, finalmente consegui dizer algo acabando com o silêncio instalado entre nós.

— Você está em vantagem aqui, senhor, pois sabe o meu nome e eu não sei o seu.

— Bem, eu sei, pois escutei o babaca do seu... — ele me apontou a mão esperando a definição do Will.

— Nada, ele não é nada! — Revirei os olhos por completo.

Um maneio de um sorriso surgiu dos lábios rosados e bem desenhados da criatura a minha frente, desencostou do muro e foi ao meu encontro, colocando as mãos nos bolsos.

— Ainda não respondeu se vai aceitar meu convite, Linda, ou o nada lá dentro pode atrapalhar?

Pus-me a andar para dentro do bar e ele me acompanhou, não o olhei, mas algo me dizia que um sorriso estava instalado em seu rosto.



Capítulo Quatro

O Desconhecido

Meu intento era fumar um cigarro em paz, estava há mais de oito meses sem dar um trago, mas o maço surrado permanecia em meu bolso,

não estava totalmente livre do hábito. Meu dia tinha sido uma *merda*, quando iria dar alívio a minha tensão, ouvi passos para fora do bar, não que eu fosse um especulador, mas, quando vi de forma tão despojada a mulher em minha frente, não resisti. Ela estava acompanhada e meu primeiro pensamento foi que eles iriam dar uns amassos, mas quando eu escutei seu nome e a rispidez em sua voz firme, claramente entendi que ela não queria estar ali.

Linda, o nome fazia jus à pessoa.

Espreitei-me nas sombras, e, pelo andar da conversa, o cara estava levando um *puta* esporro, não sou bom com relacionamentos, mas de mulher eu entendo, e aquela claramente era dura na queda.

— *William, o que nós tínhamos foi bom, mas acabou para mim, entenda que você tem todos os atributos para que tenha uma chance com alguém, só não sou eu. Não deveria ter se apaixonado por alguém como eu, deixei bem claro todas as vezes que estivemos juntos que nunca passaria de sexo.*

Porra, essa doeu até em mim, amigo, segurei o riso, não gostaria de ser pego espionando a conversa, era particular demais, só que estava muito interessante e a curiosidade em relação à mulher começou a ativar meus pensamentos.

Então, Willian era o nome do sujeito, devo admitir que o cara tinha boa aparência, alto e forte, do tipo que agrada os olhos das mulheres, e por falar em olhos, nos dela eu enxergava labaredas de fogo e fúria. Joguei o cigarro, que nem tinha acendido, fora, minha ansiedade foi aplacada pelo som da voz dela. Percebi quando o palhaço ficou alterado, eu entrei em alerta ao ver que ele segurara de modo malcriado seu braço.

— Acredito que a donzela deu por encerrado a conversa, soldado.
— Não me contive, caras assustadas se direcionaram a mim, ela bruscamente puxou seu braço, aproximou seu rosto ao dele e falou algo que, pela cara de desgosto do otário, deve ter sido pesado.

Vislumbrei-a tremendo, dei um tempo para se recuperar, estava *puta* de brava, cheguei acreditar que iria atrás do bobão para tirar satisfação.

— Obrigada, mas eu não precisava de ajuda! — ela falou selvagem, e eu gostei.

— Disso eu tenho absoluta certeza, — me diverti, ela me encarou com lindos olhos verdes, não como o meu olho direito, mas olhos de puro desígnio quiseram aliviar sua tensão. — Mas ele era chato demais.

Linda continuou imóvel, e ela era gata para o *caralho*.

— Posso te pagar uma cerveja, Linda? — Seu nome saiu de meus lábios com uma facilidade, pareceu que o pronunciava há tempos e ela ficou ainda mais rígida.

A mulher se manteve séria, e me estudou de baixo para cima, me segurei para não avançar alguns passos, seus lábios estavam numa linha austera, e, enquanto seus olhos estudavam meu rosto, ela percebeu que os meus olhos eram de cores diferentes e sustentou o seus ali por uns segundos, arqueei a sobrancelha como desafio.

— Você está em vantagem aqui, senhor, pois sabe o meu nome e eu não sei o seu. — Ela era esperta, não aceitou, mas ainda não recusou.

— Bem, eu sei, pois escutei o babaca do seu... — Apontei com a mão e caí em mim, a recusa ao convite para uma cerveja podia ser porque ela tinha compromisso com aquele idiota.

— Nada, ele não é nada! — Fiquei aliviado e sorri, a definição de nada era um bom sinal, não aguentei e me aproximei, porém optei por colocar as mãos nos bolsos para resistir à vontade de tocá-la.

— Ainda não respondeu se vai aceitar meu convite, Linda, ou o nada lá dentro pode atrapalhar? — Estava ansioso para conhecer a bela fera que surgira para salvar meu desagradável dia.

Ela não respondeu, se virou e caminhou para a entrada do bar, eu me perdi, sorri aceitando minha arruinação, porque uma bunda daquela eu seguiria até o *inferno*.



Linda

Atravessando as portas do bar, me surpreendi com Jordan aos beijos com Jay, segui meu caminho até o balcão e pedi para o garçom uma cerveja. Eu necessitava beber, estava com a garganta áspera, em um nível de tensão tão grande que sentia meu sangue correr pelo corpo.

— Isso significa um sim!? — Assustei, por uns segundos tinha me esquecido do homem colado às minhas costas.

Sorri, não poderia negar que o cara era um gato, mas Will esgotara minhas energias psicológicas. Ele estava do outro lado do bar com o time, e depois do ocorrido esperava nunca mais ver a cara dele. Peguei meu caminho de volta para a mesa dos meus colegas. Não olhei para trás para saber se o *desconhecido* ainda me seguia, Jordan se desvencilhou de Jay assim que me aproximei da mesa, ela estava radiante, seu riso bobo não cabia no rosto, reparei quando me deu um sinal para irmos ao banheiro, assenti positivamente, enquanto eles cochichavam algo, dei um longo gole na minha cerveja. O gosto amargo do malte e o frescor do álcool agitaram meu interior. Estava ciente de que *e/e* me observava, aproveitei que Jordan me puxara pela mão para correr os olhos pelo bar, minha procura foi pouca, pois o encontrei sentado no banco alto que ficava encostado no balcão. Seus olhos bicolores acompanharam os meus até eu desaparecer pelo corredor que dava acesso ao banheiro.

— Não aguentei, puxei e o beijei! — Jordan se conteve para não dar saltinhos de alegria. — *Putá merda*, Linda! Onde você estava!?

Encostei minhas costas na parede e contei tudo o que acontecera do lado de fora do bar, Jordan ficou roxa de raiva e queira ir tirar satisfação com Will.

— Ele se fingiu de bom moço, com aquele papo de estar apaixonado, só para ter o prazer de dizer que conquistou seu coração frio,

tenho certeza disso, amiga! — Era a teoria do álcool em suas veias. — Agora me diz o quão gato é o salvador da pátria?

— Não preciso de salvador nenhum, posso muito bem me cuidar! — contestei.

— Larga de ser marrenta, manda mais umas cervejas para dentro e faça igual a mim, chega nele e aproveita, Linda — ela fez biquinho. — Hoje é nosso último dia aqui, devemos e merecemos aproveitar. Amanhã o dever nos chama, mas só amanhã!

Saímos do banheiro feminino de braços dados, busquei meu *desconhecido*, mas fiquei decepcionada por não encontrá-lo mais no balcão, Jordan me soltou para se juntar a Jay, ele segurou seu rosto e a beijou com carinho, não quis ser indiscreta com o momento deles e decidi desvencilhar o olhar.

— *Porra*, vão para um quarto! — Matt falou, atrapalhando o momento do casal. — Não gosto de ser vela pra ninguém!

Todos riram, e as próximas horas foram de rodadas e mais rodadas de cerveja e conversas. Sentia-me um pouco alta, mas não estava embriagada ainda, no dia seguinte pagaria caro por aquela noite, pensei, meu lado disciplinado brigava com meu lado insurgente, e a rebeldia estava ganhando de lavada. Peguei-me ainda umas três vezes varrendo o bar, procurando por aquele lindo par de olhos, só que não o encontrei mais.

Chegando perto da meia-noite, comecei a me despedir de todos ali, quando abracei Jordan, combinamos de nos despedirmos de manhã antes de seguir viagem. Desejei a todos sucesso em suas carreiras e deixei o bar com pesar, estava muito grata por todos os momentos que vivenciei em West Point, o aprendizado rigoroso, a disciplina, o respeito e o amor à pátria me impulsionaram a seguir com a carreira que sonhara e escolhera. E meu foco era ainda maior, e justo por isso que eu não podia me deixar fraquejar por nada nem ninguém.



Tateando o bolso da calça para pegar a chave da camionete, observei a noite com poucas nuvens no céu, bem fria e o brilho da lua resplandecia forte, destravei a porta e me acomodando no banco, peguei meu celular no porta-luvas, chequei se teria chamadas perdidas ou mensagens.

"Fui um estúpido, me desculpa!?"

— Foi mesmo, babaca! — Abri os contatos e bloqueei Will, nada de mensagens ou chamadas indesejadas.

Joguei o celular, irritada, no banco do passageiro e dei partida na camionete, saindo do estacionamento, peguei a via rumo ao hotel, era uma distância curta, então nem liguei o som. Foi quando eu o vi sentado no meio fio, cabisbaixo e com um cigarro aceso na mão. O carro desacelerou e minha pulsação acelerou, era ele, meu *desconhecido*, sua silhueta e roupa eram fáceis de identificar. Briguei comigo mesma quando me vi estacionando a camionete ao seu lado e baixando o vidro, de onde eu estava não dava para vê-lo.

— Está perdido? — falei um pouco mais alto para ele me escutar.

Seu rosto surgiu na janela do passageiro, estampava uma confusão terrivelmente atraente. Ia responder algo quando me reconheceu, deixei escapar um sorriso, e ele retribuiu.

— Precisa de carona!? — *Cala a boca, Linda!* — Posso te deixar em um lugar mais seguro!

— Obrigado, Linda, mas não quero atrapalhar sua noite — ele estava triste e eu entrei em alerta. — Eu ia pedir um Uber agora mesmo.

Era mentira, ele não fez contato visual e acariciou a barba com a mão, esses são uns dos sinais mais típicos que fazemos ao mentir. Apoiei-me no volante e o encarei, minhas emoções não me moviam e sim

a razão, mas, vendo seu semblante tão abatido, não conseguia sair dali sem ele e persuasão era comigo mesma.

— Vamos? Eu deixo você onde quiser, aí você aproveita e economiza uma grana — apelei. —Pense como uma retribuição de favores, você me ajudou no bar e eu te ajudo agora.

— Vai me deixar pagar uma cerveja agora!?

— Não posso beber mais, amanhã tenho que pegar a estrada cedo e preciso estar sóbria para isso. — Meu comentário deu um pouco mais de alegria ao seu rosto, mas os olhos não negavam que ainda estava deprimido por algo, então propus. — Podemos beber algo sem álcool!

— Quer voltar ao bar!?

— Vamos entrar, tenho um lugar melhor para irmos!

Minha consciência gritava. *Cadê seu juízo, Linda!? Colocando uma pessoa anônima para dentro do seu carro!* Não foi uma atitude impulsiva, foi intuição e não tive medo algum quando ele abriu a porta e entrou, acomodou-se no assento e, quando foi prender o cinto de segurança, ergueu os olhos para meu rosto e, ao encarar suas íris bicolores, tive a certeza que gotas de água escorriam pelo meu coração de gelo.



Capítulo Cinco

O Desconhecido

Como negaria a ela um pedido tão simples, sua ajuda foi bem-vinda, pois eu não teria dinheiro para o Uber, só tinha mais uns trocados. A cerveja eu poderia pagar, mas, dependendo de onde ela estava me levando, teria que inventar outra desculpa e deixar essa *deusa* escapar pelos meus dedos.

— Vai me falar seu nome agora, *senhor*? — Linda me tirou do meu devaneio. — Se recusa a dizer a mim, é tão ruim assim?

— Você é militar, Linda? — decidi não falar meu nome por hora, talvez fosse esse seu interesse por mim.

— Sim, agora sou Segundo Tenente. — Eu não entendia nada sobre o exército, estava naquele bar porque fora o lugar mais próximo que encontrei com comida e cerveja barata.

— E isso significa!? — Um mix de confusão se formou em seu rosto, ela dirigiu calmamente, estacionando em um hotel.

— Significa que agora tenho uma profissão, um dever a cumprir com meu país — coçou as têmporas. — Amanhã vou para o Fort Leonard Woody, tenho mais uns anos de serviço e carreira para prestar. Pensei que fosse militar também!

— Nunca pensei em me alistar — fui sincero, meus interesses eram outros na época. — Onde estamos!?

— Estou hospedada aqui, podemos subir e beber alguma coisa — ela se soltou do cinto de segurança, e quando bateu a mão na maçaneta parou por uns instantes. — Sem álcool, tudo bem pra você?

O que eu iria dizer, Linda com certeza era uma mulher de muita atitude, bonita para *cassete*, seus olhos verdes me encararam e eu assenti, sei como aquela noite terminaria, mesmo com minha carga de problemas, eu não era louco de negar.

A fachada do hotel era de pedra e tijolinhos, segui Linda a uns dois passos de distância, passamos pela recepção e tudo ali remete a algo caro e antigo. Madeira, onde eu colocasse meus olhos tinha madeira, achei engraçado. Bandeiras e retratos de militares estavam esparramados pelas paredes do local. Subimos a escada até o quarto. Linda hesitou ao colocar a chave de acesso na porta.

— Posso ir embora se quiser. — Jamais a forçaria a algo que não queria.

— Não é isso — ela se virou e andei até ela. — eu não sei nem seu nome.

— Vamos fazer assim, só conversaremos se quiser — eu não tinha para onde ir mesmo. — E, se a conversa fluir, vemos onde pode dar, e aí posso pensar em dizer meu nome.

Linda se divertiu com a proposta, e eu também. Não iria perder a oportunidade de ter a companhia dela mais um pouco. Depois ela iria embora, seguiria sua vida e eu ficaria com a minha vida de merda.



Linda

Fui movida por pura atração, eu não era do tipo que corria atrás de alguém, mas não consegui deixar a criatura que estudava com quietude o espaço em que eu estava hospedada longe de mim. Meu pai reservara a suíte MacArthur, bem aconchegante com carpete azul marinho, paredes brancas, no centro um sofá cinza de frente a estante com TV, poltronas esparramadas pela sala de recepção e uma mesa de jantar ao canto. *Ele* foi até a janela e observou o lado de fora, esperei absorver lugar, não falou uma palavra, esboçava somente reações faciais e não quis interromper, colocou as mãos nos bolsos e se direcionou para a poltrona que ficava ao lado da lareira apagada.

— Lugar legal — sentou e esticou as pernas sobre o puff e apoiou os pés. — Meio antigo, mas é maneiro.

— Antigo!? — fiquei apoiada na parede de braços cruzados, nunca fui de muita conversa, quando queria transar, era somente sexo sem aprofundar algum assunto. Algo não estava normal, pois eu me vi indo sentar no sofá para conversar com o homem em meu quarto. — Eu diria que é um lugar que contém muita história.

— E esse lugar histórico tem algum sistema de som? Ou aqui só toca vitrola? — o desconhecido era divertido.

— Você tem um disco de vinil em seu bolso!? Ou podemos conectar sua playlist na TV. — Levantei a sobrancelha em desafio, e ele gargalhou.

— Você é sempre bruta assim? — Tirou o celular do bolso e deslizou os dedos pela tela ainda sorrindo, a TV acendeu e *Lay Me Down* de Sam Smith começou a soar pela suíte.

Ele levantou e foi ao meu encontro com a mão estendida.

— Vamos dançar!

— Dançar!?

— Sim, sabe aquele movimento que as pessoas fazem ao balançar o corpo, então, alguns chamam de dança, venha, não é difícil, é só me acompanhar. — Ele esperou.

Tomei sua mão, e a diferença de temperatura o assustou, pois levantou seus olhos para meu rosto e deu um meio sorriso, revelando uma covinha discreta que daria para ver somente de muito perto, enquanto meus dedos eram gelados, os dele eram quentes, e não era somente suas mãos que estavam aquecidas, quando me tomou em seus braços senti através da blusa todo seu calor, me aconcheguei e começamos a balançar conforme a música rolava, ele passou o outro braço pela minha cintura, nos mantendo perto e apoiei minha mão sobre seu peito. Senti o pulsar do seu coração na minha palma direita, pela gola da blusa observei em seu pescoço as pequenas sardas e seu cheiro foi me embriagando aos poucos, era cítrico com um frescor e masculinidade que me cercou com uma aura de sensualidade e poder.

Sem perceber, fui me rendendo aos poucos e sem lutar o deixei entrar, enquanto dançávamos, ele repetia a letra da música no meu ouvido, e uma pequena poça d'água estava se formando no fundo do meu peito.



O Desconhecido

Ao entrarmos fiquei boquiaberto, o lugar esbanjava dinheiro e luxo, não queria deixar transparecer meu desconforto, mas para ela estar hospedada em um hotel daquele porte era porque a carreira militar devia pagar bem. Como hábito, enfiei as mãos no bolso e segurei o maço com um pouco mais de força. Era a segunda vez que ela me livrava de fumar, dessa vez até acendi, mas, quando fui dar a primeira tragada, Linda estacionou e me chamou.

— Lugar legal — ela estava incomodada, preferi sentar para pensar em algo, tinha que impressioná-la, a poltrona era confortável e esticando as pernas, disse: — meio antigo, mas é maneiro.

— Antigo!? — Linda entrou na defensiva, e eu gelei. — Eu diria que é um lugar que contém muita história.

— E esse lugar histórico tem algum sistema de som? — queria que ela relaxasse comigo aqui, observei que ela não era do tipo que gostava de ter seu espaço invadido. — Ou aqui só toca vitrola?

— Você tem um disco de vinil em seu bolso!? Ou podemos conectar sua playlist na TV. — Linda tinha uma *puta* língua afiada, eu ri, pois ela estava começando a se soltar.

— Você é sempre bruta assim? — tive a ideia de pôr uma música para descontraí-la, peguei celular e procurei uma das minhas músicas favoritas, *Lay Me Down* de Sam Smith, conectei com a TV e dei play.

— Vamos dançar! — Eu já estava em sua frente com a mão estendida.

— Dançar!? — Ela estava desconfiada, e deveria mesmo, pois minha intenção era sentir seu corpo ao meu.

— Sim, sabe aquele movimento que as pessoas fazem ao balançar o corpo, então, alguns chamam de dança, venha não é difícil, é só me acompanhar. — Minha mão ainda a aguardava e vi um lampejo endiabrado em suas íris verdes e ela, por fim, aceitou.

Eu fervia pela ansiedade, a encarei e quando nos tocamos foi como um bálsamo calmante, sorri, pois Linda era como gelo, suas mãos pousaram sobre mim e senti a diferença de temperatura, seu toque firme e

gélido fez meu coração disparar, me fez sentir presente e vivo, nossos corpos se mexiam ao ritmo da música, Linda não era baixa, permanecendo na altura da minha bochecha e seus olhos encaravam meu pescoço. Comecei a cantarolar a letra que tantas vezes já repeti e a senti relaxando, estávamos formando um passo de confiança e liberdade ali, mas era lamentável, pois eu não era nada confiável.



Linda

Tremor.

Desconfiança.

Impensado.

Voltei a mim quando a música acabou, afastei-me de supetão, recuperando minha algidez na mesma velocidade que anuíra. Meu objetivo ali era satisfazer meu desejo, só que quanto mais eu o olhava, mais um furor crescia e não era por *ele*, era por mim, eu nunca perdia o controle das situações, sabia que possuía pouco nível de empatia e sempre escutava mais os meus pensamentos que as minhas as emoções... Mas, ali, com *ele*, estava perdendo meu juízo, retomei meu devido lugar e coloquei em prática meu único intento da noite. *Prazer.*

Contemplei seus olhos e ele entendeu bem o recado, aproximou e umedeceu os lábios com a língua. Não esperei por ele, fui ao encontro de sua boca e passei a língua pedindo permissão para um contato mais carnal. Beijeí muitas bocas ao decorrer dos anos e um beijo bem dado sempre me incendiava. E o *desconhecido* beijava bem pra *caramba*. Entramos em sincronismo, chupamos, mordemos e movemos os lábios no momento certo, atei em seu corpo forte e suas mãos abraçaram minha cintura, minhas mãos sentiram a textura de seu cabelo sedoso, sempre exigindo um pouco mais um do outro.

Separei para respirarmos, eu já estava ofegante de desejo, e ele tirou sua blusa com maestria, reparei rápido que seus ombros e braços eram marcados por tatuagens, que vinham das costas, mas não firmei

olhar ali. Minha cobiça estava focada em outra parte, não perdi tempo, aproximei e coloquei minha mão no cóis de sua calça escura, ele acompanhou todos os meus movimentos, nunca pensei em achar tão sexy olho bicolor.

Desabotoei.

Deslizei o zíper.

E enfiei a mão dentro de sua cueca.

— Mulher, tu vai me enlouquecer — *ele* arfou enquanto eu deslizava a mão, não tinha colocado os olhos ali, mas senti que era grosso, firme e alongado. — Aaah, *caralho!*

Continuei os movimentos quando *ele* me tomou em seus lábios novamente, dava pequenos gemidos, e ouvir um homem sentindo prazer me excitava demais. Senti quando seu pau começou a inchar pela aproximação do clímax e retirei a mão parando os movimentos. Soltou-me e seus olhos cépticos brilhavam, tomado com diferentes tons de prazer e essa foi minha deixa para começar a me despir.

— Não! — fiquei pasma. — Eu quero fazer isso — tenho certeza que fiz a cara mais safada que existe, pois ele sorriu e aproximou. — Mas não aqui na sala, Linda.



O Desconhecido

Nunca tive em meus braços uma mulher de tanta atitude, Linda exalava domínio e eu permiti ser comandado por ela, eu já havia passado em tantas camas, já estive dentro de tantas, só que Linda cheirava a desafio, e o mais interessante é que ela era fria... Não é mau ser frio em certos momentos da vida, na verdade, é muito positivo ser assim nos negócios, por exemplo. Imagino que seu trabalho exigisse isso, no entanto, alguém que se comporta desse jeito sempre, não deixa que as coisas aconteçam naturalmente, não relaxa. Teria que derrubar essa

barreira invisível, e eu a sentia de verdade. Por isso, quando Linda foi tirar sua blusa, pedi para que eu pudesse fazer.

Ela travou por uns milésimos, mas logo seu semblante transformou-se no mais depravado e sensual que eu já vira.

— Acha que está qualificado, senhor!? — ela disse quando a peguei no colo, Linda me envolveu com as pernas e braços, não era baixa, era alta e forte, quase vacilei por conta da calça aberta. — Acredito que sua vida de civil não inclui levantamento de mulheres!

Ri em desafio, mas não iria fraquejar, sua personalidade estava fincada em cada uma de suas palavras. Mal ela sabia como ultimamente minha vida era, então empurrei esses pensamentos para dentro da minha mente, não queria estragar minha noite, estava com uma beldade em meus braços e iria aproveitar cada pedaço seu.

Entrando no quarto, tateei procurando as luzes, ela achando graça, largou uma mão do meu pescoço e acionou o plug, quando a luz preencheu o lugar, fiquei ainda mais entusiasmado. Uma cama gigante de madeira escura ficava posicionada bem no meio do quarto, com criados-mudos e poltrona. Senti quando meus joelhos encostaram-se à madeira e a soltei devagarinho em cima dos lençóis.

— Linda, gostaria muito que gemesse falando meu nome hoje, mas... — comecei retirando os tênis e as meias, também a calça frouxa, ela estava apoiada pelos cotovelos e de costas na cama, somente observei, chamuscas verdes tornaram-se as minhas favoritas. — Você me chamando de *senhor* tornou-se bem mais atraente aos meus ouvidos.

Fiquei somente de cueca boxer branca, me pus a cumprir meu dever com aquela esbelta mulher, o tempo todo sendo observado e por um breve momento me senti até avaliado por ela, mas não iria me deixar julgar, não deixaria minhas paranoias se estenderem a ela também. Linda já estava sem os sapatos, em algum momento se livrou deles, restaram apenas as meias, me desfiz delas e subi na cama e estando sobre ela procurei por seus lábios, seus beijos eram como brisa em dia quente, proporcionavam alívio a minha tormenta e minhas mãos procuravam seu corpo com ânsia, puxei a barra de sua blusa, separando o beijo por segundos, livrando-me da peça e senti sua pele levemente gélida,

observei para ver se teria algum sinal que estaria com frio, mas não era o caso, Linda era naturalmente invernal.

— Irá me observar a noite toda, *senhor!*? — a maldita era impiedosa. — Vejo que está sempre em vantagem, pois estou com mais peças de roupas do que você.

Estava novamente perdendo a batalha para ela, Linda era implacável com as palavras e sua confiança me deixou ainda mais rendido. Desabotoei sua calça e ela me ajudou a retirar, a visão dela de lingerie fez meu pau pulsar, Linda era uma mulher real, com curvas e marcas em seu corpo. Ela levantou-se, ficando de joelhos na cama, e me puxou para perto de si, e os beijos só ficaram ainda mais quentes e exigentes, seu pescoço era macio ao toque dos meus lábios, ela inclinou para eu ter mais acesso a ela, apertei seus seios fartos, e ela gemeu com primor. Linda segurou minha mão e sem retirar os olhos dos meus, levou meus dedos aos lábios e chupou, e *porra* sua boca era quente e foi sexy demais, lambuzou meus dedos e devagar foi abaixando minha mão, colocando-a dentro de sua calcinha rosé de renda, dando-me acesso a sua abertura molhada. Comecei movimentos suaves e lentos, e ela gemia baixinho entre nossos lábios, eu estava no meu limite, meu desejo por ela estava beirando a insanidade e eu não tinha intenção nenhuma de deixá-la ir.



Linda

Eu não podia negar que existia uma energia erótica, envolvente e apimentada entre nós, o *desconhecido* não foi vacilante em momento algum e seu toque estava criando em mim ondas cada vez mais quentes de prazer e fascínio. Sentia que essa energia fluía entre *e/e* e eu e estávamos no mesmo clima e deixei me levar. Sem parar os movimentos, ele me deitou na cama, choraminguei, pois sabia que eu derreteria como uma lava de vulcão e estava prestes a explodir, mas em momento algum cessamos os beijos, e tantos os dedos quanto os lábios estavam me levando ao precipício, e eu não hesitaria em pular para dentro dele.

Gani quando o *desconhecido* tirou suas mãos de mim, abri os olhos assustada quando seus lábios tocaram brevemente meu nariz e entendi que *ele* queria jogar comigo, pois pura provocação e malícia emanavam em duas cores diferentes. Nunca fui de implorar, mas estava tão excitada que ponderei em pedir. *Ele* ajoelhou entre minhas pernas e em movimentos rápidos tirou minha calcinha.

— Ah, Linda — cruzou os braços sobre o peito e encarou minha boceta. — Não vou me cansar tão cedo.

Arrepios percorreram minhas pernas quando *ele* puxou-me para a beirada da cama, ao mesmo tempo em que descia seu corpo, deixando claro suas intenções, retirou sua cueca e minha ânsia de puro desejo por *ele* só aumentava, sabia me provocar, pois segurou seu pau grosso e potente e, sem tirar os olhos de mim, mexeu em movimentos suaves e lentos, eu tinha certeza que ele usava isso a seu favor. Sua atenção se voltou totalmente a mim e deslizou suas mãos em mim, seguidas de beijos quentes em ambas as coxas, a barba arranhando não incomodava e, quando seu rosto estava no meio das minhas pernas, segurou firme meu quadril e deslizou sua língua áspera na minha fenda.

— Humm!

Putá merda.



Capítulo Seis

O Desconhecido

Encostei-me ao batente da porta do banheiro e observei ela dormir, estava começando a amanhecer, a claridade só exaltava a beleza de Linda enrolada nos lençóis brancos, há muito tempo o sexo estava no modo automático para mim. Mas Linda foi fora do comum, escutar ela

gemendo, gritando e gozando me chamando de *senhor* mexeu com meus sentidos, me despertou após um longo período em coma. Eu estava tão na merda que desligara todos os meus sentimentos, o sexo não tinha sentido, às vezes até tomava algo para ajudar, ela não sabia nada sobre mim, nada sobre minhas atividades e nem sobre minha vida, mas depois de termos transado na cama, na poltrona e no banho, recebi um oral que, *porra*, fez-me esquecer até como a terra girava, Linda acendera algo dentro de mim que há muito tempo estava morto, ela se remexeu na cama, sorri, pois tinha tomado uma decisão e aproveitei aquele tempo de paz.

Assustei quando seu celular soou uma trombeta estridente, logo ela despertou e, espreguiçando, desligou o alarme. Por um momento, pensei que ela tivesse se esquecido da minha presença ali no quarto.

— Vai ficar me encarando até quando, estranho!? — falou, sonolenta. — Por que não descansou!?

— Não estava cansado! — menti. — Que horas são!?

— Cinco e meia da manhã, — ela se levantou e foi ao meu encontro. — Preciso me trocar, tenho umas coisas para resolver e uma longa viagem pela frente.

Estávamos cara a cara e não me segurei, meu desejo acendeu e foi mais forte que eu, a tensão sexual que tínhamos era algo que nunca tinha compartilhado com ninguém. Puxei-a pelo pescoço e a beijei, queria deixar claro a ela que eu também sentia.

— Não! — Ela me empurrou.

O quê!? Meu pau murchou na hora.

Linda, ainda com as mãos em meu peito, respirava com dificuldade, abaixou a cabeça e travou sua luta interna. Ela também queria, mas estava negando. Linda estava me dispensando.

— Preciso me despedir de alguém agora — ela levantou aquelas bolas verdes e brilhantes para mim. — Não vou demorar.

— Tudo bem! — Eu estava irritado!?

— É sério, vou pedir um café da manhã para nós.

Eu queria você de café da manhã, minha cabeça pensou e meu amigo concordou comigo.

Linda desviou-se de mim e foi recolher suas roupas esparramadas pelo quarto, estava quieta e eu não soube como interpretar aquilo, passou por mim e dei espaço para ela entrar no banheiro. Coloquei minha cueca boxer e meu corpo cansado esparramou-se na poltrona. Linda saiu do banheiro um tempo depois com os cabelos escovados e rosto lavado, apanhou seu celular e foi até a porta, segurou na maçaneta e, olhando por cima dos ombros, falou:

— Eu já volto, *senhor*.

E saiu batendo a porta, me senti incomodado, pois sempre era eu que ia embora logo após o sexo. Levantei frustrado e busquei minhas roupas pelos cômodos da suíte. Eu já tinha tomado uma decisão, iria consertar minha vida, e começaria indo embora daquele quarto. Linda foi meu paraíso por uma noite, uma corda que eu agarrei, ajudando-me a sair da lama em que me encontrava, senti que queria mais, muito mais. Procurei na mesa do escritório uma caneta e um papel, deixaria um bilhete para Linda, ela era esperta e eu tinha certeza de que entenderia.

Olhos de esperança me encaravam através do espelho, lavei meu rosto e passei as mãos nos cabelos para ajudar a assentar, eu estava exausto. Saí do banheiro e conferi o lugar para ver se algo meu tinha ficado para trás e o bilhete em cima da mesa confirmava o que eu já sabia.

Eu faria de tudo para merecer Linda Shawn.



Linda

Deixar o quarto foi uma peleja, eu gostaria de ter transado com *e/le* logo pela manhã, mas não tinha dormido quase nada à noite e

que noite foi essa, sem dúvidas o melhor sexo que já tive e fui saciada de todos os modos possíveis. Não quis deixá-lo assustado, mas realmente gostaria de saber o que se passava em sua cabeça enquanto me encarava na cama, eu já havia despertado há um tempo, mas não quis fazer alarde. E acordar com ele nu, foi um teste gigantesco ao meu autocontrole. Mas, eu tinha um compromisso inadiável, Jordan.

— Por favor, pode levar à suíte MacArthur, torradas, ovos, bacon e café preto para dois!? — pedi na recepção. — E pode me informar quando encerra minha reserva?

— Estou verificando, senhora — aguardei enquanto era atendida por uma recepcionista de meia idade. — Irá se encerrar hoje à noite, às vinte horas. E já anotei seu pedido. Logo estará em seu quarto.

— Obrigada!

— Disponha, posso ajudar em mais alguma coisa, senhora. — Chegava a ser cômico, uma senhora me chamando de senhora.

— Somente isso.

Saí em busca de Jordan no hall do hotel, verifiquei as horas no meu celular e cheguei quinze minutos adiantados do horário que tínhamos marcado. Isso só confirmava o quanto eu quis fugir do *desconhecido* logo pela manhã, mas, fugir do quê? Tínhamos feito somente sexo, só que nunca fora tão íntimo, a química e a sintonia que tivemos. Eu pude sentir que ele também percebeu, então propus de tomarmos café da manhã juntos, estava cada vez mais curiosa sobre ele, e já passava da hora de chamá-lo pelo seu nome.

Passado alguns minutos, avistei de longe Jordan atravessar o jardim em passos rápidos e quando se aproximou, abri os braços para recebê-la com um abraço.

— Vou sentir falta disso — ela falou aninhada em mim. — Não sei como vou conseguir ficar sem o seu humor amargo matinal.

— Vaca, quando penso que iria falar algo que preste. — empurrei Jordan com fingimento e caímos na risada.

— Você está diferente. Há algo rolando que eu não saiba?

Ela me conhecia bem demais, acho que era a única que enxergava através do meu muro psicológico, porém tinha algo que eu ainda não sabia o que era, mas também tinha atravessado a barreira e partiu *dele*.

— Posso dizer que me despedi de West Point com estilo.

— Eu pensei que nem queria ver mais a cara do Will, ontem você estava com vontade de matar ele.

— E quem falou em Will!? — falei com escárnio.

— Piranha, você pegou o salvador da pátria — ela se animou. — Pode resumir porque tenho somente uns minutos, meus pais estão me esperando no estacionamento.

Então ali mesmo em frente ao hotel e em pé, contei às pressas como fora minha noite selvagem e incrível. .

— Mas você ainda não sabe o nome dele, Linda? Uau, nunca te vi tão empolgada por alguém — o celular de Jordan começou a vibrar em sua mão e ela olhou o visor. — Droga, é a minha mãe.

Era hora das despedidas, com essa vida de quase uma nômade, já era para eu ter me acostumado. Mas Jordan era família, uma das poucas pessoas que eu amava e me importava.

— Isso não é um adeus e nós já passamos por isso — meus olhos começaram a queimar e um nó se formou na minha garganta. — Vou estar com o celular, o que precisar me liga, Jordan.

Ela já estava chorando e me puxou para outro abraço.

— Eu te amo, Linda, consegue se cuidar sem mim!?

— Mas é muito convencida mesmo, né!

— Sim, sou. Promete-me uma coisa!? - ela falou, me soltando.

— O que seria?

— Promete de dedinho que nossa amizade nunca vai mudar!?

— Tem dúvida ainda, louca?!

— Me prometa! — Jordan levantou a mão direita com o mindinho em posição.

Enganchei meu mindinho no dela e olhei em seus olhos escuros como ameixas secas.

— Eu prometo!

Assim, Jordan soltou nossos dedos e saiu em disparada para o estacionamento do hotel, e sem ninguém ver, sequei uma lágrima que rolou em minha bochecha.

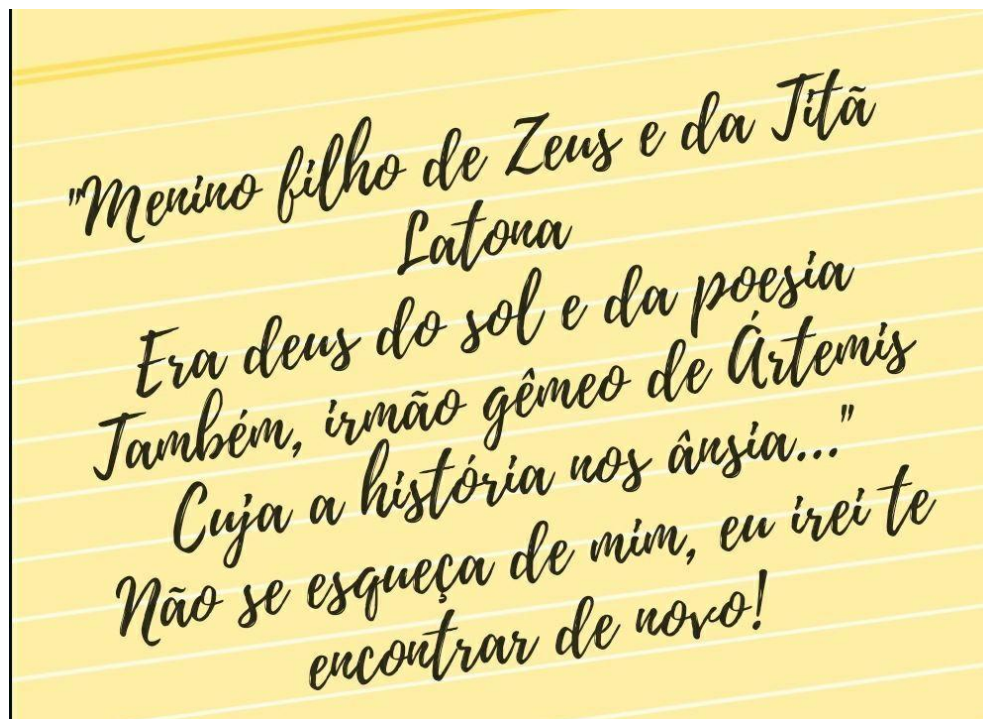
Subi para o quarto sem pressa, meu estômago começava a reclamar, abrindo a porta senti um cheiro maravilhoso de bacon e ovos.

— Espero que não tenha comido tudo, *senhor*.

Silêncio.

Estranhei e andei de um lugar a outro procurando algum vestígio da noite anterior e não tinha nada. *Ele* fora embora e me senti mais vazia ainda. A despedida de Jordan doeu só que era uma dor que eu já tinha provado, sabia como lidar com ela. Agora *ele* ter partido assim, senti meu coração acelerado, uma sensação de exposição me tomou, meu juízo me condenava. *Eu te falei, você não me escutou!* E eu o mandava ir se *foder*.

Sentando na cadeira da mesa onde café da manhã estava servido, uma folha me chamou atenção. Abri o papel amassado e li, atenta às palavras ali escritas.



Li e reli incontáveis vezes o bilhete enquanto comia, sabia que *e/le* tinha deixado para mim, seria uma brincadeira, mas depois de quase quarenta minutos ali sozinha me convenci que *e/le* não voltaria. Juntei todas minhas coisas da suíte e desci para fazer o *checkout*. Paguei com cartão as despesas extras e fui para a camionete, me programei para dirigir até a hora do almoço e dependendo, se estivesse muito cansada, pararia para fazer a primeira pausa da viagem. Acomodei minhas coisas no banco de trás e entrando deixei o essencial no porta-luvas, afivelando o cinto de segurança e pegando meu celular para conectar ao dispositivo de som do carro, me deu um estalo de procurar aquelas palavras do bilhete na internet.

Digitei mais que depressa, e pesquisei, pois a curiosidade estava consumindo minha mente, precisava encontrar algum sentido naquilo. E foi quando o navegador me indicou um site de poemas, cliquei e li por inteiro o texto.

*Menino filho de Zeus e da Titã Latona
Era deus do sol e da poesia
Também, irmão gêmeo de Ártemis
Cujá a história nos ânsia*

*Sua mãe se escondeu na ilha de Delos
Onde nasceram os irmãos
Zeus havia traído esposa
E Hera tinha ira em mãos...*

*Era irmão de Hermes, Hefesto, Ares e Atena
Sua pontaria era perfeita
Com um ano matou a serpente
Que sua mãe sempre repudia*

*Desafiou um cúpidos
Sentiu o que era desilusão
Quando apaixonou-se por Dafne*

E sofreu grande rejeição

*Era um deus justo e generoso
Apesar de ter sofrido muito por amor
Nunca desistiu e sempre soube que o encontraria*

E essa é a história de Apolo.

Era isso então, uma promessa de nos encontrar novamente e um nome. *Meu desconhecido chamava-se Apolo.*



Capítulo Sete

Fiquei estática dentro da camionete e segurei o bilhete com mais força ainda. Pensei em procurar nas redes sociais por seu nome, só que por onde eu começaria!? Apolo seria seu nome, segundo nome ou sobrenome. Senti-me tola, estava dando importância demais para um caso de uma noite, mas, ele me marcara de algum jeito e o sexo fora íntimo demais. Cumplicidade pura, de um jeito que nunca tinha sido com ninguém.

Ainda com o celular na mão, senti quando vibrou a chamada, já tinha desbloqueado ele e olhando para a tela ponderei em atender.

— Alô!?

— Eu fui um babaca e tosco, me desculpa, Linda — Will bradou do outro lado da linha. — Não quero que pense que sou aquele tipo de homem, porque não sou.

— Eu sei que não é, Will.

— Aceite meu pedido de desculpas, não quero que viaje com raiva de mim, ainda quero ser seu amigo.

Will foi meu parceiro de sexo, conversávamos sobre tudo e sobre nada. Tudo sobre ele e nada sobre eu.

— Já está desculpado.

— Ótimo! Tirou um peso da minha consciência! — escutei sorrindo.
— Já pegou a estrada!?

— Ainda não, estou indo agora, para te dizer a verdade.

Sempre tive o controle da situação, mas ele ter se apaixonado por mim não era o resultado que eu queria.

— Não quero te atrapalhar, — silêncio — Linda, eu amo você. E quando estiver pronta e precisar de mim, eu vou estar disponível. Só não sei se estarei para sempre.

— Will, já conversamos tanto sobre isso.

Olhei fixo para o bilhete e uma sensação percorreu meu peito.

— Eu sei, eu sei. Não vou te pressionar — sua voz emanava carinho. — Mas aproveita esses dias que iremos ficar longe e pense em termos algo sério.

— Will, preciso ir.

— Linda — o ouvi respirar fundo. — Vou sentir sua falta.

— Adeus, Will! — Desliguei sem esperar resposta.

Encarei novamente o bilhete, então o guardei dentro do portafólio, Apolo me acertou como um raio brilhante, fez estrondo, deixou chamuscado onde caiu e assim como qualquer tempestade, passou sem se importar com os estragos deixado por ela.

Dei partida na camionete, ajustei o GPS e conectei o celular no multimídia. Procurei uma playlist para me acompanhar na viagem, selecionando dei play e *Bird Set Free* da Sia ecoou alto, mandei uma mensagem para meu pai e Jordan avisando que estava de partida, então acelerei e, saindo do estacionamento, me vi despedindo mais uma vez de um lar, com a sensação de dever cumprido, pois meu ciclo em *West Point* havia se encerrado.

As músicas da playlist me envolveram e fui cantarolando algumas, dirigia em uma velocidade controlada e o fluxo pela manhã de domingo era tranquilo, por isso a minha escolha de viajar amanhecendo, mesmo tentando distrair minha mente com músicas e trânsito, meus pensamentos martelavam em um nome.

Apolo.

Apolo.

Apolo.

Qual foi seu segredo para que quase caísse minha armadura!? Não trocamos informações íntimas, mas senti que poderia compartilhá-las com ele, não ficaria receosa em me abrir em todos os sentidos possíveis, ele com um humor tão simples e cativante. Flash da nossa noite aparecia em minha mente, de quando me colocou de quatro, segurando meus pulsos nas costas, foi com sua boca no meio das minhas pernas e me fez perder meus sentidos repetidos vezes, sempre falando o quanto eu era deliciosa, Apolo me fez um oral sem a pressa de se saciar também, beijou cada parte do meu corpo. E o seu beijo me derreteu como gelo ao sol e eu ainda ficava me perguntando.

Como!?

A música e meus pensamentos foram interrompidos por mais uma chamada, olhei rápido para o display e atendi.

— Já está sentindo minha falta!?

— Vaca convencida — Jordan falou com tom de ofensa dissimulada. — Fiquei preocupada, o que será de você na estrada sem eu por perto? Sou o seu senso de direção.

Dei uma gargalhada e Jordan me acompanhou, nem se eu tivesse uma irmã de sangue, não seria como Jordan e eu.

— Vou parar daqui um pouco para abastecer e almoçar. — Olhei para o painel, já estava dirigindo há quatro horas seguidas.

— Linda, transei com o Jay — admitiu, e eu não me surpreendi. — No seu carro e eu nem sei descrever o quão incrível foi.

Conhecia Jordan há tempo demais para saber que algo não estava certo.

— Mas!?

— Foi estranho depois — seu tom era de decepção. — Sabe aquele silêncio. Ele foi tão carinhoso durante o sexo, aí...

— Não se sinta assim — interrompi —, sei muito bem o que quer falar. Você não é fácil e nem qualquer uma para ele só se satisfazer.

— Não sei o que pensar.

Jordan era movida pela emoção, tudo era sempre muito intenso com ela, e ela não se entregava a ninguém se não houvesse sentimentos, e era onde ela se machucava.

— Pense que, se ele não te procurar, você não irá procurá-lo e que você é Cínthia Jordan Harmon, futura médica do *US Army*.

Escutar ela sorrindo foi um alívio, pois sabia que ela iria se recuperar de sua paixonite.

— Onde está agora!? — perguntou, querendo mudar de assunto.

— Passando pela *Pensilvânia*, vou entrar em *Brookville* para em abastecer e procurar algum lugar para almoçar.

— Me mantenha informada de tudo, morro de medo de você se perder. — Ela gargalhou com a provocação.

— Piranha, eu amo você! Mas, eu sei me virar sem você.

— Sei! Amo você também. Tchau!

— Tchau! — Desliguei. Olhando o GPS, mudei de faixa, pois estava me aproximando da entrada da cidade.

Depois de ter abastecido a camionete, fui procurar um lugar para almoçar, encontrei um lugar chamado *Arby's*. Simpático o lugar, fiz meu pedido e aguardei em uma das mesas.

Fiquei matando tempo entre responder mensagens dos meus colegas e avisar para meu pai e Jordan onde estava.

Pensei em Will e decidi avisá-lo, poderíamos manter uma amizade e eu determinaria os limites dela. Se fosse um dia comum em *West Point*, estaríamos almoçando juntos. Ele esteve presente em todos os meus momentos e conquistas, acho que fiquei acostumada a ele sempre comigo. Ri, pois percebi que senti falta dele.

Minhas redes sociais estavam desatualizadas, tirei uma selfie e postei. Apolo sabia meu nome e sobrenome, se houvesse algum interesse dele em mim, poderia muito bem pesquisar e me acharia.

E ali senti um ponto quente de esperança de que acontecesse.

O anoitecer indicava que deveria fazer mais uma parada, depois de seis horas dirigindo, iria dormir em Indianápolis, no estado da Indiana. Aproveitara o almoço para fazer a reserva no *Hampton Inn & Suites* e, pelos meus cálculos, eu chegaria no horário agendado.

O cansaço de tantas horas sentadas e dirigindo começava a me cobrar o preço. Bem, era o governo que normalmente fazia o transporte dos oficiais até o local de treinamento, mas como eu estava partindo com algumas semanas de folga antes de iniciar a escola de oficiais, iria fazer o reconhecimento do local antes, gostava de planejamentos. Devo minhas personalidades ao meu signo. Aquário.



Deitada numa cama confortável e enrolada em um edredom quente, rolei o feed do meu celular com curiosidade, pesquisei por Apolo em diversas redes sociais e nada.

"Está acordada!?"

A mensagem de Will desviou meus pensamentos.

"Por enquanto sim"

"Está onde?"

"IN - Capital"

"Posso te ligar por vídeo?"

"Sim"

Dei uma arrumada rápida nos fios soltos, e meu celular vibrou com a chamada.

— Oi, Linda. — Will segurava o aparelho com uma mão, enquanto a outra secava o cabelo com uma toalha.

— Está em Nova York ainda?

— Sim — observei seus movimentos. — Embarco só na semana que vem.

— Não sei para onde está indo.

— Você nunca perguntou, Linda! — ele falou, levantando uma sobrancelha acusatória.

— Aí! Essa doeu, Will. — Eu sorri.

Will sorriu também, aliviando minha tensão, ele estava coberto de razão. Nunca tive interesse em saber sobre sua vida, as informações que eu tinha dele, era porque ele mesmo me informava.

— Vou para a *Coréia do Sul*, artilharia de defesa aérea... — enquanto Will falava, reparei que se encontrava sem camiseta, cabelos úmidos, tinha acabado de tomar banho. Quantas vezes essa cena já ocorrera na minha frente e nunca permiti que ele ficasse para dormir comigo. — *Camp Humpheys*.

— Uau! *Coréia do Sul*, parabéns! — Me espantei, Will ficaria quase que do outro lado do mundo.

— Linda!? — olhei com mais atenção aquele rosto tão familiar. — Gostaria de te ver antes de ir.

Will me encarou com olhos suplicantes. Seu peitoral subia e descia rápido pela ansiedade.

— *William...*

— Linda, pode ser sincera, já deixei claro minhas intenções — ele abaixou a cabeça e sussurrou. — Eu realmente me apaixonei por você!

Fala alguma coisa, porra! Minha mente gritava comigo. Quais seriam as reais chances de eu ver novamente meu desconhecido de uma noite, ainda mais porque eu só sabia um nome!? Que nem verdadeiro poderia ser!? Foi puro calor de emoção, foi diferente, pois me tirou da minha zona de conforto. E do mesmo jeito que veio, foi. Rápido e certo como uma flecha, que eu estava arrancando de mim naquele instante. Will era real, e estava disposto a tentar. E eu acredito que posso tentar também. Não!?

— Acho que poderíamos ter essa conversa pessoalmente — eu estava cedendo, Will se doara para mim, sua atenção e cuidado às vezes me sufocavam. Mas ele sempre esteve comigo. E eu começava a sentir sua falta. — chegarei amanhã, vou me instalar no *Comfort Inn St. Robert*.

Em seus lábios formou-se o sorriso mais lindo que Will já dera e escondi meu rosto com o edredom, pois fiquei constrangida.

— Irei chegar amanhã à noite — ele levantou e colocou o celular onde eu acreditei ser uma escrivadinha, pois tive total visão de seu corpo coberto somente por uma toalha enrolada no quadril. — Vou procurar um voo agora mesmo.

— Te vejo amanhã então, cadete! — provoqueei.

— Segundo Tenente agora, Linda - falava enquanto pegava algo na mala e eu torcendo para que aquela bendita toalha caísse. — Eu já estava com saudades.

Juro que nas palavras de Will continham mel de tão doces que eram.

— Adeus! — desliguei, antes que me arrependesse da decisão.



Três batidas na porta anunciavam a chegada de Will, passava das onze da noite e, do outro lado da porta, encontrava-se ele. E o que significaria Will entrar!? Não era tola, seus sentimentos eram verdadeiros ou não teria ido. E os meus!? Estava confusa, sentia falta dos cuidados que William tinha comigo. Seria injusto demais tentar algo com ele!? Enquanto me esforçava para raciocinar, segurei a maçaneta da porta e por uns milésimos minha mente me lembrou.

"Não se esqueça de mim, eu vou te encontrar de novo"

Apolo.

Tomei uma decisão, abri a porta e pela primeira vez, me permiti dar uma real chance a William e principalmente a mim.



Capítulo oito

Seis anos mais tarde...

Permaneci com meus olhos fechados, escutando minha playlist do *Spotify* com o volume quase no máximo, quem sabe assim ajudaria a abafar meus pensamentos confusos, fiz carinho no meu pastor alemão que dormia sem dificuldades, tinha o melhor cão para o serviço, sendo treinado desde o nascimento para detectar qualquer tipo de artefatos explosivos. Apolo era meu orgulho, nunca falhara nas patrulhas, era reservado igual a mim e, com a cabeça em minha perna, permaneceu tranqüilo, enquanto minha mente estava um turbilhão.

— *Linda, não ficamos nem duas semanas juntos e já quer voltar pra lá!? — Will estava furioso, encostado na pia da cozinha, cruzou os braços com indignação. Resolvemos assumir nosso romance, depois de Nova York, percebi que realmente sentia sua falta, não era muito chegada a demonstrações de carinho, não era muita a minha praia e nunca escondi isso de ninguém. Mas, Will soube respeitar meu espaço e sempre esteve presente quando necessário.*

— *Não fale como se eu tivesse escolha — aproximei e o abracei pela cintura, olhando em seus olhos, constatei. — Você estará lá em um mês. Vai poder ir me ver, é só pegar seu bebê e ir até o Vale, bonito.*

Will desmanchou sua marra num sorriso encantador, envolvendo-me por um tempo em seus braços, falou calmo.

— *Eu te amo! — inspirou e segurou por breves segundos o ar e soltou. E, mais uma vez, não escutou eu dizer o mesmo para ele.*

Seria minha terceira missão no *Afeganistão*, mas, agora sendo Primeiro Tenente, o desafio tornara-se ainda maior, pois logo meu lar seria o *Vale Korengal*.

O Vale da morte.

Desempenhando meus serviços à frente de uma tropa como engenheira de combate, eu basicamente fazia todos os planejamentos e estudos de operações estratégicas, demolição de fortalezas inimigas, remoção de minas de campo mortais, consultoria em missões de resgate e auxílio nos esforços de reconhecimento.

Nossa chegada não seria uma das melhores, o inimigo estava ciente da rotação na base. Minha unidade de vinte e um homens treinara muito, tornando-se apta para o serviço, o esforço para chegar àquela

posição fora árdua, nunca tive baixa em minha unidade e apelidaram-me de *Arcanjo*, só fiquei sabendo disso porque minha fama chegara aos ouvidos do meu pai e ele parabenizou os meus serviços para com o meu país. Tinha ambição de subir cada vez mais, não enxergava limites na minha carreira e qualquer empecilho que aparecesse, estaria pronta para enfrentar.



Desembarcando no aeroporto de *Kandahar*, um helicóptero Chinook estava à nossa espera, seríamos escoltados por dois Apaches até o Vale, onde começaria minha temporada de quatorze longos meses.

— Tenente Shawn!? — dei uma olhada rápida em sua patente, era inferior a minha. — Só para a senhora estar ciente, os atiradores dos Apaches farão disparos repetitivos nas encostas da base para abafar os insurgentes.

Concordei com a cabeça enquanto embarcávamos no helicóptero que nos levaria para o KOP, minha ansiedade superava meu cansaço.

Depois de um tempo no ar, olhei para o Apolo, tirei mais um petisco do bolso, deixando na palma da minha mão e, demonstrando sua disciplina, somente depois da ordem, Apolo pegou e comeu.

— É um ótimo companheiro, senhora. — Pelo headphone escutei o sargento Huntz afirmar.

— O melhor amigo do homem! — falei dando-lhe um meio sorriso.
— Meu melhor amigo.

O copiloto apontou quatro dedos no ar, isso indicava que estávamos a quatro minutos do local de pouso.

— É um nome forte, igual a ele! — sorriu sincero. — Por que Apolo, Tenente!?

Olhei para Apolo, depois olhei para a janela vendo lá fora o sol se pondo, anunciando a noite.

— Para sempre fazer-me lembrar de nunca acreditar em promessas!

Aterrissamos em uma nuvem grossa de poeira, a visão se tornava turva tanto pelo entardecer quanto pela falta de lâmpadas no local, retirando o headphone fui entorpecida com os sons dos motores dos helicópteros, gritos de homens dando ordens e tiros dos Apaches no ar.

— Apolo? — meu cão se colocou em pé. — Junto, garoto.

Joguei minha mochila, que pesava cerca de uns vinte e cinco quilos, no ombro e segurei com mais firmeza meu fuzil m4, tudo o que precisava para passar mais de um ano na base se resumia àquela bagagem. Fui autorizada a sair do helicóptero, eu já tinha estudado a área e o KOP, mas as imagens e os boatos não faziam jus ao lugar. O campo de aterrissagem era minúsculo comparado a outras bases, a temperatura estava baixa e o ar gelado atingiu meu rosto com violência. Não me deixei distrair pelo som de rajada de tiros logo acima de nós, dei uma rápida olhada para trás e constatei que todos meus homens saltaram do helicóptero com seus equipamentos e suprimentos. Com o Apolo sempre me acompanhando, corremos abaixados até um bunker de sacos de areia e aguardamos o outro pelotão embarcar no *Chinook*.

— Tenente, aonde viemos parar!? — olhei para o Ranks e temor estava em sua face, temi, pois senti que vacilava em seu próprio medo.

— Cadete, isso é guerra! — ele concordou rápido com a cabeça e deixou seu fuzil em posição de ataque, se necessário. — Todos comigo!?

E vários "Sim, Tenente" reverberaram, ficamos baixados cerca de uns sete a oito minutos, até minhas pernas formigarem, após todos os membros do outro pelotão subir a bordo, o helicóptero alçou voo, provocando uma lufada de ar e areia ainda maior. Tapei os olhos do Apolo com a mão aguardando baixar o pó, para seguirmos aos nossos alojamentos. Tiros não eram mais escutados por nós e somente gritos ecoavam da escuridão.

— Quem é o tal de *Arcanjo*!? — uma voz áspera perguntou, aproximando-se do bunker.

Eu detestava o apelido, os resultados bem-sucedidos do meu trabalho foram com um custo muito alto de estudo e planejamento. Sem os meus irmãos e meu cão, não poderia ter feito nem metade do que fizera.

— Sou eu, capitão! — levantei, encarando um senhor por volta de uns quarenta anos, com cara de que não gostou do que comera e outra pessoa logo atrás.

— Pensei que esse tal Arcanjo seria um homem! — ele falava, olhando-me de baixo para cima. — Não pense que terá privilégios aqui, senhora.

— Se o senhor me permite dizer, eu não estou pedindo nada, Capitão... — seu espanto foi recompensado o suficiente para mim, não era a primeira vez que fora subestimada, olhei seu nome na tag. — Cortez.

— Vão para dentro, cerejas, e se acomodam! — Cortez se encaminhou para dentro do complexo enquanto falava. — Nos falamos no jantar, *Arcanjo*.

— Sim, senhor! — falei e prestei continência.

Pus-me a andar junto com meus homens e um sargento nos guiou por um pequeno corredor cercado por paredes de compensados.

— Boa noite, Tenente! — ele era jovem, talvez tivéssemos a mesma idade. — Vou indicar as instalações ao seu pelotão.

— Boa noite! — limitei-me a dizer somente o necessário.

— Não estávamos esperando uma mulher, senhora, então saiba que hoje terá que dormir no alojamento juntamente com os outros soldados e...

— Eu sempre durmo junto a eles, sargento, e diga ao seu superior que não precisam se incomodar em fazer uma ala especial somente para mim! — o cortei.

— Sim, senhora, o recado será entregue.

Começava a ficar de péssimo humor, a mochila nos ombros começava a pesar, o fuzil gelava minhas mãos e a péssima iluminação

forçava minhas vistas para não tropeçar.

Fomos divididos em três grupos, e seis dos meus companheiros mais íntimos acompanharam-me sem eu precisar dizer nada e, entrando no dormitório, me deparei com o caos que seria minha estadia. Os quatro beliches encostados à fina parede de madeira ficavam separados por um espaço de no máximo um metro, havia somente um armário de aço e dois pequenos criados-mudos com duas gavetas, o vento gelado entrava por todos os lados, meus soldados, por respeito, deixaram para mim um beliche, onde eu dormiria em cima e Apolo embaixo. Acomodei minha bolsa na cama de baixo e reparei furos de balas no compensado. Foi quando deduzi que aquele complexo já teria sido alvejado por balas inimigas.

— Tenente, por favor, mantenha pouca luz ou apagadas — ele deve ter percebido minha dúvida, pois logo se explicou. — Durante a noite, os insurgentes nos observam, e se eles avistam algum feixe de luz, eles disparam.

Os homens viraram seus rostos em espanto para o sargento depois para mim e mesmo que aquela informação não me pegasse de surpresa, não pude deixar de me abalar.

— Obrigada pela informação, sargento Tusso, pode se retirar agora.

Ele prestou continência e saiu.

— Porra, Shawn, é insano — Troy o radioperador falou enquanto chutava sua mochila para debaixo do beliche. — nos mandaram para o inferno e não sabíamos.

— Michelangelo, o que acha!? — perguntei enquanto procurava meu telefone em algum canto da minha mala. — Arriscado demais!?

— Positivo! — respondeu o paramédico já deitado e de olhos fechados.

— Hernandez? Ivanov? Copolla? — aguardava suas respostas quando tatee o aparelho no fundo da mochila.

— Temos noventa por cento de chances de ter alguma baixa aqui, Shawn! — Ivanov era um observador avançado é incomparável, sua tática

de estudo me superava em alguns aspectos e sua sinceridade agravada sempre lhe causava problemas.

Hernandez e Copolla concordaram, sentados cada um em uma cama no beliche e olhavam atentos tudo ao redor.

— E o que meu primeiro-sargento tem a dizer!? — Liguei meu aparelho e olhei para a entrada do alojamento onde Sanders, abaixado próximo à porta fechada, fazia carinho no Apolo.

— Acho que estamos fodidos, Shawn!

E todos gargalhando, concordamos.



Capítulo Nove

A noite era ainda mais gelada próximo ao rio *Korengal*, caminhei um pouco sem rumo, somente alguns passos para ter certo tipo de privacidade. Apolo farejava tudo que podia, busquei o celular por satélite no bolso e verifiquei a tela, cinquenta e seis mensagens de voz. *Porra*, eu tava muito ferrada e retornei a chamada com receio, pois não iria ouvir nenhuma delas.

— Qual o seu problema em atender uma chamada!? — foi um grito de pura irritação. — Linda, me pergunto até agora, como foi que conseguiu chegar nesse lugar sem que eu fosse avisado?!

— General — respirei fundo, pois senti que iria discutir. — Eu acabei de chegar e me instalei no KOP. Meu celular estava na mochila e desligado.

— Isso não me interessa, o que quero saber, Linda, é o que está fazendo no Vale?

— Pensei que tudo passava por suas mãos, General! — fui ríspida.

Houve uma pausa de alguns segundos e imaginei meu pai andando de um lado ao outro, com um copo de *whisky* na mão e furioso por ter deixado algo passar despercebido.

— Passarinho, você é a única coisa que eu tenho de mais importante — escutei ruídos e deduzi que sentara para se acalmar. — Você sabia que está aí para substituir o último tenente?

— Sim! — Não.

— Então tem consciência de que eles estavam em patrulha e chegando a uma vila sua tropa foi emboscada, houve três baixas da unidade, incluído o Tenente da unidade, Linda, pois eles sabiam que era oficial.

— Não estou aqui por isso, pai, não estou aqui para morrer — tentei acalmar meu pai. — Sou boa no que faço e o senhor sabe melhor do que ninguém.

— Linda, por favor, não tente bancar a heroína. Sua reputação já chegou a quase todos os cantos... — sua voz estava cansada, acredito que por conta do horário e preocupação. — E tem um boato que os insurgentes querem por um prêmio pela cabeça do *Arcanjo*.

Não tive reação, sentindo minha pele arrepiar, tentei não me deixar abater pela informação. Eu me preocupava com minha segurança, só que eu me importava ainda mais com a segurança da minha unidade, eu carregava toda a responsabilidade e a integridade deles em meus ombros. E escutar meu pai falando que eu poderia estar sendo caçada, colocava eles em risco também e eu não aceitaria jamais aquela condição.

— Então estou em vantagem, pois todos acham que o *Arcanjo* é um homem! — e ri em descrença.

— Não sei como pode achar isso engraçado, menina — eita, ele realmente estava chateado. — Nós já iríamos tomar algumas atitudes para garantir a segurança do KOP, temos estudado e mandaremos reforços.

— E eu serei cautelosa, senhor, prometo! Pai, preciso desligar agora — meu peito apertou. — Eu te amo, Pai!

— Também te amo, passarinho!

Desliguei e apertei o celular nas mãos junto ao peito, meus dedos gelados pareciam cubos de gelos, assoprei para tentar esquentar, mas foi em vão.

"Está acordado!?"

Por conta do fuso horário, achei melhor mandar uma mensagem para Will.

"Sempre a postos, senhora"

"Precisava de você aqui, Will"

"Está tudo bem!?"

"Vamos dizer que as coisas estão feias"

"Pode me dizer algo!? Eu soube que aí não é seguro"

"Vou me informar mais, tenho um jantar de gala agora. Amanhã te ligo! Bjos e estou com saudades"

Digitei o número da Jordan, ela não atendeu, deixei uma mensagem na caixa postal.

— Cheguei, estamos bem e logo nos falamos. Amo você e se cuida.

Desliguei o aparelho e me pus a caminho do refeitório.

— Apolo, venha, garoto, jantar!

Eu juro que via esse cachorro sorrir ao ouvir alguma palavra relacionada à comida. Minha opção em pôr o mesmo nome do homem que me marcara pelo resto da vida partira do meu juízo. Antes era amargo pronunciar, pois meu sentimento realmente ficara abalado com nossa única noite, tinha tomado a melhor decisão ao dar uma chance a William, ele chegou com todo seu carinho e cuidado, selando todas as frestas abertas por Apolo. Depois de tanto tempo, me sentia apaixonada por Will, mas não sei o porquê de ainda não ter conseguido dizer que o amava.

Bati na porta de madeira e aguardei ser autorizada a entrar.

— Entre! — a voz do capitão soou como trovão, eu entrei e prestei continência. — Descansar, oficial.

Relaxe e observei melhor o lugar, tudo ali remete à madeira compensada e ferro. Não posso dizer que era precário, seria mais para minimalista e útil. Dentro do refeitório estavam pouco mais de oito pessoas contando comigo. Alguns comiam os MER, conhecidos como ração de soldado. Sentados em bancos de madeiras e em um sofá surrado no canto, observavam-me como um lobo cobiçando a ovelha.

— Saiba que está atrasada... — o capitão Cortez falou com inquietude. — Iniciamos sem a senhora os estudos das próximas patrulhas da semana.

— Senhor, com todo o respeito, se iniciaram sem mim, é porque não desejam minha presença... — o rosto do capitão torceu em desgosto. — Não sei o motivo machista de não me incluir em uma reunião que noventa e cinco por cento necessita dos meus conhecimentos e cem por cento do meu pelotão.

— Senhora... — ele levou para falar.

— Eu não terminei, Senhor! — cortei e ele apoiou ambas as mãos na mesa, os homens no recinto arregalaram os olhos e aguardaram. — Não pense nenhum dos senhores que estou onde estou hoje por privilégios, pois é aí onde se enganam. Meu sobrenome pesa em mim, mas, nunca aproveitei de algum benefício que poderia me trazer vantagem. Estou aqui para manter as estradas e as vilas em segurança, livre de qualquer ameaça explosiva e porque sou excelente no que faço. — Firme, prestei continência. — Agora se não necessita de mim, Capitão, posso me retirar!?

— Está dispensada! — Pude captar um tom de nojo em sua voz e eu não desviei em momento algum meu olhar.

— Obrigada, Senhor — me pus a sair do refeitório e, virando, falei: — Os senhores sabem onde me encontrar quando eu for necessária! — estalando os dedos Apolo me acompanhou. — E estou ansiosa para isso, senhores!

Saí com gosto de vitória nos lábios e olhares impiedosos nas minhas costas, pois aquela batalha fora minha, porém entendi que ainda

teria outra guerra para ganhar dentro do KOP.

Caminhando pelo estreito e escuro corredor até meu alojamento, observei melhor o KOP. O silêncio absurdo do lugar só era interrompido pelos gritos vindos das montanhas, éramos alvos fáceis, a única rota viável entre o *Afeganistão* e o *Paquistão* seria pelo vale *Korengal* e, por essa razão, a base fora estrategicamente construída aqui.

Com as orelhas baixas, Apolo farejou uma pilha de caixas de madeira, suas patas batiam frenéticas nas pedras e britas do corredor, era um cão silencioso, latia somente na presença do perigo. Por isso, quando parou e levantou suas orelhas, coloquei-me em alerta.

— Como foi o jantar, Tenente? — Ivanov estava sentado atrás das caixas. — Pelo tempo que ficou lá, nem sobremesa te ofereceram.

Rimos, enquanto juntei-me a ele no chão, colocando as mãos nos bolsos da jaqueta para tentar aquecer os dedos.

— O que sabe sobre o Cortez?

— Nada — deu os ombros. — Mas para ele estar a frente desse pequeno inferno, deve ser bom.

Concordei e encarei minhas botas, Ivanov e eu conversávamos muito. Deu-me apoio em todos os momentos de dificuldade, sendo um mediador, garantiu a confiança entre eu e minha tropa.

— Shawn, nunca o medo me tomou em missão — acariciou Apolo que permanecia entre nós. — Mas quando pisei meus pés nesse lugar, eu temi.

— Não comece a vacilar agora, Ivanov — minha autoridade foi acionada. — Preciso de você focado. Entendeu, sargento, focado!

— Sim, senhora!

E encerramos o assunto ali.



Três semanas nunca passaram tão lentas como no *Korengal*, nossos dias se resumiam a dormir, comer e defender. Os insurgentes não nos davam descanso. Pelo menos uma vez ao dia, a base era atacada.

A inteligência captava sinais de rádio dos afegãos e as ordens eram sempre as mesmas.

Capturem o Arcanjo.

Cortez estava cada dia mais arisco com minha presença, dizendo em alto e bom som que estava colaborando com a intensificação dos ataques à base. Manter o respeito ao meu superior estava me custando caro, não estava dormido bem e tinha dores de cabeça constantes. A rotina de treinos ajudava a queimar energia, um private retirou da garagem o *BUFFALO* e improvisamos uma academia, com pneus, sacos de areia e cordas. Mantinha foco no trabalho, estudava todos os centímetros da área e as rotas de onde iríamos trabalhar.

Sentada em um banco de madeira, com uma mesa de escritório improvisada a minha frente, trabalhava observando meus irmãos fazendo pequenas lutas de jiu-jítsu, não foi fácil conseguir a união e o respeito da minha tropa, mas depois da adaptação, morreríamos uns pelos outros. Apolo dormia em um pedaço de espuma no chão, até meu cachorro estava entediado.

Uma mensagem de Will surgiu na tela do notebook.

"Instalado e morrendo de saudades"

"Com saudades e morrendo de tédio"

"Meu giro de folga será daqui a 23 dias... Doido para te ver!"

"Não acredito ser viável a visita, PERIGO!"

"Você vale o risco Linda!"

Will fez surgir um sorriso em meus lábios, não era a primeira vez que ficávamos meses longes por conta do trabalho, só que ultimamente estava ficando mais difícil segurar a barra. Um namoro à distância não era fácil e a confiança sempre seria a base do nosso relacionamento.

"Falando sério Will, é arriscado demais!"

"Darei um jeito, te amo!"

Um raspar de garganta me distraiu da tela do computador, ao meu lado, o sargento Tusso encarava feito uma águia o Fernandez dando um golpe *Kimura* no Roberts.

— Precisa de algo!? — não me dei ao trabalho de levantar. — Se estiver interessado em jiu-jítsu, os rapazes podem te ensinar.

— Desculpe, senhora, não quis atrapalhar!

— Não precisa se desculpar, sargento. Não tenho nada de interessante para fazer aqui mesmo. — Observei suas narinas inflarem, o deixara sem graça.

— O capitão Cortez deseja falar com a senhora agora.

Não deixei minha surpresa transparecer, levantei para acompanhá-lo e alguns dos homens deram gritos de comemoração, os repreendi com um olhar cínico e saindo da garagem, risadas ecoaram nas minhas costas, porque, finalmente, o Cortez admitira que precisava de mim.

O centro de operações estava agitado, assim que pisei porta adentro, soube que algo estava acontecendo, o capitão estava em pé observando o mapa no mural, aproximei com cautela e absorvi tudo que podia ouvir e ver ali.

— Mandou me chamar, senhor!? — Coloquei ambas as mãos nas costas e aguardei.

— Sabe o que eu acho mais engraçado, Tenente — continuou a observar o mapa enquanto falava. — Seu apelido. Sabe o que é um *Arcanjo*!?

— Não, senhor!

— São mensageiros especiais — ele se virou para mim e, me observando de baixo para cima, continuou. — Anunciam boas novas, determinam tarefas aos anjos e dizem que são eles que recebem a luz Divina para ordenar as atividades.

Continuei calada, não ia dar munição para ele me atacar mais ainda.

— Terá a chance de provar aqui no *Korengal* se é tudo isso o que dizem mesmo, Shawn — pegou uma pasta e entregou-me. — Amanhã você e seus homens vão patrulhar uma estrada até um vilarejo. Lá darão a notícia que irão construir um colégio.

— Sim, senhor! — apanhei a pasta e mantive as mãos para trás, Cortez me encarou sem humor algum. — Mais alguma coisa, capitão?

— Saiba que está substituindo o trabalho da última tropa que tentou fazer esse serviço, Tenente.

— Estou avisada! — Prestei continência e saí pela porta.

A noite seria mais longa ainda, caminhei em passos rápidos até a garagem para reunir meus homens, iríamos planejar cada passo que daríamos, abri a pasta e folheie as páginas, observei que a ordem fora dada dois antes, Cortez esperou até o último momento para repassar a ordem a mim, fervia de ódio, pois aquele era um sinal claro de que ele esperava que eu falhasse na missão.

Mas, uma coisa o Cortez não sabia sobre o trabalho dos meus homens e principalmente o meu, nem que eu tivesse que levantar cada grão de areia daquele lugar, vasculhar cada pedra e rastrear qualquer tipo de irregularidade na terra, à procura de qualquer artefato explosivo, eu e meus homens teríamos sucesso na missão dada a nós.



Tomando a quinta xícara de café preto e sem açúcar, escutei cada homem repassar suas funções, todos anotavam e repetiam em sincronismo os passos que faríamos até a vila *Hidarook*.

— Sairemos nas primeiras horas do dia, rapazes — deixei a xícara na mesa. — Amanhã iremos trabalhar duro, não pensem em suas casas, esposas ou esposos, filhos ou em suas famílias — segurei firme no ombro do *private* Kearney e prossegui. — Nós somos famílias aqui, somos irmãos e dependemos uns dos outros para sair vivos daqui, amanhã o perigo vai estar nos aguardando e estamos preparados para enfrentar ele. Estão todos comigo!?

— URRRA! URRRA! SAPPER! — Apreciei o coro de todos gritando a resposta.

Um sorriso surgia todas as vezes que olhava o improvisado da porta, um cordão fino amarrado em uma garrafa pet cheia d'água se transformara em uma porta com fechamento automático. Apolo dormia no beliche, quando me viu entrar no dormitório, levantou a cabeça e latiu, tive a certeza de que encarou meus olhos.

— Amanhã iremos trabalhar, grandão — segurei com ambas às mãos as laterais de sua cabeça e encostei minha testa na dele — preciso de você amigo, mais do que jamais precisei! — Uma lambida em meu rosto foi a confirmação de que ele entendera nossa conversa, acariciei sua cabeça e subi para minha cama. — Bom garoto!

Acomodei meu travesseiro na cabeça, meus olhos fechados aguardaram o sono chegar, repassando mentalmente todo o trajeto que faríamos e conferindo o relógio no pulso, fiquei surpresa por ainda me restar umas cinco horas de sono antes da missão, meu cansaço mental se encontrava em um nível altíssimo e nunca almejei tanto um descanso como agora, então meus olhos pesaram e me entreguei à escuridão.

...*Porra, Shawn, da pra agir logo...*
...*Copolla, o fuzil...*

A sonolência pairava em mim, bem ao longe, escutei pequenos estrondos, gritos e rajadas, esfreguei meus olhos para se adaptarem à escuridão, e mais atentos avistei próximo ao teto do alojamento pequenos furos de balas e ouvi com clareza os latidos do meu cão, automaticamente

pulei do beliche e senti quando a chave no meu cérebro girou e o modo militar tomou totalmente conta de mim.

Olhei rápido ao redor para me situar, Hernandez com capacete, colete e short de dormir disparava o fuzil por uma fresta da porta aberta, agarrei meu M16, conferi o pente e destravei.

— Situação!? — disse aos berros para que qualquer um deles me respondesse.

— Insurgentes afegãos do lado sudeste, estão com artilharia pesada e atirador. — Troy informou a mim e aos outros.

O barulho de balas e os choques de morteiros sendo lançados contra nós dificultavam a compreensão entre nós, eu não sabia como se encontrava o restante do KOP, mas o nosso alojamento estava sendo alvejado sem piedade.

— Troy informa-se com a inteligência... — falei, vestindo um colete à prova de balas, pesava uns vinte e dois quilos, mas aquele peso extra era a diferença entre estar vivo ou morto. — Se algum outro ponto da base está sendo atacado. Ok!?

Ivanov entendeu meu raciocínio, já tínhamos passado por outros ataques, só que algo incomum ocorria ali, incontáveis tiros sendo disparados direto em nosso alojamento e minha intuição gritava em minha mente que nosso dormitório era o alvo.

Olhei meu relógio e constatei que dormira somente uma hora e meia, conferindo que todos meus colegas de quarto permaneciam em posição, esgueirando pelo pequeno espaço, empurrei uns e outros até chegar à porta junto ao Hernandez.

— Filho de uma puta esse atirador de elite — Hernandez permanecia com o fuzil em posição, bufava de ódio. — No primeiro disparo fui tentar sair e um tiro passou raspando pela minha cabeça, Tenente.

Escutamos pelo rádio o sargento Tusso confirmar minhas suspeitas, que o ataque estava sendo direcionado para nós, em comunicação com o ponto de controle solicitaram um ataque aéreo de helicópteros Apache.

— OITO MINUTOS! — gritou Hernandez. — Temos que aguentar oito minutos — tive a impressão de que falava mais para si do que para o resto de nós. — Oito minutos.

— Prestem atenção, rapazes — chequei todos ao redor. — Permanecemos no dormitório até o primeiro sinal dos *Apaches*, quando escutarem o primeiro estouro, vamos sair e disparar contra esses putos.

Aguardamos com palavras não ditas, enquanto lá fora a morte nos esperava cantando canções de alegria.

Pouco tempo depois, escutamos o primeiro estrondo nas montanhas e nos entreolhamos para confirmar o que tínhamos que fazer: sair do alojamento, ficar na linha de tiros e disparar para nos defender.

— Preciso de cobertura para chegar ao *Humvee*! — Copolla ria ao falar. — Vou pra pista dançar, meninas.

Os *Humvees* eram equipados com plataforma de mísseis M-1097 *Avenger*, terra e ar, blindados para aguentar qualquer disparo de longe e curto alcance.

Junto com Troy nos colocamos em posição de apoio a ele, disparando sequências de tiros nos pontos de luz vindo das montanhas.

Copolla saiu em disparada pelo KOP, o *Humvee* ficava a uns duzentos metros, e meu coração disparou o vendo correr em ziguezague, tentando se desviar dos tiros. Observei quando chegou ao veículo e deu sinal de que não fora atingido. Meu alívio foi instantâneo, Copolla entrou no *Humvee* e em poucos segundo o disparo do míssil foi feito em direção às montanhas e junto com os *Apaches*, que davam rasantes constantes, massacrados o fogo inimigo e em poucos minutos nenhum disparo em nossa direção foi feito mais.

Saí em busca do resto da minha tropa, torcendo internamente para que não tivesse tido nenhuma baixa na base. Segui direto para a enfermaria, e entrando o cheiro metálico de sangue inundou minhas narinas, mesmo com a pouca luz no local, pude reparar que pelo menos uns quatro homens estavam feridos. Procurei algum rosto conhecido, mas os feridos eram soldados do outro batalhão.

Um misto de empatia e raiva surgiu em mim, não conseguia me conformar em ver algum irmão ferido, estava ali para oferecer e assegurar segurança e dignidade a um povo que, por muitas vezes, retribuía a gentileza ajudando os insurgentes que ofereciam a nós somente balas e bombas.

— Tenente Shawn, o capitão deseja falar com a senhora. — Um *private* informou-me.

— Onde ele está!?

— No centro, senhora.

Dei um maneio de cabeça e segui o caminho entre os corredores até o alojamento do centro de operações, não estava devidamente vestida, mas não me importei. O trajeto foi curto, travei e joguei o fuzil nas costas, dei uma rápida passada de mãos nos cabelos curtos e entrei porta adentro.

O caos estava instalado dentro do C.O., os telefones tocavam sem parar, alguns rádios chiavam e em outros as pessoas se comunicavam. Vários homens digitavam e observavam seus computadores, o capitão Cortez estava em pé e olhava uma pequena tela com imagens em infravermelho, onde se podia ver os poucos insurgentes que sobraram fugindo montanha acima.

— Desgraçados! — Pelo seu tom de voz, estava furioso.

— O senhor pediu pra falar comigo, senhor!? — *Tenha cautela, Linda*, repeti a mim mesma.

— A missão de vocês está cancelada, Shawn! — esbravejou.

— De quem foi a ordem!? — Se ele confirmasse o que estava pensando, aí sim eles veriam o que era guerra.

— Sabe muito bem, *Arcanjo*!

— Velho tolo!

— O que disse, tenente!? — Cortez, em tom de surpresa, virou-se para falar cara a cara comigo.

— Se me der licença, senhor, preciso fazer uma ligação!

Não esperei sua resposta, corri em direção ao meu alojamento, sem dar importância aos olhares curiosos, peguei meu celular, coloquei na única função que me ajudaria e disquei o número do responsável por atrapalhar meu trabalho.

— Sei muito bem o que vai falar — meu pai atendeu falando. — E minha resposta ainda seria não.

— Senhor General Shawn, o senhor confirma que cancelou uma missão propositalmente!?

— Em função de manter a segurança da minha filha, sim, eu cancelei.

Era o que eu precisava, com a conversa sendo gravada, jogaria com as armas que tinha, e se meu pai queria jogar sujo comigo. Eu também jogaria.

— O senhor vem alterando ordens em função de benefício próprio, por questões particulares e não pelo bem do estado!?

— Aonde quer chegar com isso!? — ele também não era burro. — Foi somente essa vez!

— Pai, eu gravei essa conversa, e se não voltar atrás na ordem e parar de atrapalhar meu serviço — respirei para tomar coragem. — Irei te denunciar à corte marcial.

Senti o choque que minhas palavras produziram, era quase uma traição ao meu próprio pai. O general. Meu ódio foi tanto que nem me importei em ter essa conversa em particular, quando dei por mim, encontrei Ivanov e Michelangelo me encarando com um sorriso no rosto.

— Você não faria isso, passarinho...

— Sim, eu farei! — o cortei.

— Você foi a única coisa que me restou, Linda! Não consegue entender!?

— Pai, volte atrás, me deixe trabalhar e voltarei para casa o mais breve possível!

— Volto atrás com uma condição. — Senti a derrota dele.

— Qual!?

— Quando sair para a patrulha saberá!

Ele desligou na minha cara e fiquei com um sentimento incômodo. Não acreditei em mim mesma por ameaçar meu próprio pai, meu superior, e porque o confrontei, o preço seria aceitar babás, então eu pagaria o preço.

Nem me dei ao trabalho de ir comunicar ao Cortez que a missão continuaria, meu fuzil e colete pesaram após todo o stress, e retirando ambos pedi para que Michelangelo avisasse a todos no C.O., a exaustão pela carga de adrenalina fez meu corpo ficar dolorido, olhei para meu cão e percebi que ele também ficara estressado com o ataque. Subi no meu beliche e me deitei, olhei para cima e observei melhor os buracos de balas, dei por mim que foi sorte nenhum projétil ter me acertado, fechei os olhos e, apreciando o silêncio após toda aquela tormenta, adormeci.

O sol nem tinha aparecido ainda no horizonte e os sons dos motores dos helicópteros provaram que as palavras do meu pai se cumpriram, não pousaram no KOP, mas, no ponto de apoio que ficava cerca de um quilômetro e meio montanha acima, e isso significava só uma coisa, que eram os atiradores de elite da marinha, os famosos SEALs.

— O seu privilégio me surpreende, Shawn — Cortez falou ao entrar no alojamento. — Em meus anos de serviço, nunca mandaram guardas costas para nos protegerem.

— Não confunda as coisas, Capitão — ajustei meu colete tático e discretamente dei sinal para meus companheiros nos deixarem a sós. — O senhor sabe o quanto essa missão que faremos hoje foi almejada e não concluída.

Cortez foi se aproximando de mim e Apolo arrepiou os pelos da lombar, era um indicativo que também não estava nada satisfeito com a situação.

— Senhor, com todo o respeito que tenho pela sua patente, diga de uma vez para que está aqui.

Ele estava com ambas as mãos juntas nas costas e observava o dormitório sem interesse algum.

— Acredito que leva seu trabalho muito a sério, Tenente, não tenho dúvidas em relação a isso... — sentou-se na cama de Ivanov e continuou. — O KOP será desativado em breve, muitos aguardam ansiosos para esse dia, mas, para se cumprir essa ordem, preciso que essa missão seja bem-sucedida.

Não entendi aonde ele queria chegar com essa conversa tosca.

— Não tenha dúvidas que cumprirei meu dever, Senhor.

— Mas aí é que está, Shawn, não quero que o cumpra!

É o quê!? Minha mente se confundiu.

— Não estou entendendo, senhor.

— Preciso que falhe na missão, e acredito que entendeu meus motivos.

Quais seriam os motivos fortes o suficiente para me convencer a falhar!?

— Linda — meu choque quando Cortez me chamou pelo primeiro nome revelava que o assunto realmente era sério. — Quando fui informado que viria para o KOP, temi, pois sua fama a precede. Tenho plena consciência de sua efetividade em cumprir o que lhe é dado. Por isso, fui rude e indiferente a você — cruzei os braços no peito e tentei assimilar tudo que o capitão dizia. — A informação que te darei é extraoficial, temos espiões afegãos dentro daquela vila, e temos ciência de que, se a escola for, algum dia, construída, os insurgentes massacraram toda a vila. E o que eles prometem, eles cumprem.

— Meu pai sabe sobre os espiões!?

—Não, quando foi solicitada a autorização para implantarmos os espiões, negaram o pedido — Cortez gesticulava com as mãos quase que em desespero. — Sabe quantas crianças tem naquele vilarejo, Shawn!?

Balancei a cabeça em negação.

— São quatrocentos e seis, como poderemos viver sabendo que, se cumprirmos as ordens, seremos responsáveis pelas mortes delas!?

O peso da responsabilidade dobrou em meus ombros, sabíamos da violência que os fanáticos religiosos impunham em seus decretos, e uma vez avisados que fariam no lugar caso fossem contrariados, sem sombras de dúvidas, eles executariam a todos, desde bebês, crianças, adultos, velhos e até os animais do vilarejo. E eu teria que escolher entre cumprir o meu dever com a minha nação ou ter a consciência sã e limpa.

— Hoje sairemos para a patrulha de qualquer modo, capitão. Preciso assimilar e tomar a decisão correta.

— Tenham cautela.

— Obrigada, senhor.

Esperei pacientemente o capitão sair do dormitório e, conhecendo meus homens, logo estariam todos ali para me interrogar.

Sanders foi o primeiro a entrar, seguido por Copolla, Michelangelo e Ivanov, cada um em seu uniforme tático, aguardaram até Hernandez e Troy entrarem segurando uma garrafa de água cada um.

— Pode dizer, Shawn, se ele não te respeitar novamente eu vou dar uma surra naquele velho. — Hernandez disse erguendo as mãos em punho.

Ri sem humor e, sentando no chão duro e frio do alojamento, tentei explicar tudo o que Cortez me dissera.

— Puta que pariu! — Troy falou, tapando as orelhas com as mãos.

— Se tiverem alguma ideia, estou aberta a sugestões, garotos.

Cada um olhou para o outro e o silêncio se instalou em nós, até que Sanders, que andava de um lado para o outro, parou e disse.

— E se eliminasse todo o grupo insurgente da vila!?

— Outro grupo viria — Troy rebateu.

— E se aceitarmos a falha na missão!? — Michelangelo sugeriu.

— Eu vejo mais possibilidade em aceitar a morte do que não construir a escola para aquelas crianças — disse, por fim.

Estávamos todos ali de mãos atadas, e não poderíamos sair sem tomar uma decisão definitiva.

— Sugiro darmos uma espiada no local primeiro — Copolla sussurrou. — Lá teremos a real noção do que podemos enfrentar.

— Todos concordam!? — perguntei.

E seis respostas iguais foram ditas ao mesmo tempo.

— SIM!



Senti o rosto arder, a única parte de pele exposta ao frio, o uniforme tático fez bem o seu trabalho de aquecer, ouvia os ruídos das respirações dos meus homens no meu ouvido esquerdo, pelo ponto eletrônico de comunicação, olhei para ver a fumaça saindo de suas bocas como uma chaminé, em uma terra onde tudo era tão julgado, com certeza, o frio era o juiz. As montanhas eram tão íngremes que o paredão de rocha e terra parecia arquibancada, com pedras tão grandes que serviriam muito bem de esconderijo para os inimigos. O peso dos equipamentos pressionava minha caixa torácica, mas, ainda bem que as botas eram confortáveis, pois ainda tínhamos mais uns oito quilômetros para percorrer e limpar.

— O tradutor parece um pouco assustado, não!? — Virei o rosto para olhar o afegão que Michelangelo encarava.

Examinando seu rosto, postura e andar, reparei que seus olhos rápidos miravam incansavelmente as montanhas, nunca a estrada. E uns dos motivos de eu ser tão boa no que fazia, alguns diziam que era sorte, era que minha intuição não falhava. Tinha algo errado.

— Apolo? — meu cão, livre da coleira guia, fazia seu trabalho, farejando cada canto da estrada, levantou a cabeça e veio correndo ao

meu encontro. — Garoto... — aponte para o tradutor e dei a ordem. — Pega!

Hamid não teve tempo de reação, Apolo pulou em seu peito e derrubou o homem no chão, o medo do Apolo morder seu rosto o fez congelar e aproximando, me agachei, segurando em mãos meu fuzil e acaricie a cabeça do Apolo que rangia os dentes e falei firme ao tradutor.

— Temos quanto tempo!?

— Não sesei o que estata acontecendo, sesenhora... — ele gaguejava de pavor. — Eu ajudar os os americanos. Amigos.

— Vou perguntar só mais uma vez, Hamid, temos quanto tempo!?

— Senhora... — lágrimas escorriam de seus olhos, enquanto Apolo o aterrorizava ainda mais com seus latidos. — Eles estar com minha família.

Merda!

— TODOS EM POSIÇÃO! — gritei, dando sinal com a mão direita no ar, mal tínhamos saído de um confronto e em breve iríamos enfrentar outro. — AGUARDEM FOGO INIMIGO DAS MONTANHAS AO LESTE E AO NORTE NA...

Não consegui concluir minha ordem, pois, quando ia terminar a frase, um corpo de um insurgente caiu da encosta da montanha, bem próximo a mim, morto com um tiro na testa, nada bonito de se ver, só que o que me surpreendeu não foi o afegão com uma semiautomática que estava de tocaia pronto para disparar contra nós e sim a voz no ponto dizendo.

— Pode me agradecer depois, Tenente Shawn!

E era a voz do Apolo.



Capítulo Dez

Apolo

Por onde devo começar?

Na manhã em que fui embora, seria um bom começo...

Após ter uma noite fantástica, Linda me deu um propósito. Tanta responsabilidade, garra e força em uma só mulher, foram como uns socos de realidade na minha cara. O que eu estava fazendo com a minha vida?

Que vergonha. E não dela, de mim mesmo, me fez agir rápido, sem explicações. A batida na porta fez meu sangue gelar. Mas o quarto era dela, não teria necessidade de avisar sua entrada.

— Sim?

— O café da manhã, Senhor, sua namorada pediu para entregar no quarto. — Sorri "namorada" quem dera.

Abri a porta e, em silêncio, o homem uniformizado entrou com um carrinho, arrumou a mesa rapidamente e saiu.

Observei, estava simples e completo. Minha refeição favorita, e me privaria do desjejum. Não merecia estar ali. Não antes de consertar a bagunça da qual eu tinha fugido.

Deixar Linda às escuras também seria cachorrada demais.

— Pensa, porra! — falei, dando uns tabefes na cabeça.

Foi quando me lembrei do poema que minha mãe lia para mim quando pequeno.

— Seu nome foi escolhido para você, pois ele habita o espírito do calor, Apolo deus do sol. — A lembrança da sua voz doce ainda doía

dentro de mim.

Procurando na escrivaninha do pequeno escritório, encontrei papel e caneta. Linda era esperta, ia entender o recado. Citei o poema nos meus pensamentos, e era longo demais, tive que abreviar. Não tinha tempo, então escrevi um trecho e deixei junto à mesa posta. Dei mais uma rápida varrida na suíte e me certifiquei que nada meu ficaria para trás, além do meu coração.

Com cautela, desci as escadas e, já na entrada, avistei Linda com a mesma mulher que estava com ela na noite anterior, ela gesticulava e falava rápido, observei mais uma vez a mulher que tive em meus braços, Linda era uma joia bruta e eu o latão. Que naquele instante não se encaixavam, abaixando a cabeça para disfarçar, sai do hotel ligeiro e voltei para minha realidade.

Depois de vários minutos caminhando, entrei no beco onde ficava o bordel, o segurança *DeVulco*, de terno preto e óculos escuros, guardava as portas de entrada.

— Aproveitou bem a noite, puta bicolor? — Tenho certeza que adorava me humilhar com suas palavras amargas e doentias.

Ele me deu permissão para entrar e passei por ele sem dizer nada, e o que eu poderia dizer, além de concordar com suas palavras.

O som alto e o cheiro adocicado do lugar fizeram meu estômago embrulhar, ainda bem que não havia comido, pois a cada dia esse lugar me enojava mais. Ainda estava cedo, mas dentro do *INFERNUS* havia somente três pilares de regras.

Sexo.

Droga.

E, principalmente, dinheiro.

No bar, vi Brittany no colo, se eu não me engano, do promotor, ainda com as mesmas roupas de ontem à noite, com a ajuda da prostituta, ele levou mais uma dose de bebida nos lábios e perdido pela luxúria nem para casa foi.

Subi as escadas que davam para uma porta vermelha em que estava escrito gerente com glitter, bati duas vezes e aguardei. Os gritos e gemidos que soavam através dela significavam uma coisa, Amanda estava entrevistando um novo prostituto para o bordel.

— Entre!

Abri a porta e a cena de um homem a penetrando por trás, puxando seus cabelos e apertando seus seios não foi surpresa para mim, pois eu mesmo também fora entrevistado por ela.

— Já está bom, querido! — ela falou mansa e ofegante. — Apolo, pegue o meu roupão, por favor.

Revirei os olhos, olhei para o teto, para os pés, menos para a nudez do homem em minha frente, peguei a peça e entreguei para Amanda, era uma mulher bela de uns quarenta e dois anos.

— Está contratado! — falou, dando um nó na cinta do roupão. — Pode aguardar lá fora, preciso conversar com meu menino agora.

Aguardamos ele sair e, quando a porta foi fechada, fui surpreendido com um tapa na cara.

— Seu puto barato, onde se meteu a noite inteira? — a mulher meiga era o disfarce perfeito para um demônio. — Perdi quatro clientes ontem por sua causa, elas exigiram o seu pau mágico e você não estava aqui Apolo.

— E vão ficar sem ele por muito mais tempo, Amanda!

— De que caralho você está falando!? — Ela não conseguiu processar o que eu falara.

— Estou dizendo que estou fora! — Amanda foi me dar outro tapa, mas fui mais rápido que ela e segurei seu pulso, o choque por eu a enfrentar fez seus olhos queimarem de ódio. — Entrei nessa vida por puro desespero, meu pai ter trabalhado para seu pai, não me faz sua propriedade, a perda da minha família me fez vir até você, e, na minha ingenuidade, você se aproveitou e eu não vou negar que gostei, mas já estou de saco cheio disso.

— Você não pode me deixar, Apolo. — Amanda sussurrou beirando o desespero. — Temos clientes que só aceitam você, vou perder muito dinheiro.

— Eu não me importo! — a soltei e virei as costas saindo do escritório. — Obrigado e adeus, Amanda.

Fechei a porta abafando os berros de Amanda me xingando e jogando coisas ao chão. Olhei para o homem que a aguardava e decidi dar-lhe um conselho.

— Cara, vai por mim — aponte para a porta. — Não vale a pena!

Andando pelas calçadas de NY, senti o gosto da liberdade, meu estômago roncava de fome a essa altura, peguei os poucos trocados que tinha e entrei numa lanchonete para comer. Com mais clareza, comecei a definir quais seriam meus próximos passos, fiz meu pedido com a garçonete e aguardei, assistindo à TV, prestei atenção no vídeo que passava, era sobre o recrutamento militar, eu possuía todos os requisitos para o alistamento, memorizei o telefone e endereço, pois já tinha minha decisão tomada sobre o rumo que daria a minha vida. Eu iria me alistar na marinha americana.

Logo após todo o procedimento do alistamento, fui informado para onde iria. Meus dias em NY estavam contados, restavam poucas coisas para ajeitar, como eu dividia o aluguel de um apartamento pequeno com outro garoto de programa, foi fácil negociar minha parte dos móveis e pertences desnecessários com ele, Josh falou que Amanda queria minha cabeça, estava perdendo muita grana sem o pinto de ouro dela. Não sou muito de acreditar em destino, mas, naquela noite, eu me sentia tão fodido da cabeça que os pensamentos insistentes em tirar minha própria vida estavam mais fortes, até ver aquelas lindas chamas verdes que Linda chama de olhos. A parte mais dolorida da mudança foi passar no cemitério para me despedir da única família que já tive, meus pais.

Meredith Duarte e Noah Philip Brassard eram pessoas simples, na pequena floricultura da rua, comprei rosas em tons de azul, os preferidos dela. Minha infância fora de uma vida modesta e feliz, meu tempo foi curto com minha mãe, mas sua voz sempre doce cantarolando pela casa era a minha lembrança favorita. Meu pai trabalhava para o pai de Amanda, Joseph Armstrong, sendo seu motorista por anos, quando meus

pais sofreram o acidente e vieram a falecer, Joseph me ofereceu abrigo, eu só não imaginava o preço que eu iria pagar.

A frase da lápide de um completava a do outro.

"Os que amaram...". No do meu pai.
"... o espírito do calor." No da minha mãe.

Tirei as poucas folhas secas do gramado e ajeitei as flores no vaso quebrado, gostaria de ter tido mais tempo com eles, eram pais adoráveis, pessoas decentes e corretas. Por muito tempo me senti envergonhado, o dinheiro vinha fácil, só que, depois de um tempo, não me satisfazia mais e o vazio dentro de mim crescia a cada dia.

— Ficarei fora por um bom tempo — falei enquanto sentava na grama. — Juro pra vocês que darei o melhor de mim, juro que abandonarei meu passado, juro que não vou desistir e, por favor, de onde estiverem, torçam por mim porque eu juro que terão orgulho de mim.

Não sei quanto tempo fiquei ali sentado só observando e relembrando as lembranças felizes que tivemos juntos. Quando saí do cemitério, me dei conta que já passava da hora de comprar um celular para mim, não me atentei a um, pois assim eu me tornava *irraastreável*. Quando eu sumia, ninguém ficava me ligando para encher o saco.

Grana eu não tinha muita, mas ainda me restava o cartão de crédito e comprei um aparelho funcional, com acesso às redes sociais e coisas do tipo. O salário como militar naval fora uns dos atrativos, poderia arcar com as despesas, em dois dias partiria para Coronado na Califórnia para começar meu BOOT CAMP. Chegando ao apartamento, não contive minha curiosidade, tamanho a ansiedade, abri uma conta *fake* numa rede social e busquei o nome de Linda Shawn, e não nego que, quando eu a encontrei, meu coração deu pulinhos de alegria. Que tolo eu estava sendo, quais seriam as chances de nós dois!? Não sei dizer se amor à primeira vista existe, mas sei que não conseguia esquecê-la.



Minha jornada de seis anos na marinha americana não fora nada fácil, não posso negar que minha carreira militar progrediu e algum tempo depois fui colocado no SEAL Team 2 como franco-atirador do pelotão "Asas", como suboficial.

— Brassard!? — Me virei para ver o contra-almirante entrar pela tenda.

— Senhor!? — levantei-me rapidamente para prestar continência, era a segunda mais alta patente da marinha ali, o que será que eu fizera de errado!?

— Filho, preciso que reúna uma tropa pequena, quatro homens e o suboficial que será você, irá liderar o serviço que designaram a vocês. — nunca o tinha visto pessoalmente, era um senhor bem apresentável. — Farão um favor a um grande amigo meu.

— Já sei quais homens levarei comigo, senhor — dei uma rápida olhada para meus amigos e respirei aliviado, seria só mais um serviço. — Tenho autorização para saber qual será a missão, senhor!?

— Ah, claro que sim! — ele deu um pequeno sorriso. — Preciso que dê apoio no Vale Korengal, mas, principalmente, preciso que proteja uma pessoa.

— E quem seria, senhor!? — não contive a curiosidade.

— A primeiro-tenente — prestamos continência enquanto o almirante já saía da tenda, só que ele se virou e concluiu. — Linda Shawn.

E meu coração pulou a batida.



Capítulo Onze

Linda

Assim que o insurgente afegão caiu aos meus pés e ouvi a voz do Apolo, outro tiroteio se iniciou, minha mente se dividiu entre as lembranças do passado e o presente ataque a minha tropa. Tivemos sorte

no KOP, mas aqui a céu aberto, alguém, uma hora ou outra, seria alvejado.

Procurei abrigo na própria encosta e observei que estávamos em vantagem numérica, só que, em questão de posicionamento, os rebeldes tinham visão total de nós na estrada. Meu cão, muito próximo as minhas pernas, latia sem parar, dei ordem para ficar quieto e por seu adestramento ter sido rigoroso, obedeceu de imediato.

— Tenente!? Quais são as ordens!? — Troy indagou aos berros.

Atenta a tudo ao meu redor, fui forçada a trancar meu choque emocional num baú em minha mente e pensar com objetividade, a uns oitenta metros em linha reta, avistei um casebre semidemolido, e indiquei com os dedos para buscarmos abrigo ali. Corremos em ziguezague para tentar desviarmos dos tiros e, assim que entrei na construção, comecei a contar aos meus homens. Todos estavam ali, exceto Michelangelo.

— Onde está Michelangelo!? — perguntei, recuperando o fôlego.

— Estou vendo ele a uns cinquenta metros de nós — Copolla gritou, estava disparando sem piedade para a encosta da montanha.

Procurei por meu homem até vê-lo imóvel no chão, a grama alta escondia parte de seu corpo, por puro impulso, sai correndo ao seu encontro, seguida por Ivanov, chegando até ele, percebi que os tiros haviam cessado e joguei o fuzil nas costas. Michelangelo se encontrava inconsciente, primeiramente verifiquei se respirava e por sorte sim, mas o ferimento de bala em seu ombro não estava nada bonito. Michelangelo era o meu paramédico, ele que deveria estar fazendo atendimento médico a algum ferido, não eu, rapidamente apliquei morfina em seu ombro e, procurando em seu colete, encontrei a tala para estancar o sangramento, logo já passei as ordens para Troy.

— Troy, comunique-se com o KOP — o sangue grosso e pegajoso molhava meus dedos, não me importei e continuei o curativo. — Solicite PJs com urgência.

— Sim, tenente.

Michelangelo acordou do desmaio, o grito de dor indicava que a morfina fora pouca, meus homens começaram a se juntar ao nosso redor,

atentos a qualquer novidade.

— Quantos... Ah, Deus! — ele uivava de dor. — Miligramas aplicou em mim!?

— Uma ampola, o que devo fazer!?

— Aplique mais duas — as lágrimas descendo de seus olhos fizeram minha preocupação aumentar. — Quanto tempo para o resgate!?

— Troy, quanto tempo!? — meu radioperador, com sua antena posicionada, operava seus aparelhos com pura concentração.

— Sete, Shawn.

Pelo buraco que o ombro de Michelangelo apresentava, deduzi que a bala estilhaçara o osso, era a primeira vez que um homem da minha companhia era alvejado, o sentimento de impotência me deixou com mais ódio dos rebeldes e alguém pagaria por aquilo.

Em pouco tempo, Michelangelo apagou novamente, e os sons de motores indicaram que os helicópteros Blackhawk se aproximavam, enquanto um posou para o resgate, o outro sobrevoou a área para defender de possíveis ataques. Acompanhei o atendimento de Michelangelo até o embarque e pedi para me manter informada sobre seu estado de saúde. Assim que o helicóptero subiu voo, e a nuvem de fumaça abaixou, saímos do campo para a estrada e tomei a decisão de seguir com a missão.

— Concordam em finalizar a missão de hoje, homens!? — não deixei transparecer que ficara abalada com o que acontecera com Michelangelo.

— Tenente!? Autorização para falar!? — o cadete Ramirez de mão levantada perguntou.

— Sim, soldado.

— E se sofrermos ataques até chegarmos à vila? — Porra, ele estava com medo.

— Os enfrentaremos até concluirmos a missão — respondi firme.
— Estão todos entendidos?

— Sim, senhora — quase todos responderam.

Posicionamo-nos em marcha atenta em direção à vila, meu coração batia forte e minha preocupação em perder alguém hoje se encontrava no limite. Sentia-me segura com meu cão próximo a mim, pois seu sexto sentido certo para problemas me relaxava um pouco.

— Apolo!? — chamei meu cachorro.

— Sim! — uma voz respondeu e foi quando me lembrei da outra questão pendente que eu tinha ali.

— Colocou o nome do cão de Apolo, Tenente!? — sua voz em meu ouvido me fazia crer ainda mais que meus problemas estavam longe de serem resolvidos.

— Isso não lhe diz respeito, senhor!?

— Brassard. Apolo Philip Brassard, senhora, franco-atirador da marinha americana. — Mentiroso de merda, ele tinha me dito que não era militar.

— Então, senhor Brassard, se limite a falar comigo somente quando necessário.

— Sim, senhora. — aquele ordinário riu ao fim da frase e foi quando percebi que sorria também.

Meus passos estavam em sincronia com as batidas do meu coração.

Não seja estúpida novamente, Linda!

Falava minha mente repetidas vezes, tentei me concentrar no caminho pedregoso que percorria, só que, em algum lugar ali no vale, Apolo estava posicionado e me observando.

— Tem algo te perturbando, tenente? — falou Copolla, aproximando-se. — Está inquieta.

— Tudo me perturba, Copolla — ri sem graça. — O que faremos quando chegarmos à vila?

— Não temos muitas opções viáveis — deu os ombros. — Seremos atacados do mesmo jeito, cumprindo ou não a missão. Prefiro realizar a tarefa.

— E os reféns? — questionei.

— Qual é, tenente? Somos espertos, pensaremos em algo.

Respirei fundo e concordei com a cabeça, mas meu sexto sentido discordava totalmente de nós.

Foram mais alguns quilômetros de caminhada e perto do meio dia, hora local, chegamos aos primeiros casebres da vila, e uma multidão de crianças nos cercou.

— Atenção! — adverti meu grupo, pois muitas das vezes perdemos homens por se distraírem com crianças e os divergentes se aproveitaram da situação.

— Chocolate, senhora? Chocolate? — cerca de trinta crianças de diferentes idades pediam doces sem cessar.

Tirei algumas barras do bolso e distribuí, parte da população era inocente de sua situação e um pouco de alegria em forma de doces era o diferencial em suas miseráveis vidas.

— Hamid? — o homem alto e esguio aproximou-se rápido, ficando ao meu lado. — Diga que precisamos falar com o ancião da vila.

Em seu dialeto nativo, Hamid comunicou um adolescente de um quatorze anos que saiu correndo em disparada morro acima. Apolo me circulava em passos lentos, isso significava que, se alguém se aproximasse de mim com intenção de me ferir, ele atacaria.

— Homens, nós não temos nosso médico, então, por favor, não sejam atingidos por nada.

Cerca de dez minutos depois, muitos olhos curiosos e suspeitos nos observavam e o ancião veio ao nosso encontro, apoiado em seu cajado e em passos lentos, aproximou-se de nós, Hamid foi ao seu encontro e beijou sua mão em sinal de respeito.

— Salaam Aleikum — disse, saudando o homem na minha frente.

— Salaam Aleikum — ele repetiu com a voz rouca e cansada.

— Hamid, diga a ele que estamos aqui para ajudar e que, para ajudar a todos, preciso que ele me ajude — Hamid traduzia simultaneamente minhas palavras ao senhor, que concordava com a cabeça. — Diga que nós não somos os inimigos, que queremos proteger a todos, diga que nossa função é trazer uma melhor qualidade de vidas a todos da vila, principalmente às crianças.

Aguardei a resposta do senhor que em seu dialeto falava sem parar a Hamid.

— Tenente, o senhor Bilal diz que compreende não perigo, ele convida a sua casa para chá. Senhora, desrespeito não aceitar chá amigo.

— Diga que aceito! — fiz sinal de positivo para o senhor Bilal me entender. — Sargento, os homens ficam aqui e uma pequena tropa sobe comigo e mantenham a linha de rádio aberta — ordenei.

Sanders separou o grupo, oito homens subiram o terreno íngreme junto a mim e, a cada passo dado, a tensão se elevava também, na minha frente Bilal se apoiava no braço de Hamid e, à medida que nos aproximávamos de uma casa simples cercada de barro e palha, sua conversa se tornava mais baixa, Troy e eu nos entreolhamos, era como se ele lesse meus pensamentos.

Fomos convidados a entrar e sentar no chão mesmo, pois não tinha cadeiras nem sofá à vista, somente almofadas e tapetes, observei todos tirando os sapatos e repeti o gesto.

— Senhora, sem armas — Hamid pediu ao sentar próximo a mim. — Respeito ao chá, casa de anfitrião, senhora.

Eu já tinha feito outras visitas como essa, o fuzil era ofensivo demais, mas, por precaução, minha pistola se encontrava sempre à mão, entreguei minha arma para o private Chandelier que, junto com o private Kearney, aguardou a postos na entrada da casa. Troy e Ivanov juntaram-se à roda, junto com Hamid e Bilal e mais três homens de idade militar.

— Hamid, explique ao senhor Bilal que queremos ajudar seu povo — iniciei sendo mais clara possível. — Temos o que a vila precisa para

garantir educação e segurança.

Hamid repetia minhas palavras para o ancião que em resposta gesticulava com as mãos e falava com a voz desgastada pela idade. Uma mulher de meia idade passou por uma cortina para entrar na sala, carregava uma bandeja com o chá e em silêncio distribuiu pequenos copos de cerâmicas a todos e saiu quase que correndo.

— Senhora, aqui ninguém entender sua língua, só Hamid — seus olhos varreram o lugar rápido e foi o suficiente para me colocar em alerta. — Por favor, não levantar, eles está com minha família e com neta de senhor Bilal e com família de amigos aqui.

Sorri para disfarçar, estávamos sendo vigiados, Troy com muita calma fez carinho na cabeça do Apolo, não podíamos fazer alarde, Ivanov, com muita sutileza, comunicou a todos para manterem a fachada, pois estávamos sendo observados pelo inimigo.

— Hamid, iremos continuar a conversa como se não estivéssemos falando sobre eles — tomei um gole do chá de erva doce. — Se eles estiverem aqui na roda leve o chá à boca, mas não beba.

Hamid falou algo com Bilal, fingindo repetir minhas palavras, após a fala, levou o pequeno copo aos lábios e bebeu. Um pequeno alívio percorreu meu corpo, pois não havia ninguém sentado junto a nós.

— Tenente, eles está no fundo da casa, na cozinha.

— Hamid, quantos são!? — insinuei que queria mais chá, teríamos que manter a fachada.

— Oito, senhora.

A mesma senhora entrou e o incômodo de um dos rapazes me fez entender que poderia ser sua mãe, ela serviu mais uma rodada de chá e ao passar por mim pude reparar lágrimas em seus olhos.

Estudei o que poderia fazer, solicitar outro grupo demoraria tempo demais, movimentar meus homens colocaria a todos em risco, principalmente as crianças e eu não poderia aceitar simplesmente não fazer nada, como virar as costas para toda aquela situação e ir embora. Foi quando me lembrei do outro assunto que eu tinha pendente.

— Está há quanto tempo nos escutando!? — questionei.

— Há muito tempo — Apolo respondeu no ponto.

— Tem quantos homens com você?

— O suficiente, Tenente! — ele cochichou.

— Está a que distância de nós?

— Eu já estou aqui!

E em questão de segundos, escutamos oito tiros subsequentes e, antes mesmo de eu me levantar, Apolo surgiu na sala com uniforme militar da marinha e segurando um homem gemendo de dor por conta da ferida em seu ombro.

Nos entreolhamos e sua íris bicolor acendeu dentro de mim uma chama que eu mesma tinha apagado e, antes mesmo de eu dizer algo, ele chutou o homem que foi obrigado a se ajoelhar.

— Estão todos neutralizados, Tenente, — Apolo encarou meus olhos. — Estou aqui pela senhora, qual a sua ordem?

E eu fiquei sem palavras.

O latido do meu cão me fez voltar a atenção aos reais fatos que ocorriam naquela sala. Apolo imobilizou o insurgente em um golpe mata leão e o fez levantar, não sei se ele gemia mais pela dor de uma bala alojada em seu corpo ou pelo aperto sem piedade que Apolo dava em seu pescoço, acredito que por ambos. Levantei-me mais que depressa e calcei minha bota, ainda não tinha dito uma única palavra e percebi que Apolo aguardava impaciente alguma reação minha, mas mantive firme a postura de não me importar com sua presença, pois, naquele instante, a única coisa que me importava era a segurança das pessoas naquele vilarejo.

Após pegar meu fuzil, fiz sinal para Hamid me acompanhar, iria extrair alguma informação do rebelde em nossa posse, pelo bem ou pelo mal.

— Hamid, diga a ele que a partir de agora ele é prisioneiro do *US ARMY* e que será interrogado – aproximei-me mais um pouco, estava sob

os olhos atentos de todos. — Que, se ele colaborar, podemos fazer um acordo justo, mas se ele não nos ajudar, as consequências serão pesadas.

O tradutor, com paciência e medo, transmitiu meu recado e um ódio crescente se apoderou do rosto do homem.

— Ar... Arca... Arcanjo morto — foram as únicas palavras que o homem disse e cuspiu aos meus pés, Apolo o enforcou um pouco mais e ele tossiu, sufocando-se.

— Senhora, acreditar que...

— Eu já entendi, Hamid! — o cortei.

A sala, que antes não tinha nem dez pessoas, encontrava-se lotada de homens e, próximo a Apolo, quatro soldados com o mesmo uniforme da marinha juntavam-se a ele.

— Brassard, eu confirmei — comunicou um latino americano. — Tudo está limpo e neutro.

— Certo! Tenente Shawn, acredito que poderá ter sua reunião em paz agora, estaremos perto se necessário.

— Obrigada... — olhei sua patente e reconheci. — Suboficial Brassard.

— Podemos entregar o refém a algum de seus homens?

— Temos que cuidar de seu ferimento primeiro, mas, como sabe, nosso paramédico está indisponível — meu esforço de me manter indiferente a toda aquela situação estava difícil. — Ivanov, tire-o daqui.

Enquanto o rebelde se debatia e com certeza nos amaldiçoava, Ivanov ficou entre Apolo e eu para segurar o homem, mantive meus olhos fixos em Apolo, ele estava diferente, talvez mais velho, olhos atentos a cada movimento com uma seriedade severa e forte. Assim que Ivanov saiu de seu campo de visão, ele me pegou encarando seu rosto e sorriu e puxou o fuzil de suas costas, segurando-o com ambas as mãos.

— Podemos falar a sós, Tenente? — Abusado, desgraçado, filha de uma p...

— Claro, Suboficial. Apolo?

Sua confusão foi rápida, pois, assim que meu cão se juntou a mim, ficou claro que não iria ficar realmente sozinha com ele, olhei para o dono da casa pedindo permissão e ele aprovou com um balançar de cabeça, saí da sala para o fundo do casebre acompanhada por ambos, verifiquei a primeira porta que encontrei e entrei, era um quarto forrado de tapetes com um colchonete e cortinas nas janelas que permaneciam fechadas e se encontrava vazio.

Assim que Apolo entrou, encostou a porta fina de madeira, se virou para mim com olhos cheios de esperança e veio se aproximando com intenção de me tocar.

— Não se atreva! — falei baixo, pois meus homens poderiam escutar muito bem nossa conversa, a casa, além de pequena, não tinha forro.

Apolo parou e segurou com mais força o fuzil, assim como eu, pois minha vontade de socar sua cara mentirosa e ardilosa me corroía por dentro. Meu cão se colocou em alerta, ficando em minha frente em posição de defesa e afaguei sua cabeça para acalmá-lo.

— Linda...

— Você não tem esse direito, sua ousadia de me chamar pelo nome me surpreende depois do que fez — eu o interrompi, e minha fúria certamente o atingiu, pois Apolo se encolhia a cada palavra minha.

— Me deixe explicar — ele deu mais um passo e Apolo começou a ranger os dentes, fazendo-o parar a aproximação. — Eu disse que iria te encontrar, prometi e cumpri.

— Depois de quantos anos? — minha indignação em relação a sua presença me perturbava. — Um bilhete, você me deixou somente com um bilhete.

— Eu posso explicar! — Apolo estava suplicante.

— Suboficial Brassard, eu acredito que o momento de explicações já se passou há muito tempo, pois hoje não tenho interesse em saber nada de você — menti.

Coloquei-me a caminho da porta e quando passei por ele, parei e encarei aqueles olhos que tanto mexia comigo.

— Eu procurei por você — comecei falando e, saindo pela porta, concluí: — eu realmente procurei por você, Apolo, mas você não estava mais lá e outra pessoa tomou seu lugar.

Assim que saí do quarto, me deparei com mulheres e crianças se acumulando no estreito corredor da casa, acredito que parte daquelas mulheres poderiam ser suas mães. Não me importei em verificar se Apolo acompanhara meus passos, eu não podia me distrair nesse lugar, se eu não estivesse focada, significaria morte para todos.

Voltando à sala, a primeira cena que vi foi Hamid abraçando seu filho e sua esposa, a cena quase me comoveu, o desespero de um homem em recuperar sua família levou a trair minha confiança em seus serviços e ele teria mais explicações para dar-me.

— Hamid? — ainda abraçado aos seus, não se dignou nem a responder, pois sabia que estava furiosa com ele. — Como eles sabiam que iríamos para a vila?

A tensão subia a cada homem que residia no vilarejo juntando-se a nós, não sabia dizer se o ódio deles estava redirecionado ao meu pelotão ou ao insurgente capturado.

— Senhora, eles dono de tudo — Hamid apontou para a janela fechada. — Eles saber tudo de vocês e matar quem não ajuda eles.

— Hamid, você não me respondeu! — o burburinho entre os afegãos só aumentava.

— Tenente, eles saber de tudo. — E Hamid novamente apontou para a janela.

Dei um sinal mínimo para Hernandez que com cautela se aproximou da cortina pesada e começou apalpar toda sua extremidade, não demorou muito para ele achar um dispositivo pequeno similar a um fone de ouvido, mostrou-me o objeto, jogou ao chão e pisando esmagou a escuta.

Hamid e os outros que ali estavam respiraram aliviados e indicaram que não teria mais escutas na casa.

— Senhora? — olhei para o tradutor que com lágrimas nos olhos falou. — Não poder salvar a todos, matar sete deles e amanhã mandar quatorze.

— Hamid, diga ao seu povo que irei caçar a cada um deles e sua vila terá a paz que necessitam.

Hamid traduziu minhas palavras e, com seu povo compreendendo o que eu havia falado, fui surpreendida com olhares de esperanças e percebi que, ou eu teria êxito na missão, ou morreria naquele vale tentando.

Após as despedidas na casa do ancião da vila, desci parte do morro para encontrar o restante do pelotão, logo mais abaixo, vigiado por Sanders e um private, o prisioneiro, ajoelhado e com um capuz preto na cabeça, gritava em plenos os pulmões.

— Arcanjo morta! Arcanjo morta! Arcanjo morta!

Olhei para meu cão, que a todo o momento me acompanhava, e dei o comando, ele saiu em disparada e, quando se aproximou perto o suficiente do homem, latiu alto e forte, fazendo-o temer e calar aquela maldita boca.

— Se ele abrir aquela boca nojenta, o faça calar, entendeu, private Davis.

— Sim, senhora!

— Sanders? Metade volta comigo para a base e amanhã voltarei com os equipamentos e maquinários — olhei para Apolo. — Ele fica com você para te auxiliar essa noite.

— Tudo bem, Shawn, e onde manteremos aquele desgraçado?

— Ele volta comigo, o capitão vai decidir o que faremos com ele.

— Shaw,? — olhei atenta para o primeiro-sargento. — Eu não tenho nada a ver com sua vida pessoal, mas você conhece o líder do esquadrão da marinha.

Apesar de Sanders ser mais velho do que eu, ele tinha a real noção de que era eu a oficial da tropa e ele nunca questionava minha

autoridade, então, como ele não estava perguntando apenas confirmei com a cabeça.

— Sou seu amigo acima de tudo — ele se aproximou de mim. — E se ele se meter com você, tenente, é só me falar.

— Obrigada! — achei graça de sua preocupação, mas, dependendo de mim, Apolo estaria ali somente para cumprir seu dever e, independente do que fosse, eu não me importava mais.



De modo tático e eficiente, o pelotão e eu nos aproximamos do KOP e, mesmo de longe, seria impossível não ver o helicóptero pousado na área externa dos muros. A noite já se aproximava e com isso o cansaço mental e físico tornava os dias mais longos e difíceis de suportar. Após minha breve conversa com Apolo, não tive notícias suas e nem no rádio escutei sua voz, só que, em algum dos pontos de apoio, ele e sua equipe estavam acampados.

Observando de perto o rebelde, vi que seu ferimento era totalmente superficial, tinha que admitir que a equipe do Apolo fora realmente necessária e inteligente em deixar um para o interrogatório.

— Troy, informe que estamos a uns seis minutos da base.

— Sim, senhora! — O radioperador passou a informação adiante e em resposta nos informaram que estávamos sendo rastreados e que era seguro a aproximação.

Alguns dos meus homens bocejaram pelo cansaço, sabia que exigia muito de todos, porém todos estavam cientes que não seria fácil quando se alistaram.

— Tenente? A unidade da marinha que nos ajudou hoje foi essencial, né?

— Sim, Copolla! — todos, com certeza, se impressionaram com toda a atuação deles. — Eles evitaram a morte de muitos inocentes.

— A senhora sabia que eles são chamados de "Asas" porque o líder deles tem uma tatuagem de asas nas costas? Dizem que ele é um dos melhores atiradores da marinha, senhora.

Relembrei do dia em que dormi com Apolo e vi parte de sua tatuagem e uma lembrança foi levada a outra, e quando me dei conta já tinha chegado à base. A exaustão que sentia ao entrar pelos portões do KOP foi substituída por surpresa ao ver Will vindo ao meu encontro. Vi que ele se conteve, pois parou a dois passos de mim, em seguida mais oficiais se juntaram a nós e cordialmente entreguei o prisioneiro ao capitão Cortez que, com sinceridade, apertou minha mão e pediu para todos descansarem, já eu tinha uma reunião com ele mais tarde.

Segui para o alojamento com Will no meu encalço.

— O que faz aqui? Você é oficial também, William — começo dizendo e retirando o equipamento com sua ajuda.

— A notícia que o Arcanjo prendeu um rebelde se espalhou rápido — respirei fundo quando senti o alívio do peso da mochila. — Foi solicitado ao batalhão que mandassem alguém para buscá-lo e uma coisa leva a outra e estou aqui.

Sentando-me para tirar as botas, ouvi passos de aproximação e em seguida batidas na porta.

— Entre! — Will se afasta um pouco para ver quem entraria. — Eu não moro sozinha — cochichei para ele que deu um sorriso breve.

Troy entrou seguido por Copolla, olhando seus rostos e conhecendo como eu os conhecia sabia que a notícia não era boa.

— Michelangelo talvez não consiga retornar — Copolla começou dizendo.

— E nem exercer a profissão mais, Tenente — Troy concluiu.

A notícia me devastou, me sentei no beliche tentando me recuperar. Conhecia e trabalhava com Michelangelo há quatro anos e sua profissão era seu combustível para viver, e sua dedicação e conhecimento eram vital para minha tropa.

— Quando terão outra atualização?

— Amanhã de manhã, tenente — Troy falou muito comovido.

— Qualquer notícia, a qualquer horário, desejo ser informada — eles concordaram com a cabeça. — Agora tomem um banho e descansem, temos que sair de madrugada amanhã.

Will permanecia em silêncio enquanto eu tentava absorver a notícia de Michelangelo. Terminei de retirar as botas e as meias, procurei espaço na cama, ajeitei e deitei, Will rapidamente se juntou a mim e, quando me abraçou, encostou meu rosto em seu peito e lágrimas silenciosas começam a brotar em meus olhos cansados e em questão de poucos minutos, me entreguei à exaustão do dia e adormeci em seus braços.

Há meses que não sentia essa paz que Will me passava, deitada em seus braços, procurei fugir da realidade que vivia na base, tínhamos pouquíssimo tempo para aproveitar e sentindo que sua respiração estava pesada, me aconcheguei um pouco mais nele, seu cheiro e calor eram como brisa leve que suavemente assoprava minhas brasas internas.

Comecei a dar beijos curtos em seu pescoço e ele se remexeu, não resisti a nossa proximidade e insisti um pouco mais, subindo os beijos, segurando seu rosto entre as mãos beijei sua boca.

— O que pensa que está fazendo, Linda? — ainda de olhos fechados, Will sussurrou.

— Acho que sabe como funciona.

— Não me provoque assim — ele estava relutante. — agora há pouco seu pequeno pelotão veio certificar que eu não iria aproveitar da tenente deles.

— E você vai respeitar a eles ou a mim? — Na escuridão da noite, pouco podia ver dele, mas o som do seu riso me aqueceu.

— Sabe que aqui não podemos, Linda, se pegarem a gente, você e eu seremos penalizados.

— Bem, irei tomar um banho rápido, aproveite e pense a respeito da oportunidade que temos agora. — Pela sua cara vi que considerava minha proposta, não sabíamos quando iríamos no ver novamente.

Em questão de segundos, Will se desvencilhou de mim e logo o flash do seu celular foi aceso.

— Quando acabar seu banho, pegue algo para se aquecer, — enquanto calçava as botas, sorria ardiloso. — E seria bom avisar a alguém que iremos dar uma volta.

Empolgada, levantei procurando, na penumbra do alojamento, minha nécessaire, toalha de banho, roupas e a minha pistola, vesti uma jaqueta grossa, pois as noites estavam sendo cada vez mais geladas no Korengal.

Assim que abri a porta, quase me arrependi, a temperatura estava nos castigado severamente e com certeza logo teríamos neve. Enquanto tomei o rumo do chuveiro, pensei em Apolo, como ele podia estar se virando montanha acima, os pontos de apoio não passavam de tendas e barracas cercadas por sacos de areia e rochas. *"Isso não é problema seu, idiota. Já se esqueceu o que ele fez?"* Minha razão gritou em minha mente e isso me fez acelerar os passos, tinha pouquíssimo tempo.

Quase chegando à porta do banheiro minúsculo, observei uma sombra e por instinto segurei minhas coisas e minha arma.

— Tenente? — ouvi Copolla me chamar.

— Que frio da porra é esse? — Minha pele do rosto já estava ardendo.

Coppola deu uma última tragada em seu cigarro, jogou no chão a bituca e pisou em cima para apagá-la.

— Boa sorte com o banho, Shawn! — ele me acompanhou na risada que logo foi interrompida por dois tiros.

Olhamos um para o outro, já esperando que nossa rotina semanal se iniciasse, os insurgentes atacando a base com tiros e bombas e nós revidando, mas, logo após esses dois tiros, nada aconteceu.

— São os SEALs — acompanhei o raciocínio rápido do Copolla. — Eles devem estar varrendo toda a área em volta da base.

Não podia pensar em Apolo, então ignorei a informação.

— Copolla, avise ao Cortez que em uma hora encontrarei com ele no C.O. para a atualização.

Ele apenas concordou e saiu em direção ao alojamento do capitão, era minha deixa para entrar no banheiro e ligar o chuveiro para ir esquentando o ambiente, o vapor quente era bem-vindo, tirei toda minha roupa e tomei o banho mais rápido que podia e depilando minhas axilas, pernas e virilha.

Corri para meu alojamento, minha empolgação parecia a de uma adolescente e, entrando pela porta, vi Will conversando com alguns dos meus companheiros de quarto, eles não interromperam a conversa quando entrei, olhei de canto para Will e guardei minhas coisas.

— Acredito que podemos terminar nossa conversa agora, Shawn
— Will, que já estava em pé e segurando uma das minhas mantas, passou por mim em direção à saída. - Boa noite a todos, senhores.

Eles responderam enquanto eu o seguia e não olhei para trás, sabia que se meus homens viriam a cara de safada que estava e iria denunciar demais meu crime. Em silêncio, Willian me guiou pela escuridão da noite e atentos, nos esgueirando pelas passagens da base, saímos próximos ao portão de saída, a emoção de fazer algo escondido com ele começava a elevar meu tesão, sabia para onde estava me levando e assim que saímos campo afora, já me deparei com um dos helicópteros Chinook que Will comandava. Conhecendo sua máquina como as palmas de suas mãos, Will abriu um pouco a porta e me ajudou a entrar.

— Não temos muito tempo, Linda. — assim que ele fechou a porta, luzes fracas acenderam dentro da máquina, relevando o espaço que tínhamos para nós, Will, que carregava a manta, estendeu no chão e foi ao meu encontro.

Creio que eram umas oito ou nove da noite, mas fiquei ainda mais perdida ao ver, sedenta, a cena de Will tirando suas botas e o uniforme, ficando somente de cueca branca boxer colada no corpo e não tinha como não ver o volume que já estava meia bomba. Confesso que a cena me deu um tesão até porque, diante dos fatos, depois de meses sem sexo e a tensão beirando o limite da sanidade, minha melhor chance com ele seria agora e eu iria aproveitar de vez, pois a vontade de chupá-lo se fez tão intensa que foi exatamente o que decidi fazer.

— Vamos começar tirando suas roupas, Linda. — Ele percebeu minha intenção e veio para tirar meu casaco e logo minha blusa, Will me comeu com os olhos e apertou o pau por cima da cueca enquanto eu me exibia para ele, aproveitei para retirar meus coturnos e minha calça, deslizei bem devagar, dando uma vista privilegiada dos meus seios, eu estava quase pelada, ele não aguentou mais e me puxou para perto dele.

Ele me agarrou e beijou meu pescoço, passou as mãos por todo meu corpo, beijou meus lábios com fome e junto com seu amasso forte e quente, eu explodi de tesão. Como eu disse, iria me aproveitar dele, meu lado safado veio à tona, agarrei o pau dele, o sentindo duro em minha mão e desfrutei do seu gemido.

— Vai com calma, Linda — eu esfregava minha mão descaradamente em sua ereção dentro da cueca. — Você terá tudo o que quiser de mim.

Eu estava com fome dele, a saudade de seus beijos revelou a mim mesma que Will era importante para mim, ele me encurralou em um dos assentos encostados na lateral do helicóptero, sendo totalmente envolvida por ele, nos encaramos por segundos e, antes que me desse conta, Will pegou meus cabelos e me puxou para mais um beijo quente, sem perceber eu já me encontrava sentada em um banco com minhas mãos amarradas para trás, acredito que pelo cinto de segurança do assento.

— Tira a cueca com a boca tenente, eu sei que você sabe usar ela muito bem! — Will se acomodou na minha frente e botou o pau na minha cara.

Confesso que me senti como uma prostituta nessa hora, o misto de tesão e submissão se apoderou de mim e eu adorei a provocação, Will sabia como jogar comigo, mas nunca tinha passado por algo assim, o risco de sermos pegos e o perigo de sermos atacados a qualquer instante fizeram meu sangue ferver nas veias.

Mordi sua cueca e fui puxando-a até liberar seu pau, que na mesma hora ele o pegou e começou a judiar de mim, meses sem uma boa foda me fez querer tudo o que Will quisesse me dar, começou enfiando com tudo na minha boca, segurando lá dentro até eu engasgar e ele adorou fazer isso, até porque, fez várias e várias vezes seguidas até me deixar com meus olhos cheios de lágrimas e toda babada com saliva pingando e o pau dele brilhando, me senti como uma atriz pornô e

confesso que eu amei. Aquele desgraçado sabia que eu precisava de toda aquela brutalidade e sacanagem.

Pegando-me pelos meus cabelos, ele me tascou outro beijo e agarrando um dos meus seios foi descendo sua boca até o bico e sugou, fazendo meu interior pulsar forte, ainda encostada no assento, Will mordida e beijava ambos os seios, tentei controlar meus gemidos, mas minha libido era tanta que, em dado momento, ele tapou minha boca com a mão.

— Quer que o KOP inteiro saiba que a tenente deles será fodida, Shawn? — ele não me deu direito de resposta, pois já foi tirando minha calcinha e deixou-me totalmente nua, exposta e ainda amarrada começou a brincar com os dedos nas minhas entradas.

— Puta merda! — xinguei quando ele desceu mais e lambeu minha boceta molhada, que pela excitação estava sensível ao extremo. Will puxava meus lábios menores e falava o quanto eu era doce e macia e ao mesmo tempo usava seus dedos para me estimular, passando também na minha bunda.

— Preciso de mais, Linda — o desespero em sua voz indicava que Will sentia a mesma necessidade que eu. — Me deixe ter tudo de você hoje. — Gemi como uma vagabunda pelo seu pedido, eu sabia muito bem o que ele pedia e me abri mais, dando passagem livre para minha bunda.

Como senti falta dele, ser desejada por ele e principalmente ser amada por ele, nesses anos juntos Will sempre demonstrara todo seu amor por mim sem exigir o mesmo sentimento, respeitando meu espaço e tempo.

Ele realmente entendia minhas necessidades porque começou com lambidas leves, fiquei em alerta, mas não posso negar que adorei, com os dedos começou a estimular meu clitóris e com a boca fez mágica, não resistindo aos seus toques, gozei repetidas vezes. Seu jogo de sedução era espetacular e confesso que sentia saudades dele judiar mim assim. Até que o senti ajeitando o pau na minha buceta encharcada, soltou rapidamente o cinto e, pegando na minha cintura, começou a meter.

— Ahhh! — e como ele meteu.

Will me fodeu de frente, abrindo minhas pernas e socando em mim incansavelmente, logo me colocou deitada na manta e de lado apoiou

umas das minhas pernas em seu ombro e me fez gemer ainda mais pela profundidade que suas metidas causavam em mim, em pé, encostados na porta do helicóptero, Will segurou meu pescoço com uma mão e, enquanto penetrava minha boceta, bateu repetidas vezes na minha bunda.

— Ainda não comi tudo o que desejo, Linda! — aquela voz deliciosa e ofegante me fez delirar um pouco mais.

Nem nas minhas fantasias mais audaciosas, imaginei como seria bom transar em um helicóptero, eu sabia o que Will desejava e então me deixei incorporar pela minha puta interior.

— E está esperando o que, então? — O sorriso malicioso dele se juntou ao meu.

Will saiu de mim e admirei seu corpo, ele me guiou até o chão e apoiei meus braços no assento da frente, já meus joelhos estavam protegidos somente pela manta, começou beijando minhas costas, deslizando suas mãos pelo meu corpo, seus dedos deslizavam entre minha umidade e minha bunda, quando ele ajeitou um dedo na minha entrada, assustei-me e olhei para ele e juro que seus olhos cor de mel estavam mais escuros do que o normal, devagar ele foi inserindo seu dedo dentro do meu cu, ele foi calmo no começo para ir alargando e anestesiando, depois de um tempo, inseriu o segundo dedo e, quando senti que eu estava de boa, seus movimentos foram aumentando e eu já estava gemendo de tesão, rapidamente Will tirou os dedos, substituiu por seu pau e foi sem dó.

— Ah, caralho! — ele urrou e eu gritei pela invasão. Era cada estocada que eu estava quase gritando de prazer, ele tapando minha boca e não parava de me meter.

— William! — gritei de prazer e em seguida ele gozou.

Ele saiu de cima de mim e sentando no chão, me puxou para sentar em seu colo, eu estava acabada, meu corpo estremecia pela intensidade do sexo, Will me abraçou e, com um lenço, me limpou rapidamente. Aconchegada a ele, recuperava meu fôlego, senti que ele

encorpora mais, seus braços fortes e musculosos estavam maiores, uma das vantagens do exército.

— Eu te amo, Linda! — e eu congelei, já me encontrava acabada de tanto foder. — Eu só quero que saiba.

E ali no Afeganistão, dentro daquele helicóptero, abraçada a um homem incrível, mais uma vez não soube o que dizer.



Você precisa de um psicólogo. Concordei com meu eu interior, não tinha motivo algum para eu não amar Will, eu sabia que sentia algo por ele, mas minha única dúvida era se o que eu sentia realmente seria amor.

— Cortez está me esperando — disse, já me levantando de seu colo, não consegui encarar seu rosto.

— Não fuja de mim assim, Linda! — ele passou a mão na cara repetidas vezes. — E é melhor entrarmos antes que alguém nos pegue, imagina o que seu pai faria comigo, sabendo que o namorado de sua filha usou o helicóptero do exército para fazer pura sacanagem.

Enquanto Will levantava, rindo da situação, eu vestia minhas peças de roupas.

— Como se ele soubesse que tenho namorado.

Will cessou seu riso de imediato e eu percebi o que fiz.

— Merda! — Mordi o lado interno da boca.

— Nunca falou sobre nós para ele!? — Will, pronto para pôr as calças, me olhava paralisado. — Me diga, Linda, estou esperando uma resposta sua.

Terminando de me vestir, o encarei, sabendo que teríamos outra briga.

— Não falo sobre meus assuntos com meu pai!

— Isso não responde minha pergunta — seus movimentos raivosos mostravam a mim o quão irritado Will estava comigo. — Não consigo assimilar isso. Linda, estamos há anos juntos, anos...

— Não achei necessário informá-lo, Will — o cortei.

— Claro que não! — Will, já vestido, debruçou para pegar a manta no chão e começou a dobrá-la. — Eu ainda não sei por que fico surpreso com você, Linda, estou lutando há muito tempo por nós e estou lutando sozinho, achei que poderia amar por nós dois e que com o tempo você enxergaria que daria certo nosso relacionamento.

Will me olhou desapontado e entregou a manta a mim.

— Willian, eu só não achei importante falar.

— Sabe, Linda — abrindo a porta do helicóptero, ele saltou e estendeu a mão para eu me apoiar. — O problema não foi ter ocultado a informação do general, o problema foi eu ter ocultado a verdade de mim mesmo.

— Como assim!? — perguntei e saltei, Will me soltou e fechou a porta do helicóptero.

— Eu não quis enxergar que você nunca me amará — o escuro não me deixava ver com nitidez seu rosto. — Eu não culpo você, sério mesmo. Mas hoje foi nossa despedida, Linda, quando acabar minha temporada, eu irei recolher minhas coisas do apartamento — Will estava a alguns passos na minha frente. — Você está livre, passarinho.

Eu não tive reação, apenas fiquei olhando Willian se afastar mais e mais de mim, até desaparecer em um dos corredores do KOP, enquanto eu permanecia em passos lentos e assimilando o que acontecera. Minutos antes, eu estava entregue em seus braços e sendo amada por ele e agora Will tinha acabado de terminar comigo.

Tranquei os dentes, não podia ficar me lamentando, eu sempre fora sincera com ele, não alimentei esperanças e nunca fiz promessas a ele. Não éramos crianças mais, ele iria superar e eu também. Meus passos aceleraram e cheguei ao C.O., abrindo a porta, me deparei com vários homens dentro do recinto discutindo.

— Tenente, já era hora — Cortez, aproximando-se, estendeu a mão para me cumprimentar. — Hoje estamos livres de protocolos, preciso que me informem tudo o que ocorreu na vila e quais são os seus planos.

A manta que eu carregava pesou uns cem quilos quando me dei conta de que Cortez não falava somente comigo, mas também com Apolo, que estava encostado no pilar de sustentação do alojamento, nossos olhares se encontraram e uma confusão gigantesca se passou por mim.

— Cortez, ainda estou sem jantar — desviei meu foco. — Vou buscar algo para comer e já volto.

— Rápido, tenente, temos muitas coisas para discutir hoje.

Eu necessitava de ar fresco, saindo do alojamento, o frio foi bem-vindo, senti a necessidade de me livrar da manta, a culpa começava a me tomar. Willian não merecia alguém como eu, me perguntava como me suportara por anos e como pôde me amar?

Escutei passos cada vez mais perto de mim e já imaginava quem me seguia, precisava enterrar meus problemas pessoais, tinha que manter meu objetivo limpo das minhas questões, chegava a ser engraçado, eu ser especialista em artefatos explosivos sendo que era uma bomba ambulante.

— O refeitório não seria para o outro lado? — Apolo perguntou, aproximando-se.

— Preciso guardar essa manta primeiro.

Segui quase que correndo para meu alojamento e, adentrando pela porta, me deparei com Copolla dormindo em sua cama, tentei fazer o mínimo de barulho possível jogando a manta no meu beliche e pegando meu celular, procurei sair o mais rápido possível dali.

Do lado de fora, não vi Apolo em lugar algum e presumi que me deixara em paz, meu estômago doía de fome e, indo para o refeitório, vi que Will estava sentado com seus homens comendo e conversando. Tinha que separar as coisas, independente do que acontecera entre nós, ali era minha base e decidi entrar.

Muitos se levantam e prestam continência, apenas dei um sinal com a cabeça e eles relaxaram, percebi que Will nem se levantou do seu

lugar e realmente não podia me importar com isso. Peguei um lanche, água e frutas e me pus a caminho da saída.

— Tive a impressão de ver um velho conhecido na base agora mesmo, tenente Shawn — Will falou um pouco arrogante.

— E quem seria, tenente Miller? — Puta merda, não! Virando para ele, permaneci parada próxima à saída.

A porta atrás de mim se abriu indicando que alguém entraria no refeitório, nesse momento meu coração disparou. Pela a cara dele, soube muito bem quem acabara de entrar, pois Will se levantou e foi até Apolo, ficando cara a cara com ele.

— Está ficando cada vez mais interessante meu dia! — Apolo era muito atrevido mesmo.

— Qual é a sua, sereia? Tá perdido aqui no deserto? — Will visivelmente irritado provocava Apolo chamando-o de sereia por ele ser da marinha.

Apolo não entrou na provocação e apenas riu. Olhando esses dois de tão perto era nítida a diferença entre eles, tanto na personalidade quanto no físico. Willian, com seus olhos mel e com seu rosto marcante, sempre se destacava por ser centrado e simpático também. Já Apolo era o oposto, com olhos bicolores, levava consigo a ousadia e o mistério que o cercava. Ambos eram homens lindos e másculos que eu não estava nem um pouco a fim de aturar nesse momento.

Saí do refeitório deixando os dois para trás, por mim, que eles engolissem um ao outro, me fariam um grande favor. Procurei um lugar sossegado para comer, senti a fraqueza que o jejum me causara, decidi ir para o mesmo lugar onde encontrara Sanders uma vez, sentei no chão mesmo e peguei meu celular, liguei para a única pessoa com quem realmente gostaria de estar.

— Sabe que horas são aqui!? — Jordan atendeu ao telefone, sonolenta. — Sua sorte é que não estava de plantão ontem, vaca.

— Willian terminou comigo!

— Como aquele desgraçado teve coragem de terminar com você pelo telefone? — sua voz soou mais em alerta.

— Não, louca! Will está aqui no KOP — comecei a morder meu lanche e mastigando continuei falando. — soltei que meu pai não sabe de nós e ele resolveu terminar. Eu não achei que seria tão importante para ele.

— Linda, como você está em relação a isso?

— Irritada! Não sei bem se estou angustiada também. Foram mais de sete anos com ele — minha garganta começou a queimar por sufoco o choro. — Sinto que talvez posso ter feito ele perder seu tempo comigo e eu sei que sinto algo por ele, Jordan, só não sei dizer se é amor, entende!?

— E em todos esses anos nunca achou importante revelar ao seu único parente vivo que namorava alguém?

— Porra! — só Jordan para me fazer enxergar certas coisas.

— Solta vai, quero detalhes de tudo.

Enquanto comia, contei a Jordan tudo o que se sucedera nos últimos meses no KOP, minha amiga ouviu tudo com poucas interrupções, mas quando falei que Apolo estava aqui também.

— Linda! Como assim?

— Ele mentiu para mim, Jordan — sinto que colocaram minha mente numa máquina de lavar e ligaram para centrifugar. — Quando eu o conheci, ele me disse que não era militar e agora aparece aqui como SEALs da marinha.

— Linda, espera aí, os dois estão aí na base!?

— Sim! — terminei de beber minha água e recolhi minhas sobras para descartar.

— Onde exatamente!?

— Da última vez que os deixei, estavam no refeitório e... — rapidamente entendi o raciocínio de Jordan. — Merda!

Desliguei na cara da Jordan e saí correndo para o refeitório, assim que virei o corredor que dava acesso ao lugar, já avistei a aglomeração na

porta e os gritos de aprovação de alguns homens pela cena que ocorria ali, empurrei alguns homens para ter acesso ao lado de dentro do recinto e, assim que entrei, pude ver Apolo, com o supercílio cortado e sangrando, acertando um soco certo no rosto de Will que também sangrava pelo nariz e revidou com outro.

— Mas que porra é essa!? — gritei enfurecida.

Ambos exaustos pela briga me olharam surpresos e pude ver vergonha passar por seus rostos.

— Linda... — Will começou a falar.

— Aqui eu sou a primeiro-tenente dessa base, senhor, — interrompi sua fala, minha raiva era tanta que eu mesma voaria neles e daria uma bela surra. — Ordeno que os dois se retirem e se recomponham. Temos um assunto mais importante para tratar.

Apolo e Willian olharam um para o outro com ódio e senti que talvez fossem se atracar novamente.

— EU ORDENEI AGORA! — berrando para todos ouvirem, observei quando todos os espectadores saíram de fininho do refeitório.

Quando passei por eles, meu ódio era tanto que não me dei o trabalho de encarar nem Will nem Apolo, me coloquei a caminho da reunião com Cortez.

— Que isso não se repita mais — falei para os dois entenderem.

— Sim, senhora! — ambos responderam, mas lá no fundo eu sabia que era mentira.

A carga de tensão que eu havia eliminado voltou com força total, fazendo meus músculos ficarem doloridos e minha cabeça latejando. Eu não me importava com quem começara a briga entre eles, o que realmente me preocupava eram suas consequências, todo o meu sucesso e reputação foram conquistados com muito esforço e dedicação. Abduquei de tantas coisas para chegar onde estava e aqueles idiotas podiam pôr tudo a perder.

Ri sozinha, pois a minha vida amorosa era um roteiro perfeito para uma novela mexicana, o oposto do meu sucesso profissional. Na porta do

centro de operações, preparei meu psicológico para dar explicações sobre eu ser o motivo da briga, assim que entrei, Cortez, segurando uma xícara que eu acreditei ser café, me olhou e sorriu.

— Fiquei sabendo que colocou ordem no zoológico, Shawn. — Aproximei dele para tentar levar esta conversa em tom mais baixo.

— Capitão, eu sei que não é o momento — esse homem era o meu superior e eu tinha que me prestar a esse tipo de papel, dar explicações sobre minha vida pessoal. — Temos tantas coisas importantes para definir e...

— Sim, tenente, eu sei, mas — ele bebeu mais um gole do líquido da xícara. — Nada como uma velha rixa entre a marinha e o exército para nos distrair, não?

Olhei confusa para ele, reconheci que por essa eu não esperava, a ingenuidade de Cortez pelo real motivo da briga me faz rir também.

— Precisamos deles inteiros — disse e logo vi Apolo adentrando, com um pequeno curativo no corte e o seu olho esquerdo estava inchado e roxo, minha preocupação com ele logo se dissipou quando me recordei do que estava em jogo.

— Boa noite! — Apolo com a voz esganiçada cumprimentou a todos, eu apenas o ignorei.

— Onde estão o restante dos seus homens, suboficial? — Cortez ainda animado perguntou.

A porta se abriu novamente e Will entrou e logo reparei em seu lábio inferior cortado e gelo em sua mão. Minha vontade de me aproximar dele foi instantânea, mas logo me lembrei do motivo de tudo aquilo e eu quis que os dois evaporassem da minha frente.

— Estão garantido que tenhamos essa reunião em paz... — Apolo deu os ombros e sem olhar para Will pirraçou. — Sem interrupções indesejadas.

Uma mesa de madeira com oito lugares estava posicionada no centro da sala para a reunião, Cortez se sentou na ponta, com Apolo na lateral esquerda e Will na lateral direita, onde ficaram frente a frente, já eu

fiquei satisfeita de não precisar ficar tão perto deles e sentei na ponta oposta.

— Quero o passo a passo do dia de hoje, Shawn. — Cortez iniciou a reunião e uma mescla de homens das tropas participantes se juntou a nós.

Deixando de fora os detalhes inúteis, fiz um relatório completo da missão, desde a descoberta da traição do Hamid até a prisão do rebelde afegão. Cortez coçou a barba e refletiu sobre algo, não me atrevi a encarar Will e Apolo, mas sentia minhas bochechas queimarem pelo constrangimento.

— Suboficial Brassard, garante o serviço dos seus companheiros?
— Cortez questionou e eu o encarei.

— Capitão, somos poucos homens isso é verdade e... — ele cruzou os braços. — Deixei dois homens meus na vila. E pelo que percebi, não houve ataque algum à base hoje.

Mas era muito petulante esse homem, não posso negar que sua ajuda fora essencial para o sucesso da tarefa, porém que o crédito não era só dele, sua tropa estava junto dele.

— Certo e, tenente Miller, tudo pronto para o transporte do prisioneiro?

— Senhor, amanhã dois apaches darão apoio aéreo — ele puxou uma folha de papel amassado do bolso. — Aqui está a ordem para a deslocação — ele entregou a folha ao Cortez. — A tenente Shaw, já inspecionou o helicóptero comigo e ela pode garantir que é digno o local de condução do homem detido.

Percebi o desconforto de Apolo tentando se ajeitar na cadeira olhando para o teto do alojamento e sorri, se Will estava tentando provocar outra briga, ele certamente iria conseguir.

— Disso não tenho dúvidas, Tenente Miller! — Cortez falou enquanto manuseava a folha. — Shawn e Brassard, quero vocês trabalhando juntos para a solução da questão pendente na vila.

Subitamente encarei Apolo, que, com cara de triunfo, me olhava e concordava com um meneio de cabeça. Will bufou de ódio do outro lado

da mesa e eu não sabia se chorava ou dava risada.

— Seu pai, o chefe das tropas americanas no Afeganistão, general Shawn, defendeu a decisão de retirar as forças do Korengal — percebi que Cortez estava irritado com meu pai. — Ele declarou ao gabinete que os soldados americanos foram recebidos com hostilidade pelas tribos independentes e seriam mais úteis em outros lugares.

— Capitão, estamos com forças limitadas, e estrategicamente sempre enviamos as forças para onde você tem o melhor resultado — tentei explicar a posição do general. — Aqui vem em uma sequência de falhas e a nossa retirada faria parte do projeto do governo onde visa proteger melhor os civis nas zonas mais populosas.

— Se essa decisão for tomada, tenente, me provocará muita preocupação, nossos aliados afegãos temem que os rebeldes transformem o Korengal em uma base fixa inimiga.

— E é por isso que estamos aqui, Capitão — tentei argumentar com o desespero de Cortez. — Vamos estudar a região mais uma vez, neutralizar o inimigo e levar um pouco de dignidade ao Vale.

— Shawn, o Vale do Korengal é um lugar único — Cortez visualmente emocionado declarou. — É o lugar mais isolado da terra e há pessoas boas aqui.

Concordei com ele e prometi para mim mesma que iríamos concluir o serviço antes de irmos embora.

— O que faremos com o Hamid? — minha confiança no tradutor estava abalada depois de sua pequena traição, entendia seus motivos, mas poderia ter nos prevenido de muita coisa.

— Pelo que eu saiba, é o único tradutor que temos disponível — O'haloran pontuou. — Além do que, na vila, eles falam o popular korengales e o Hamid tem um pouco de conhecimento da língua.

Enquanto eles debatiam sobre o ocorrido, meditei sobre o assunto e não podia julgar as ações do tradutor, ele desejava sua família de volta e nos levando para uma emboscada seria a única solução viável para ele naquele momento de desespero. Se ele tivesse pensado bem, poderia ter nos dito antes e todos pensariam em algo para ajudar, Michelangelo

talvez não fosse ferido e Apolo não teria realmente me salvado mais de uma vez num mesmo dia, olhei de relance para ele e o peguei me encarando, rapidamente desviei meu olhar dele e aproveitei para levantar e buscar um copo de água no bebedouro.

— Miller, quais são as chances de deixar um apache estacionado aqui na base?

Will olhou para Cortez e riu.

— Quer que eu seja despedido, Capitão?

— Foi o que pensei, então vamos pensar, rapazes, temos uma tarefa extremamente difícil de realizar, não vou mentir para vocês — o cansaço do capitão estava visível, bem abatido e com olheiras. — Temos alto risco de baixa nessa reta final, mas já pensaram em sair daqui com a glória de terem sido vocês a tropa que finalmente conseguiu cumprir a missão mais impossível do Afeganistão?

Retirei o copo de plástico do suporte, enchi de água natural, assim que me virei, acabei trombando em Apolo e derrubei um pouco d'água nele e em mim.

— Como consegue ser tão silencioso? - Com a mão retirei os respingos da minha jaqueta.

— Anos de prática, tenente — ele cochichou.

— Ah, claro! Como pude me esquecer, suboficial, o senhor foi extremamente misterioso e eficaz quando nos conhecemos — meu tom sarcástico me satisfez. — Por favor, me deixe trabalhar em paz.

— Eu vim por você! — Apolo sussurrou-me ao ouvido. — Estou aqui para proteger sua equipe e principalmente proteger você, Linda.

Fitei seu rosto e procurei algum sinal para entender quem era o homem na minha frente, só que eu não o conhecia, dormi uma única noite com ele e foi somente isso. Fiquei frustrada, pois não compreendi o que acontecia comigo perto dele, meu incômodo por estar ao seu lado me abalou por instantes, minha mente trabalhava a todo vapor para me dar uma resposta coerente para a minha pergunta, por que Apolo mexia tanto comigo?

— Tenente? — Will, com uma voz irritadíssima, me chamou.

Dei-lhe um pequeno aceno e Apolo aproveitou para também pegar um copo d'água, e, ao se sentar, Cortez puxou conversa com ele sobre a marinha enquanto os outros também estavam presos em seus próprios diálogos.

Abastecendo meu copo novamente, me peguei divagando sobre a situação em que me encontrava, me querem morta e isso é uma questão gravíssima de segurança, temos que garantir a vida das crianças ameaçadas pelos insurgentes e para isso tenho que usar todos os meus neurônios para bolar um plano coerente e eficaz, mas a maior enrascada da minha vida se encontrava sentados nessa mesa, quase comendo vivo um ao outro.

— Tenente Shawn? — desviei meus pensamentos para dar atenção ao soldado que estava operando um computador. — Seu sargento deseja falar com a senhora.

Um silêncio absurdo se instalou dentro do centro de operações e rapidamente fui para trás da mesa, onde, além dos computadores, também havia os rádios de comunicação.

— Shawn falando!

Aguardei aflita pela resposta do outro lado do rádio, olhos curiosos e tensos estavam voltados para mim, mas isso não me incomodava.

— Nós temos a identificação positiva de diversos insurgentes pelo lado norte, mas ainda não vamos iniciar combate, uma pequena força tarefa sairá para confirmar a localização antes de iniciarmos qualquer ataque.

— Qual a posição?

— Texas 001187. — A apreensão no tom de voz de Sanders indicava que podia ser grave a situação.

Estávamos a quilômetros de distância, mesmo assim o sentimento de responsabilidade apoderava-se de mim. São meus companheiros que deixara na aldeia e, se alguma coisa acontecesse, a culpa me dominaria a tal ponto que não sabia nem dizer.

— Soldado, vê quem está no ar e peça imagens infravermelhas da localização Texas 001187. — Senti meus nervos à flor da pele.

Logo observei os dedos ágeis do operador digitando as coordenadas e informando pelo rádio os dados, em seguida solicita um drone para sobrevoar a área e, em questão de segundos, as imagens que eu via me tiravam o ar.

Muitos insurgentes armados subiram as estradas para atacar a vila, alguns com armas pesadas de alto calibre.

— *Putá que o pariu!* — Cortez expressou muito bem a situação em que nos encontrávamos.

Se eles atacassem naquele instante, meu grupo remanescente não teria muitas chances, para cada soldado, tinha pelo menos uns quatro rebeldes.

— Sanders, se você enviou a patrulha, peçam para que retornem imediatamente e se preparem — eu não podia me desesperar. — São homens demais!

— Entendido, Tenente.

Pensei na única saída que tinha para ajudar a vila de um iminente ataque e principalmente meus irmãos.

— Capitão, solicito autorização para retornar à vila nesse instante — aproveitei o mapa que estava aberto na mesa para expor minha tática de defesa. — Deixei quase a metade do meu pelotão na vila e o Suboficial tem mais dois homens lá também... — apontei indicando o local. — Os insurgentes não nos atacaram hoje, pois já tinham em mente investir na aldeia. Em poucos minutos eles chegaram com tudo, só que eles não esperam ser surpreendidos por trás, se sairmos agora com o helicóptero do tenente Miller, iremos poupar tempo e energia.

Vi que estavam acompanhando meu raciocínio e, pelo olhar de Cortez, ele via futuro no plano.

— Tenente, seria arriscado voar solitário — Will se opôs. — Sempre voamos escoltados por dois apaches, a probabilidade de sermos abatidos seria gigantesca.

— Tenente, eu irei para a aldeia de qualquer jeito, com o seu helicóptero ou não.

— Eu não disse que não iria, senhora... — ele colocou ambas as mãos na mesa para me encarar. — Eu só pontuei que podemos ser abatidos no ar.

— Você correria o risco, tenente Miller?

— A senhora sabe que sim!

Bem, o helicóptero eu já tinha, faltava eu pedir apoio para a outra ponta essencial dessa trama.

— Suboficial Brassard, terei sua colaboração?

Apolo me olhou com aqueles olhos de gato e acenou a cabeça e em silêncio saiu da, acompanhei com um olhar sua saída e fiquei intrigada, mas não tinha tempo para isso.

— Capitão?

— Eu sei que você iria do mesmo jeito, até sem a minha autorização, Shawn.

Não pude sorrir da sua afirmação, meu tempo era curto demais, pois meus homens estavam correndo perigo.

Voltei para o rádio de comunicação e, com o coração disparado pela adrenalina, apertei o botão para informar ao Sanders nossa decisão final.

— Sanders, na escuta?

— Sim, tenente!

— Estamos indo até vocês!



Capítulo Doze

— Korengal0 para posto VK01? — Ouvi Cortez entrar em contato com o próximo posto de apoio.

— VK01 para Korengal0 na escuta.

— Estejam cientes que há um possível ataque iminente à aldeia e estamos deslocando um grupo para o apoio.

— Copiado Korengal0.

O centro de operações estava turbulento, gritos de ordens eram dados e homens correndo de um lado para o outro despertava minha adrenalina, eu tinha que me apressar, em poucos minutos, o helicóptero estaria pronto para partirmos, tinha que estar focada nos passos a seguir, o nível de responsabilidade que os oficiais carregavam nas costas chegava a doer e vendo Cortez se sentar na cadeira e inspirar lentamente o ar, só confirmava o quanto no limite estávamos operando.

— Não vamos conseguir desse jeito, Shawn! Nem tivemos tempo para elaborar um plano coerente e já fomos atacados novamente — Cortez levantou o rosto. — Tenho vontade de desistir, às vezes.

Segurando a maçaneta da porta, me surpreendi com a última frase, porque não conseguia enxergar covardia nele.

— Tenha fé, capitão. — Senti uma sensação incômoda, mas não dei importância e corri em direção ao dormitório.

Meus cabelos estavam começando a pregar na nuca e faziam um pouco de cócegas, ao fundo, podia escutar o motor do helicóptero rugindo e mais um combate nos aguardava. Em anos no exército, nunca correria

tanto risco como ali no Korengal, não temia por minha vida, mas temia pelos meus irmãos e, principalmente, pelos inocentes desse lugar miserável.

Assim que entrei no alojamento, não fiquei surpresa em ver que minha tropa estava pronta.

— Tenente, notícias do Michelangelo?

— Não, Ivanov! — com todas as surpresas da noite, não tivera tempo de saber do médico do grupo.

Porra, Linda, tá saindo uma bela líder, né!

Ele apenas acenou com a cabeça, dando sinal para que todos saíssem do quarto e deixassem eu me arrumar sozinha. Abrindo o armário, comecei pelo procedimento padrão e conferi todo o meu equipamento, a pistola M9 e o fuzil M16 estavam junto com toda a munição necessária, peguei meu capacete e ajustei os óculos noturno, aproveitei e preendi a bolsa de medicamentos no colete e conferi se as placas à prova de bala estavam no compartimento do colete. O uniforme e o peso de todo o equipamento faziam eu me sentir segura, senti aquele incômodo insistente no meu peito e verifiquei mais uma vez o equipamento, confirmei que estava certo e, por último, coloquei as luvas, pois não seria nada agradável trabalhar na noite gelada do Afeganistão.

O ponto de encontro fora marcado no portão de saída, ao total éramos pouco mais de trinta pessoas, Apolo estava junto de seus companheiros, todos com uniforme de SEALs, ele nem me olhou e fiquei, por instantes, incomodada por ser ignorada por ele.

— Vou deixá-los a menos de meio quilômetro da vila — Will informou a todos aos berros. — Suboficial, o quanto vocês são bons atirando?

— Mais que o suficiente, Tenente!

— Não temos apaches nos escoltando, teremos que voar muito alto e, a qualquer sinal de luz vindo em nossa direção, disparem.

Apolo apenas concordou e, junto com os seus, seguiu para dentro do helicóptero, dei sinal para que todos entrassem e quando me pus a caminho, Will entrou no meu caminho bloqueando a minha passagem.

— Linda, toma cuidado lá — mesmo na escuridão, enxerguei o quanto ele estava preocupado comigo. — Eu sei que você é mais que suficiente para se cuidar sozinha e mesmo com a pressão que você está agora, pense antes de agir, ok?

— Ok!

— Eu te amo, passarinho! — Will sorriu para mim e me deu passagem.

Ao passar por ele, encarei mais uma vez seus olhos e sorri também. Nesse milésimo de tempo, admiti a mim mesma que nunca ninguém cuidara tanto de mim como ele fazia e teria que ser um louco mesmo para amar a mim e a todas as minhas personalidades. De forma altruísta e sincera, ele abraçara meus sonhos e sempre me incentivara, mesmo quando fui promovida e sendo superior a ele, não mostrou menos do que admiração a mim.

— Do meu jeito, Willian, eu também gosto de você! — confessei.

— Isso significa que voltamos?

Ele me acompanhou até a entrada da aeronave e me ajudou a subir.

— Isso pode significar um talvez.

Acomodando-me em um banco, coloquei o cinto e o headset, fiquei grata por abafar um pouco do som ensurdecedor do motor. A escuridão só não era total porque luzes vermelhas iluminavam a cabine, o voo seria curto, talvez quinze minutos, no máximo, assim fechei meus olhos e comecei a cantarolar uma música qualquer. Percebi uma movimentação ao meu lado, mas não me incomodei em abrir meus olhos, mesmo assim continuei a cantar *Die for You* do The Seige, a letra me empolgava, pois era exatamente o que estava indo fazer pelos meus irmãos, estava indo lutar por eles.

Assusto-me ao ouvir a voz de Apolo no fone.

— A senhora sabe que é terrível cantando né, tenente?

— Se está incomodado tampe os ouvidos, suboficial. — Quando abri meus olhos, Apolo estava sentado ao meu lado e meu coração

disparou pela aproximação, segurei mais firme meu fuzil e capacete.

Ele soltou uma gargalhada e muitos o acompanharam.

— De jeito nenhum, estou sem dormir há mais de vinte quatro horas e esse som de vitrola que a senhora chama de voz está me mantendo alerta.

Mais soldados caíram no riso com ele, não me deixei abater por isso, ele estava deixando o clima mais leve com humor. Muitos podiam não voltar vivos da missão e não seria eu a estragar prazeres.

— Me dê a honra de ouvir sua voz angelical, suboficial, pelo que eu saiba, as sereias cantam divinamente.

Ele me olhou sorrateiramente e eu sorri em desafio, para os privates essa cena estava sendo um deleite aos olhos. Dois oficiais de patentes altas e de forças militares diferentes se alfinetando.

— Se insiste.

Logo em seguida, Apolo começou a cantar a música que dançamos na noite em que nos conhecemos, meu sorriso sumiu e ele encarou meus olhos e continuou a cantar a letra de *Lay Me Down* do Sam Smith e a única coisa que eu pensava era que ele se lembrava.

*Yes, I do, I believe
That one day I will be, where I was
Right there, right next to you
And it's hard, the days just seem so dark
The Moon and the stars, are nothing without you
Your touch, your skin, where do I begin?
No words can explain the way I'm missing you
The night emptiness, this hole that I'm inside
These tears, they tell their own story*

*You told me not to cry when you were gone
But the feeling's overwhelming, it's much too strong
Can I lay by your side? Next to you, you
And make sure you're alright
I'll take care of you
And I don't want to be here if I can't be with you tonight*

*I'm reaching out to you
Can you hear my call?
This hurt that I've been through
I'm missing you, missing you like crazy*

*Can I lay by your side? Next to you, you
And make sure you're alright
I'll take care of you
And I don't wanna be here if I can't be with you tonight*

*Lay me down tonight, lay me by your side
Lay me down tonight, lay me by your side
Can I lay by your side? Next to you, you**

Meu abalo não passou despercebido por ele e provavelmente nem pelo Will que, mesmo pilotando o helicóptero, sabia que a música era para mim.

— Temos que admitir, tenente, o marinheiro canta bem! — Copolla empolgado falou.

Sem graça, concordei com Ivanov e, olhando para Apolo novamente, aquela sensação passou pelo meu peito novamente.

— Dois minutos! — Will anunciou, zangado.

Interrompi o contato visual para colocar o capacete e ativar os óculos noturno, piscando várias vezes para adaptar meus olhos à imagem verde, fiz o sinal de dois minutos para todos, que ele repetiu até todos estarem cientes de que estávamos perto do local de desembarque.

Com o cinto desafivelado, encarei mais uma vez Apolo, ele também estava ciente do quanto corríamos perigo e muito brevemente segurou minha mão em apoio.

— Por você! — Li seus lábios.

Apolo se levantou de supetão e, assim que chegou à porta aberta do helicóptero, saltou para fora, seguido dos outros SEALs.

— Estão autorizados a saltar, tenente — Will anunciou no rádio. — Cuidado lá fora.

Eu sabia que essa fala era direcionada a mim.

— Escutaram todos! — e gritei. — Vão! Vão! Vão!

Assim, um a um, todos os homens saltaram do helicóptero e, quando cheguei à porta, vi que não estávamos nem a dois metros do chão.

— Está liberado, tenente Miller — falei me despedindo e pulei para o desconhecido.

Caindo nas pedras quase que em pé, fechei os olhos para aguardar a poeira baixar, o helicóptero pegou altitude novamente e aos poucos foi sumindo no horizonte.

— Tenente, iremos em duas frentes — Apolo anunciou a estratégia. — É bem provável que saibam que estamos aqui e não vai demorar muito para atacar a vila. A senhora e seus homens varrem esse meio quilômetro e eu e meus homens iremos subir a encosta para dar suporte visual.

Concordando com ele, partimos rumo à estrada que iria nos levar até a aldeia.

— Homens, vocês já sabem como funciona, qualquer pedra estranha, amontoado de galho ou até um fio de cabelo fora do lugar não pisem lá — conferi o rádio e liberei a comunicação. — Todos me ouvindo?

Vários homens me responderam ao mesmo tempo e eu não me aborreci por isso.

— Aqui é Arcanjo01 para Korengal0 na escuta?

O ponto no meu ouvido chiou sem resposta.

— Arcanjo01 para Korengal0 na escuta?

Ainda chiando, concluí que o rádio estava inoperante na base.

— Estamos sozinhos nessa, senhores — liberei a linha para todos escutarem. — Vamos trabalhar!

Como de praxe, dois privates com aparelhos detectores de metais iam à frente varrendo o lugar, já estivéramos ali, mas isso não fazia

diferença alguma para nós, matar um insurgente os fariam colocar uma nova bomba em menos de um minuto.

Observei quando os soldados e Apolo foram encosta acima, sem dificuldade, ele sumiu da minha vista e meu temor só aumentou, mesmo com tudo o que acontecera entre nós, ainda me preocupava com ele.

— Trezentos metros — Troy anunciou.

Destravei meu fuzil e ajustei a mira laser, meus olhos varreram tudo o que estava ao meu alcance e meus passos curtos estavam em sincronia com meus batimentos cardíacos.

— Cento e cinquenta metros — mais uma vez Troy comunicou.

Tinha algo errado, o silêncio absurdo do lugar me colocava em alerta, estávamos próximos à entrada da vila e não tínhamos encontrado nenhum insurgente.

— Anjo01?

— Está pensando o mesmo que eu? — Apolo estava chegando à mesma conclusão que eu.

Como oficial em campo, tinha apenas segundos para tomar decisões que podiam mudar a trajetória de uma vida, fosse a minha ou de qualquer outra pessoa. Percebi que ali era um desses momentos e tinha que admitir que, mesmo que eu tomasse todas as decisões pensando no meu grupo, nenhuma poderia nos livrar da única coisa que estava certa. Alguém seria abatido no confronto.

— Emboscada!

No momento em que acabei de falar minha conclusão, uma explosão ocorreu muito próximo a nós e os sons de tiros começaram na vila.

Acontece que os rebeldes acreditavam que estavam emboscando o grupo que deixara na aldeia e, para nos proteger, abaixamos e buscamos refúgio na encosta da estrada.

— Anjo01 tem os números?

— Ainda não chegamos no ponto de apoio, aguarde, Arcanjo01.

— Merda! — a minha espera poderia custar a vida de inocentes e a minha pressa podia custar a vida dos meus soldados.

Ainda não sabia se os insurgentes perceberam que um helicóptero passara pela região, nosso armamento podia até ser superior ao deles, mas nada se comparava ao conhecimento do lugar, essas montanhas era seu território, sua terra natal.

— Arcanjo01, temos visual — Apolo me informou. — Ainda contando, talvez uns setenta, armamento pesado incluindo RPG. Vamos nos posicionar para começar a abater, assim que dermos o sinal, vocês sobem.

— Confirmado, Anjo01!

Passei a mão no pente da arma, somente para confirmar sua posição. Segundos se tornam minutos e minutos se transformam em horas, toda a cautela que tínhamos tomado poderia ir por água abaixo se não trabalhássemos com eficácia aqui. A fumaça que saía da minha boca anunciava que a madrugada se aproximava, os tiros ainda continuaram sem cessar e minha adrenalina estava nas alturas.

— Arcanjo01, autorizado para subir.

Fiz dois sinais com minha mão indicando que podíamos subir para a entrada da vila e, assim que me aproximei, a cena de terror se desenrolou a minha frente, dezenas de rebeldes estavam, sem piedade, alvejando o pequeno vilarejo, não podia dizer que senti prazer nesse instante, mas, se eu não disparasse, crianças, mulheres e velhos poderiam ter um destino bem pior do que a morte. Quando os disparos começaram e os homens perceberam que estavam sendo atacados por trás, muitos procuraram abrigo para revidar. Nosso treinamento era árduo no exército e nos preparávamos para momentos como este, mas nenhum treinamento preparava o homem ou uma mulher para o combate real, a tensão fez meus ouvidos tinir e meus dedos firmes no gatilho dispararam assim que meus olhos avistaram o adversário, agindo no modo automático, não via que estava abatendo uma pessoa, estava abatendo o inimigo.

Abaixei próximo a uma parede para trocar o pente.

— Avançar! Vamos! — gritei para o grupo, é necessário chegarmos ao centro da vila.

Os insurgentes eram superiores ao nosso número de soldados e eles sabiam disso, sua valentia em morrer pela sua causa fanática ia garantir que esse ataque não acabaria tão cedo.

— Sargento, como estão aí? — tentei me comunicar com Sanders pelo rádio.

— Estamos resistindo, a maioria dos soldados estão abrigados próximo à casa do ancião, tenente.

— Conseguem sair para combate?

— Negativo, fogo hostil e constante.

— Certo — olhei as luzes das balas cortando o ar e elas pareciam linhas alaranjadas costurando a noite. — Aguardem!

Próximo a mim, dois privates, disparando rajadas de tiros, auxiliavam um ao outro.

— Cobertura! — pedi, aos berros.

Os dois direcionaram os tiros para a direção que eu ia, assim, afastariam um possível contra-ataque. Cheguei perto do Ivanov para verificar se seria coerente uma ideia que passara pela minha mente.

— Ivanov, qual é o raio de um ataque da artilharia de um obuseiro?

— Quinze quilômetros, tenente.

— Qual a porcentagem?

— Cinquenta por cento no mínimo, tenente.

Ivanov se espantou com a minha ideia, mas, se continuássemos sendo atacados da forma que estávamos, não teríamos mais nenhuma construção na vila até o amanhecer.

— Anjo01?

— Anjo01 na escuta, Arcanjo01.

— Anjo01, acho viável a solicitação de um ataque teleguiado.

— Negativo, estão próximos demais, Arcanjo01.

— Anjo01, estou te comunicando, não estou pedindo sua autorização.

— Arcanjo01, a onda de choque vai pegar vocês em cheio.

— Iremos recuar, Anjo01.

Ainda pasmo, Ivanov calculou as coordenadas para me informar.

— Temos cinquenta por cento de chance — disse a ele para tentar convencer a mim também. — Recuem ao ponto de partida, irei solicitar ataque aéreo.

Em seguida, vários soldados desceram a estrada rumo à encosta e aguardaram, os gritos dos insurgentes em comemoração por termos recuado se espalharam renovando suas confianças.

— Sanders, procurem abrigo, ataque aéreo será solicitado.

— O que disse, tenente? — surpresa na voz do sargento me fez questionar se não seria loucura.

— Vou solicitar um tiro de obuseiro, creio que será o suficiente para assustá-los.

— Os nativos da vila estão no topo, um pouco mais acima da casa do ancião, creio que não correm perigo.

— Positivo, sargento.

Busquei pelo radioperador e, ao fundo da longa fila de homens, ele permanecia agachado e em alerta.

— Troy? Dê as coordenadas... — repeti as palavras de Ivanov. — VEGAS884981, solicite um tiro.

Observei Troy ajustando a antena e repetindo a ordem para a artilharia que permanecera na base.

— Nove segundos, tenente! — gritou para todos escutarem em meio ao caos.

Mentalmente iniciei a contagem regressiva, abri a linha de rádio para deixar claro a todos o tempo que tínhamos.

— Cinco segundos, se protejam!

Bem longe, escutei um assovio que aos poucos foi se tornando cada vez mais alto e, quando ele cessou, foi a tormenta que um projétil desse calibre produzia, eu senti que estava em uma montanha russa acelerada em cem vezes mais, em seguida, o som estrondoso e a poeira fizeram minha cabeça balançar tanto, que uma dor angustiante tomou conta dos meus ouvidos.

Ivanov me chacoalhou e, olhando para ele, via seus lábios mexendo, mas eu não escutava nada, nem meus batimentos cardíacos. Abrindo e fechando a boca várias e várias vezes fizeram meus ouvidos desentupirem e uma onda de gritos de dores e morte foram escutados por mim.

— Senhora, está tudo bem?

Ivanov perguntava, preocupado, acenei com a cabeça e, olhando muitos dos meus homens desorientados, percebi que estavam na mesma situação que eu, mas os tiros haviam cessado.

— Arcanjo01, na escuta?

— Arcanjo01 na escuta, Anjo01.

— O que restou dos rebeldes estão fugindo — o alívio na voz do Apolo indicava que o plano dera certo. — Por hoje acabou.

Sentei-me no chão para tomar água, minha boca secou com a minha carga de adrenalina no limite.

— Sanders, estão todos bem aí em cima?

— Tenente, sem inocentes feridos gravemente.

— Certo, vamos subir.

— Tenente?

— Sim, sargento.

— Seu cachorro deve ter escutado sua voz em meio aos tiros e gritos do combate e não consegui segurá-lo — aquela sensação estranha chegou com tudo em cima de mim. — Logo após a senhora avisar do morteiro, ele saiu correndo e... e...

— Não! — foi só o que consegui dizer.

— Eu sinto muito, tenente, seu cão Apolo morreu.

Não tive forças para reagir, não consegui dizer nada e nem chorar, eu apenas senti uma coisa, dor.

Trecho da música traduzida

*** Sim, eu acredito**

**Que um dia estarei, onde estava
Bem aqui, bem perto de você
E é difícil, os dias parecem tão escuros
A Lua, as estrelas, não são nada sem você
Seu toque, sua pele, por onde começo?
Nenhuma palavra pode explicar o jeito que estou sentindo sua falta
À noite, esse vazio, esse buraco em que eu estou
Essas lágrimas, contarão suas próprias histórias
Você me disse para não chorar quando você se foi
Mas o sentimento é avassalador, é pesado demais
Eu posso me deitar do seu lado? Perto de você, você
E ter certeza de que você está bem
Eu cuidarei de você
E eu não quero ficar aqui, se não puder estar com você hoje à noite**

**Estou procurando por você
Você consegue ouvir o meu chamado?
Essa dor pela qual passei
Estou sentindo sua falta, sentindo sua falta loucamente**

**Eu posso me deitar do seu lado? Perto de você, você
E ter certeza de que você está bem
Eu cuidarei de você
E eu não quero ficar aqui, se não puder estar com você hoje à noite**

**Me deite hoje à noite, me deite do seu lado
Me deite hoje à noite, me deite do seu lado
Posso me deitar do seu lado? Perto de você, você!**



Capítulo Treze

Apolo

Insano.

Ouvir que ela estava bem me proporcionou tranquilidade momentânea, pois o estrago lá embaixo fora enorme e mesmo com a escuridão e a nuvem de poeira não dava para ver nada a olho nu, só que eu tinha ciência do que um projétil desse era capaz.

O que ela tem na cabeça de solicitar uma granada autoguiada?

— Puta, cara! Que tenente doida! — Jon Macaskill era o melhor observador que se podia ter no *NAVY*, mas não tinha controle algum em sua língua que não cabe dentro na boca.

Acostumado a não receber respostas minhas quando falava besteira, ele continuava a observar lá embaixo com o binóculo.

— Jon, alguma coisa?

— Não! Só os rebeldes dispersando mesmo.

Ajustando a mira da arma, constatei que podia abater mais alguns e, por via das dúvidas, cumpri meu dever.

— Brassard, na escuta?

— Na escuta, Seige.

— Mas que porra foi essa? — a indignação geral da equipe de SEALs era devido ao nosso treinamento, ficávamos horas, até dias em tocaia para dar um tiro certo e o que a Linda fizera jamais seria uma atitude nossa.

— Foi decisão da tenente, irmão.

— Poderia ter matado a todos nós!

— Alguém foi ferido? — Eu já estava ficando impaciente.

— Não! Mas...

— Sem essa, cara, já foi. — Tirei o fone do ouvido, não queria escutar mais nada, eu estava há mais de vinte e quatro horas sem dormir, com o corpo dolorido pela briga e a cabeça fervendo de preocupação em manter Linda a salvo.

— Suboficial, é melhor descer lá, tem algo acontecendo.

Peguei de sua mão o binóculo que ele me oferecera e, olhando na direção que ele indica, vi o sargento Ivanov agarrando Linda, que a todo custo queria passar por ele, não pensei duas vezes, peguei meu fuzil e corri morro abaixo, os gritos dela começaram a ser audíveis e seu desespero me fez disparar para ampará-la.

— EU SOU SUA SUPERIOR, IVANOV! ME SOLTA AGORA!

Linda não era uma mulher pequena e, pelo que soube, lutava jiu-jitsu muito bem, se ela quisesse passar por Ivanov para o que quer que fosse, ela iria derrubá-lo.

— Senhora, vai querer me agradecer depois, não será nada bonito ver a situação.

Tentei me aproximar com cautela, se fosse o que estava pensando, alguém do seu grupo devia ter sido abatido e para um oficial não tem derrota maior que essa, não ter sido capaz de cuidar dos seus.

O desenrolar da cena na minha frente era intimidador, Linda fingiu que se dera por vencida e, quando o sargento baixou sua guarda, colocou o braço do pobre homem entre suas pernas, segurando o punho dele com suas mãos, não houve tempo de reação dele, pois com uma agilidade de

uma pantera, ela o levou ao chão cheio de pedras, terra e poeira, e com seu o quadril fez uma alavanca, imobilizando Ivanov com o famoso *Arm-lock*.

— Ivanov, você sabe muito bem que te amo por ser meu irmão — o homem já gemia de dor. — Mas, se tentar mais uma vez me segurar, eu quebro o seu braço.

Ele só concordou com o restante de dignidade que sobrara nele.

— Se mais alguém me impedir de vê-lo — a autoridade que essa mulher possuía misturada com o ódio que ela estava, duvido alguém segurá-la. — Será deposto.

Uma pequena luminosidade no céu indicava que a noite começava a se esvaír, quem estava ao redor de toda a confusão deu passagem para Linda e ninguém a seguiu, exceto eu.

Ao perceber que estava sendo seguida, virou-se irada, mas quando me reconheceu, não me impediu de acompanhá-la, apenas trincou os dentes e seguiu morro acima.

Quanto mais subíamos, mais destruição e morte surgiam, nesse momento tentei não racionalizar e foquei na mulher caminhando na minha frente, assim que chegamos ao um pequeno grupo de civis e soldados, Linda hesitou.

— Tenente? — olhei para o homem que foi ao encontro dela, sargento Sanders pelo que me lembrava, ele me olhou feio. — Suboficial Brassard.

— Onde ele está? — pelo soar de sua voz Linda estava no limite de começar a chorar.

— Me perdoe, tenente, foi minha culpa, eu não consegui segurá-lo.

Linda se aproximou mais do sargento e segurou um dos seus ombros, confortando o homem.

— Não foi culpa sua, Sanders.

— Sabe que não precisa estar aqui — eu permaneci em silêncio, estava acompanhando a conversa somente para apoiar a Linda no que

ela precisasse. — Deixa a gente arrumar aí a senhora o vê.

— Eu não posso, sargento? Ele era meu melhor amigo.

Foi quando eu entendi o que aconteceu, o cachorro da tropa morrera no bombardeio que Linda solicitara, caí em mim sobre o quanto ela devia estar se sentindo culpada, esses animais são devotos aos seus donos e o nível de lealdade e companheirismo gera apego e amor pelo animal. Ainda mais que ele trabalhava junto ao seu dono, salvando a vidas de muitos.

Linda deu mais alguns passos e me preparei para o pior, assim que ela chegou ao pequeno amontoado de pessoas, ela caiu de joelhos quieta, aproximando-me, entendi seu desespero, o belo cão que conheci agora não passava de pedaços de carne, ossos e entranhas espalhadas no chão, nada bonito de se ver. Meu instinto era de abaixar, confortá-la, mas antes que eu tomasse qualquer atitude, Linda saiu correndo.

— Deixa ela, marinheiro! — Sanders me disse, segurando meu braço. — Ela precisa ficar sozinha.

Olhei para sua mão e ele me soltou, Sanders era mais velho do que eu, mas, se ele me segurasse de novo, juro que arrebatava ele.

— Já deixei ela sozinha tempo demais! — disse, olhando para a cara do homem e saí em busca da mulher que eu amava.

Estava à sua procura há uns minutos, então coloquei o fone no ouvido para me comunicar com todos, alguém devia tê-la visto em algum lugar.

— Jon, na escuta?

— Jon na escuta, Brassard.

— Consegue localizar a tenente pra mim — eu soava desesperado.

— Eu vi ela subindo o morro em direção à casa do ancião. Cara, o cachorro dela morreu mesmo?

— Sim.

— Nossa, deve ter virado carne moí...

— Obrigado, Jon! — o interrompi, não precisava da sua falta de noção agora.

Mesmo com todo o alvoroço na vila, corpos de rebeldes sendo empilhados e homens e mulheres lamentando por suas casas, tentei não me distrair com a cena e continuei a subir em direção ao topo da montanha. Com os ouvidos atentos a qualquer som, escutei um choro baixo atrás de uma rocha à minha frente, ao contorná-la, vi Linda sentada com os joelhos dobrados, olhos fechados e lágrimas escorrendo por seu rosto. No instante que percebeu alguém se aproximando, ela sacou a pistola do coldre e apontou para mim.

— Sou eu, sou eu.

Ela me olhou, abaixou a arma, mas não a soltou, encostou a cabeça novamente na pedra e deixou as lágrimas rolares em sua face. A aflição de ver Linda chorando me tomou, soltei o fuzil que carregava e me agachei, colocando a arma no chão e, ficando de frente a ela, puxei seu rosto para olhar para mim.

— Eu estou aqui por você, Linda — sabia que as luvas eram ásperas, mas fiz o melhor que podia para secar seu choro, o sol começava a raiar e com mais nitidez pude ver o quão abatida e triste estava. — Sei que está com raiva agora, mas vai passar.

— O que você está fazendo aqui, Apolo? — ela me disse, olhando fixo para mim, aproveitei e retirei seu capacete e seu fone do ouvido, olhei admirando mais uma vez como Linda ficara maravilhosa com os cabelos curtos.

— Cuidando de você — aproveitei para retirar o meu capacete também. — Sendo o que precisar.

— Eu não confio em você — sempre direta. — Você me enganou, mentiu e depois me deixou com uma *porra* de um bilhete.

— Linda, eu já te falei que posso explicar.

— Sabe por que meu cachorro tinha o seu nome? Pra me fazer lembrar todo o santo dia em não acreditar em promessas.

— Mas assim você se lembrava todos os dias de mim — ela me olhou irritada e eu sorri para tentar amenizar o clima e ela não sorriu de

volta. — Desculpa!

— Por favor, eu quero ficar sozinha.

— Não posso te deixar, não agora — implorei.

Linda cruzou os braços nos joelhos segurando a arma e debruçou a cabeça, deixando o rosto virado, quieto sentei ao seu lado e encostei a cabeça na pedra gelada, mais uma vez ela começou a chorar e, sem interrupções indesejadas, chorou por mais meia hora.

— Quem realmente é você, Apolo? — ela me questionou ainda de rosto virado contra mim.

O que eu diria?

A verdade.

— No dia que me conheceu estava disposto a acabar com minha vida — ela virou de supetão para mim e continuei. — Estava vivendo há tempo demais num lamaçal de desgostos e erros que se acumularam de um jeito que eu não via outra saída além dessa. Aquele dia, Linda, eu não tinha grana pra mais do que nossas duas cervejas... — sorri lembrando. — E quando te vi cheia de vida e entusiasmada, me dei a chance de mais um dia.

A vergonha de confessar quem eu era me tomou, e se eu dissesse a ela que era garoto de programa, ela iria me rejeitar. Eu sabia disso, e não podia desperdiçar a chance que ela estava me dando.

— Isso não justifica ter ido embora sem ao menos se despedir. — Ela tinha razão, olhei para seu rosto que tanto sonhara em estar perto novamente e tomei a decisão de confessar tudo.

— Mantenha a mente aberta, tudo bem? — ela balançou a cabeça concordando e eu tomei coragem. — Perdi meus pais na adolescência, e minha tutela ficou com o patrão dele e vamos dizer que sua conduta não era das mais respeitáveis. Linda, entenda que tudo isso ficou para trás no dia em que te conheci. Fui me envolvendo nos seus negócios e junto com a ilusão que o dinheiro trouxe virei um dos funcionários mais rentáveis da empresa.

— Eu não estou entendendo, Apolo.

Levei a mão ao rosto que queimava de vergonha, eu estava confessando meu maior arrependimento da minha vida.

— Eu era uma pessoa totalmente vazia e fui preenchido com ganância e soberba, comecei a trabalhar por ilusão de algo, depois de anos nisso, vi o quanto estava afundado na merda que minha vida tinha se tornado.

— Pode me falar. — Linda segurou minha mão com compaixão e fixou seus olhos inchados pelo choro nos meus.

— Além das drogas que eu usava, estava me tornando um alcoólatra. Mas, isso não era nada comparado a minha profissão — respirei fundo e confessei. — Eu trabalhava em uma boate como garoto de programa.

Linda puxou sua mão da minha e seu olhar transformou-se pelo choque das minhas palavras, ela parecia não acreditar no que tinha ouvido, franziu o rosto várias vezes, mas permanecia quieta.

— Por favor, diga alguma coisa. — Minha aflição quase me sufocava.

Levantei-me e estendi a mão para ela que recusou de imediato, Linda, com uma frieza, que talvez eu já esperasse vir da parte dela devido a minha confissão, olhou para o horizonte e não me encarou mais.

— Por favor, vá embora e me deixe em paz.

Seu pedido doeu dentro de mim e eu não tinha o direito de insistir, peguei meu capacete e meu fuzil do chão, olhei para ela mais uma vez com vontade de voltar a minutos atrás e ter ocultado essa parte dela, mas, respeitando seu espaço, me virei e a deixei sozinha na montanha, a única mulher que realmente amava. Eu tinha acabado de perder minha chance com Linda.



Os quatro meses seguintes resumira-se a uma única palavra.

Trabalho.

O fracasso da última investida rebelde contra a vila, que resultou em civis e soldados com ferimentos leves e a morte do meu cão, garantiu a paz que precisávamos para o início da construção do colégio. O projeto para comportar alunos e professoras, de certa forma, era simples e prático, e a alegria do povo contagiava a todos, menos a mim. A angústia e a culpa que eu sentia fez-me garantir que ficasse sozinha boa parte desses dias e foi só a notícia que Michelangelo não corria mais perigo de vida e que vinha se recuperando bem na Alemanha foi forte o suficiente para me tirar da agonia que eu sentia todas as vezes em que acordava.

Tanto o KOP quando a vila recebiam poucas investidas do inimigo e então Sanders se encarregou de organizar as patrulhas diárias ao redor do vilarejo, dividindo os homens em grupos de nove soldados e mais um líder de tropa, assim, garantiam que os trabalhadores e os soldados pudessem erguer as paredes da escola em paz. Cortez estava radiante com a possibilidade de concluirmos o projeto a tempo e para dar um certo tipo de segurança à vila, os aliados afegãos recrutaram os homens para treinamento militar, Ivanov coordenava suas tarefas até a exaustão, pois o prazo era curto e os rebeldes logo iriam se organizar para um novo ataque.

Deitada no meu colchonete em um quarto de uma casa vazia na vila, tentava a todo custo dormir para descansar do dia de trabalho, Willian se mostrou preocupadíssimo comigo após todo o ocorrido, ele não gostava do Apolo, mas nunca desejou mal ao cachorro, ligou diversas vezes para meu telefone e só atendi quando mandou mensagem dizendo que encontrara com meu pai na base de Kandahar, então ele me disse que conversara com o general sobre estar preocupado comigo, fiquei tão louca de raiva que desliguei o telefone na cara dele e afirmei que não ficara muito contente com a aproximação deles.

Outro que não me deixou em paz foi meu pai, disse que minhas ações foram mencionadas em uma reunião de segurança de estado onde os generais, o secretário e até o presidente estavam reunidos e só eu sei o que minha decisão me custara, ainda não findou minha tarefa neste vale e para eu ganhar uma nova promoção tinha que ter êxito em minha missão, o general foi cauteloso ao perguntar por que nunca tinha dito que namorava com o tenente Miller, não fui a fundo no assunto, já que Will e

eu rompêramos e ele respeitou, apesar de que, em todas as vezes que nos falamos, era só elogios ao tenente Miller.

O celular vibrando no chão mostrava o quão pontual estávamos sendo nesses últimos dias.

— Adivinha — Jordan disse assim que atendi.

— Nadou nua com golfinhos nas Maldivas?

Jordan caiu na risada, me fazendo embalar junto, para tentar me tirar da tristeza que eu estava, combinamos que a cada dia iríamos tentar adivinhar uma situação totalmente absurda uma da outra.

— Seria demais, né, nadar nas Maldivas.

— Ou podemos marcar uma viagem de amigas, tenho vontade de conhecer o Brasil da minha mãe — confessei — ela sempre falava que, se quisesse conhecer o mundo todo, era só viajar por lá, pois gente de todas as nações habitava aquele país.

— Então, está combinado! Como está hoje?

— Melhor que ontem.

Houve uma pausa prolongada na linha e eu sabia muito bem o porquê.

— Pergunta logo vai!

— Viu ele hoje?

Desde a última conversa que tivemos, não vi Apolo mais, pedi para que ele me deixasse em paz e ele foi o único que cumpriu meu desejo, seus homens constantemente circulam pela aldeia, somente ele, eu não vi mais.

— Não, eu não o vi hoje.

— E já pensou em perguntar para alguém sobre onde ele está? Se voltou para a base ou decidiu rolar montanha abaixo e se afogar no rio?

— Lógico que já! — minha curiosidade sobre onde ele estaria só aumentava a cada dia. — E o que eu diria a ele quando o encontrasse?

Eu te desculpo por ter ocultado de mim no dia em que nos conhecemos que era um garoto de programa.

— E seria tão ruim assim? — Jordan fez soar tão simples que eu até me questionei.

— Jordan, ele mentiu para mim, me deixou com um bilhete, sabia onde eu estava todos esses anos e não me procurou. Foi somente uma noite, passamos só uma noite e só — quando dei por mim, estava indignada e em pé andando de um lado para outro no quarto escuro com o celular no ouvido. — Vamos esquecer esse assunto.

— Tudo bem!

— Fácil assim? — desconfiei.

— Sim, fácil assim, se minha melhor amiga diz, quase que aos berros, que não quer saber do homem que ela dormiu uma noite, mas que mexeu tanto com ela a ponto de ela guardar até hoje o bilhete. Que ela não quer saber do marinheiro gato que depois de anos ainda vai para uma zona de guerra na intenção de protegê-la e reconquistá-la. Que confessou todos os seus erros, mas esteve disposto a corrigir tudo antes de ir atrás dela novamente — ela suspirou exageradamente. — Eu respeitarei sua vontade.

— Você é uma puta! Uma vaca desgraçada, você sabe disso, né?

— Eu? — Jordan riu descaradamente. — Jamais! Sou o mais puro anjo, Linda.

— Preciso me priorizar, Jordan, acabei de sair de um relacionamento longo com Will, que eu nem sei dizer se o amei ou não. Perdi meu companheiro de trabalho por uma decisão minha e eu estou numa guerra, como posso pensar com clareza assim?

— Tem razão, desculpa — ela soou arrependida. — Mesmo assim tenho razão.

Jordan, com seu entusiasmo e carisma, fazia qualquer situação se tornar leve e de fácil resolução.

— E como está por aí?

— O mesmo de sempre, plantões e mais plantões.

— E o enfermeiro?

— Hugo? — suspirou despreocupada. — Mantemos a rotina de sempre, nas nossas folgas, nos encontramos. Sexo sem compromisso mesmo.

— Você não é assim!

— Talvez agora eu seja, Linda, depois de tantos relacionamentos fracassados, essa pode ser minha realidade no momento.

— E o que ele fala sobre vocês?

— Nunca falamos sobre nós, esse foi o combinado.

Certo, não iria me intrometer na sua vida, Jordan era uma mulher incrível e se essa era sua decisão eu iria apoiá-la em tudo.

— Preciso descansar agora. Amanhã nos falamos.

— Amanhã serei mais criativa do que você na resposta do adivinha.

— Não tenho dúvidas alguma sobre isso — rimos juntas — Te amo!

— Te amo também. Boa noite, Linda!

— Boa noite, amiga! — desliguei o celular e o apoiando sobre o peito chorei mais uma vez.

Que o exército tinha muitos benefícios isso não havia dúvidas e todos os combatentes estavam propícios aos traumas típicos do campo de batalha, fosse uma concussão leve ou grave, dependendo da situação, se qualquer um de nós fosse negligente em algo, estaríamos colocando todos em perigo, uma bomba caseira, por exemplo, tinha consequências gravíssimas como lesões cerebrais, movimentos de líquidos internos e mudança de pressão no cérebro, porém, o que me preocupava mais, eram os traumas psicológicos, que podiam ter efeitos severos sobre a personalidade das pessoas afetadas.

Ainda tinha mais sete meses pela frente e necessitava encontrar alguma maneira para ajudar minha equipe e eu a relaxar, os homens começavam a ficar irritados e ariscos demais.

— Troy?

— Sim! — Estávamos sentados numa tenda improvisada e o radioperador limpava exageradamente sua pistola.

— O que gostaria de fazer para se distrair?

Troy olhou para mim e primeiro veio o espanto e em seguida algum pensamento realmente sacana.

— Tenente, eu não sei dizer.

— Mentiroso de merda.

Rimos porque sabia muito bem o que o distrairia de toda a tensão que um acampamento militar causava.

— Shawn, se não podemos nos aliviar de um jeito, podemos liberar a energia de outro — ele deu os ombros. — A maioria aqui luta alguma coisa, podíamos fazer um campeonato, o que acha?

— Não é uma má ideia! Vou ver o que consigo fazer.

Saí dali em direção ao nosso posto de comunicação e controle improvisado na sala de uma casa amiga, precisava me comunicar com Cortez e talvez do seu aval. Eu estava ficando viciada no chá de erva doce que as mulheres afegãs preparavam para nós e, nos últimos meses, além de sempre estar com meu fuzil, agora também andava com uma caneca térmica cheia de chá.

Cumprimentei os poucos soldados que ali estavam e procurei pôr em prática a ideia.

— Arcanjo01 para Korengal0?

— Korengal0 na escuta!

— Preciso falar com o capitão.

— Um momento, senhora.

Seria interessante ver aquele bando de soldados lutando, eu não tinha uma boa distração há meses e se eu já me sentia tensa, imagine todos eles.

— Sim?

— Capitão, serei direta, estamos a meses do fim dessa implantação e eu sugiro, para que os homens não comecem a pirar da cabeça, uma disputa amigável entre eles. Luta livre ou jiu-jitsu, o que eles acharem melhor.

— Aí na vila ou aqui na base?

— Bem estamos quase que metade aí e aqui e podemos revezar os lugares, levar distração e um pouco de diversão a todos.

— Certo, então façam — Cortez se empolgou também. — Alguma novidade?

— Não, senhor, e isso me preocupa.

— A mim também, se estão demorando tanto assim, é porque estão se abastecendo e melhorando em algo.

— Eles ainda investem todos os dias, mas a intensidade dos ataques é como se estivessem nos testando, estão procurando alguma brecha ou falha, senhor.

— Concordo com você, Shawn! Bem, continuaremos atentos a tudo e até mais.

— Se cuide, senhor. Desligo!

Minha tropa, juntamente com o batalhão que já estava na base quando chegamos, merecia algo, tudo o que fazíamos fazia parte do nosso trabalho e obrigação. Mas uma recompensa renovava os ânimos de qualquer um.

Olhei ao redor e, com um sinal, pedi para ficar só, os soldados, com cara de tanto faz, saíram e retirei meu celular do bolso, resolvi apelar para o único que podia me ajudar.

— Passarinho? — Meu pai atendeu, assustado, no terceiro toque e ao fundo escutei um riso abafado.

— Está tudo bem por aí, general?

— Sim, querida, estou na capital resolvendo assuntos internos, trouxe o tenente Miller comigo.

Não pude negar que fiquei surpresa, meu pai e Will se aproximaram muito desde meu término e isso me incomodava.

— Ele está em missão, como pode tirá-lo daqui?

— Privilégios de ser quem sou.

— Então, senhor, irei me aproveitar de seus privilégios! — ouvi quando meu pai se levantou de algum lugar, acredito que possa ter sido da cama. — Preciso que me envie algumas coisas para o Korengal, sugeri um tipo de campeonato para aliviar a tensão desses pobres homens solitários.

Meu pai riu com gosto do meu sarcasmo e embalei no seu riso rouco.

— Só me diga o que precisa que mandarei, passarinho, amanhã estarei partindo novamente e talvez eu mesmo possa levar até vocês.

— Sério? — não escondi minha empolgação em poder ver meu pai.

— Sim tenho visitado muitas bases para verificação de rotina e o Korengal estava nos planos há tempos já.

— Aguardarei o senhor, vou enviar um e-mail informando o material necessário.

— Então até semana que vem, filha. Eu amo você!

— Também te amo!

Saindo da casa, vi Ivanov vindo em minha direção.

— É verdade?

Procurei igual uma águia pelo língua solta do Troy que, ainda sentado na tenda, ria descaradamente da cara que fiz para ele.

— VOCÊ VAI FICAR DE FORA! — gritei em sua direção e ele logo murchou o riso.

Dessa vez quem caiu na gargalhada fui eu e, antes que eu dissesse que era brincadeira, Troy já se levantou e foi ao meu encontro com cara que iria implorar.

Por ter sido atrevido demais, iria torturá-lo um pouco mais, levantei a mão, impedindo-o de falar e ele parou e apelou para o sargento.

— Diga a tenente que foi você que me obrigou!

— Eu não tenho controle sobre você, soldado — Ivanov entrou na brincadeira. — Perguntei quais eram as novas do dia e você já me contou.

— Já chega! Estou brincando com você, soldado, e já que fofocou ao Ivanov, pode informar aos outros que na semana que vem teremos as disputas.

Assim que fechei minha boca, ouvi som de tiros sendo disparados montanha abaixo, procuramos uma posição de defesa e logo dois tiros foram disparados, encerrando as rajadas de balas em nossa direção.

— Menos dois! — Sanders falou ao se aproximar de nós. — Juro que não sei como conseguem trabalhar assim!

Eu sabia muito bem de quem ele estava falando, os SEALs continuavam seus trabalhos na aldeia e na base, mas do líder deles, eu não tinha notícias há meses, suprimentos de helicóptero da marinha chegavam para eles a toda semana, seus homens quase não falavam conosco, acreditava que era por ordem dele, então pensei no que Jordan me dissera.

— Eu vou subir! — Sanders se movimentou para me acompanhar. — E eu irei sozinha.

— Sim, senhora! — ele respondeu, carrancudo.

Tomei o caminho montanha acima, talvez uns trezentos metros de distância, se ele não tivesse partido, me veria chegando. Depois de alguns minutos de caminhada, olhei e percebi o quanto os rebeldes tinham a facilidade de nos observar do alto, eles estavam sempre em vantagem, logo mais a frente, vi os primeiros sinais do posto deles, uma tenda simples, escondida em meio as pedras e tecidos de camuflagem, o silêncio era absurdo e me perguntei se havia alguém ali mesmo.

— Precisa de alguma coisa, tenente? — Ouvi a voz de Apolo nas minhas costas e o alívio de saber que ainda estava ali me tomou.

Virando-me vi o homem que vinha evitando há tempos, meu coração disparou e senti minhas mãos gelar, mesmo com as luvas, a noite estava chegando ao vale e olhando seu rosto ao entardecer, admirei a beleza que Apolo tinha, ele devia estar perto dos trinta e cinco anos, tinha algumas rugas no rosto e pelos brancos na barba crescida, mas, mesmo assim, continuava extremamente bonito. Seus cílios grossos davam profundidade ao seu olhar e as cores diferentes dos olhos me eram extremamente atrativas. Apolo me olhava com curiosidade, coçou a barba e com um sorriso passou por mim em direção à tenda, sabia da química forte que tínhamos juntos, só que ainda não conseguia deixar para lá o que acontecera conosco.

Então.

O que estou fazendo aqui em cima?



Adentrando na tenda, logo vi o quão bem preparados eles estavam, enquanto dois homens jogavam vídeo game, o outro estava posicionado com uma joia, um dos fuzis mais precisos que existia, com uma ótima mira ótica e eletrônica acoplado a um telêmetro laser e um computador balístico, o fuzil M-24 conseguia abater alvos a um quilômetro sem dificuldade.

— Apolo, ela sumiu cara...

Instantaneamente Apolo deu pigarro e a atenção do atirador se voltou a ele, quando percebeu que eu estava dentro da tenda, se levantou rapidamente chamando a atenção dos outros dois soldados.

— Boa tarde, senhores! Não quero atrapalhar. — Cumprimentei e, olhando para Apolo, vi o pequeno sinal que ele deu para todos se retirarem.

— Tenente! — não sabia o seu nome, ele não usava identificação como eu. — Cara, meus olhos estão queimando por causa do zoom da mira, vou descer a colina, quero ver se a senhora Makveb fez chá.

— Senhora! — um dos jogadores me estendeu a mão cumprimentando e logo soltou. — Acho que preciso de chá também.

Quando os dois já estavam na saída da tenda, olharam com cara feia para o segundo jogador que colocava o pente na pistola e ele, passando por mim, apenas me deu um cumprimento com a cabeça. Os três saíram cochichando e olhando para trás e Apolo, de costas para mim, fechou a tenda bloqueando a visão deles de nós.

Mesmo estando frio, o ar começava a me sufocar, nunca gostei de lugares fechados, ainda que eu sentisse a ventilação correr dentro do lugar, minha respiração começava a pesar no peito. Olhei ao redor e camas provisórias estavam desmontadas num canto, uma mesa pequena com rádio e um notebook dividia espaço com bancos espalhados e um violão pendurado na parede junto de outra arma de calibre pesado.

O peso do fuzil em minhas mãos me incomodava, mesmo estando acostumada a carregar durante anos, apoiei a arma no chão e retirei meu capacete, Apolo apenas me observava, calado.

— Posso me sentar? — perguntei, indicando um dos bancos.

— Fique à vontade, tenente Shawn. — Ele não olhou, então me acomodei em um banco encostado na parede, Apolo resolveu se sentar no chão, no sentido oposto ao meu.

O silêncio dentro da tenda era constrangedor, não sou de me acanhar, mas não encontrei palavras para começar uma conversa coerente com esse homem. Minha ansiedade era tanta que comecei a retirar o colete e seus complementos, apoiando-os no chão, sentia espremer meu corpo em um nível descomunal, tudo estava me incomodando e comecei a me arrepender de ter ido até ali.

— Mais confortável? — Apolo me perguntou com humor. — Quer beber alguma coisa? Temos água, refrigerante e suco.

— Água, por favor!

Sem qualquer esforço, ele se levantou e foi até uma caixa térmica, retirou uma garrafinha plástica e me entregou, assim que eu estendi minha mão para agarrá-la, nossas mãos se encostaram e senti o familiar calor emanando de sua pele, retraí a mão instantaneamente olhando para seu rosto e, como se pudesse ler meus pensamentos, soube que me lembrei da nossa primeira vez juntos. Ele ainda estava oferecendo a garrafa a mim, então, com mais cautela, retirei de sua mão e retirando a tampa bebi para molhar minha garganta que estava seca.

— A marinha cuida bem de vocês.

— É, podemos dizer que sim! — ele disse, dando meia volta e debruçando sobre a caixa novamente, retirando uma lata de refrigerante.

Bebi o restante da água para conter minha timidez, meu comportamento era como de uma adolescente, fui para conferir se ele estava bem e constatei que estava muito bem, por sinal, mesmo estando em seu uniforme casual da marinha, os músculos de seus braços estavam desenhados no tecido da blusa, a calça de sarja valorizava uma das minhas visões favoritas de um homem, a sua bunda. Caindo em mim, me levantei decidida a ir embora dali antes que fizesse outra besteira.

— Obrigada pelo apoio, suboficial, meu pessoal manterá contato com sua equipe, já estamos na metade da obra e em breve nossa implantação também findará.

Toda atrapalhada, me virei para pegar minhas coisas na lateral do banco, escutei o abrir da lata e goles sequenciais indicavam que ele bebia todo o seu líquido, assim que vesti o colete, procurei às cegas a primeira presilha para prender o acessório e foi quando senti, mais um vez, mãos quentes sobre as minhas.

— O que realmente veio fazer aqui, Linda? — Apolo estava tão perto de mim que senti o soprar de sua voz em minha nuca.

— Pensei que tinha ido embora do vale — confessei covardemente.

— E por que eu faria isso?

Ele ainda estava em minhas costas, mas em vez de me ajudar a vestir o colete, ele retirou a peça de mim novamente.

— Eu pedi para que me deixasse em paz e você sumiu por meses.

— Sim, foi o que eu fiz! — ele suspirou com angústia. — Me afastei para que pudesse se recuperar de sua perda, me afastei para que pensasse no que te disse e me afastei para que pudesse me perdoar.

Sentindo sua intenção, me afastei dele antes que ele me abraçasse, olhando para seu rosto, senti que precisava de mais ar, Apolo era um homem realmente bonito, sua peculiaridade chamava a atenção de qualquer um e foi assim que caí em sua teia de mentiras.

— Você já tinha partido uma vez e eu pensei...

— Eu precisava concertar minha vida, Linda, você me aceitaria do jeito que eu era? — ele me cortou com a sinceridade de suas palavras.

— Você não sabe! — comecei a me exaltar. — Você não me deu essa escolha, Apolo, você simplesmente decidiu ir embora.

— Sim! Eu sei! — ele se aproximou de mim o suficiente para que ficássemos cara a cara. — Sei que, no momento que falasse quem eu era, você perderia o interesse e iria embora. Todos fizeram isso!

— Você me afastou, Apolo, você tomou essa decisão por mim!

— Eu prometi que voltaria, Linda, e, assim que virei as costas, você voltou com o palhaço loiro.

— Não fale do Will assim! — Aproximei-me um pouco mais dele, meu sangue fervia dentro de mim.

Apolo trincou os dentes e fechando os olhos respirou lentamente, aproveitei esse momento para me afastar, tudo aqui estava nos extremos e para eu tomar uma atitude idiota faltava pouquíssimo.

— Você o ama?

— Isso não lhe diz respeito, Apolo! — fui o mais rude que pude.

— Então me diga, por que veio até aqui, Linda?

Por que, Linda? Responda!

— Eu não sei! — Sua confusão ao me olhar não passou despercebida, se eu não me entendia às vezes, imagina ele. Coitado!

— Eu já disse para você, eu estou aqui por você! Meu superior poderia ter escolhido qualquer um para vir, mas, por uma razão, sou eu que estou aqui, Linda.

Seus passos perigosos se voltaram em minha direção, sua aproximação despertava em mim curiosidade e eu fiquei entre recuar ou deixá-lo chegar até a mim.

Quando ele estava perto o suficiente, o impedi com a minha mão em seu peito, Apolo, com delicadeza, apoiou sua mão sobre a minha, mas não desrespeitou minha vontade.

— Você sabia onde eu estava — eu soava um pouco magoada. — Por que nunca me procurou?

Apolo pegou minha mão puxando-me para ele, passou a mão em meu braço e me encarou profundamente, eu tinha certeza que seu olhar enxergava até o lugar mais obscuro da minha alma.

— Eu fui, Linda! — meu choque foi instantâneo. — Em Nova York, assim que me formei na marinha, eu fui até lá, sabia onde era seu apartamento, pois um conhecido do setor de logística conseguiu a informação para mim — ele continuava a me acariciar e eu comecei a desejar fortemente que eu não estivesse de uniforme para sentir suas mãos em minha pele. — Só que quando cheguei lá, eu vi você chegando abraçada ao mesmo homem que estava com você no dia em que nos conhecemos. Então, eu dei meia volta e fui embora.

— Apolo... — Eu estava cedendo novamente, esse homem só podia ter alguma poção em suas palavras, pois eu começava a me esquecer de tudo o que tinha acontecido, tudo que me deixara magoada por anos.

— Depois de lá, comecei a trabalhar sem parar, fui me destacando assim como você — ele se aproximou mais e senti quando passou os dedos pelas pontas dos meus fios curtos de cabelo. — Conheci algumas mulheres após esse dia, mas nenhuma dava certo porque elas não eram você! - ele abaixou seu rosto e sua boca veio até meu ouvido. — E eu precisava de você, Linda.

O arrepio foi certo, fechei meus olhos e inclinei meu rosto para lado, Apolo, com cuidado, passou seu nariz em meu pescoço e inalou

meu cheiro como se fosse uma droga, nessa altura meu coração estava mais rápido e me aproveitei dessa sensação de estar perto dele novamente.

Por um momento, eu me esqueci de onde estava, esqueci suas mentiras, esqueci seu abandono e me esqueci de Will. Eu simplesmente me deixei embalar por sua magia, Apolo apoiou sua mão na parte de trás do meu pescoço e me puxou com intensão de me beijar.

— Não! — eu falei antes que nossos lábios se tocassem. — Eu não confio mais em você!

Desvencilhando-me dele, peguei meus equipamentos, decidida a sair dali, todas as vezes que me aproximava dele, eu abraçava uma cegueira que ele me proporcionava e me entregava com facilidade demais.

— Não fuja de mim assim, Linda! — Ele observava aflito eu colocar os equipamentos para descer a colina.

— Eu vim para ver se tinha ido embora de novo e, como já pude ver, está bem presente e operante no vale. Obrigada por sua atenção, suboficial!

— Você poderia pedir para qualquer um da sua tropa conferir, mas subiu até aqui mesmo assim — ele não foi convencido na sua afirmação, foi mais como se implorasse.

— Sim, eu vim! E isso não muda nada.

Peguei meu fuzil e, passando a alça pelo meu braço, apoiei a arma nas minhas costas, meu capacete estava na mão dele que, com ousadia, se aproximou de mim novamente com intenção de colocar o item em minha cabeça.

— Eu sei e você sabe. Isso muda tudo! — Com cuidado ajeitei meus cabelos e encaixei o capacete em minha cabeça e com um click o prendi em mim.

— Obrigada, suboficial Brassard!

Assim que tomei caminho para a saída, Apolo foi mais rápido que eu e entrou na minha frente, bloqueando minha passagem.

— Sabe como eu aguentei todo o treinamento da marinha, Linda? — a cada passo em minha direção, eu dava outro para trás. — Eu, todo o santo dia, acordava e dormia determinado a te merecer, você mudou minha vida no instante em que te vi, a mulher mais cheia de vida e fúria que eu conheci, você me fez sentir como em muito tempo eu não sentia e, mesmo eu não dizendo quem eu era, deixou eu ser eu mesmo.

Meus olhos estavam marejados e nenhuma palavra saía de minha boca, Apolo, confessando isso para mim, me tocou de várias maneiras que eu não entendia, era como se eu pudesse sentir o que ele sentia.

— Quando vi você com outro, meu arrependimento de ter deixado você se multiplicou infinitamente mais. — Apolo me encurralou entre ele e o amontoado de camas na parede. — Eu sofri por meses, pois a única mulher que me fez sentir vivo estava nos braços de outro. Linda, de todas as maneiras eu tentei te esquecer, mas cada vez mais notícias sobre uma mulher poderosa e imponente circulavam. O *Arcanjo*, e eu, sem dúvidas alguma, sabia que se tratava de você!

— Apolo, por favor! — eu apelei, pois não sabia quanto tempo mais poderia segurar as lágrimas em meus olhos.

— Eu constantemente buscava você nas redes sociais e a cada foto que você capturava eu sonhava em estar presente nelas, desejava estar ao seu lado e principalmente estar cuidando de você.

Ele segurou minha cabeça com as mãos para encará-lo e, nesse momento, as últimas barreiras que levantara contra a ele começavam a ruir pelas lágrimas que rolavam de meus olhos.

— Eu amo você! — suas íris bicolores me encaravam com carinho e necessidade. — Amei desde o momento em que me ofereceu carona, amei quando aceitou dançar comigo, amei quando deixou desfrutar do seu corpo e amei quando fingiu dormir sabendo que eu olhava você naquela manhã.

Minha mente entrou em colapso todas essas informações eram demais para mim.

— Fale alguma coisa, por favor! — Apolo implorou, olhando em meus olhos.

Eu não sabia o que dizer, meu coração explodia de felicidade a cada palavra dita por ele e minha mente girava nos acontecimentos passados. Um medo me tomou de tal forma que não seria aceitável, eu tinha que sair dali, a situação toda era tão absurda que me acovardei.

— Eu estou noiva do William! — falei entre as lágrimas e a loucura que eu me encontrava.

— O quê? — Apolo soltou-me e afastou como se tivesse levado uma picada de uma cobra.

Merda! O que eu fiz?



Capítulo Quatorze

Apolo

— O quê? — foram as únicas palavras que consegui pronunciar, o que acabara de escutar doeu demais. *Porra*, declarei todo o meu sentimento por ela à toa.

Linda estava compromissada com outro.

Seus olhos cheios de lágrimas me olharam com arrependimento, não suportei e dei as costas para ela, pois, minha vergonha diante de toda aquela situação era demais.

— É melhor a senhora ir embora, tenente!

Meu peito ardia pelo sentimento de perda que eu sentia, meus esforços foram todos em vão e eu, mais uma vez, deixei a mulher da minha vida escorrer pelos buracos dos meus dedos.

Escutei quando Linda saiu da tenda e um acúmulo de frustração corroe meu interior, ainda assim meu dever com ela devia ser cumprido, rapidamente me debrucei sobre a arma e apoiei a mira ótica, acionando o visor noturno e a encontrei descendo a colina, mesmo carregando o fuzil em posição de defesa, vi repetidas vezes ela limpando seu rosto com a manga do uniforme.

— Olhe para trás, por favor.

Ela sabia que eu estava observando sua descida, mesmo estando sozinha, não demonstrava medo e seus passos tornaram-se lerdos em direção à aldeia.

— Vamos! Se você olhar, eu não irei desistir.

Perguntei-me se era tolo o suficiente para criar em minha mente uma ligação entre nós e as situações dos nossos encontros sempre eram desfavoráveis para o meu lado. Não podia desistir, não ainda.

Linda parou de andar e limpou seu rosto para se recompor, respirou repetidas vezes para recuperar a calma e, como se escutasse meu pedido, ela olhou morro acima em minha direção.

Não contive o sorriso, sabia o quão em desvantagem eu estava em relação ao palhaço loiro, só que eu iria lutar por essa mulher, não acredito que fosse implicância minha, mas, desde o primeiro momento que vi aquele sujeito, não fui com sua cara. Ele escondia alguma coisa e eu ia descobrir o que era.

Linda terminou sua caminhada se encontrando com seus soldados que a aguardavam, observando a aldeia e os arredores, vi quando Jon, Seige e Paschoal passaram por eles e tomaram o caminho da nossa tenda.

— Alguém na escuta? — no rádio a voz de Paschoal soou cansada, soltei por um momento o *Miguel* para responder o chamado.

— Brassard!

— Cara, que dia foi esse! Abatemos mais de oito homens que estavam a espreitar a aldeia. Eles não descansam nunca, Apolo.

— Eu sei, irmão! Vamos manter a constância, observar, confirmar e abater. Já estou retornando!

— Não se esqueça do meu chocolate, irmão, eu preciso de açúcar e traga mais dois estojos de munição para *Gabriel*.

E sim, nossos fuzis de serviços tinham apelidos de anjos, pois eles com precisão anunciavam e executavam a ordem da equipe Asas. A morte!

— Mais alguma coisa?

— Acredito que não! — ele estava bocejando, pois já era para eu ter assumido o posto. — Foi a tenente que acabou de sair daí?

— Irmão, ela tá noiva!

— *Porra!* - percebi que despertou. — Estou te esperando, cara.

— Certo. Brassard desligando!

Os meses que fiquei longe de Linda foram estratégicos e eficazes, montamos um ponto de observação quase que invisível para vigiar o lugar, procuramos não contar os números derrubados por nós, mas nenhum serviço se comparava a esse lugar. Podemos dizer que o Vale Korengal era uma pequena amostra do inferno.

— Apolo? — Seige me chamou com cautela.

— Sim!

Eles entraram desconfiados, mesmo eles sabendo tudo da minha vida, eu ainda era seu superior e o respeito mútuo era nosso lema.

— Pode ir falando! — Jon deu o sinal para que eu largasse *Miguel* para assumir seu posto.

— Dá um tempo, Jon! — Paschoal, sendo o mais reservado de nós, interviu.

— Qual é? Ela estava visivelmente chateada — Seige apontou para mim. — E olha para esse daqui, cara de quem comeu e não gostou.

— Linda está noiva do cara, acreditam?

Olhando para meus amigos, vi a cara de espanto que Paschoal faz e Seige tampou a boca com a mão. E eu ainda não havia digerido essa informação.

— Irmão, só digo uma coisa — Jon, agarrado a *Miguel*, disparou um tiro e ainda observando confirmou com a cabeça que acertara o alvo. — Acabou para você!

Não sei dizer se ele falava isso para quem acabara de eliminar ou para mim, procurei não dar atenção a ele e fui pegar as coisas que me fizeram descer até a tenda onde encontrei Linda.

— Vou subir! — peguei umas guloseimas a mais. — Amanhã falo com vocês e se cuidem!

Saindo da tenda, respirei o ar seco e gelado do vale, não podia dizer que estava me acostumando com a vista, à noite via somente as poucas luzes da aldeia e durante o dia, somente montanhas, pedras e areia. Sabendo que Paschoal me vigiava, fiz meu caminho com tranquilidade, era mais setenta metros morro acima e sem dificuldades encontrei nosso esconderijo.

— Trouxe meu chocolate? — ri sem humor, ainda estava abalado pela intensidade da conversa que tivera com Linda.

Levantei minha mão no ar mostrando para Paschoal que, além dos chocolates, teríamos jujubas para nossa distração da noite e joguei em sua direção. Meus irmãos eram a família que não tinha, passávamos mais tempo juntos do que com nossos próprios entes queridos. Nossa pilar era o código de lealdade, integridade e confiança, essa era a nossa essência e tinha liberdade total de ser quem era na presença deles.

Uriel estava na mesma posição que deixara, desdobrei minha jaqueta para vestir, peguei as luvas grossas e deitando me ajeitei dentro do saco de dormir.

— Viu meu boné?

— Tá por aí, cara! — Paschoal respondeu com a boca cheia de doces.

Tateando o chão na escuridão, procurei meu boné preto da sorte e encontrando coloquei na cabeça para ajudar na camuflagem.

— Então lá vamos nós de novo! — disse posicionando meu rosto para deixar a mira na altura do meu olho direito.

— O que ela queria?

Me torturar?

— Eu não sei! Conteí tudo e então ela me afastou — Paschoal me ofereceu uma barra de chocolate. — Não quero agora. Mantive a distância, respeitei seu espaço e então ela aparece na tenda.

Pela mira térmica avistei um homem em idade militar correr curvado, se eu confirmasse que estava carregando um binóculo, celular, arma ou qualquer artefato explosivo, a ordem era eliminar a ameaça.

— Paschoal, ela confessou que veio para ver se eu ainda estava no vale, se eu não tinha ido embora.

— Apolo, seu histórico com ela não é um dos melhores, amigo — escutei Paschoal ajustar o zoom. — Seiscentos metros de distância e não confirmo nada suspeito.

— Eu dou razão a ela pela desconfiança! Mas quando estamos juntos, cara, é diferente de qualquer coisa que já passei, sinto calor e frio ao mesmo tempo, consegue entender essa loucura? — o suspeito procurava se esconder atrás de rocha pequena. — Ela estava em meus braços, irmão, eu comecei a falar tudo o que sentia aí...

— Você assustou a tenente, Brassard, ela não te vê há anos, cara. Do nada você aparece e acha o quê? Que ela irá pular em seus braços e vão viver felizes para sempre — ele bufou, pois sabia que estava coberto de razão. — Ele está saindo e carrega algo com ele, confirme.

Com atenção procurei identificar o objeto que o homem carregava e, para seu azar, ele tropeçou e o cilindro semelhante a uma bomba caseira escapou de suas mãos direto para o chão.

— Confirmado! — assim que disse, Paschoal disparou e vi quando o homem foi atingido e caiu de lado, de onde não se levantaria mais. — Ela está noiva, irmão, noiva!

— Apolo, não acha que está na hora de deixar pra lá toda essa história e seguir em frente?

Tirei meu rosto do equipamento e encarei rapidamente meu amigo com cara de indignação.

— Deixaria para lá sua história com a Oleen?

— Jamais! — ele protestou. — Lutei por ela, cara, tem noção quantos não o chefe da tribo havaiano dela me disse? E mesmo assim não desisti da minha Oleen.

— Então, já sabe minha resposta. — Ajustei novamente a mira.

— Cara, vocês só ficaram uma vez e se machucaram de todos os jeitos possíveis.

— Ela chorou em meus braços, Paschoal, eu enxuguei suas lágrimas e foi nítido o medo que ela sente — suspirei — não posso deixar para lá, assim como você não deixou também, cara.

— Irmão, não vou insistir mais, você sabe que eu te amo e quero a sua felicidade acima de tudo, qualquer que seja a tua decisão, vou estar contigo.

— Valeu, Paschoal!

Nas horas seguintes, conversamos sobre tudo e sobre nada, minha sorte de estar trabalhando com alguém como o Paschoal era essa, ele jamais me julgara ou tirara sarro de quem eu fora.

Observei a vila e a movimentação lá embaixo estava normal. Relembrei de toda a nossa conversa, do quão perto estava de beijar aqueles lábios novamente, as suas lágrimas eram como facadas em meu peito, pois eu era o causador delas. Fiquei pensando no quanto sonhei em estar com ela novamente, só que nossos encontros estavam sendo cada vez mais desastrosos.

Ela seguiu sua vida, mesmo eu dizendo que voltaria por ela, eu era tão estúpido que entreguei de bandeja o amor da minha vida a outro homem. Minha punição pela vida que eu tinha era a ausência de quem eu gostaria de ter perto. Só de pensar na explosão de ódio que tive ao vê-la indo com ele para o helicóptero, se não fosse pelos meus irmãos ter me contido, eu teria batido naquela porta.

No refeitório ele não perdeu a oportunidade de me confrontar, suportei sua afronta até demais, mas quando ele sussurrou no meu ouvido o quão satisfeito ele estava, não consegui me segurar e parti para cima dele com tudo. Se a Linda não tivesse interrompido, não sei o que seria capaz de fazer com ele.

Eu o apelidei de palhaço loiro e não conseguia me referir ao Will de outra forma, não conseguia enxergar nele amor, podia ser ciúmes da mulher que eu amava, sim podia até ser, mas quando eu desconfiava de algo, ia até o fundo para saber. Precisava saber se a minha Linda estava apaixonada por ele, não podia ignorar os anos que eles tinham juntos, consequentemente, daria em casamento depois de tantos anos. Minha estupidez em levar a vida que eu tinha cobrou um preço alto demais, e eu estava disposto a pagar se fosse para tê-la comigo novamente. Mas, primeiro, tinha que me livrar do estorvo loiro.

— Ainda tem aquele contato na inteligência?

— Sim!

— Quero que peça um favor para mim.

— Pode dizer, irmão!

Aquela sensação de algo não estar certo permanecia e estava decidido a tomar alguma atitude em relação a isso.

— Preciso que investigue tudo sobre o segundo tenente William Miller.

— Tem certeza, cara?

— Absoluta!

— Seus ciúmes me assusta, Apolo — ele tira sarro de mim. — Mas, se insiste, amanhã ligo para o meu contato.

— Obrigado, Paschoal.

— Não precisa me agradecer, irmão, agora abra as jujubas, eu preciso de doce.

Acabei rindo do vício do meu amigo por doces, eu gostaria de poder ter essa leveza que ele transmitia, mas estava muito agitado, meus pensamentos estavam lá em baixo com a única pessoa que poderia me trazer tranquilidade. Meu sorriso se alargou, pois meu único problema nesse momento era que ela não me queria.



Linda

— Tenente? — tentei em vão disfarçar a cara de choro, mesmo na noite, Sanders percebeu e discretamente me levou para dentro do meu quarto.

Ele aguardou no vão onde seria a porta, a escuridão só não era total porque uma pequena lanterna próxima à janela estava acesa, impaciente fui retirando meus equipamentos e jogando em cima do meu colchão.

— Vou retornar ao KOP amanhã cedo e você ficará no comando na minha ausência.

— Shawn? — observei ele entrar e encostar a cortina. — De verdade, não sei o que houve entre você e o Brassard — Sanders estava encabulado. — Sei que somos todos homens aqui, mas você é minha irmã e minha superior, saiba que quero seu bem e, se por algum acaso, ele estiver te incomodando...

Lágrimas silenciosas escorreram pelo meu rosto e sem pestanejar Sanders largou sua arma no canto e me abraçou, passou a mão em meu cabelo, consolando-me.

— Eu fiz uma besteira enorme! — confessei mais para mim do que para o sargento. — Sanders, como posso ser tão estúpida? Meu ditado pessoal deveria ser, *sucesso no trabalho e azar no amor*.

Ele soltou um riso profundo e me soltou, sequei minhas lágrimas, irritada, e olhei para o teto tentando evitar mais choro, nunca demonstrara para nenhum companheiro da tropa meu lado frágil e percebi que não fora tão ruim assim.

— Se tudo ocorrer como o esperado — observei Sanders sentar no chão. — Na próxima semana teremos o torneio, irei permanecer no KOP até lá, qualquer coisa você me contate imediatamente.

— Sim, senhora!

Sentando no colchão, encolhi as pernas para apoiar meus braços, senti falta do meu cachorro, nesses momentos ele simplesmente deitaria a cabeça em meu colo para me acalmar.

— Sanders? — franzi o cenho, pensativa. — Agora fiquei curiosa nunca me falou da sua família, eu nunca o vi falar nada para ser mais exata.

— Ah, tenente, sou um caso peculiar. Hoje não compensa falar de mim... — ele deu os ombros. — Se estiver confortável em falar, me diga sobre seu *azar no amor*.

Desfazendo os laços da bota, comecei a rir, por onde começaria?

— Não sei se algum de vocês sabem, mas eu namorei o tenente Miller por anos. Já tínhamos um relacionamento na faculdade, nada sério — retirei as botas e permaneci com as meias para manter meus pés aquecidos. — Após a formatura, tomei a decisão de tentar algo mais concreto com William, até meses atrás onde ele terminou comigo. Eu não sei se irá me entender, Sanders — olhei para ele na esperança de ele não me achar maluca. — Já ficou na dúvida se o sentimento que você tem pela outra pessoa é amor?

— Sim, senhora. Passo muito por isso! — Acreditei, pois ele foi convicto na resposta.

— No dia da formatura na faculdade, eu conheci o Brassard em um bar, após uma discussão minha e do Will — massageando as têmporas tentei aliviar a tensão. — E acabamos dormindo juntos. Acontece que ele me deixou na manhã seguinte, somente com um poema onde descobri o seu primeiro nome, e só. E agora eu encontro ele anos depois, aqui no vale, dizendo coisas que eu não sei o que pensar.

— Shawn? Você gosta dele?

— Quem? Brassard? Não! — Percebi minha irritação e o sargento também.

— Tá bem! — ele abanou as mãos para eu não me exaltar. — E por que o choro?

— Ele mentiu para mim, Sanders, me enganou e agora vem dizendo que está aqui por mim, declarando todo o seu amor! — senti o amargo gosto de choro na garganta. — Eu acabei falando para ele que estou noiva do tenente Miller.

— A senhora fez o quê? — Sanders inclinou os ouvidos para mim, como se não acreditasse no que acabara de dizer.

— Precisava fugir daquela situação toda, Sanders, me senti pressionada e acabei mentindo.

— Uau! — Ele arregalou os olhos e suspirou.

— Sargento, preciso ficar sozinha — eu estava envergonhada, minha credibilidade estava minando com esse homem e eu precisa recolher o resto que ainda sobrava. — Obrigada por me escutar e, por favor, mantenha isso entre nós.

— Não precisa se preocupar com isso, Shawn! — Sanders foi levantando para se retirar do quarto. — Tenente, saiba que tem meu apoio e não digo que é só no sentido profissional, gosto de você e fiquei feliz em compartilhar seus problemas comigo. Podemos ter uma amizade sincera aqui, tudo bem?

Concordei com a cabeça e sorri, sabia que ele dizia a verdade. Sanders saiu do quarto, desligando a lanterna, a escuridão e o silêncio foram meus companheiros noite adentro. Algumas vezes escutei tiros abafados rasgando o vento e sabia que eram os SEALs cuidando da aldeia.

Minha cabeça martelava cada palavra que Apolo me dissera naquela tenda, fui estúpida o suficiente para escutar e quase acreditei em tudo. Eu estava cedendo novamente a ele, todas as suas palavras escorriam pelos meus ouvidos e senti que meu coração batia cada vez mais rápido ao absorvê-las.

— Eu tenho que me manter longe! E só eu me manter longe dele.

Foi o que eu determinei para mim, o sol emanava seus primeiros raios de claridade e eu não tinha dormido nada, não tinha muitas coisas

para juntar, então, após preparar minha mochila e me preparar para a volta ao KOP, saí da aldeia acompanhada por mais oito soldados, decidida a esquecer de vez minha história com Apolo e concluir o meu trabalho no Korengal com êxito e sucesso.



Fechei meus olhos para a nuvem de poeira que os helicópteros faziam, dois Chinook e dois Apaches pousaram na área externa da base, enquanto mais dois Apaches sobrevoavam sobre nossas cabeças, a chegada do general Shaw, deixou todos alvoroçados.

Os militares que permaneceram na vila após minha retirada treinaram os aliados o suficiente para manter a segurança deles por um dia, muitos dos soldados sabiam algum tipo de arte marcial e se inscreveram para participar da competição. Inspeccionando o número de inscrições, criamos duas categorias, JIU-JITSU e MMA. As partidas se iniciariam às dez da manhã em ponto, quando um sorteio seria realizado para definir os oponentes, para não se estender muito, não teriam semifinalistas, somente vencedores individuais de cada partida e a minha inscrição para o jiu-jitsu já estava garantida.

Com a poeira mais baixa, a porta do helicóptero se abriu e o capitão Cortez foi até lá correndo para recepcionar o general. Observei que logo que meu pai desceu cumprimentou o capitão e me procurou em meio à multidão que o aguardava. Will saltou logo atrás e juntos foram para a entrada da base, olhando meu pai mais de perto, percebi que estava mais magro e abatido e me preocupei com isso.

— General Shawn! — prestei continência em respeito.

— Primeiro-tenente Shawn! — ele se manteve sério. — Desculpem pelo meu ato, senhores, mas ela é a minha filha.

Meu pai me puxou para um abraço e eu retribuí com todo o amor e saudade que tinha por esse homem.

— Senti sua falta, pai! — confessei baixinho em seu ouvido.

— Eu também, passarinho! Eu também!

Soltamo-nos e rimos pela cara de espanto que os soldados fizeram, o protocolo não era esse, mas não nos víamos há meses e no meio de tanta tensão e horror abraços como esse podiam abrandar um coração.

— Senhores, trouxemos tudo o que pediram. Espero que os cozinheiros estejam preparados para hoje, pois teremos hambúrguer, batata frita e refrigerante para todos vocês.

Filas de soldados estavam à espera do general e enquanto meu pai tomava o caminho para o centro de operações, todos prestavam continência a ele.

— Tenente Shawn? — reconheci a voz do Will e, olhando para trás, vi que me aguardava parado.

— Tenente Miller! — Esperei a comitiva passar por nós e fui até ele.

— Podemos conversar, Linda?

— Acha que estou de boa com você depois que, pelas minhas costas, foi até meu pai e falou de nós? — Estreitei meus olhos para ele e Will riu.

— Como senti falta dessa fúria! — atrevido, Will se aproximou do meu ouvido e falou sussurrando. — Eu fiz isso por nós.

— Qual o sentido dessa conversa? Você terminou comigo se lembra?

— Admito que fui inseguro e infantil, mas agora o general tem ciência que amo sua filha e, Linda, vamos admitir, somos feito um para o outro.

Olhei para ele com incerteza, minha história com Will era longa, senti falta dele, mas não tinha certeza se era isso que queria.

— Will, estamos nessa de vai e volta há tempo demais — me afastei um pouco dele. — Acredito que o melhor seria a gen...

Não consegui terminar minha frase, pois, pela minha lateral, vi Apolo e sua tropa passando por nós, ele não nos olhou, somente seguiu

seu caminho base adentro, minha mãos gelaram e minha boca tremeu em vê-lo.

— Tenente! — um dos SEALs me cumprimentou sorrindo, dei um maneio de cabeça e ele seguiu seu caminho.

— Linda? — Will chamou minha atenção, ignorando o homem.

— Sim.

— Você ia dizer algo para mim.

— Acredito que o melhor seria a gente reatar! — disse no desespero da minha situação, ele só passara por mim e fiquei assim. *Preciso manter distância é só isso que tenho que fazer.*

Will abriu um sorriso de orelha a orelha e, quando se aproximou com intenção de me beijar, afastei ele com as mãos.

— Aqui não! Depois a gente se vê!

Saí em disparada em direção ao meu alojamento, faltava pouco tempo para começar o torneio e tinha que me preparar para a luta, entrei e procurei de imediato o meu celular. Tinha que ligar para a minha razão.

— O que você fez? — Jordan atendeu no primeiro toque.

— Aí que está! Eu não sei o que estou fazendo!

Expliquei todos os detalhes para minha amiga que com muitos xingamentos escutou toda a história.

— Saia daí, alegue insanidade e peça baixa — meu silêncio fez Jordan se irritar mais ainda. — Você cogitou em desistir, vaca!

— Estou perdendo o controle da situação, Jordan, seria melhor eu desistir, não?

— Não! Está para completar uma missão difícilíssima — a escutei abrindo algo e começou a mastigar. — Hum... Você precisa de foco, aproveita que irá lutar e desconte no oponente toda a sua raiva.

Coitado, pensei.

— Jordan, da última vez que deixei os dois sozinhos eles se atracaram como dois moleques.

— Deixem que se matem! Você é a prioridade, hoje mesmo Will retorna a Kandahar e Apolo sobe a colina novamente. Cumpra seu dever e venha embora! Prometa que não irá desistir!

— Eu prometo! Vou me preparar agora. Obrigada!

— Vou começar a cobrar os meus serviços — Jordan fala com fingimento.

— Vaca!

— Muuuuuu... — ela mugiu e caímos na risada. — Te amo, amiga, e se cuida.

— Te amo!

Desligando o telefone, sentei no beliche que era de Apolo. Meu peito ainda apertava ao me lembrar do meu cachorro e a culpa ainda me consumia. Como não tínhamos kimono para a luta, vesti meu uniforme de patrulha, pois era grosso e firme e o tatame fora improvisado com uma lona que conseguimos preparar na noite anterior.

Para nossa proteção, as lutas aconteceriam na garagem e todos os veículos de patrulha estavam a postos para um possível ataque. Os homens que vieram com meu pai substituíram os soldados, para que todos pudessem participar e os helicópteros se revezavam na patrulha aérea.

Entrando no recinto, vi meu pai e o capitão conversando e duas urnas de papelão com todos os nomes lá dentro, uma para o jiu-jitsu e outra para o MMA.

Às dez horas em ponto, o general anunciou o início das partidas. Como a maioria das lutas seriam de MMA, foi acertado começar pelas de jiu-jitsu. Aproximando dos homens da minha tropa, vi que muitos iriam participar também.

— Tenente! — Troy me cumprimentou.

Os sorrisos estavam estampados nos rostos de todos, após meses de confronto, toda essa distração era muito bem-vinda.

— Korengal, vamos iniciar o sorteio para as lutas! Lembrem-se que são lutas amistosas e o juiz serei eu e o Cortez — meu pai em plenos os pulmões avisou. — Vamos para o primeiro sorteio.

Observamos com expectativa Cortez enfiar a mão na caixa e ler o nome, em seguida entregar o papel para o meu pai que, com cara de espanto, anunciou.

— E o primeiro nome do dia é o da tenente Shawn! — Muitos gritaram, outros bateram palmas e meus companheiros me cumprimentaram.

Enquanto me encaminhava para o centro do tatame, Cortez repetiu o gesto para o sorteio do meu adversário.

— Teremos uma luta interessante — meu pai olhou para mim e deu uma piscadinha. — Pois o oponente da tenente é o suboficial Brassard, da marinha.

Mais comemorações foram ouvidas e, abrindo caminho entre os homens, Apolo subiu também no tatame e me encarando com malícia, sorriu.

E a única coisa que eu penso foi;

Putá que pariu, que destino!



Capítulo Quinze

Tentei me concentrar, Cortez subiu no tatame e nos aproximamos para cumprimentá-lo. Evitei olhar para Apolo, meu pai permaneceu na ponta

como árbitro de apoio e me direcionei ao seu encontro, dando pulinhos e balançando as mãos para relaxar.

Como se fosse possível!

— General! — estendi a mão e num aperto firme meu pai me olhou com confiança.

— Não fique tão apreensiva, passarinho, é só uma luta amistosa e você domina muito bem os golpes.

— Ele é maior e mais pesado que eu! — Dei uma espiada e vi que Apolo estava se alongando.

Cortez me esperou no meio do tatame, a movimentação a nossa volta era barulhenta e tumultuada, muitos dos soldados se amontoaram nos cantos para assistir.

— Vamos lá, tenente! — Ouvi um grito e reconheci a voz de Will, mas não consegui encontrá-lo.

Entre o burburinho, consegui identificar uma conversa, estavam apostando quem venceria a luta, eu sabia das minhas capacidades, fui passando de faixa em faixa até alcançar a tão cobiçada faixa preta. A técnica era essencial, mas o domínio dos golpes e a paciência de estudar seu adversário eram habilidades minhas.

— Cumprimentem! — Cortez ordenou.

Apolo tomou a iniciativa e estendeu a mão, dei apenas um toque rápido e assim que Cortez deu o sinal, uma retrospectiva de oito minutos se iniciou no cronômetro.

— Vou pegar leve com você, tenente Shawn. — Apolo estava debochando de mim.

Não respondi, apenas comecei a estudar seus movimentos, seus olhos bicolores eram desconcertantes, se eu os encarasse demais, iria entregar essa luta de bandeja a ele.

Testei seus reflexos, e percebi o quão rápidos eram, mas, ao tentar encaixar a pernas, ele vacilava com a direita. Seus olhos eram fixos em minhas mãos, eu estava encurvada, me preparando para atacar. Assim como eu, Apolo me estudava também e, por várias vezes, quase conseguiu agarrar minha gola do uniforme. Ele se aproximou mais uma vez e, quando vi a oportunidade de agarrá-lo para levar a luta ao chão, onde eu teria mais vantagens, aproveitei. Ele sem dúvidas era mais forte que eu, mas força não é tudo, ele agarrou minha manga esquerda onde minha mão segurava firme a gola de seu uniforme, já minha mão direita estava solta, eu tinha que entrar com o golpe antes de cansar.

— Punição, dois pontos por inatividade para cada. — Cortez anunciou para delírio de todos, gritos de torcidas eram direcionados tanto para mim quanto para Apolo.

Eu o soltei quando escutei a punição e, olhando o cronômetro, vi que tinha menos de que seis minutos, no dia que meu cão morreu, levava ao chão sem dificuldades um homem no mesmo porte do Apolo, então, eu teria que usar todas as minhas armas contra ele, para vencê-lo, seus reflexos eram ágeis, usaria a tática de distrair ou desconcentrar Apolo em algum momento.

Com a autorização do Cortez, mais uma vez tentei encaixar a perna direita.

— Estou tendo um déjà-vu, suboficial — Apolo se mostrava confuso, mas não abaixava a guarda. — Já jogamos esse jogo e admito que podemos considerar que estamos empatados, não?

No momento que eu percebi que Apolo iria responder, avancei e agarrei sua lapela com a mão direita e com a esquerda agarrei sua perna falha, provocando nossa *queda* ao chão. Os gritos aumentaram, mas eu não podia dar brecha, ele continuava sendo mais forte que eu, então, eu teria que ir para a finalização logo. Minha intenção era manter o controle sobre ele, estava encaixando um movimento de *joelho na barriga* para me garantir mais dois pontos, quando Apolo rapidamente inverteu a posição garantindo a *raspagem*, estávamos empatados e o tempo estava acabando.

— Engraçado, tenente! — ele falava esbaforido pelo esforço. — Não consigo ver onde estamos empatados. Se em todas as rodadas do nosso jogo você sempre saiu vencedora.

Não tive tempo de resposta, abaixei a guarda e, como um inseto pequeno, caí na minha própria armadilha de distração, pois rapidamente Apolo executou a *montada* em mim, uma posição mais complexa de ser conquistada, onde ele literalmente montou em mim e colocou os dois joelhos no chão, e quatro pontos foram adicionados em seu placar.

Não dei atenção a mais nada, pois a cena de Apolo em cima de mim me levou àquele quarto de hotel, anos atrás e, encarando seu rosto, soube que ele pensava a mesma coisa, e por um instante minha vontade foi de que ele repetisse os beijos, as carícias e todos os acontecimentos como naquele dia.

— Linda... — Apolo sussurrou-me.

— Não!

Eu estava apavorada, a proximidade com esse homem sempre me deixava à beira de fazer uma loucura. Apolo tirava o meu fôlego, roubava toda a minha coerência e eu estava cansada de me odiar por ser atingida por esses sentimentos.

Apolo mantinha a posição, só que com menos pressão, então impulsionei o quadril para frente e segurando a boca da calça direita com a mão direita, rapidamente enfiei a mão esquerda entre suas pernas e com uma joelhada em seu quadril estiquei sua perna o suficiente para pescá-la com as minhas, garantindo uma posição de meia guarda profunda junto com a raspagem e mais dois pontos foram adicionados a mim.

— Se sente confortável, tenente? — Aquele ordinário era impossível, nessa posição meu rosto ficava entre suas pernas e qualquer movimentação que ele fizesse, iria sentir seu membro pelo tecido da calça no meu rosto.

— Já estive em situações piores! — Mantive a perna travada sem dar chances para ele revidar.

Os homens começaram a regressiva de dez segundos, Apolo me olhou satisfeito, pois ele ainda tinha dois pontos de vantagem e, mesmo se esforçando para sair do movimento, não conseguia, era minha última chance de conseguir vencer a luta.

Mesmo travada a ele, comecei a rotacionar meu corpo para ajustar a posição e, soltando sua perna, senti o movimento que ele iria fazer, só que Apolo não contava com a minha especialidade, o estrangulamento pela *pegada das costas*, minha vantagem por ser um pouco menor e mais leve que ele foi o giro que eu dei, montando em sua costas e o abraçando pelo seu pescoço e, por baixo do seu braço, travei minhas mãos e minhas pernas, levando-o completamente ao chão, eu só teria que aguentar três segundos e garantir meus quatro pontos.

— Quatro, três, dois, um! — e os gritos de comemoração e euforia dos homens no recinto foi geral.

Soltei Apolo do estrangulamento e o cansaço bateu em mim de uma vez, ainda deitada no chão, ri de alívio por ter vencido a luta.

Apolo, também estirado ao chão, virou-se para mim sorrindo também.

— Você deveria sorrir mais vezes, é bom demais escutar o som do seu riso, Linda!

— Não pode continuar me falando essas coisas, Apolo. — Encarando suas belas feições, contive a vontade de acariciá-lo e ambos percebemos alguém se aproximar de nós, estendendo a mão para me ajudar a levantar.

— Shawn? — Will me chamou e Apolo, virando o rosto em desgosto, se levantou e saiu de perto de nós. — Venha, seu pai quer cumprimentá-la pela vitória.

— Avisa que eu irei depois — dispensei sua mão e levantei por conta própria. — Preciso de um banho agora.

Não dei espaço para Will falar nada, enquanto eu me dirigia para fora da garagem, muitos soldados me parabenizavam pela vitória no tatame. Eu sorria e agradecia por educação, mas não me sentia satisfeita. A única coisa que eu queria era sair de toda aquela agitação.

Segui o caminho para meu alojamento, senti muita dor por eu estar descalça, as pedras castigavam sem piedade o solado dos meus pés, mas não desisti eu precisava ficar só e organizar minha mente.

Quando estava à porta do meu dormitório, ouvi o barulho do cascalho indicando que alguém estava me seguindo e, olhando de relance, vi Will se aproximar depressa.

— O que foi? — disse, irritada. Meu estado emocional não ajudava e Willian estava me irritando.

— Nós temos que conversar! — ele me alcançou e me segurou pelo braço para encará-lo. — Você diz que reatamos e não consegue nem me olhar.

Olhei em meu braço e com as pontas dos dedos retirei sua mão de mim, olhei bem para a cara do Willian e me perguntei o que eu estava fazendo da minha vida?

Era uma mulher adulta, tinha responsabilidades e deveres que muitos não aguentariam nem por uma semana. Organizava e distribuía tarefas complexas e exaustivas aos meus companheiros de batalha, minha vida pessoal estava uma bagunça e se, não organizasse e tomasse as rédeas da situação, começaria a desfocar das minhas atividades principais do KOP.

— Willian, eu não estou em condições de ter essa conversa agora! Eu só preciso esfriar minha cabeça um pouco, tomar meu banho e aí conversamos definitivamente.

Will estreitou os olhos para mim e concordou com um maneio de cabeça.



Meia hora depois, entrei na garagem e observei que no centro do tatame outra luta de jiu-jitsu ocorria, meu pai continuava como árbitro auxiliar, meus olhos vagaram pelos rostos dos homens à procura de um em particular. Não vi Apolo em lugar algum, então me espreitando entre a multidão de espectadores me juntei ao meu pai.

— Parabéns, passarinho! — enquanto falava, não tirava o olhar na luta a nossa frente.

— Obrigada, senhor — ao longe observei Willian se aproximar trazendo um copo para meu pai. — Não sabia que o tenente Miller é o seu escudeiro.

— Ciúme, Linda, sério? Não esta um pouco grande para isso? — ele balançou a cabeça rindo e achei graça também. — Vocês voltaram?

Dei de ombros como resposta e vi a reação do general, aquela conversa não acabaria ali.

—Mais tarde teremos uma reunião de extrema importância.

Assim que meu pai terminou de me comunicar, Will se juntou a nos, entregando uma caneca com café para o velho.

— Reunião, general? — Willian inclinou em direção ao meu pai para escutá-lo melhor em meio aos berros dos soldados.

— Não precisa se preocupar em participar, filho — escutando meu pai chamando Will de filho me fez entender a profundidade do quanto estavam próximos. — É assunto sobre o vale.

— Se não se incomodarem, irei participar.

— Não! Não irá tenente — me opus a ele. — Assunto relacionado ao Korengal pertence ao general, Cortez e a mim.

Willian olhou espantado pela minha reação e maneou a cabeça em acordo. Meu pai, reprimindo o riso, tentou disfarçar bebendo mais café do seu copo.

Após a finalização de mais uma luta, percebi o quão desgastada estava e comuniquei que iria deitar. Despedindo-me do meu pai e ignorando Willian, saí da garagem e fui para meu alojamento, segui andando pelos corredores estreitos da base, o frio que fazia no vale chegava a ser anormal, então coloquei a capuz da jaqueta fechando o zíper até o pescoço para me aquecer, *preciso somente de uma bebida quente e meu beliche*, pensei animada.

Passando na cozinha para pegar algo, senti o cheiro de hambúrguer que exalava do lugar, meu estômago reclamou e levando alguns comigo e um copo grande de chá, tomei o caminho do meu dormitório.

Assim que virei o *concertainer*, que era um tipo de barreira portátil, trombei com um corpo forte e automaticamente derrubei meu chá quente em minha mão.

— Desculpa! — dissemos ao mesmo tempo e reconhecendo a voz do Apolo, levantei meu rosto, pasma. — Aí, droga! — Senti a ardência do líquido quente na minha mão.

Apolo, percebendo meu incômodo, deu-me passagem, mas seguiu-me até a porta.

— Você tem algo para queimadura, tenente? — ele se mostrava preocupado.

— Aqui não, vou só lavar. Logo passa.

— Deixe-me ajudar, Linda, eu causei a queimadura e nada mais justo que ajudá-la.

Sem esperar minha resposta, Apolo saiu correndo atrás de curativos, acredito eu, não fiz cerimônia para entrar no dormitório e, abrindo a porta, encontrei Sanders e um *private* discutindo próximos um do outro, muito próximos, por sinal.

— Tenente! — o *private* prestou continência e, olhando de soslaio para Sanders, saiu do alojamento.

Em minha mão esquerda, segurava três hambúrgueres e na outra mão, metade do meu chá, encarando a porta se fechando, virei devagar assimilando o que estava acontecendo ali.

— Filho de uma *puta*! — Sanders não se intimidou por eu estar ali, era como se não me enxergasse, vi ele indo até a parede do alojamento e socar repetidas vezes a superfície dura.

— Sanders? — tentei chamar sua atenção.

— Desculpa, tenente — ele foi em direção à porta e, olhando sua mão, vi gotas de sangue pingar de seus dedos. — Eu tenho que ir resolver esse assunto.

Assim que Sanders puxou a maçaneta, Apolo apareceu as nossas vistas, o sargento passou trombando nele e saiu furioso atrás do *private* que eu não conseguia me lembrar do nome.

— Tudo bem? — Sei que ele perguntava sobre o estado emocional do Sanders.

— Espero que sim!

Apolo entrou segurando uma pomada e duas garrafas de água.

— Precisamos lavar o local da queimadura — ele levantou as garrafas. — Depois farei o curativo.

— Não precisava se incomodar com isso, suboficial.

— Apolo, pode me chamar pelo meu nome, Linda — ele olhou ao redor como se procurasse algo. — Gosto de escutar você me chamando.

Colocando meus hambúrgueres sobre uma pequena mesa, que ficava na lateral do quarto, fui à procura do pequeno balde que usávamos de lixo no alojamento.

— Se gostasse tanto assim, devia ter me dito seu nome antes — disse ácida. — Obrigada, mas não quero te atrapalhar, pode deixar as coisas aí que eu me viro.

— Não mesmo, deixa eu ver como está.

Relutei internamente, mas me vi cedendo novamente a ele, o arder da minha pele machucada ganhou e coloquei minha mão na dele, que estava estendida para mim. Assim que nossos dedos se encostam, senti o calor que Apolo naturalmente possuía, não me atrevi a olhá-lo, pois seria minha perdição.

— Não está com bolhas, isso é bom! — fechei os olhos quando senti a água cair sobre a queimadura. — Vou lavar e passar uma pomada de sulfadiazina de prata. Irá ajudar na cicatrização.

— Obrigada!

Ainda de olhos fechados, senti quando Apolo secou o lugar com delicadeza e suavemente esparramou a pomada.

— Não precisa agradecer, Linda, espero que seu noivo não ache ruim eu ter cuidado de você.

— Apolo... — abrindo meus olhos o encontrei acariciando minha mão ferida. — Preciso te falar uma coisa!

Ele balançou a cabeça em negação e ao mesmo tempo colocou dois dedos sobre meus lábios, me silenciando.

— Linda, você não me deve satisfação de nada! Eu fui o responsável pelo o que houve entre nós — sem eu perceber, tínhamos nos aproximados o suficiente para sentir a respiração um do outro e Apolo transformou os dedos da minha boca em carícias na minha bochecha. — Quero que saiba que eu não a culpo, eu sabia onde você estava e fui covarde de não ter ido atrás de você antes.

Com cuidado Apolo colocou minha mão machucada em seu peito e pude sentir a pulsação forte e acelerada.

— Apolo... — as palavras morriam em minha boca. — Eu sinto medo!

— Eu também tenho, Linda!

Com a outra mão livre, toquei seu rosto e Apolo fechou os olhos como se absorvesse meu toque, reparei na barba grande e os cílios extensos, ele continuava do mesmo jeito que eu me lembrava, encostei meu nariz na altura do seu pescoço e senti seu cheiro, ele retraiu um pouco por conta de estar com a ponta gelada e rimos juntos. Senti a leveza de estar com ele novamente, do seu humor que me contagiava e do seu calor que me aquecia.

Apolo me abraçou e eu me deixei curtir a sensação de estar em seus braços novamente, ele beijou o topo da minha cabeça e o ouvi inalar meu cheiro.

— Linda, como eu senti a sua falta! — Apolo sussurrou enquanto acariciava meu rosto, ele puxou meu queixo para encará-lo e, quando meus olhos encontram as cores de uma tempestade cinza junto com as de uma floresta esverdeada, senti minhas pernas vacilarem e nossas bocas estavam tão próximas, e, assim que se juntassem, eu sabia que não teria controle de mais nada.

— Apolo eu... — Sim, eu vinho lutando há anos para esquecer-lo, me apeguei a sentimentos rasos para tentar substituir o que vivi em uma noite com ele, e minha frustração por não ter ele perto de mim foi crescendo ao ponto de eu sentir raiva dele por não ter me procurado e também por mim, por não achá-lo.

No instante que eu iria concluir a frase, a porta do alojamento se abriu e meu susto foi tanto que não tive reação, somente fiquei atada ao abraço do Apolo enquanto via o furor tomar o rosto do Will.

— Que *porra* tá acontecendo aqui?



Capítulo Dezesseis

Apolo

Porra. Porra. Porra.

Linda rapidamente se desvencilhou dos meus braços, enquanto o cara entrava com tudo no alojamento e ia para cima de mim.

— MARINHEIRO DESGRAÇADO! — não tive como me defender do primeiro soco na cara, pois Linda estava perto demais, doeu, *puta merda*, como doeu.

Ainda atordoado, senti o gosto metálico de sangue na boca, vislumbrei o próximo golpe que foi rápido, porém, antes que eu pudesse me defender, Linda se colocou entre nós.

— Willian! Para! Willian!

Passei a mão no queixo dolorido, o frio intensificava qualquer dor, olhando para ele, vi o quão irritado estava. Eu iria beijar a noiva dele, não tiro sua razão, só que eles ainda não estavam casados e eu iria lutar até o último momento por ela.

— Perdeu o juízo? — Linda o questionava, raivosa.

— Eu sou muito trouxa mesmo!

Concordo.

Linda virou-se para mim com um olhar de súplica e não precisou nem dizer nada, me direcionei para a porta e, antes de sair, olhei para trás e a vi começar a andar de um lugar para o outro, vi o quão arrependida estava e minhas esperanças só não falharam porque ela estava em meus braços momentos antes.

Minha mandíbula dolorida lembrava-me do ódio que eu sentia daquele cara. Tinha que admitir, ele sabia lutar, *ah* se a Linda não estivesse tão perto. Na luta mais cedo, ela soube aproveitar quando baixei a guarda por estar tão perto dela e me finalizou com classe. Voltei para a garagem onde estava acontecendo as lutas, e, avistando meus companheiros, me juntei a eles.

— E ai, gente? — cumprimentei, eles me olham com cara de deboche. — Não dou o direito de dizerem nada!

Entreolhamo-nos e logo em seguida caíram na risada, vi lágrimas saindo dos olhos do Paschoal de tanto rir, Jon segurava a barriga dolorida pelas gargalhadas exageradas, Seige se apoiava no ombro de Caine que timidamente ria da minha cara.

— Vocês são uns *putos*! — Eu estava irritado, e eles tirando sarro de mim só aumentava meu mau humor.

— Brassard, você trouxe vergonha para o nome da marinha! — Paschoal falou, tentando segurar o riso. — E não é porque perdeu para a tenente não, e pela sua sina mesmo cara.

Franzi o cenho, pois não tinha entendido o que ele queria dizer.

— Fala logo pra ele, Jon, sei que está doido para fofocar. — Seige cutucou seu braço.

— Você sabe quem é o pai da tenente, não é? — ele aproximou-se de mim e eu concordei com a cabeça. — Então, ele pediu uma reunião privada com você, Apolo.

Meu espanto foi tanto que lentamente direcionei meu olhar para o homem no canto do tatame, o general Shawn era um homem robusto, na casa dos sessenta anos, mas forte e com uma autoridade de ferro.

— Com medo? — zombou Seige.

— Talvez ele queira saber sobre o tratamento especial que quer dar à filha dele! — Paschoal disse, tirando do bolso um pacote de jujubas, que abriu e enfiou metade na boca.

— Pode ser também pela briga que teve com o genro dele, eles andam sempre juntos — Jon me puxou pelo ombro. — O general deve gostar muito do cara!

Eles estavam tentando me tirar do sério e estavam conseguindo, pois minha vontade era de arrebentar a cara de cada um.

— Vão se *foder*! — E para me enfurecer mais ainda, caíram no riso novamente.

— Deixem o cara — Caine interveio. — Deve ser sobre a missão. Relaxa!

Sim, deve ser sobre a missão. Pensei.

Um novo sorteio foi realizado e Seige foi chamado para o centro do tatame junto com o Ivanov, e, assim que foi autorizado, iniciaram uma luta de MMA, não consegui prestar muita atenção, minha mente ficava martelando no que Linda e o palhaço poderiam estar fazendo, será que romperiam o noivado ou ela se arrependera e decidiu permanecer com

ele. Nesse mesmo instante ele poderia estar fazendo com ela o que desejava há muito tempo, poderia estar beijando seus lábios macios e frios, adorando suas curvas e absorvendo seu cheiro pedaço a pedaço. Passei ambas as mãos no cabelo puxando para tentar tirar esses pensamentos da minha mente, antes que eu voltasse ao dormitório de Linda e matasse aquele loiro *desgraçado*.

Seige saiu vitorioso da luta após uns minutos e Cortez anunciou o almoço, os gritos entusiasmados dos homens só eram abafados pelo som dos helicópteros *Apaches* que faziam as rondas para evitar ataques dos insurgentes.

Meus irmãos me acompanharam em direção ao refeitório, em uma conversa animada sobre quem comeria mais hambúrguer, às vezes não parecia que esses brutamontes eram homens adultos de tão infantis que eram, a fila já estava formada e, antes que eu entrasse na formação, escutei uma voz me chamando.

— Suboficial Brassard? — Olhei ainda rindo dos meus companheiros e dei de cara com o general Shawn e murchei meu sorriso na hora.

— Senhor! — prestei continência ao general.

Ele deu um sinal mínimo com a cabeça para acompanhá-lo e, sob os olhares curiosos e atentos dos meus irmãos, segui o general para longe da multidão.

— Brassard! Posso te chamar de Brassard, né, filho? — ele estendeu a mão para me cumprimentar e aceitei de bom grado. — Como deve saber, eu pedi para seu superior enviar vocês para auxiliar aqui no vale e em especial cuidar da tenente.

— Sim, senhor, tenho ciência disso.

— Pois então, vou compartilhar algo com você, rapaz, e espero que não conte a ninguém — ele parou e esperou alguns soldados passar por nós para continuar a falar. — Há meses estamos em contato com os líderes dos rebeldes e eles exigiram uma reunião.

— Entendo, senhor! — eu iria limitar minhas palavras, pois sentia que não era coisa boa.

— Brassard, eles exigem ver o *Arcanjo* — olhei rápido para o rosto do general e senti seu medo estampado nele, eu deveria ter feito a mesma cara, pois logo ele concluiu. — Ela é minha filha, meu bem mais precioso, só que não posso ir contra uma ordem do presidente. Tenho um dever a cumprir.

Claro, com a reeleição se aproximando qual campanha seria melhor do que mostrar aos cidadãos que conseguira a paz tão desejada no Afeganistão.

— Quais são as exigências deles, senhor? — tentei me manter inabalável.

— Os termos foram acertados conforme a inteligência determinou, será em Kandahar, no hotel próximo a um posto de observação — balancei a cabeça compreendendo a gravidade da situação. — Filho, eles exigiram que ela fosse sozinha à reunião, não aceitei e, deliberando com o líderes, aceitaram um acompanhante.

— E serei eu, senhor!?

— Sim, será você Brassard. Seu trabalho será prestar o serviço de DEVGRU. — Ele respira fundo e, reparando bem no homem, podia-se notar o quanto era desgastante a situação para ele.

— Ela já sabe?

— Não! Após as lutas, teremos uma reunião e será comunicado a ela, hoje mesmo partirão do vale para passar o fim de semana em *Kandahar*.

Analisei as opções que tínhamos, e para o próprio pai estar acatando a ordem e vindo pessoalmente pedir ajuda era porque o risco era alto.

— Filho, os êxitos em cumprir o que lhe é dado o levaram até esse momento! — ele me segurou pelos ombros e me encarou com seriedade. — Me indicaram você e eu entrego nas suas mãos a segurança da minha filha, não falhe!

— Sim, senhor, eu juro! — e, com toda a sinceridade que pude expressar, declarei a ele, e principalmente a mim mesmo, que cuidaria de Linda Shawn.



Horas mais tarde me encaminhei para o centro de operações, no almoço não vi Linda e nem o palhaço loiro, concluí que estavam juntos e só de pensar que ela estava entregue a ele, senti meu estômago revirar.

Entrei na sala e encontrei o capitão Cortez e o general Shawn conversando, eles não se incomodaram com minha presença, estava indo ao bebedouro para pegar um copo d'água quando escutei a porta se abrindo.

— Desculpem o atraso, senhores. — Linda entrou e meu coração se aqueceu ao ouvir sua voz.

— Não iniciamos ainda, tenente! — Cortez disse cordialmente.

Tentei não parecer ansioso, então bebi minha água e, vendo os senhores se acomodarem nas cadeiras, procurei um lugar próximo a ela para sentar. Assim que me sentei a sua esquerda, ela me olhou e reparei na sua cara de choro e nos cílios úmidos, meu instinto de abraçá-la tomou conta de mim, a olhei com inquisição e ela virou o rosto, ignorando-me.

— Bem, senhores — seu pai começou a dizer inquieto. — E senhora. Não iremos atentar a ladainhas e ir direto ao assunto.

Procurei uma posição confortável na cadeira e cruzei os braços, sabia que não seria uma reunião fácil e pelo número de participantes, que se resumiam a somente nós quatro, o sigilo e importância era absoluta.

— Desde a prisão do rebelde meses atrás, ele vem se mostrando extremamente crucial na nossa missão de paz, as informações e segredos do grupo rebelde nos levou ao chefe dos insurgentes — o general não se conteve e levantou-se para continuar. — Vale ressaltar que várias células foram localizadas e dizimadas pelos grupos de operações especiais. Com o enfraquecimento de suas forças, começaram a chegar informações de que os insurgentes estavam recebendo apoio tanto monetário, quanto de armamentos para se rebelarem mais uma vez.

— Imaginei que estariam se organizando nesse período sem ataques — Linda comentou com a voz um pouco rouca.

— Identificamos somente observadores próximos à base e na aldeia onde estão trabalhando, alguns rebeldes portando objetos com alta periculosidade — apoiei os cotovelos na mesa. — Todos foram abatidos.

Linda me olhou, mas logo desviou seu olhar para o pai, mordeu o lábio inferior e meu único desejo era que eu pudesse estar fazendo isso por ela.

— Bem, a inteligência junto com alguns agentes da CIA receberam um chamado dos líderes do grupo e eles exigiram um encontro — o general vacilou por um instante, mas o dever que carregamos estava acima de qualquer coisa e ele concluiu. — Eles exigiram um encontro com o *Arcanjo*.

Linda não reagiu, somente encarou seu pai. Como se esperasse alguma reação de negação do general, mas, quando percebeu que não havia outra opção, deu um maneio de cabeça concordando em silêncio, como um cordeiro indo para o holocausto.

— Tenente, eles exigem você, pois desde que chegou no vale *Korengal* sua tropa, liderada por você fez, mais estrago ao seu grupo em meses do que a base em si, em anos — Cortez tentou explicar. — Eles a querem por ser mulher, aqui nessa terra nenhuma mulher é

valorizada pelo seu esforço e você fez sua fama por mérito próprio, tenente, isso é mais do que um insulto a eles.

— De quem foi a ordem? — ela perguntou, firme.

— Do presidente — seu pai respondeu com a voz embargada.

— Quando?

— Você sairá do *Korengal* hoje!

Seja racional, Apolo, seja racional, porra.

Como eu poderia aceitar tal decisão, já vi muito horror nesses anos de serviço. Mas nenhum temera tanto como agora, eu protegeria Linda com minha vida, acontece que todo esse esquema tinha uma placa gigantesca de cilada.

— O senhor disse que os rebeldes estão recebendo apoio, de quem seria? — Vi as engrenagens da sua mente trabalhando.

— Ainda não sabemos! Interceptaram mensagens partindo da base em *Kandahar* — o general se sentou. — Saibam que essa é uma informação confidencial, talvez temos um espião trabalhando a favor dos insurgentes.

— Como isso seria possível? — Cortez, horrorizado com a informação, se exaltou. — Quem em sã consciência iria apoiar tal barbaridade.

— Alguém que deseja nosso fracasso, capitão — Linda interveio. — Preciso saber demais alguma coisa, general?

— Sim, os rebeldes queriam uma reunião com o *Arcanjo* e nós aceitamos pelos nossos termos — ele gesticulava frenético pelo nervosismo. — Será em um hotel daqui a três dias, você será monitorada e agentes estarão à paisana para a sua segurança, mas somente uma pessoa a acompanhará para a reunião e será o suboficial Brassard.

Linda virou-se, espantada, em minha direção e tentei ao máximo passar confiança a ela, de que jamais deixaria algo de ruim acontecer.

— Estarei a sua disposição, tenente.

— Sem ofensas, suboficial — ela levantou-se da cadeira atordoada.
— Mas por que ele e não outro?

— Porque ele jurou para mim que cuidaria da minha filha! — o general, olhando para mim, repetiu minha promessa. — Por favor, vão se aprontar, sairemos daqui uma hora, quero estar em *Kandahar* antes do sol se pôr. Estão dispensados!

Prestamos continência ao general, ele se aproximou da filha e a abraçou rapidamente, cochichando algo em seu ouvido, logo Cortez e ele saíram da sala em silêncio, deixando Linda e eu a sós.

— Linda, eu não...

— Apolo, por que faz isso comigo? — ela me cortou com voz cansada. — Por que prometeu a ele que me protegeria se essa é uma missão sem volta.

— Não deixarei nada acontecer a você! — Tento me aproximar dela e ela se afastou, arisca.

— Então, é tão tolo quanto os outros!

Com os olhos cheios de lágrimas, ela se encaminhou para porta de saída e eu, tomado pelo desespero de vê-la sofrer, fui atrás dela.

— Tolo por te amar? Tolo por ver você se entregando tão facilmente? Tolo em dar minha vida para protegê-la? — De costas para mim, vi Linda abaixar o rosto e apoiar a mão na porta acima da cabeça.

— Acha mesmo que tem esse direito, Apolo? — ela não se virou para mim e a escutei fungar pelo choro. — Pode ficar despreocupado que retiro de você esse peso, suboficial.

Não consegui entender por que ela estava tão resistente a mim, devagar fui me aproximando dela, quase colado ao seu corpo, inalei o cheiro do seu cabelo, apoiei minha mão sobre a dela e fechei meus dedos sobre os seus, com a outra mão, comecei a acariciar seu rosto e senti suas lágrimas deixarem meus dedos úmidos.

— O que te faz pensar isso? Já não dei razões para acreditar nos meus sentimentos por você? — percebi o quanto estava tremendo, medo, talvez. — Sei que está noiva e não colocarei pressão em você em relação a isso, sei que tem uma história com ele e não tenho nem o direito de te julgar. Mas, Linda, eu sei que sente algo por mim também.

— Apolo... — Ainda com nossos dedos entrelaçados, ela se virou e eu pousei sua mão em mim.

— Linda, eu já te disse que estou aqui por você! — com a outra mão livre sequei suas lágrimas e passei a mão em seus fios curtos de cabelo. — Eu estava antes, estou agora e estarei depois!

Ela levantou seu rosto e seus olhos estavam vermelhos pelo choro.

— Não posso dizer que entendo seu medo, pois desde o momento que percebi o que sentia por você, Linda, corri atrás de acertar meus caminhos para que pudesse andar neles comigo. — Passei as costas da minha mão em sua bochecha e ela fechou os olhos recebendo o carinho.

— Apolo, eu sou água, mas também sou fogo. Sou pedra, mas também pena! — ela segurou minha mão com a sua e levou meus dedos aos seus lábios. — No dia que nos conhecemos eu abri uma brecha que nunca havia aberto para ninguém e, quando voltei, você tinha ido embora. Will preencheu uma lacuna que você deixou, por anos ele esteve presente e você não.

Eu não podia argumentar contra isto, mesmo que me doesse ela falar dele, ainda sim eu teria que ouvir.

— Você confunde meus sentidos, Apolo, nunca consegui esquecer-lo, pois, por vários momentos, senti apenas raiva, — ela ainda segurava minha mão próxima a sua boca. — Raiva por ter me feito baixar a guarda,

raiva por ter me feito de trouxa, raiva por eu ter me mostrado a você e mesmo assim você fugiu de mim.

— Linda, você não merecia aquele homem. — Minha vergonha pelo meu passado fez meu rosto esquentar.

— O direito de decidir era meu, Apolo, mas o que passamos me deixou tão ressentida que aceitei de bom grado aquilo que recebi e nunca pude retribuir — ela falava do Will. — Não sei se temos chances, Apolo, pois, todas às vezes que estamos juntos, um ou outro saí machucado, e isso só faz crescer a incerteza de um futuro nosso.

— Eu estou disposto a tentar, Linda — eu a puxei para mais perto. — Mesmo que tenha que dividi-la com ele.

Linda riu por um curto instante do que eu dissera.

— Não há o que dividir, eu não estou com Will mais.

O que eu senti? *Porra*, uma explosão de felicidade que entrou pelos meus ouvidos, tomou conta da minha mente, desceu pelo meu coração e terminou num sorriso mais sincero e genuíno que pude dar. Não pude me conter e, sem perder mais tempo, coleí meus lábios nos de Linda, soltei sua mão e agarrei seu pescoço na urgência que eu tinha de sentir seu beijo, ela não reclamou e, levando-a comigo, a preensei na porta, ela passou suas mãos pelos meus cabelos e agarrou, arrancando de mim um gemido baixo, com anseio passei meu braço em sua cintura e coleí nossos corpos, eu tive que me lembrar de onde estávamos, pois, se não fosse por isso, eu começaria a arrancar seu uniforme ali mesmo.

— Apolo... — ela me chamou, separando nossas bocas por instantes.

— Eu sei... Eu sei... — Sim, eu sabia o que ela queria, o que eu queria, o que meu pau queria, mas não podíamos. Não ali no centro de operações.

— Temos três dias no hotel em *Kandahar*, Apolo — Linda segurou meu rosto e, com a respiração acelerada, falou. — Você poderá me ter por

três dias antes...

— *Shiuu!* coloquei meus dedos em seus lábios silenciando sua fala.
— Eu a amarei por três dias em *Kandahar*, Linda!

Linda abriu um sorriso lindo, o som que saiu do seu riso fez-me sorrir também, e, com mais tranquilidade, plantei mais um beijo em seus lábios macios e frios, como sentira falta daqueles beijos gelados que somente ela tinha, ela com muita ternura retribuiu e quando nos desfizemos do beijo, abracei aquela mulher que tanto desejei.

— Por favor, não me deixe novamente, Apolo. Ainda mais com um bilhete! — ela falou suplicante.

— Não cometerei esse erro duas vezes, Linda! — Beije o topo de sua cabeça. Ela riu mais uma vez e eu realmente quis que seu riso abafasse o som insistente da voz em minha mente me lembrando da promessa eu que fizera ao seu pai.

De trazê-la viva da missão em *Kandahar*!



Capítulo Dezessete

Linda

Se Apolo soubesse que meu riso resumia-se ao desespero que eu me

encontrava, ele não acharia graça. Senti-me acalentada em seus braços e o choro tornou a voltar, me afundei tanto tempo na confusão dos meus sentimentos que, quando finalmente tinha a oportunidade de realmente demonstrar com absoluta certeza o que sentia, fui comunicada que teria somente três dias com Apolo. Por ter aproveitado tanto tempo, ter brincado por anos com Will, minha punição era não poder perpetuar o meu afeto por esse homem.

— Por favor, não chore, Linda. — Apolo implorava enquanto me consolava.

— Sabe que essa é uma missão só de ida, né?

Não imaginava que doeria tanto assim, Apolo afastou-se e, segurando meu rosto, me encarou com seus olhos peculiares e únicos para mim. Olhos que sonhara noites e mais noites, que eu procurava a cada vez que retornava para *Nova York* e que eu desejava que me olhasse uma vez mais.

— Sabe, Linda eu sou muito bom no que faço? — ele inclinou a cabeça e levantou a sobrancelha me trazendo um pequeno sorriso aos lábios.

— Eu ouvi falar!

Não discutiria com ele sobre a tarefa, não deixaria esse assunto perturbar o pouco de tempo que tínhamos um com outro, se o universo resolvesse me dar esses dias com ele, iria desfrutar de cada segundo, então.

— Vamos, temos que nos aprontar, Linda!

Ele ajustou meu casaco e fechou o zíper até o topo da gola e deu um beijo rápido na ponta do meu nariz, assim que abri a porta e saí seguida por Apolo, vi Will virando o corredor e, reparando na nossa presença, parou e começou a balançar a cabeça em negação.

— Por que não estou surpreso? — ele apontou o dedo para Apolo e depois para mim. — Você não conseguiu esperar nem um dia para ir

atrás dele.

— Willian, chega! — tentei cessar o assunto, pois senti a tensão do Apolo nas minhas costas.

O nosso término definitivo não foi fácil, quando Will encontrou Apolo e eu no dormitório, pensei que teríamos uma briga gigantesca, mas foi o contrário, por horas expliquei os motivos de não levar adiante nosso relacionamento e sua insistência em mantermos o namoro só me fez ficar mais irritada e convicta que tomava a decisão correta, o basta foi quando eu disse que não o amava e mesmo ele declarando todo o seu sentimento por mim, tentei explicar que ele não podia amar por nos dois. Willian teve um acesso de raiva e, por um breve momento, pensei que iria me agredir, ele se aproximou de mim o suficiente para ficarmos cara a cara e, como se voltasse a si, saiu do alojamento sem rebater minhas palavras e eu não o tinha visto até agora.

— Esse *desgraçado*, desde que apareceu, só me trouxe dor de cabeça.

— Não fale como se eu não estivesse presente — Apolo forçou passagem e eu o segurei. — Porque eu estou bem aqui, idiota.

— Apolo, por favor, não!

Ambos estavam armados com pistolas e o limite da racionalidade poderia ser ultrapassado em questão de segundos, se qualquer um dos dois sacasse a arma.

Não pense nisso, Linda.

Apolo viu meu desespero e recuou, meu estado emocional já tinha sido abalado o suficiente por um dia, me sentia exausta e o medo, que antes não sentira, surgiu como ondas querendo me tomar.

— *Apolo!* — o nojo que Will sentiu ao pronunciar o nome não passou despercebido e, se aproximando mais um pouco de nós, tirou a pistola automática do coldre e apontou rumo à cabeça do Apolo. Instantaneamente fui à procura da minha arma, mas Apolo colocou sua

mão sobre a minha. Senti um gelo agudo percorrer minha espinha fazendo meu coração disparar de pavor. — Minha maior vontade é ver sua cabeça explodindo em vários pedaços, marinheiro.

— E o quê está esperando, tenente? — Se Apolo estava com medo, não demonstrava, seu rosto permaneceu sério e sua postura rígida.

Willian olhou para sua mão e, soltando um riso enfadonho, foi abaixando a pistola.

— Sua hora vai chegar, marinheiro. — Will cuspiu as palavras com um tom de promessa que me fez arrepiar.

Eu não reconhecia o homem à minha frente.

— E eu estarei aguardando! — Apolo rebateu.

Qual é a porra do problema com esses homens? Eu permanecia paralisada, em meus anos de serviço nunca deixara me abater por temer algo, não que fosse fácil ser um oficial e as responsabilidades impostas podiam levar à loucura. Mas ver dois rostos conhecidos se enfrentando e ameaçando um ao outro era sinistro demais para mim.

Will guardou a arma e, olhando para nós mais uma vez, praguejou algo que não entendi, virou-se e partiu corredor adentro. Foi aí que percebi que segurava a respiração e soltei o fôlego em alívio.

— Eu não entendo essa reação do Will — tomei o caminho do alojamento para arrumar meus pertences. — Apolo, eu não o vejo machucando um inseto e agora presenciei ele apontar uma arma para a cabeça de alguém!

Apolo me acompanhou em silêncio, somente concordava com a cabeça e olhava ao redor bem atento a qualquer sinal de perigo. Próximo ao meu dormitório, observei o quão pensativo estava e notei sua preocupação.

— Queria muito te beijar na boca! — ele disse sem pudor algum.

— Apolo, eu preciso de um tempo sozinha — pedi, contendo-me para não acariciar seu rosto, soldados circulavam próximo a nós e não queria levantar mais burburinho sobre mim. — Vou arrumar minhas coisas e te encontro no centro de operações.

— Tudo bem, eu preciso falar com meus homens — ele cruzou os braços, aborrecido. — Deixarei as ordens prescritas e vou comunicar o almirante que estarei ausente alguns dias. — Pela sua postura, percebi que estava incomodado com algo, mas não pressionei, depois de tanta agitação num mesmo dia, precisava de um pouco de tranquilidade e silêncio para minha mente.

Ele partiu para encontrar seus companheiros e eu, adentrando no alojamento, encontrei meus irmãos me aguardando.

— Que reunião secreta foi essa, Shawn? — Ivanov já questionou sem rodeios.

— Olá, amigos! — Não consegui nem um segundo.

— Tenente, estamos te aguardando há um tempo e fomos avisados para não interrompê-los. — Troy, com mais cautela nas palavras, veio ao meu encontro.

Desviei dele e fui em busca da minha mochila, pegaria o essencial para levar, não precisaria de muita coisa, pois meus dias eram limitados aos dedos de uma mão. Os olhares inquisidores de Sanders, Copolla e Hernandez, juntamente aos de Ivanov e Troy, me correram as costas, em questão de missões nunca escondera nada desses homens, o apoio incondicional que tinham por mim me fazia amá-los como minha família, retirando algumas coisas do armário, olhei para eles e senti uma angustiante sensação de despedida.

— Terei uma reunião de três dias em Kandahar — lágrimas teimosas começam a querer se formar em meus olhos, mas segurei o choro iminente. — Sanders, você assume em minha ausência. Ivanov, você será o líder da tropa e os demais auxiliam o restante dos homens.

— Senhora, mas do que se trata o assunto? — Hernandez sentou no beliche a minha frente.

— Não precisa se preocupar com isso — tentei disfarçar a voz embargada. — Apenas uma reunião de oficiais, protocolo.

Consegui convencê-los, pois logo cada um se atentaria aos seus próprios assuntos.

— Shawn, corre aqui! — Copolla me chamou, segurando seu notebook.

Assim que me aproximei, ele virou o computador em minha direção e vi o rosto de Michelangelo na tela em videochamada.

— Tenente! — ele prestou continência.

Retribui o gesto em respeito ao meu amigo.

— Michelangelo, como está? Se recuperando bem? — após ele ser alvejado pelos tiros, passou por cirurgia e ficou meses em recuperação na Alemanha.

— Bem! — ele disse sorrindo. — Estou em casa agora, logo as fisioterapias se iniciarão e poderei usar meu braço novamente.

Ele levantou o braço mostrando a tipoia azul que estava usando, os tiros prejudicaram muito seu ombro, mas, com repouso e cuidados, poderia retornar a trabalhar no exército como médico.

— Ótimo, amigo, estou muito feliz por ver você!

— Eu também, tenente, sinto falta de cada um de vocês e ainda bem que nenhum se feriu gravemente — seu humor me alegrou. — Nem imagino como estão se virando sem mim.

Ele caiu na gargalhada e Copolla e eu o acompanhamos, meus irmãos se juntaram a mim para vê-lo. E com alegria, ele cumprimentou a

todos.

— Preciso desligar agora, falo com vocês outra hora — Michelangelo abanou a mão sã em despedida. — Não se esqueçam que amo vocês, irmãos, menos o Hernandez.

Todos caímos no riso novamente ao ver Hernandez mostrando o dedo do meio para Michelangelo, ele desligou e me senti, por um instante, completa em estar junto deles, mas logo em seguida o sentimento de perda e tristeza me tomou, parte da minha carreira tinha passado com esses homens ao meu lado, brigas e acertos sempre estiveram presentes, só que o respeito e amor sempre prevalecia.

— Shawn? — olhei para Sanders, que estava um pouco mais afastado, e fui ao seu encontro.

— Quais são as ordens?

— Bem, ao nascer do sol, retornarão à aldeia, mantenha a obra e façam o perímetro novamente. — Disse sem esforço de mentir, seria nossa programação habitual.

— Linda — rapidamente olhei para ele, me chamar pelo primeiro nome nunca foi hábito para nenhum de nós. — Quais foram as ordens?

Encarando seu rosto, mantive a feição, tinha certeza de que, se Sanders pudesse ler meus pensamentos, estaria tão aterrorizado quanto eu.

— Não posso dizer, amigo — tentei falar o mais calmamente possível. — Ordens superiores.

— Certo! — ele não insistiu e fiquei grata por isso, não suportaria ver a cara de piedade que todos eles fariam ao me ver partir.

Fechei a mochila e deixei em cima do beliche, Sanders ainda observava meus movimentos, percebi que estava apreensivo com algo.

— Sanders, sobre mais cedo...

Vi os seus olhos estalar com a lembrança e subitamente ele olhou para ver se nossos colegas de quarto estavam nos observando, constatando que não estávamos sendo ouvidos, ele me puxou para ficarmos um pouco mais afastados e abaixou a cabeça como se estivesse envergonhado.

— Tenente, me perdoe, não foi intenção minha preocupá-la com meus assuntos — ele apoiou a mão em meu ombro. — Não sei se entenderá, mas eu te imploro que não comente nada com ninguém sobre isso. Seria a minha carreira em jogo.

— Eu não falarei nada, sargento — ainda sem entender, franzi o cenho indagando uma resposta. — Só não entendi tal atitude.

Sanders me olhou nos olhos e ruborizado levou os lábios aos meus ouvidos para que somente eu escutasse o que tinha a dizer.

— Nós não mandamos no coração!

Ele se afastou sem dizer mais nada e eu entendi tudo na hora, sua discussão com o *private* mais cedo era porque eles tinham uma relação amorosa, como eu fora cega, eles sempre estavam juntos, nas refeições, nas rondas, nos intervalos em todo momento podia-se observar que estavam próximos um do outro. Apesar da irrelevância da orientação sexual do Sanders para mim, no ambiente em que trabalhávamos ainda ocorria muita discriminação. Eu entendia o motivo de ele manter o fato em segredo, uma vez conhecido que ele era homossexual, as informações mais importantes sobre suas ações seriam julgadas. Consequentemente ele seria rotulado por heterossexuais, qualquer decisão que ele tomasse não seria interpretada por sua competência e sim por ser gay ou não. Sanders me confessou seu segredo e não estaria aqui para apoiá-lo.

Três batidas na porta chamaram a atenção de todos e assim que foi aberta por Ivanov, meu pai entrou cabisbaixo. Todos prestaram continência e eu me virei de costas, fingindo arrumar o armário.

— Senhores, posso falar com a tenente a sós! — ele pede sem brecha para negação.

Após alguns cumprimentos, os homens saíram deixando o general e eu sozinhos no dormitório.

— Passarinho? — ele enlaçou os dedos na minha jaqueta e me virou para ele.

— General!

— Filha, eu não mandaria você *pra* lá se houvesse qualquer chance de ser ferida.

— Como pode garantir isso, pai? — não contive as lágrimas. — O senhor não estava aqui em campo, vendo dia após dias os horrores que os rebeldes impõem a esse povo. O seu próprio povo e acha que irão me poupar?

— Estaremos monitorando você, passarinho.

— Pai, o senhor serve a esse país assim como eu, ordens vêm continuamente, boas ou ruins, nós temos que cumprir. Esse é o nosso dever! Meu e o seu.

Assim como eu, meu pai não conteve seu choro, a carga de responsabilidade desse homem aumentava a cada recrutamento, cada vez que um homem ou mulher se alistava no exército, sua lista de obrigações se estendia um pouco mais. Acontece que agora toda essa situação estava fora do seu controle, a única opção dele fora acatar a ordem e, pelo seu estado emocional, vi que não conseguiu aceitar o fato que de eu fora solicitada pelos rebeldes.

— Se algo acontecer...

— Nada irá acontecer, general!

Limpei minhas lágrimas com a manga da jaqueta, e, aproximando-me do meu pai, o abraço sem receio, ele retribuiu de imediato.

— Eu não me perdoaria, passarinho. — Meu pai passou a mão em meus cabelos, acariciando minhas costas.

— Vai ficar tudo bem, senhor, tenho treinamento e o suboficial Brassard também estará comigo. A equipe estará a postos e o local será público. Tudo ficará bem!

Disse em voz alta para convencer mais a mim do que ao meu pai, o medo era natural, a falha por medo que não era aceitável na minha profissão, só que, pela primeira vez, experimentei um sentimento novo chamado *pavor*.

— Já está pronta? Podemos partir?

— Se o senhor me soltar — tentei soar despreocupada.

Assim que escutamos a porta se abrindo, meu pai se desvencilhou de mim e, olhando Apolo entrar segurando um fuzil e com uma mochila nas costas, abri um sorriso satisfeito em ver meu DEVGRU bem preparado.

— Suboficial Brassard.

— Senhor. — Apolo estava com feição de quem comera algo amargo, busquei em sua expressão alguma resposta, porém se limitou a dizer apenas isso.

Juntos, saímos do alojamento e, na saída do KOP, éramos aguardados por Cortez e Sanders.

— Desejo-lhe sorte, tenente! — o capitão, em um aperto de mão, se despediu de mim.

— Obrigada, capitão.

Apolo segurou a alça da minha mochila e seus dedos relaram de leve nos meus, olhando para seu rosto, ele mostrava sua covinha e soltei a bolsa para que ele carregasse até o helicóptero.

Will provavelmente pilotaria o *Chinook* em que meu pai, Apolo e eu voaríamos, o som de acionamento dos rotores indicava que era hora de partir. Meu olhar sugestivo para Sanders dispensou palavras e

despedidas, e ele sabia que precisaria segurar as pontas com a minha partida.

Quando embarquei, vi que Apolo reservara um lugar para mim ao seu lado e sentando percebi o quão ansiosa estava, chegava a ser engraçado, pois há quanto tempo não via nada além dessas montanhas, desejei ir embora desse lugar repetidas vezes e agora, saindo daqui, tinha a insistente impressão que estava abandonando um lar.

Coloquei o *headphone* e a voz de Will soou em meus ouvidos.

— *Indiana* para *TorreK*.

Lembro-me quando Will confidenciou a mim que escolhera seu codinome *Indiana* porque era a cidade onde eu aceitara namorar com ele. Fiquei extremamente feliz no dia e agora tinha somente a sensação de arrependimento em sua voz.

— *TorreK* para *Indiana* liberado para partir e tenham uma volta limpa.

A máquina levanta voo e Apolo discretamente roçou seus dedos nos meus, o gesto dizia muito para mim, era um lembrete fixo que estava comigo, que cuidaria de mim e que me amava.

Em algum momento da viagem, adormeci e fui acordada com movimentos leves e com a voz de Apolo nos meus ouvidos.

— Tenente, chegamos.

Recusei-me a abrir os olhos, sei que estava apoiada em seu ombro e o seu calor era convidativo demais. Lembrei-me que meu pai estava presente na cabine junto com mais dezoito soldados e rapidamente ajeitei minha postura. Não sei como foi possível eu dormir assim, acostumada a lutar com a insônia bastou alguns minutos junto dele e a mesma tranquilidade que sentira naquela noite se apossou de mim.

— Aproveitando a viagem? — ouvi a voz do Will nos meus ouvidos e assustei, olhei ao redor percebendo que somente eu o escutava. — Não se preocupe, o rádio está isolado somente para você, Linda. Ainda tenho algo para te dizer, você é o meu maior arrependimento, dediquei anos da minha vida a você, deixei a Coréia por você, coloquei você acima das minhas vontades para que no finalzinho do mundo venha me dizer que nunca me amou.

Apolo olhou para mim e deu uma piscada rápida, tentei disfarçar meu choque pelas palavras do Will e cruzei os braços fingindo cansaço.

— Apesar que não posso reclamar tanto assim — suas palavras começaram a me dar repulsa. — Uma *puta* tão gostosa assim não pode ser chamada de desperdício de tempo. Não sei qual a necessidade de ter os dois aqui em *Kandahar*, mas eu desejo sucesso em suas tarefas — me remexi no assento desconfortável demais pelas palavras de ódio do Will. — *Ah*, e que uma bala entre bem no meio da testa do marinheiro enquanto você assiste a vida se esvaindo do seu corpo, *desgraçada*.

Aquilo foi demais para mim, se algum dia houve algum tipo de afeto entre nós, tive a certeza que os resquícios desse sentimento foram falsos. Meu desejo era me levantar, ir até ele e socar sua cara com um belo soco.

— Dois minutos! — Willian anunciou e todos se ajeitaram para o pouso.

O rancor em sua voz me amedrontou, até uma semana antes ele dizia que me amava e agora desejava meu mal, sempre mantive as pessoas afastadas e Will, que deixei, ficar por perto se voltou contra mim.

As pessoas não são confiáveis!

— Tudo bem? — olhei para Apolo e imaginei a cena que Will descrevera, um aperto tomou conta do meu peito e, mais do que nunca, a incerteza de confiar em alguém queria me tomar.

— Sim, suboficial! — por causa da minha irritação, fui seca e o semblante espantado dele foi inevitável.

O solavanco do pouso do helicóptero despertou o restante dos meus sentidos, Apolo não merecia meu mau humor, Willian merecia. Esperei todos saírem e dei um sinal para que Apolo não me aguardasse, entreguei minha mochila para ele e, quando o copiloto saltou da aeronave, fui para a cabine de controle ao encontro do Will.

Ele ainda estava preso ao cinto então suas reações não foram rápidas o suficiente, apoiei meus braços entre os bancos da máquina e, me reconhecendo, um sorriso presunçoso começou a se formar em seu rosto.

— Da próxima vez que for me ameaçar — a noite havia chegado e me aproveitei da pouca luz da cabine. — Olhe nos meus olhos para isso, Willian. E se for levantar uma arma para mim ou para o Apolo, atire e certifique-se que eu morri, se não, eu irei te caçar até nos confins do inferno — ele se inclinou para mim e eu, me fazendo de inocente, tombei a cabeça ao seu encontro. — Darei a você uma última lembrança minha, pode apelidar de *adeus, puta*.

Ainda olhando para mim, Willian não percebeu meu punho indo em direção ao seu nariz, dentro daquele golpe descarreguei toda minha fúria e hostilidade, o som não foi nem um pouco bonito de ouvir e o seu grito de dor soou como música aos meus ouvidos, não deixei espaço para revanche, saí do seu alcance e saltei do helicóptero, encontrando Apolo a minha espera.

— O que aconteceu lá dentro? — Levanto minha mão para ele e encarei meus dedos doloridos.

Dei os ombros e saí da pista de pouso rindo e completamente satisfeita por ter mostrado ao Willian o poder de uma *puta*.

— *Nada*, vou apenas dizer que me despedi do Willian em grande estilo.



Capítulo Dezoito

— Preciso fazer uma ligação! — gritei para que Apolo entendesse minhas palavras, saindo da área de pousos, os sons constantes de helicópteros e aeronaves partindo e pousando iam ficando para trás. — Nós vamos para o hotel só mais tarde, mas antes teremos uma reunião com a inteligência.

Apolo concordou comigo indicando que já sabia dessa informação.

Dentro do aeroporto fomos recepcionados por uma comissão de homens vestidos de ternos e gravatas, meu pai cumprimentava, acredito eu, o chefe do grupo e tentei não me incomodar com os olhares curiosos que eram direcionados a mim.

— Tenente Shawn, seja bem-vinda a *Kandahar*! — a falsa animação do homem não passou despercebida por mim.

— Obrigada senhor. — Dei um pequeno sorriso, fingindo gentileza.

Fomos levados até uma sala de conferência dentro do complexo, Apolo estava apreensivo e percebi que seus olhos varreram o lugar repetidas vezes. Ele soltou nossas mochilas no chão e, enquanto eu arrastava uma cadeira para me sentar, Apolo permaneceu em pé na porta. A temperatura dentro da sala era agradável e retirei minha jaqueta que começava a me sufocar. Quando todos tomaram seus lugares à mesa, uma mulher entrou na sala segurando uma pasta e um pendrive que rapidamente o conecta na tv fixada na parede.

— Boa noite a todos. — a mulher aparentemente não passava dos trinta anos, usava um coque no cabelo loiro escuro e roupas formais, iniciou a conversa sem enrolação. — Sou a agente Julienne Rabello chefe e responsável pelo caso.

Ela ligou a tevê e na tela uma imagem aérea do hotel foi mostrada a todos.

— Tenente, você já foi informada da solicitação dos rebeldes e que em três dias esse encontro ocorrerá.

— Sim, senhora. — A firmeza em sua voz me trouxe mais confiança, pois continha uma cabeça feminina à frente dessa operação.

— Pois bem — seus saltos agulhas rangeram quando ela se voltou à tela e imagens foram passando uma a uma enquanto ela explicava. — A escolha do hotel foi estratégico, temos uma boa visão do salão e do bar, os quartos onde ficarão não serão grampeados, somente o local da reunião, homens e mulheres foram colocados como sentinelas, nem perceberão que estão lá.

— Senhora, e ao redor do hotel? Quais são as medidas de segurança? — meu pai, inquieto na cadeira, questionou a agente.

— General, tenho ciência que a tenente tem um peso pessoal para o senhor — ela apoiou ambas as mãos na mesa e encarou fundo os olhos do meu pai. — Mas temos um objetivo maior dentro dessa operação e não colocaríamos ela em perigo sem cautela.

Ele concordou e eu entendi suas palavras, não era só a minha vida que estava em jogo, a dos agentes que estariam no hotel também. Eu virei o rosto de leve e vi Apolo ainda em pé, olhando para o teto, algo o incomodava e ele, direcionando os olhos para a agente, cruzou os braços e apoiou as costas na parede.

— O horário combinado foi às três da manhã — voltei minha cabeça em espanto. — Tenho certeza que eles querem barganhar o prisioneiro traidor. Não iremos entregá-lo em hipótese alguma.

— Brassard? v ela o chamou e escutei os passos de Apolo se aproximarem de mim. — Te conheço o suficiente, Apolo, e tenho certeza que irá proteger a tenente com sua vida se for preciso.

— Sim, Julienne, eu irei! — ele disse seguro.

— Espero que não chegue a tanto, senhores! — ela falou, encarando seu rosto e eu entendi no mesmo instante que ou havia algo,

ou houvera algo entre eles.

Eu também espero que não!

— Por agora é o que precisam saber — de dentro do envelope ela tirou dois celulares e apontou eles para mim, Apolo debruçou sobre a mesa e os apanhou de sua mão. — Manteremos contato constantemente. Descansem e aguardem por mais instruções.

Assim que me levantei, Apolo, já próximo a mim, entregou um dos aparelhos na minha mão, meu nome estava num adesivo colado na parte de trás do aparelho, ele sorriu confiante eu retribui por ele estar presente.

— Filha, podemos conversar? — Meu pai segurava a porta aberta, todos que passaram se despediram dele com apenas um balançar de cabeça.

— Vai lá! — Apolo sussurrou-me.

Quando me pus a andar em direção ao general, escutei os saltos da agente Julianne e, dando uma rápida olhada para trás, pude vê-la indo ao encontro de Apolo, cumprimentando-o com um beijo em seu rosto.

Passei pelo meu pai com um misto de sentimentos, temerosa pelo que poderia acontecer nesse encontro, confiante, pois a equipe estava bem preparada, e ciúmes de algo que eu podia estar só imaginando.

— Passarinho, sei que no seu treinamento para obter a guia SAPPER, você se superou — ele pegou minhas mãos e deu um beijo em cada uma. — Mas eu te peço que não tome qualquer decisão precipitada, os rebeldes são inteligentes e perspicazes e eles não iriam propor algo se não fossem sair beneficiados por algo.

Ou alguém!

— Pai, eu vou me cuidar — o abracei, sabia que não poderia vê-lo mais depois que fosse para o hotel. — Estou preparada e amparada, tranquilize esse coração, general.

Ele aspirou fundo o ar e, apertando ainda mais o abraço, soltou o fôlego devagar, eu sentia seu medo e tentava garantir a ele que eu não seria impulsiva.

— Tem um carro aguardando vocês — ele me soltou e, tentando manter o clima mais leve, balançou seus braços. — Linda, não me meto em seus assuntos, mas e o Willian?

— Pai, mantenha-se afastado daquele homem! Nunca terei mais nada com ele — segurei o rosto do meu pai entre as mãos e encarei seus olhos verdes confusos. — Errei sobre meu julgamento a ele e, se me ama, manterá ele no meu e no seu passado. Entendeu, general?

— Tudo bem!

— Promete, general?

— Eu prometo, passarinho!

Logo após meu pai concluir sua frase, a agente Julianne passou por nós e despediu-se friamente. Eu a ignorei como uma criança emburrada, Apolo saiu da sala carregando nossas coisas e, quando estava perto o suficiente de mim, o olhei carrancuda.

— Não me olhe assim — ele disse baixinho, somente para eu ouvir.

— Assim como?

Ele levantou seu rosto para cima e abafou um riso, irritada, acelerei meus passos para fora do aeroporto, um comboio estava a nossa espera e uma camionete branca estacionada estava com chave no contato, abri a porta do motorista e aguardei Apolo acomodar nossas coisas na parte de trás e, ao mesmo tempo, nos acomodamos nos assentos e batemos a porta.

— Linda? — Apolo procurou minha mão para agarrá-la e eu, desvencilhando dele, mostrei o quão irritada estava.

Bela atitude, criança do caralho. Minha mente gritava para mim.

Antes que eu dissesse algo, Will apareceu no meu campo de visão, com um pano no rosto e, visivelmente irritado, entrou no *Humvee* a minha frente, não me contive e soltei uma gargalhada.

— Foi você? — a surpresa na voz de Apolo me fez querer rir ainda mais.

— Positivo, soldado.

Dei partida na camionete assim que escutei uma buzina.

— Temos que falar sobre nós, Linda.

— Apolo, nunca dei espaço para falar de relacionamento quando estava com o Willian — a caravana acelerava entre as ruas pouco movimentadas. — Simplesmente porque não me sinto confortável com o assunto.

— Eu não sou ele!

— Não, você não é — afirmei, olhando rápido para ele. — Vamos ter esses dias juntos e podemos aproveitar ao máximo, vamos ver no que dará, sem pressão e sem rótulos.

— Você sabe que quero mais do que isso, Linda.

— O que eu sei, Apolo, é que é isso que posso te dar agora.

— Por que o medo? — Ele virou o tronco para me encarar.

— Não tenho medo!

Mentira, eu sentia meu medo exalar como perfume e Apolo com certeza inalou e reconheceu o cheiro.

— Linda, vou repetir e repetir até você entender, estou aqui por você. Desde o dia que te conheci, me conectei a você, todo esse tempo que passou só me fez te querer ainda mais.

— Então o que foi aquilo que eu vi lá no aeroporto com a agente Julienne?

Fraca.

— Linda, eu tenho passado igual a você — ele apoiou a mão na minha perna enquanto eu tentava prestar atenção no caminho que percorria. — Eu estava com ela só que, como nunca daria certo, acabei terminando.

— Hum!

— Não faça assim — ele inclinou o rosto para mim. — Eu estava no posto de observação quando você e o Willian foram para o helicóptero.

Estatelei os olhos e Apolo riu da cara que eu fiz.

— Mas eu dei um fim no meu assunto com o Will.

— E eu também, Linda.

Quis rebater, mas assumi que meu papel estava sendo ridículo, pois era sem sentido meus ciúmes em relação a Apolo.

O restante do caminho, percorremos em silêncio e, após uns trinta minutos dirigindo, paramos em frete ao luxuoso *Royal Afghan Hotel*.

Parecia que tínhamos mudado de planeta, o contraste da desigualdade econômica era gritante. Num lugar tendas e casas de barro e aqui um prédio de quatro andares com muita iluminação e sofisticação.

— Engraçado como a cena se repete, não? — virei a chave, desligando o motor e curiosa me virei para o homem ao meu lado.

— Não entendi.

— Mais uma vez você dirigindo uma camionete, eu no passageiro e... — ele indicou o prédio. — Você me levando para um hotel.

— Não me deixando com um bilhete, tá ótimo.

Por instantes nos olhamos sérios e juntos começamos a rir.

— Não irá me perdoar nunca, né! — Apolo disse um pouco sem graça.

— Talvez um dia!

Descemos do carro e deixei a chave no contato, Apolo apanhou nossas coisas e fomos até a recepção.

Em inglês o funcionário do hotel me atendeu e me entregou a chave do quarto assim que disse meu nome. Ainda com roupas militares, olhares de reprovação de alguns afegãos eram direcionados a mim. Não me incomodei, já Apolo, como um cão de guarda, me acompanhava segurando o fuzil nas mãos, enquanto as alças das mochilas estavam uma em cada ombro.

— Não me sinto confortável aqui.

Subindo as escadas até o último andar, procurei o número do quarto e encontrando a plaquinha indicando a suíte cento e vinte e dois, girei a chave para abrir a porta. Não era tão diferente dos hotéis americanos, sofá, tevê, mesa de jantar, varanda e uma cama grande de casal.

Apolo entrou e, fechando a porta, eu o ouvi jogar as nossas coisas no sofá.

— Preciso fazer a minha ligação! — disse antes que ele se aproximasse mais de mim, fui até o banheiro e fechei a porta quando entrei.

No bolso da calça carregava tanto o meu celular quanto o aparelho que fora disponibilizado para mim, o meu estava com pouca carga, mas disquei o número mesmo assim e aguardei para que me atendesse.

— Lembrou de mim, vaca!

— Nunca me esqueço de você, Jordan.

— Por que está cochichando? — Engraçado que ela também falava baixo ao me questionar.

— Eu não sei nem por onde começar.

Abaixei a tampa do vaso sanitário e me sentei sobre ele, meus pés inquietos bateram no chão em sequências terríveis.

— Pode ser do começo. Porém deixa eu te falar uma coisa, estou no hospital regional de Landstuhl.

— Na Alemanha?

— Sim, fui transferida essa semana e ficarei um bom tempo por aqui — Jordan era uma excelente profissional e nunca duvidei do seu potencial. — Não são cenas muito boas de se ver por aqui, amiga. Por favor, se cuida.

Arrependimento me bateu, eu sabia que irei preocupá-la confessando tudo a ela, mas Jordan era minha irmã, minha família, então, decidi contar tudo a ela.

— Tenta manter a calma.

— Linda, o que aconteceu?

— Jordan, meses atrás prendemos um militante afegão e, a partir de informações dada por ele, muitas células foram desmanchadas — esfreguei meu nariz impaciente. — Vários ataques à vila onde estou implantada ocorreu, mas fomos contentes pouco a pouco até que cessaram. Jordan, isso é confidencial.

— Jamais falaria algo — ela disse rapidamente e sei que era verdade.

— Com a ajuda dos fuzileiros começamos a construir a escola na aldeia, tudo bem até aí. Até que meu pai apareceu essa semana dizendo que os rebeldes querem uma reunião comigo e, por ordem do presidente, hoje estou aqui em Kandahar para um encontro que ocorrerá daqui a três dias.

— Não! — Jordan protestou.

— A inteligência organizou o encontro aos nossos parâmetros e estou sendo escoltada por um fuzileiro.

— Qual fuzileiro?

— Apolo! — falei bem baixinho, torcendo para que a porta tivesse isolamento acústico.

— E o Willian?

— Não tem mais esse idiota! — só de me lembrar dele meu sangue fervia de raiva.

— Aquele desgraçado não era quem eu pensava. Não temos mais nada.

— Linda, tem certeza que é seguro?

— Sim! — não.

— Eu tenho que desligar agora, mas, por favor, me mantém informada.

Escutei alguém chamando seu nome e gritos foram ouvidos ao fundo.

— Vai lá, te amo, vaca.

— Te amo!

Desliguei o telefone ainda sem coragem para sair do banheiro, retirei meus pertences dos bolsos e minha arma e liguei a torneira quente da banheira. Não conseguia escutar nada além da porta, a banheira demoraria um tempo para encher e senti meu estômago doer pela fome que estava.

Abri uma fresta da porta e vi Apolo deitado na cama ainda de botas e de olhos fechados.

— Apolo? — ele não se moveu. — Estou com fome, pode pedir algo para comer?

Sua respiração estava pesada, eu sabia que ele não dormia em uma cama decente há meses, então resolvi não perturbá-lo.

Voltei para dentro do banheiro e adicionei sais de banho à água, comecei retirando as botas pesadas e o uniforme empoeirado. Esse tipo de alívio era momentâneo, pois eu só me sentia realmente livre do trabalho quando estava em casa, a casa que eu dividia com o Willian. Desejei que ele retirasse seus pertences antes que eu fosse embora. Sua implementação era menor que a minha, então ele teria tempo de sobra para isso.

Olhei-me no espeço e vi o abatimento no meu rosto, eu perdera peso e me sentia cansada, coloquei meus pés na água quente e entrei na banheira, devagar fui me abaixando e a temperatura da água me abraçou, relaxando meus músculos. Esfreguei meu corpo sem pressa e a espuma que foi se formando fez cócegas na minha pele.

Encostei minha cabeça na borda acolchoada da banheira e fechei meus olhos por um instante, não sei dizer quanto tempo permaneci assim, mas fui despertada com batidas na porta.

— Linda? — ouvi a voz de Apolo.

— Sim?

— Eu realmente preciso entrar!

— Eu já estou acabando...

Ele não esperou minha autorização, Apolo estava somente de camiseta e calça, ao entrar congelou por uns instantes e levou a mão ao botão da calça indicando que iria retirá-la.

— Desculpa, estou realmente apertado.

Tampeei minha cara com as mãos e momentos depois escutei o jato no vaso sanitário, não contive o riso e, ainda de olho fechados, procurei a toalha para sair do banho.

Fui Tateando o nada até que, sem querer, encostei a mão em algo firme e, abrindo os olhos, retirei rapidamente a mão quando vi que estava apalpando a bunda dele.

— Está procurando algo? — ele disse bem-humorado.

— Preciso de uma toalha!

— E eu preciso de um banho! — ele falou sugestivo.

Há quanto tempo desejava estar com esse homem novamente, por muitas vezes, me masturbei imaginando seus dedos ou sua língua em mim. Will me satisfazia, só que era Apolo que brincava com minhas fantasias.

Sem pudor algum, me levantei nua da banheira e as íris bicolores do Apolo brilharam em diferentes tons.

Agarrei sua camiseta e indiquei que a tiraria dele, Apolo se aproximou mais de mim e levantou os braços facilitando meu trabalho, joguei em um canto a peça de roupa e Apolo, ainda com o botão e zíper abertos, deslizou pelas pernas a calça ficando apenas de cueca boxer preta na minha frente.

Tomei seu rosto em minhas mãos molhadas e o fiz olhar para meu rosto.

— Vamos tomar um banho!

— Eu não ficarei satisfeito somente com um banho, Linda. — Ele apoiou suas mãos sobre as minhas e correu sua boca em meu braço direito, estávamos tão próximos, separados apenas pela banheira.

Ele soltou minhas mãos e engatou os dedos no cócs da cueca e, sob meu olhar pecaminoso, retirou a peça com urgência, tentei não encarar tão descaradamente, mas foi impossível. Apolo era bonito por inteiro, e seu pau já ereto me dava certeza de que não iríamos ficar só no banho mesmo.

— Entre aqui — chamei-o mansamente e de imediato ele obedeceu.

Quando ele entrou, o forcei a virar de costas para mim e foi quando vi com exatidão sua tatuagem nas costas, duas asas que partiam do meio da coluna e tomavam todo o seu dorso e parte dos braços. Admirei com fascínio, devagar deslizei meus dedos pelo desenho e percebi quando a sua pele se arrepiou.

— Você não é justa! — ele me acusou com a voz rouca.

— Não espere isso de mim, Apolo.

Ainda passando meus dedos pelo seu corpo, o abracei encostando minhas mãos em seu peitoral, Apolo respirou fundo e apoiei meu rosto em sua pele quente. Seu calor era bem-vindo e seu cheiro me embriagou novamente.

— Eu senti sua falta — ele confidenciou a mim. — Me arrependi de ter partido no segundo que tomei a decisão, mas foi preciso.

Soltei-o por um instante, somente para apoiar em seus ombros, indicando para que se sentasse comigo dentro da banheira, quando nos acomodamos, a água transbordou para fora e, encostando sua cabeça em mim, Apolo me olhou nos olhos.

— Vamos conversar primeiro! — eu falei antes que ele sugerisse algo que provavelmente eu iria aceitar.

— Pergunte-me o que quiser.

— Eu não sei o que perguntar.

Dentro d'água, Apolo acariciava minha perna enquanto eu passava a mão em seus cabelos macios.

— O poema que deixei para você, minha mãe o lia *pra* mim quando estava triste.

A conexão que tinha com esse homem me assustava, justamente no momento que iria perguntar sobre o bilhete, ele se referiu ao assunto.

— Eu guardei o bilhete. Está lá no meu apartamento em *Nova York*.

Apolo se mostrou surpreso.

— Acredita em amor à primeira vista, Linda? — Agora quem estava surpresa era eu, aproveitei a oportunidade e, com a esponja, comecei a esfregar seu corpo.

— Não sei dizer, Apolo, amor é um sentimento estranho para mim, quem eu amo ou me traí, ou sempre fica longe de mim ou morre.

Senti o incômodo que minhas palavras impuseram a ele, mas eram sinceras.

— Mas eu estou aqui! — ele disse ao mesmo tempo em que se virou, derrubando mais uma porção enorme de água para fora da banheira, ficando ao oposto de mim.

— E pode me garantir que permanecerá?

Ele não disse nada, eu ainda segurava a esponja, Apolo a retirou da minha mão e enlaçou seus dedos nos meus, puxando-me, me

fazendo-me montar em cima dele, estávamos escorregadios, mas, mesmo assim, a sensação de nossas peles coladas me excitou, Apolo segurou minha cintura com um braço e com a mão moveu a parte de trás do meu pescoço, deixando-me cara a cara com ele, o senti se mover para melhor se acomodar e entre minhas pernas seu pau começou a ficar duro novamente, o anseio de ter ele dentro de mim me tomava, e, olhando fundos nos meus olhos, Apolo me disse;

— Ficarei até a minha morte!

E eu arrepiei com suas palavras



Capítulo Dezenove

Vi seu peito subir e descer com a aceleração da sua respiração, com admiração olhei seu torço forte e umidifiquei os lábios pela vontade de beijar cada sarda de sua pele, Apolo apoiou a mão em minha nuca com firmeza, adentrando seus dedos nos meus fios de cabelo molhado e, enquanto apertava com o braço minha cintura, aproveitava para friccionar seu pau no meu ponto sensível, a procura pelo atrito me fez rebolar e quando sua boca se encontrou com a minha, me aproveitei da necessidade que tínhamos um do outro, saltando meus lábios passou a barba áspera no meu pescoço, um grunhido saiu da minha garganta que Apolo aprovou com um sorriso devasso.

— Som dos deuses! — Apolo falou, deslizando a mão ensaboada pela lateral do meu corpo, enquanto depositava beijos e mordiscava minha clavícula.

Ele apreciava todo meu colo e, sem desperdiçar tempo, abocanhou meu seio com vontade, a aspereza de sua língua me fez inclinar um pouco mais para que ele se aproveitasse mais de mim, e enquanto chupava um dos mamilos, roçava os dedos quentes no outro, fazendo-me tombar a cabeça para trás de delírio e prazer.

— Bom! Muito bom! — ele dizia enquanto trocava de um para o outro.

Sua tortura não terminava, eu desejei e ansiei tantas e tantas vezes esse homem comigo que não me importei em ter compostura alguma diante dele. Ambas as mãos agarraram seu cabelo, trazendo-o para mais perto de mim, como se fosse possível. Estávamos escorregadios pela água, e mais alguns movimentos ele estaria dentro de mim.

— Por favor — choraminguei — mais, preciso de mais.

Entendendo minha necessidade, Apolo imediatamente se ajeitou e me apoiando em seu ombro, lentamente fui descendo, sendo preenchida de forma deliciosa, Apolo posicionou as mãos em meu quadril e, apertando os dedos na minha carne, me incentivava a me movimentar. Seus olhos estavam grudados nos meus, o azul estava com as rajas cinza, quase negras, e o verde se escurece como uma floresta enevoadada. Não suportei olhá-lo e fechando os meus, usufruí do prazer que ele me proporcionava.

Água jorrou para fora da banheira quando aumentei os movimentos, seus beijos eram urgentes tanto quanto os meus, segurei com força a borda da banheira e os sons de prazer cru e severo que emitimos tomaram o ambiente.

— Ah, porra! — Apolo grunhiu, tombando a cabeça para trás e fechou os olhos.

Voltando a me beijar com furor, Apolo enfiou os braços entre minhas pernas e nos levantou da banheira, dei um grito de susto e com os lábios grudados nos meus ele riu.

— Eu esperei tempo demais para estar dentro de você novamente, Linda — mesmo estando em seus braços, ele andava sem dificuldades pelo lugar, então, juntei minhas mãos em sua nuca. — Nenhuma outra mulher foi capaz de aplacar em mim a necessidade que eu tinha de você.

— E o que necessita de mim, *senhor*? — Ainda sentindo seu pau rijo dentro de mim, assustei quando senti o frio dos azulejos em minhas

costas.

Apolo me prensou ainda mais, senti o calor que emanava de sua pele na minha frente e os pelos ásperos do seu peitoral roçava em mim, a diferença de temperatura entre ele e a parede fazia Apolo ser extremamente mais atrativo.

— Você suportará a intensidade do meu desejo por você. — ele se retirou um pouco de mim e voltou com tudo, atingindo deliciosamente meu interior e eu automaticamente gemi. — Gritara meu nome repetidas vezes — inclinei a cabeça, quando, sem parar as investidas, Apolo raspou os dentes pelo meu pescoço. — E enquanto te fodo ao meu modo, ouvirá que te amo e que venero seu corpo — comecei a perder o senso com a potência dos movimentos. — Arrancarei de sua mente todos que tiveram um dia a oportunidade de tê-la, pois não precisará de mais ninguém além de mim. — Apolo exalava supremacia e domínio, sem gentileza apossou-se de mim e, levando seus lábios ao meu ouvido, sussurrou; — E até o final da noite confessará o quanto também sentiu a minha falta.

— APOLO! — gritei quando o orgasmo me tomou e em meio às sensações que me dominavam, tive medo, pois acreditei em cada uma de suas palavras.

— *Ah, sim!* — suas arremetidas eram quase animalescas, na minha frente eu via e sentia, dentro de mim, o homem que Apolo se mostrara anos antes. — *Caralho!*

Agarrada a ele tentava, sem êxito, controlar minha respiração, o suor misturava-se aos resquícios da água perfumada da banheira, Apolo carregou-me até a cama e se debruçando, saiu de mim por um momento.

— Não tenho camisinha aqui, Linda! — disse temeroso.

— Eu uso um implante contraceptivo.

O alívio em seu rosto foi claro, então Apolo, subindo em mim, iniciou outra sequência de beijos, ora intensos, ora profundos, nunca deixando de passar suas mãos em mim, ao acariciar meu ventre, soube

muito bem onde seria o destino e eu, já molhada pela minha excitação, recepcionei seus dedos para minha entrada.

— Nunca me decepçiona, Linda! — Apolo começou a massagear meu clitóris jogando gasolina na minha libido que já estava em chamas.

Eu tentei em vão agarrá-lo, pois ele desceu seus lábios passando pela minha garganta, entre meus seios, pousou um beijo estalado, roçou minha barriga com a barba, sem parar de me estimular, raspou seus dentes no meu quadril, até se colocar no meio das minhas pernas.

— Hoje sentirei seu sabor até a última gota, Linda — ele me puxou bruscamente para a beirada da cama, ajoelhando-se no chão. — Irei me deliciar na sua boceta e, mesmo que implore, não irei parar. — *Porra*, ele estava incentivando todos os meus sentidos.

— Não irei implorar! — Me apoiei nos cotovelos para falar.

De frente para mim e olhando para mim, Apolo me lambeu descaradamente, sua língua quente e macia encontrava minha carne e, quando chegou ao meu ponto de prazer, sugou levemente, fazendo-me arfar de têsão.

— Você irá! — ele sorrindo falou, soltando seu hálito quente na minha boceta.

Inspirei.

Filho de uma puta!

Expirei.

Caralho!

Perdia o ar quando Apolo enfiava sua língua dentro de mim, gozei novamente e, agarrando firme minhas pernas, ele me puxava cada vez mais para ele, meus gemidos se misturavam aos deles.

Apolo se afastou por pouco tempo e se levantando, aproveitou da minha fraqueza e me virou de costas para ele, pegando-me de surpresa.

— Empina! — ele ordenou.

Sua voz autoritária mexeu com meus sentidos, minhas pernas estavam moles, mas, ao ouvi-lo minha, boceta traidora pulsou ao seu comando. Fiz o que ele pedira e Apolo, novamente ajoelhado, enfiou a cara no vão das minhas pernas e iniciou outro oral de me fazer agarrar à colcha da cama e afundar o rosto no colchão para tentar abafar meus gritos de delírio.

— Eu preciso de você! — aceitei minha derrota e pedi a ele, e mesmo quando ele inseriu um, depois dois dedos em mim, não parou de me lamber e chupar. Só quando meu orgasmo me tomou mais uma vez, ele parou.

— Eu não me cansarei disso nunca, Linda! — Ele mordeu minha bunda devagarinho.

Apolo, acariciando minhas costas, se debruçou em mim, nos levando para a cabeceira da cama, com sua mão segurou meu pescoço e acariciando minha bochecha com o dedão, levantou meu tronco e virou meu rosto para me beijar com paixão, ainda sentia os espasmos decorrentes do meu prazer, mas saboreei seu beijo junto ao meu sabor. Seu pau duro roçava minha bunda e o calor do seu peito se misturava a minha pele gelada das costas.

— Eu não consigo me controlar perto de você, Linda.

Ele começou a descer beijos pelo meu ombro e com a mão me inclinou novamente, encostou meu rosto no colchão e olhando para ele, vi a beleza desse homem, seu peitoral forte se encheu de ar quando nossos olhares se encontraram, e enxerguei nele fome, desejo e luxúria.

— Eu senti sua falta, Apolo — confessei — não me faça esperar mais!

O sorriso que tomou seu rosto logo foi substituído por fascínio assim que Apolo começou a introduzir seu membro em mim, ele me deu duas estocadas com gentileza e quando fechei meus olhos, aproveitando a sensação de ser preenchida, senti seus dedos se enrolarem no meu cabelo enquanto sua outra mão apertava a lateral do meu corpo.

— Te imploro que suporte, Linda! — sua voz saiu rouca e áspera da garganta. — Preciso estar em cada pedaço seu.

Era demais, apoiei minhas mãos no ferro da cabeceira enquanto Apolo sem piedade metia em mim.

— Eu. Me. Apaixonei. Por. Você. No. Segundo. Que. Estreitou. Esses. Olhos. Verdes. Para. Mim. No. Bar. Linda. — a cada intervalo de palavras, Apolo socava seu pau rijo em mim, arrancando da minha garganta gemidos por sua robustez.

— Apolo... Eu não, não vou aguentar! — tentei falar quando mais um orgasmo se aproximava.

— Assim, Linda — ele aumentou a velocidade das arremetidas, — Aperta essa boceta em mim!

Sem me controlar, gozei mais uma vez, enquanto Apolo dava mais uma estocada e urrava ao mesmo tempo em que o senti se contrair dentro de mim gozando também. Meu interior pulsava e eu estava fraca e exausta, Apolo tombou na cama, puxando-me para junto dele, exalando sexo e devassidão, ele me abraçou e beijou minha cabeça, e, por um momento, desejei que nunca mais eu saísse de seus braços novamente.



— Pode ser um sanduíche frio? — Apolo, segurando o interfone, me questionou, concordei com um aceno. — Quatro lanches frios e duas latas de refrigerante — somente com uma toalha enrolada no quadril, após

tomarmos outro banho, ele ouvia a pessoa atrás da linha e sorria para mim enquanto o encarava. — Somente isso, obrigado!

Estava deitada de roupão na cama, me sentia fisicamente exausta depois do sexo insano, Apolo circulava feliz e relaxado pelo lugar, estava perto de amanhecer, mas não tinha sono.

— Posso te perguntar algo? — Rolei na cama para ficar de bruços.

— O que quiser. — Ele se sentou na beirada da cama, virado para mim.

Pensei por uns segundos se devia ou não.

— Como era ser um acompanhante?

Ele fez bico e coçou a barba pensando, abriu a boca algumas vezes, mas se calou.

— Não precisa responder se não quiser.

— É que não sei o que dizer, mesmo! No começo era divertido, empolgante — ele deu os ombros. — Eu era jovem e me sentia único, mas após uns anos na mesma rotina de sexo sem compromisso e sem afeto, fui me tornando vazio.

Fui engatinhando até ele e deitei minha cabeça em seu colo e Apolo carinhosamente alisou meus cabelos.

— A cada noite que eu tinha um programa marcado, era um pedaço meu que se perdia, com o tempo, perdi o tesão na vida mesmo, sabe — ele olhou para o nada. — Comecei a tomar remédios para cumprir os compromissos, um círculo viciante que envolvia dinheiro, só que, do mesmo jeito que ele vinha, ele ia.

— Por que não saiu antes?

Ele olhou para baixo e deu um sorriso sem graça.

— Achava que devia algo para alguém e quando entendi que estava sendo somente um objeto descartável, eu me vi numa posição onde não tinha a quem recorrer. Então continuei.

Isso me entristeceu, ver a forma como ele levava a vida, entendi que ele não vivia, apenas sobrevivia.

— E onde a marinha entrou nessa?

Seu semblante mudou na hora, seu rosto estampou o orgulho de um fuzileiro ao falar de si.

— Estava fora da idade para o *army*, então quando ouvi sobre o *navy* pensei, por que não?

Batidas na porta interromperam nossa conversa e, saltando da cama, ajustei meu roupão para pegar nosso lanche.

— Senhora! — o atendente encarou a mim de cima a baixo e me entregou uma bandeja e, despedindo-se com um balançar de cabeça, saiu tímido pelo corredor.

Fechei a porta com o pé e levei a bandeja até a cama, onde Apolo já estava sentado com os pés esticados e coberto.

— Eu estou urrando de fome! — a maneira como ficava leve ao seu lado me agradava demais e ele, rindo do meu modo de falar, levantou a coberta para eu sentar junto dele, foi quando vi que já estava sem a toalha. — Você é sujo.

Seu sorriso me encantava, ele abriria quaisquer pernas só com esse sorriso, me acomodei junto a ele no colchão e, sobrepondo a bandeja entre nós, peguei meu lanche.

— Por que não falou comigo em Nova York? — estava com a boca cheia pela mordida que dera no sanduíche de peito de peru com *cream cheese*.

Abrindo sua embalagem, ele travou por instantes.

— Você parecia feliz com ele e tive medo da sua rejeição, Linda. — Apolo terminou de abrir sua embalagem e abocanhou seu lanche.

— Você falou que salvei sua vida naquele dia...

— Linda, era a o aniversário da morte dos meus pais, a futilidade que eu estava levando a vida não os deixaria felizes — ele me encarou profundamente. — Eu não via sentido em continuar vivendo, não enxergava sentido na vida, meu interior era oco e sem valor para ninguém, vaguei por horas até encontrar o bar e quando a vi exalando tanta força — ele segurou minha mão. — Me cativou e decidi tentar mais um dia, você mudou algo em mim.

Meus olhos marejados encararam os seus, meu peito apertou pela sua confissão e, enlaçando meus dedos nos dele, os subi até meus lábios e plantei um beijo em sua mão.

— Não chore por isso, Linda.

Eu não chorava por isso, eu chorei por não ter a certeza se, dali a dois dias, eu teria a oportunidade de estar com ele novamente. Chorei por sentir algo que não sabia explicar ao olhá-lo, chorei por termos perdido nosso tempo com outras pessoas e chorei por não termos nos encontrado antes.

— Vamos assistir algo? — limpei as lágrimas do meu rosto e tentei sorrir.

Apolo concordou e, pegando o controle remoto no criado-mudo, vai passando de canal em canal procurando algo interessante para nós. Terminando meu primeiro sanduíche, abri a lata de refrigerante e virei quase que inteira, o gás fez cócegas na minha garganta.

— Aí! — apontei para a tevê.

— Desenho? — levantei uma sobrancelha, ele se divertia com minha cara.

— Saiba que amo desenho animado — disse, mantendo a seriedade disfarçada.

— Então tá!

Soltando o controle da teve, Apolo terminou seu sanduíche em poucas mordidas, abrindo sua lata, tomou devagar enquanto ria junto comigo da programação animada.

Mesmo quando estava com o Will, fazíamos esses programas juntos, mas sempre me sentia incomodada por algo, era como se eu estivesse no controle automático, não podia negar que os anos que tivemos juntos despertaram em mim sentimentos para com ele. Só que eu sentia que sempre faltava algo a mais.

Apolo retirou a bandeja e colocou no chão, quando voltou ao seu lugar, aproveitei para encostar minha cabeça em seu ombro e ele me abraçou, sempre me espantava com seu calor e, aninhando-me a ele, fechei meus olhos pelo cansaço e inalei seu cheiro.

— Gosto da gente juntos! — não sei dizer se sussurrei ou pensei, só sei que minha mente foi se desligando e adormeci rapidamente como há muito tempo não fazia.



— Linda? — em meus ouvidos senti um ar aquecido. — Acorde.

Abri os olhos lentamente e logo me senti em alerta, olhei ao redor e vi somente Apolo vestido com calça de moletom e camiseta, o dia estava claro e isso indicava que havia dormido por horas.

— Que horas são? — Procurei meu celular que estava em algum lugar e não o encontrei.

Divertido, Apolo me olhou de braços cruzados e me observou levantar.

— São dez da manhã. Meu celular tocou às sete horas — ele foi até a mesa e pegou o aparelho com meu nome. — Perguntaram como estamos e informaram que te ligariam agora.

No instante que Apolo terminou sua frase, meu celular tocou e no identificador da chamada um número restrito apareceu.

— Shawn falando. — Indico um dedo para Apolo e fui para o banheiro, fechei a porta e, quando me olhei no espelho, vi em meus seios as marcas da noite anterior.

— Tenente, Shawn, aqui é a agente Julienne Rabello, estou te ligando para informar que o plano permanece o mesmo, os rebeldes confirmaram a reunião e enquanto isso poderão permanecer somente dentro do quarto, por segurança.

— E quanto à segurança do hotel? Verificaram se houve alguma coisa fora de ordem desde que chegamos?

Colocando o aparelho no viva voz, tentei ajeitar meus fios com os dedos, pois estavam armados e embaraçados.

— São mais de cento e vinte nove quartos só nesse hotel, tenente, mais áreas externas e piscina. Todos verificados.

— Certo, então aguardo o próximo contato.

— Tudo bem, tenente, soube que está aproveitando o descanso e a estadia e, principalmente, a companhia — sua voz profissional foi substituída por amargor.

Como ela soube? *O atendente.*

— Sim, agente, estou aproveitando o que posso antes da minha eminente possibilidade de morte. Obrigada!

Desliguei o aparelho antes que ela respondesse algo, a agente estava com ciúmes de Apolo e eu me incomodei.

Na minha nécessaire peguei uma escova e terminei de me arrumar, hoje teríamos o dia inteiro juntos e eu estava disposta a aproveitar segundo a segundo com ele. Saindo do banheiro, encontrei Apolo me aguardando na mesa de jantar, com um café da manhã completo, ele segurava uma florzinha na mão e, caminhando até ele, fui recebida por um beijo de tirar o fôlego.

— Acho que te devo um café da manhã! — ele falou, virando-me para a mesa.

Estava completa e o cheiro abriu meu apetite, continha exatamente o que pedira naquele dia em que ele me deixara sozinha.

— Por favor — Apolo disse ao puxar a cadeira para eu me sentar, confesso que estava um pouco dolorida, mas sua atenção comigo era totalmente o oposto do animal da noite anterior.

Ele se sentou a minha direita e serviu o café para nós.

— Não sei nem o que falar, Apolo — disse a ele enquanto colocava a flor acima da orelha.

— Diga que me dará uma chance.

Seu pedido me tocou bem no fundo, e um misto de alegria e tristeza me tomou. Como gostaria de dizer sim, de falar o quanto queria tentar. Mas que garantias podia dar a ele? Em dois dias podia estar com uma bala na minha cabeça ou um homem bomba poderia se detonar próximo a mim. Meu futuro era incerto.

— Vamos nos dar uma chance agora e amanhã nos daremos outra. E se houver mais dias, Apolo...

— Teremos mais dias, Linda, nossos dias — fui interrompida por ele. — Eu prometo que nada de mal te acontecerá, acredite em mim.

Ouvindo a sinceridade de suas palavras e a certeza em seus olhos, me agarrei à esperança de que de nada de ruim iria acontecer a nós.



Capítulo Vinte

A tevê com o volume bem baixo passava um filme que eu quase não prestava atenção, o que realmente chamava minha atenção era ver Apolo dormir tranquilamente ao meu lado após mais uma rodada de sexo. Ajeitei-me na cama e fiquei de frente a ele, não queria acordá-lo, já passavam das catorze horas e ainda não havíamos almoçado. Deitado de bruços e agarrado ao travesseiro, eu observei suas feições com cautela, passei meus dedos em seus fios grossos de cabelo e sorri quando encontrei alguns brancos, seus braços relaxados eram fortes e com veias saltadas, extremamente atraentes, e suas costas cobertas pela tatuagem de asas fechava o pacote.

— Apolo? — chamei seu nome baixinho e assoprei em seu rosto.
— Temos que almoçar? Apolo?

Ele remexeu uma perna e puxou uma lufada de ar, abriu um olho e como se estivesse sintonizando, abriu um sorriso quando me viu.

— Oi.

— Oi. — Meu coração saltou ao ouvir sua voz, mesmo que ainda fosse só um cumprimento.

Passando os dedos nos olhos, ele soltou um bocejo espreguiçando, quando veio ao meu encontro, me deu um beijo casto nos meus lábios.

— Irei tomar um banho — ele roçou a ponta do nariz no meu. — Me acompanha?

— Estou extremamente tentada a isso. Mas irei pedir nosso almoço.

Apolo fez um bico exagerado, arrancando de mim risos tímidos.

— Não vou demorar, peça *kebab* de cordeiro para mim. — saindo nu da cama, fiquei entorpecida pela visão a minha frente. — Não me olhe desse jeito, Linda — ele advertiu em tom devasso.

Só então percebi o quão descaradamente estava encarando seu corpo, peguei o edredom e cobri a cara.

— Só o *kebab*? — Fui pega de surpresa quando ele agarrou o edredom e jogou para a beirada da cama, descobrindo-me.

— Não quero só o *kebab*! — montando em mim, ele segurou meus pulsos e elevou acima da cabeça. — Tenho fome de você, Linda — Apolo se ajeitou quando abri minhas pernas. — E se fazer de tímida atraí ainda mais minha atenção.

Estava usando somente uma camiseta, levava para o *Afeganistão* somente peças de roupas do *army*, pois não contava em sair da base para nada.

Mantendo meus braços para cima, Apolo, com a palma da mão, correu por minha pele, descendo até o ombro, olhava com admiração e carinho, fazendo-me sentir única.

— Sabe quantas vezes desejei ter você assim como agora, Linda? — olhando para meu rosto, neguei com afeição contida. — Muitas e muitas vezes. Eu tentei esquecê-la, só que não foi possível.

Quando sua mão encontrou meu rosto, fechei os olhos com seu afago, eu me sentia uma *puta* de uma sortuda.

— Mesmo ressentida com você — disse com sinceridade. — Sempre me pegava pensando onde estaria e se eu iria te encontrar novamente, Apolo.

Não foi preciso dizer mais nada, Apolo colou nossos lábios num beijo necessitado, eu sentia que nessa troca de carícia, queríamos dizer muito mais do que podíamos falar. Sua língua invadiu minha boca e um gemido saiu de mim, denunciando que eu o queria novamente.

Tentei puxar minha mão, mas ele segurou com um pouco mais de força, senti roçando no meu ventre seu membro duro, Apolo prendeu meu lábio inferior com os dentes e sugou deliciosamente.

— Você irá me perdoar um dia por tê-la abandonado, Linda — enlaçando meu corpo com o braço, me puxou para ele, posicionando-se para me penetrar. — Eu juro que irei te compensar todos os dias até que essas lembranças saiam da sua mente.

No instante que senti a cabeça do seu pau na minha entrada, nossos telefones tocaram ao mesmo tempo, Apolo fungou e caiu a cabeça sobre meu peito e eu rolei os olhos em desgosto. *Putá merda*, logo agora.

Soltando-me, olhou para mim com olhar de desculpas e, saindo da cama, pegou os dois aparelhos e entregou o meu.

— Irei atender no corredor.

— Tudo bem. — Sentando-me na cabeceira da cama, observei ele se encaminhar para o corredor, fechando a porta ao sair.

Olhei para o aparelho e vi que era meu celular particular e não o disponibilizado pela agente. O nome do meu pai piscava no visor e atendi receosa.

— General?

— Oi, passarinho demorou para atender, está tudo bem? — estranhei a voz do meu pai, estava ainda mais cansada. — Desculpa, eu estava no banheiro — menti.

— Sem problemas, Linda, como está na estadia? O suboficial Brassard está te tratando bem?

Ah, pai, o senhor não imagina o quanto.

— Estou bem, pai, temos tudo o que precisamos — tentei não parecer tão empolgada. — O suboficial é gentil comigo e a agente Julienne está me mantendo informada.

Escutei ele afastar o aparelho quando começou a tossir.

— Pai? Pai? — ao fundo escutei uma porta bater e a voz do Will ressoando na linha.

— General Shawn, está tudo bem?

Aquele *desgraçado* ainda estava próximo ao meu pai.

— Estou bem, tenente Miller, obrigado.

— Filha?

— O que o Willian está fazendo aí?

Meu tom de voz subiu alguns tons e me levantei da cama, quase descontrolada, minha vontade era de entrar através do aparelho e ir onde meu pai estava e expulsar o Will a pontapés de lá.

— Linda, por favor — o general calmamente falou. — Saiba separar o pessoal do profissional, mesmo que tenha terminado com Willian, ele ainda continua sendo o tenente Miller. Ele vem sendo de grande valia para mim, Linda, sua assessoria tem me auxiliado muito e vejo o desejo que ele tem de subir e aprender, você sabe muito bem o quanto dou valor a isso.

— Não irei discutir isso com o senhor, general, mas abra seu olho com ele — eu deixaria esse assunto de lado por enquanto. — Pai, o senhor se sente bem? Reparei que está mais magro e abatido.

— Não se preocupe comigo, passarinho, estou ficando velho e, uma hora ou outra, alguma enfermidade iria aparecer — meu pai soou despreocupado. — Estou tendo algumas náuseas e dores abdominais, após sua missão de amanhã, irei me consultar aqui na base. É só a pressão que estamos agora cobrando seu preço.

— Pai, eu só tenho o senhor. Por favor, se cuide.

— Você também, filha. Eu te amo, passarinho.

— Eu também, general.

Desliguei a chamada preocupada com o estado de saúde dele, dificilmente via meu pai doente, ele sempre se gabara da sua saúde de ferro e a possibilidade de ele ter algo me assustava. Apoiando o aparelho na mesa, ouvi a voz abafada de Apolo no corredor. Ele conversava fervoroso com alguém e eu me perguntava se era a agente no outro lado da linha. Aproveitei para ligar na recepção e pedir nosso almoço, pois agora estava curiosa, faminta e mal-humorada.

Se fossem outras ocasiões, eu estaria entediada dentro desse quarto, mas, na atual situação, não me atrevia a sair nem na sacada por receio de estar sendo vigiada e levar um tiro de um *sniper* rebelde. Desliguei meus pensamentos táticos e operacionais, pois outra cena chamava minha atenção, Apolo também não saía do quarto para nada, então, ali no espaço disponível que tínhamos, o vi fazendo seus exercícios físicos, normalmente eu estaria acompanhando em suas atividades, mas hoje me contentei em ficar babando nesse homem fazendo repetidos abdominais.

— Linda! — ele advertiu.

— Apolo! — divertia-me.

Parando o exercício, Apolo sentou no chão e, virado para mim, apoiou ambas as mãos no chão e, olhando para mim, começou a balançar a cabeça.

— O que foi? — perguntei curiosa pela expressão divertida que tinha, estava deitada de bruços na cama e segurando o queixo com a mão, olhei e levantei a sobancelha aguardando a resposta.

— Eu me acostumaria facilmente a isso, Linda. — Eu sabia muito bem a que ele se referia.

— Eu também!

Apolo engatinhou até ficar frente a mim e, também apoiando o queixo na cama, me olhava profundamente com aqueles olhos ímpares. Cada qual de uma cor específica da característica dele. O azul acinzentado proporcionava a tranquilidade e leveza que ele transmitia e o esverdeado, a fúria e fogo que ele carregava consigo.

— Já garantimos o hoje, Linda, e eu gostaria de garantir o amanhã e o depois de amanhã e os próximos anos e décadas...

— Apolo, você ainda não me conhece — interrompi sua fala com jeito.

Ele tombou a cabeça e, como se eu pudesse ler sua mente, entendi sua expressão.

— Vamos perder mais quanto tempo, Linda, já deixei claro o quanto sou louco por você, apaixonado e eu não deixarei escorregar pelos meus dedos novamente — ele acariciava meu rosto. — Você me quer?

— Agora? — tentei disfarçar.

— Agora, amanhã e, se você quiser, pra sempre.

Sim. Eu o queria para mim, nunca me sentira tão completa com alguém como estava me sentindo com ele. Apolo tranquilizava minha mente agitada, trouxera euforia em meio ao caos que estava. Fazia-me sentir desejada e singular. Mas, até quando duraria tal felicidade? Até amanhã, talvez.

— Apolo, eu te responderei isso depois da missão de amanhã. — Apoiei minha mão em seu rosto para transmitir todo meu afeto a ele, tentava convencê-lo a aceitar essa resposta por enquanto.

Ele sorriu contente e convencido, e eu estava derretida por dentro, tentei esconder meu coração, pois sabia o quão entregue estava a esse sentimento e me sentia como uma adolescente perto dele, ansiosa, frágil e rendida.

— Amanhã. — Levantando-se, buscou a garrafa d'água para se refrescar e me ofereceu, neguei com a cabeça e ele deu goladas acabando com todo o líquido.

— O quê? — franzi o cenho em dúvida.

— Nada. Só feliz por amanhã. — Apolo deu os ombros, despreocupado.

— Quem te ligou mais cedo? — fingi desinteresse.

— Você sabe quem me ligou, Linda.

— Ela sabe sobre nós? — Fiquei irritada sem mesmo mencionar seu nome.

— Sim, ela sabe, meus irmãos de tropa sabem e eu quero que todos saibam de nós, Linda.

Apolo foi até sua mochila e retirou sua roupa, acreditei que tomaria uma ducha, pois transpirara pelos exercícios feitos.

— Como assim? — me sentei apressada. — Todos os homens que vieram com você sabe exatamente o quê?

— Que eu sou apaixonado pela primeiro-tenente do *Korengal*, que eu a abandonei e que agora estou correndo atrás do tempo perdido.

Saindo da cama, fui ao seu encontro e o abracei, eu tinha acabado de tomar banho e estava vestida de calça jeans, camiseta do *army* e meias nos pés. Não me importei de ele estar suado e fechei meus olhos quando Apolo retribuiu o gesto, não fora coincidência nosso encontro anos atrás, aceitei meu destino de amar esse homem no momento que o vi novamente, durante anos, meus olhos o buscaram e, mesmo estando com outro, meu coração se fechara aguardando seu retorno. Quase confessei a ele que também estava apaixonada por ele, mas como prometera dar a resposta assim que cumprisse a missão, faria como combinado.

Desvencilhando-me dele, dei um beijo rápido em seus lábios e meu sorriso bobo denunciava o que pretendia manter para mim por enquanto.

— Vou tomar um banho rápido. Vai escolhendo um filme para nós.
— Quando Apolo tocou na maçaneta, seu telefone particular tocou no bolso do short que vestia, ele pegou o aparelho e olhou o visor. — É meu irmão de tropa. — Entrando no banheiro para atender, fechou a porta atrás de si.

Escutei que, mesmo falando ao telefone, ele ligou o chuveiro, acreditava que iria encher a banheira, com o controle fui passando as opções que tínhamos para escolher algo interessante para ver, quando ouvi batidas na porta do quarto. Fiquei intrigada, pois não tínhamos pedido nada na recepção e, calçando um tênis, fui até lá para atender. Assim que abri, assustei ao ver Will uniformizado a minha frente, ele estava usando uma tala no nariz, talvez o soco que eu lhe dei pudesse ter quebrado seu nariz.

— Tenente Shawn, me desculpe a intromissão, mas você tem que vir comigo agora.

— Que *porra* está fazendo aqui?

— Não temos tempo para isso, Linda, seu pai está muito mal e a agente Julianne pediu para levá-la até ele — ele me falou impaciente, enquanto varria o quarto com os olhos.

Minhas pernas vacilaram e o desespero me tomou.

— Tenho que avisar ao Apolo.

— Que *merda*, Linda, o general está para ser encaminhado para a Alemanha, tem que ir vê-lo agora.

Meus olhos encheram de lágrimas, se ele seria transferido é porque algo de muito grave acontecera. Não tinha tempo para fazer nada, meu descontrole emocional inflou meus sentidos e a única coisa racional que pensei foi em deixar pelo menos um aviso para Apolo, depois daria um jeito de ligar para ele.

Fui até a minha mochila e, pegando meu bloco de anotações, escrevi um rápido bilhete a ele.

Ainda o ouvia falando agitado no telefone e, pegando meu casaco, fechei a porta do quarto e saí com o Willian para ver meu pai, torcendo internamente para que eu chegasse a tempo e que nada de ruim acontecesse a ele.



Apolo

— Brassard falando.

— Estão escutando a voz de felicidade do cara? — Paschoal tirou sarro de mim.

— Fala, irmão — ouvi Jon me cumprimentando.

— E aí? — Seige gritou ao fundo.

— Tá fazendo falta, irmão — Caine falou com a voz abafada, devia estar comendo.

Sei que a chamada estava no viva voz, então o que eu dissesse todos iriam ouvir. Não mantínhamos segredos entre nós e queria compartilhar minha felicidade com eles.

— Seus *putos*, tô sentindo falta da encheção de saco de vocês.

Ouvi quando caíram na gargalhada e ri também, estava completo e feliz. Mesmo com a tensão da missão s a ser cumprida, me sentia realizado por estar ao lado de Linda.

— Tu é um *filho de uma puta* sortudo, Brassard, deve tá transando todos os dias numa cama macia e confortável enquanto nós estamos congelando nessa montanha.

— Você é um invejoso de *merda*, Jon.

Liguei o chuveiro e tampei o ralo para que a banheira enchesse, sabia que ela já tinha tomado banho, mas podia tentar convencê-la a tomar outro comigo.

— Irmão, lembra do favor que me pediu? — Paschoal perguntou sério e o silêncio que caiu sobre a conversa me preocupou.

— Sim, tem alguma novidade?

— Cara, é melhor se sentar — Caine advertiu.

— Vocês estão me preocupando!

— Certo, Apolo, meu contato descobriu que o tenente Willian está mantendo contato com os rebeldes, estão numa investigação há meses sobre ele, mas nunca acharam nada, até agora — Paschoal suspirou e continuou. — Estou te ligando, pois acabei de saber, irmão, mais cedo descobriram ordens vinda da cúpula insurgente mandando ele pegar o prêmio. Cara, não sabemos o que pode ser, mas não entendo o motivo dele estar a favor dos militantes.

— Que *desgraçado. Filho de uma puta.* — Minha indignação maior era saber que ele ficara todo esse tempo perto da Linda.

— Pois é, cara, trair a própria pátria dessa maneira. É até difícil de acreditar. — Seige tinha o mesmo pensamento que eu.

— É o que sei até agora, se mais novidades aparecer, te aviso, irmão.

Ouvi eles se despedirem de mim e desliguei o telefone. Eu sempre soubera que algo muito estranho se passava com aquele cara e minha cisma com ele foi ainda maior após saber que ele tinha a mulher que amava junto dele. Tinha que dizer para Linda sobre isso, ela tinha todo o direito de saber o tipo de homem com quem ela estava.

Abrindo a porta do banheiro, corri os olhos a sua procura, mas não a vi.

— Linda? — A batida aflita do meu coração deu sequência a várias outras.

Fui até a sacada e não a encontrei, ela não podia ter saído, *não, sem me avisar.* Pensei comigo.

Fui até a porta de saída e abrindo olhei o corredor e estava vazio.

Comecei a entrar em desespero. Ela podia ter ido à recepção, peguei meu celular do bolso e comecei a discar seu número, coloquei o aparelho no ouvido e a chamada foi para a caixa de mensagem.

— Isso não pode estar acontecendo.

Pensa, Apolo!

Fui até o interfone e chamei na recepção.

— Por favor, gostaria de saber se a hóspede do quarto cento e vinte e dois solicitou algo para o quarto ou se ela está aí em baixo.

— Não, senhor — uma voz feminina me respondia em um inglês com forte sotaque do outro lado da linha. — Ela não solicitou nada.

— Obrigado. — Desliguei sem esperar resposta.

Estava entrando em colapso, não podia estar acontecendo, ela não podia ter fugido de mim assim, estávamos bem eu vi em seus olhos que os sentimentos que tínhamos eram mútuos.

Sentei na beirada da cama e puxei meus cabelos até sentir dor.

— Seja racional Apolo!

Olhando ao redor novamente, vi que pegara seu casaco e seu tênis.

Então ela teve intenção de sair.

No criado-mudo estava o aparelho que a agente deixara para nós.

Ela levou consigo somente o dela.

A tevê ainda estava na lista de filme que pedira para ela escolher.

Realmente estava era bem estranho a meu ver.

Ela teve pressa ao sair, mas sua mochila estava aberta no chão.

Talvez tinha a intenção de voltar.

Porém que quando olhei na mesa, levantei lentamente e, me aproximando, vi um bloco de anotações verde e caneta.

Observei um pedaço de papel rasgado e rabiscado e, com minha mão trêmula, peguei o bilhete e li o que estava escrito.

Eu te ligarei em breve, meu pai não está nada
bem... Estou com o Willian!
Se amanhã eu não te ver, eis minha resposta.
Eu amo você Apolo.

Meus olhos se encheram de lágrimas ao ponto de deixar minha visão tão embaçada que não enxerguei mais o papel com exatidão.

Pisquei meus olhos e as gotas de água molharam meu rosto, Linda tinha ido para a cova de mãos dadas com o leão, eu fui tolo e falho o suficiente para deixar aquele traidor de *merda* levá-la de mim bem debaixo da minha proteção. Eu jurei protegê-la, jurei ao seu pai, a mim e principalmente a ela. A mulher que eu amava e que também me amava.

Sentia uma dor tão grande dentro do meu peito que ardia e não era como fogo, era como gelo que ia me tomando pouco a pouco. Linda estava comigo minutos atrás e, mesmo que eu saísse a sua procura, ele já teria levado Linda para algum lugar.

Eu sabia o quão valiosa ela era, tanto para os rebeldes, quanto para o *army* e, principalmente, para mim. Eu não podia perder mais tempo, peguei o aparelho e disquei o único número salvo na agenda.

— Apolo?

— Julienne, eles a levaram.

O gosto amargo da derrota tomava minha boca.

— Como assim eles a levaram? — ela se exaltou.

— Não posso explicar agora. — Sequei as lágrimas dos meus olhos.

— Estamos indo te buscar.

— Só saiba que, se precisar procurar a cada casa, aldeia ou dentro do inferno mais profundo do *Afeganistão*, eu a encontrarei.



Capítulo Vinte e um

Apolo

— Fazem três semanas, *porra!* — vociferando olhei para Paschoal que, com semblante de piedade, tentava me manter sentado.

Os agentes da inteligência ao nosso redor assistiam a meu desespero com impaciência.

— Brassard, nada adiantará se você não descansar. — Ele se abaixou pelejando me acalmar.

Já fazia vinte e um dias que não conseguia comer nada, além de algumas barras de cereais e sanduíches, e me mantinha hidratado à base de água e energético. Linda permanecia desaparecida e ninguém me entendia, como eu poderia fazer uma refeição completa se não sabia se ela tivera alguma, dormir tornara-se impossível, minha tranquilidade se foi

com ela, pois, todas às vezes que tentava fechar os olhos, cenas de terror e morte vinham a minha mente.

— Irmão, vamos para o quarto, lá poderemos conversar melhor. — Jon segurou meu braço e indicou com a mão o caminho.

— Apolo, pode ir, qualquer novidade que tivermos, eu mandarei te chamar imediatamente. — Julianne tentou me alcançar, mas afastei meu rosto do seu toque.

Totalmente sem graça, ela abaixou a mão e, recebendo um olhar de compaixão de Seige, retirou-se do nosso meio.

— Caine, a qualquer vestígio de que algo está acontecendo você me chamará. — Levantei amparado e deixei a ordem para o mais paciente de nós.

— Sim, senhor.

Estávamos numa casa grande, após o vazamento das informações, o complexo que era utilizado próximo ao hotel em que estávamos hospedados foi desativado, entre um quarto e outro, fios e cabos de energia corriam pelos corredores e estavam conectados a uma rede de computadores e sistemas de monitoramento.

— Seige, tem alguma informação sobre o estado de saúde do general?

— Na mesma, irmão. — Ele retorceu a boca, sinal que as coisas estavam realmente graves com o pai da Linda.

Após o sumiço do traidor, foram ao alojamento do general e o encontraram desacordado, após breves exames, constataram a presença de toxinas em seu corpo. Há meses Willian vinha envenenando o pobre homem, transferido urgentemente, foi internado sob os cuidados médicos na Alemanha, onde foi entubado e colocado coma induzido. O pior de tudo era que ele ainda não sabia do desaparecimento da filha.

Foi apurado que Willian raptara Linda a mando dos rebeldes, e a falta de contato dos militantes só me causava mais dor e confusão emocional, não estava sabendo lidar com sua ausência. Uma cama recostada na parede me aguardava, em vão, estava nutrindo vários sentimentos dentro de mim, a tristeza punia meu ser, a raiva tomava minha mente, a saudade ardia em meu peito, a frustração me deixava impotente, e tudo se misturava em uma coisa só, que chegava a doer fisicamente. E em meio a esse caos, tinha a necessidade de encontrá-la viva.

— Vamos procurar descansar, a qualquer instante podemos ter alguma pista e temos que estar preparados. — Paschoal estava segurando bem as pontas, solicitara junto ao almirante mais uma tropa de oito homens para auxiliar nas buscas e, em dois dias, ela já estava em *Kandahar*, preparados para que juntos pudéssemos caçar o traidor.

Sentado na cama refiz em minha mente todos os nossos encontros para ver se deixara passar algo, nunca fui amigável com o Willian, então não tivéramos qualquer proximidade, a não ser quando brigamos um com o outro. Junto com a fúria de me lembrar do palhaço loiro, vinha à mente as lembranças dos momentos que tivera com Linda, queria poder voltar no tempo, *puta merda*, como eu *fodidamente* gostaria de voltar ao instante que entrara no banheiro. Eu não deveria ter deixado ela só, eu jurei protegê-la e agora não a tinha comigo.

— Bebe isso aqui — estendi a mão para apanhar um copo plástico que Jon me entregava. — Vira de uma vez.

Obedeci de imediato, senti um amargor e, lhe entregando o copo, Jon conferiu se eu tinha bebido todo o líquido.

— O que é isso?

— Boa noite cinderela.

Olhei indignado para o rosto de cada um e não encontrei culpa em suas expressões, o efeito foi imediato, meus membros adormeceram, meus olhos pesaram e a cama, onde estava sentado, se tornou convidativa, ainda sob os olhares cuidadosos dos meus irmãos, percebi

que começava a perder a consciência e, lutando contra a escuridão que tomava minha mente, lembrei-me da primeira promessa que fizera para Linda.

Eu irei te encontrar de novo.



— Tá respirando? — *Jon?*

— Lógico que ele está idiota. — *Caine?*

Estava despertando da dopagem e ainda confuso, permaneci imóvel para ir recuperando os sentidos aos poucos.

— Há quantas horas ele está assim? — Julianne questionava. Não estava com raiva dela, estava irritado com a incapacidade do seu setor, devíamos estar sendo monitorados, mas, por desleixo da sua equipe, Willian entrou e saiu com a Linda sem que ninguém percebesse.

— Hum... — ouvi um arrastar de cadeira que irritava meus ouvidos e a voz de Jon penetrava minha mente e me causava certo desconforto. — Dezoito horas? — *Porra*, não sabia dizer se era dia ou noite, só sabia que ficara apagado por tempo demais.

A coberta que me aquecia cheirava a amaciante floral, ainda não me mexera, queria escutá-los até estar realmente no controle dos meus atos.

— Nunca o vi tão abatido.

— Nós também não, agente. Formamos juntos na marinha e passamos mais tempo juntos do que separados e, nesses anos todos, nunca o vi desmoronar por nada. — A preocupação de Caine era entendível, minha equipe e eu enfrentáramos muitas coisas juntos e realmente nunca tinha me abalado emocionalmente por missão alguma.

— Tem alguma novidade, Julienne? — Até então não tinha escutado a voz de Paschoal, mas pelo que ouvi, estava próximo à porta do quarto.

— Interceptamos ondas de rádio, estão comemorando a captura do *Arcanjo* — com essas palavras, meu coração se apertou no peito. — Com o general em coma, está difícil argumentar com os outros generais de estrelas maiores. A reposta é sempre a mesma. Não negociamos com terroristas.

Não quis denunciar que havia acordado, toda aquela pena me sufocava, alguma coisa teria que ser feita e logo, eu iria agir. Tinha que agir.

A fome surgiu com força e meu estômago reclamou, ainda que minha preocupação com a mulher que eu amava me consumisse, iria me alimentar, fortificar e tomar uma *porra* de uma atitude. Precisava encontrá-la e ficar dias afincado dentro de uma casa não me traria ela de volta.

— Vou deixar vocês descansarem, fuzileiros, se precisarem de alguma coisa, sabem onde me encontrar. — Julienne saiu do quarto fechando a porta com cuidado.

— Ela já foi, Brassard — Paschoal anunciou.

Cocei meus olhos e me descobrindo sentei na cama, uma leve vertigem me atingiu, o quarto só estava iluminado por um abajur no chão. Apoiando as mãos na beirada do colchão, observei o cuidado que meus irmãos tinham comigo, pois uma garrafa d'água já estava a minha espera.

— Vocês são uns *filhos da puta* por fazerem isso comigo — disse, abrindo a garrafa e dando um gole, me senti grato pelo frescor que a água me proporcionou. — Obrigado!

— Brassard, foi necessário, a cada dia está se definhando mais. — Seige, sentado em um colchonete, segurava um livro fechado na mão.

— Notícias do outro grupo? — Sequei o líquido do recipiente em poucos goles.

— Sim! — Paschoal se juntou na cama comigo. — Eles têm a certeza que ainda estão em *Kandahar*, cobraram muitos favores e os contatos deles confirmaram que não houveram saídas significativas de nenhuma célula rebelde da cidade.

— Irmão, eu nem tenho palavras para você, mas saiba que, nesse momento, a paciência é nossa única opção — minha tropa também estava no seu limite emocional. — Eu sei o quanto ela é importante para você, mas você tem que estar preparado para tudo.

— Eu não posso perder ela novamente, Paschoal.

Minha voz saiu sussurrada pelo choro que me tomava. Ele me abraçou bem forte, um abraço de um irmão que compartilhava da minha dor.

— Não vai, cara. Ela é forte pra *caralho*.

— Sim! — ele me soltou e apoiou a mão no ombro. — Ela é sim!



Linda

— EU JÁ TE DISSE QUE NÃO SEI! — implorei aos berros e em vão. — POR FAVOR, NÃO!

Não adiantava, eu podia me debater, gritar, xingar e ameaçar o quanto fosse. Ele iria me eletrocutar novamente. Amarrada pelos pulsos por uma corda suspensa no teto mofado e com minhas roupas encharcadas, uma poça se formara aos meus pés, o meus dedos polegares já estavam inchados pela garra do cabo elétrico, as feridas causadas pelos choques escorriam sangue, tingindo a água de vermelho bourbon.

Os cabos estavam ligados a uma bateria e quando sorrindo ele encostava a outra ponta nos pólos positivo e negativo, a descarga viajava pelo meu corpo, causando uma dor tão dilacerante que o vômito era inevitável.

— Onde *traitor*? — as lágrimas deixavam meus olhos turvos e a pouca luz fazia o lugar ser ainda mais sombrio e perturbador. Meu torturador era robusto e usava um *keffiyeh* escondendo o rosto, tornando impossível identificá-lo. Sua voz robótica estava disfarçada com algum tipo de dispositivo.

— Eu não sei onde, juro que não sei. Por favor.

— MENTIRA! — Mais uma vez ele jogou uma caneca d'água em mim, indício de que iria me eletrocutar mais uma vez.

Olhando para o teto, não sabia dizer há quanto tempo estava naquele buraco, coberta pelas minhas próprias urina e fezes, era tão degradante e imoral que, por vezes, me vi tentada a pedir pela morte.

Eu tenho que resistir, só mais um dia! Pensava.

— EU VOU SAIR DAQUI! — comecei a gritar, não sabia se ele me entendia ou não, mas ainda assim o ameaçava. — E VOCÊ VAI MORRER, DESGRAÇADO!

Ele ria com gosto da minha situação e, quando encostava as garras nos pólos novamente, o formigamento e a dor em meu peito eram tão grandes e dilacerantes que eu começava a perder a consciência outra vez, meu pedido silencioso, meu mantra se fazia presente em minha mente.

Apolo, por favor, não demore.



Apolo

— O quão confiável é sua fonte, Gorse?

O líder da tropa Alpha, que olhava de forma inquisidora para mim, levantou a sobrancelha e sorriu de lado, sem humor.

— O suficiente para me fazer sair nas ruas desse inferno, irmão — tínhamos um rastro sobre o traidor, sem um pedido de troca de prisioneiros ou de resgate, a inteligência começara a trabalhar em outra linha de raciocínio, era pessoal, e isso tornava ainda pior a situação. — Os boatos de homens se vangloriando por terem capturado o *Arcanjo* começou a se espalhar.

— Estamos atrás de uma fofoca? — Paschoal, que nos acompanhava, fez exatamente a pergunta que eu iria fazer a seguir.

O carro em que estávamos chacoalhou pela péssima qualidade do asfalto, segurei firme no painel da frente, pois meu enjoo, sempre presente, quis se manifestar com mais força, além do suboficial Gorse, que dirigia a *SUV*, Paschoal e mais um fuzileiro me acompanhavam para o encontro.

— Cara, se surgiu a conversa, ela tem alguma origem — virei-me para Savage que gesticulava ao falar no banco traseiro e Paschoal me encarou por um instante. — E o que estamos procurando é a origem, de onde saiu essa conversa.

— Isso pode levar meses!

— Não se você tem a fonte correta, Brassard — Gorse me respondeu confiante.

Terminei a conversa ali, não discutiria com ele, se era a única coisa que tínhamos no momento, então iria a fundo, tudo para trazê-la de volta. Dois meses nunca se passaram tão lentos, a cada dia, eu me afogava um pouco mais no meu mar angustiante de desespero.

Meu aniversário não fora motivo de festa, me limitei a felicitações e só. O almirante sugeriu meu retorno e implorei a ele que me concedesse a autorização para permanecer no *Afeganistão*, e, assim, poder finalizar a minha missão. *Linda*.

A paisagem desértica do lugar me fez desconfiar ainda mais, e, após alguns quilômetros, um pequeno casebre foi avistado por mim.

— Estamos chegando — Gorse disse, cauteloso, virando-se para mim. — Não falem sem autorização e tomem o chá. Todo o chá.

Ao estacionar ao lado da casa de barro e palha, saquei a pistola e conferi o pente.

— Sem armas.

— Pirou, *porra*?! Como vou entrar numa casa no meio do nada sem arma? – questionei, irritadíssimo.

— Calma, irmão — Gorse colocou a mão no cano da arma e tomou da minha mão. — Vai por mim. Segura sua onda e confia.

Paschoal desceu do carro e veio até a janela que estava aberta.

— Brassard, deixa o cara trabalhar.

E que escolha eu tinha, concordei com um aceno de cabeça e me dando espaço abri a porta do carro e descí.

Caminhamos poucos passos até a entrada da casa, ao passar pelo batente, observei tapetes esparramos pelo cômodo e almofadas formando um círculo. Segui as ações do Gorse e do Savage que retiravam as botas e colocavam juntas à parede.

Ao me sentar, olhei em volta e nenhum sinal de aproximação. Obedecendo a orientação do Gorse, permaneci em silêncio, meditando no meu foco maior. Resgatar minha Linda, o amor da minha vida.

Não sei dizer com exatidão quanto tempo ficamos assim, minhas pernas adormeceram por ficar tanto tempo cruzadas e minhas costas ardiam. Mas, com passos de um leopardo, um senhor passou por nós e, sem cerimônia, sentou-se a nossa frente.

— *Salaam Aleikum.*

Ele cumprimentou e falamos juntos em resposta.

Surpreendi-me quando Savage começou a dialogar em *pachto* com o senhor, um conhecimento desses era extremamente valioso, tínhamos que falar outras línguas e eu escolhera russo e italiano. Para nossas missões sempre era necessário.

Gorse olhou para mim convencido e eu apenas assenti em acordo. Após meia hora de conversa, um menino entrou segurando um tipo de cesta e quando foi aberta aos nossos olhos, um bule emanando fumaça estava dentro junto com cinco copos pequenos. Ele serviu um a um e quando levei à boca o chá, um sabor nada agradável tomou conta do meu paladar. Tentei não fazer careta, mas, a cada gole, o sabor se acentuava ainda mais. Foi difícil e, quando dei o último gole, fiquei extremamente grato.

O senhor se levantou e acompanhamos seu movimento, mais uma vez ele acenou e, assim que saiu junto com o menino, minha curiosidade sobre o assunto me tomou.

— Savage?

— Vamos para o carro — em movimentos apressados calçou as botas e nem se deu ao trabalho de laçar os cadarços. — Corremos risco ficando aqui.

Rapidamente todos nós fomos para o veículo e, quando estávamos voltando, Savage resolveu compartilhar a conversa.

— Apolo, se controla, irmão — ele advertiu e eu não fiquei nada contente com o que veio a seguir. — O grupo que a sequestrou estão se *fodendo* para o rebelde preso. Há ligação entre eles e a tenente está

sendo torturada dia após dia — assim que ouvi suas palavras, comecei a socar o plástico do painel do carro, a dor que senti em meus dedos não era maior do que a que sentia em todo meu interior. — Mas, em uma coisa estávamos certos, ela está em *Kandahar*, na parte sul da cidade, onde é dominada e controlada pelos insurgentes, eles queriam o rebelde que resolveu ajudar com informações, mas, por enquanto, estão se contentando com a tenente.

Olhei para minha mão ensanguentada e, chiando de dor e raiva, aceitei o lenço que Gorse me entendeu.

— Agora que sabemos em que parte da cidade ela pode estar, resta a nós farejar o rastro de algum lugar devidamente protegido — Paschoal complementou.

— Meu informante ainda me disse que outro país tem interesses na captura da tenente e que sabe que darão o que for necessário para sua libertação — a dúvida permeou cada um de nós. — O desgraçado que a sequestrou era de que origem?

— Não sei! — Descontei minha raiva com rispidez.

— Vamos acabar descobrindo. — Savage nem ligou para meu estado emocional, apenas continuou passando as informações para nós.

Tentei me concentrar na conversa, mas minha mente martelava na informação que me corroía a alma. Linda estava sendo torturada há dois meses, se toda essa situação de *merda* continuasse, eu não me perdoaria nunca. Seu rosto inundava minha mente confusa e, por um breve instante, pude ver seu sorriso nos lábios, mas esse pensamento logo foi substituído por uma imagem horrenda de tortura, esfreguei minhas têmporas para tentar sumir com a imagem. Meu celular tocou no bolso da calça e quando peguei o aparelho vi o nome do Caine na tela.

— Brassard.

— Irmão, você pediu para avisá-lo a qualquer novidade sobre o desaparecimento dela — gelando com o pensamento que me veio à mente, apertei o aparelho com força. — É melhor retornar logo.

— Caine, não me diga que...

— Não, cara. Ela não está morta!

O breve alívio que senti logo se foi, ela podia não estar morta, mas qual seria seu estado? Já vi o que esses militantes podiam fazer com um soldado. O ódio e a brutalidade eram suas marcas registradas, sem piedade matam e eles têm prazer nisso.

— Então o que é, Caine?

Silêncio.

— *Porra*, Caine, me fala!

— Eles mandaram um vídeo, Apolo — a aflição em sua voz me colocou em alerta máxima. — E é perverso, irmão.

O celular caiu da minha mão, era demais. Não sei como ia suportar tamanha dor e aflição. A mulher que eu amava estava sofrendo e eu não podia fazer nada. Como eu gostaria de poder trocar de lugar com ela se fosse possível, sentir a dores que ela sentia, que todas essas circunstâncias se passassem comigo e não com ela.

— Apolo? — Paschoal me chacoalhou chamando minha atenção.
— Irmão?

— Eles enviaram um vídeo.

Não precisava falar mais nada, eles sabiam o que eu também sabia, não seria nada bonito de assistir a gravação, mas eu iria ver cada pedaço do vídeo, iria alimentar minha fúria e minha loucura em achar o responsável por fazê-la sofrer, e eles pagariam com sangue e dor por fazer Linda sofrer.

Gorse pisou no acelerador e quando chegamos nas casas, saltei do carro e corri escada acima até a sala principal da operação.

— Irmão, não precisa ver.

— Sim, Jon, eu preciso — tentei dizer com educação.

Todos me encaravam com certo medo, talvez eu pirasse de vez, mas entendi a mão pedindo a gravação.

De um computador, o olhei desplugar um *pendrive*, e, ao me entregar, vi que algo estava escrito.

— *Para a sereia* — li em voz alta.

Quando li a frase, soube de imediato quem estava sendo o responsável pela tortura de Linda. E apertando firme o objeto com a mão ferida, tomei uma decisão.

— Eu irei te matar, *Willian*.



Capítulo Vinte e dois

Apolo

O sabor do café não me agradava, não tinha paladar para nada, a barba em meu rosto coçava pelo tamanho e, observando os homens a minha frente, vi que não estavam diferentes. Suas sedes por retaliação juntaram-se a minha, quando, quatro dias atrás, retornando ao centro de comando, fui avisado sobre uma encomenda para mim, e indo assistir o vídeo no meu quarto, o *pendrive* em minha mão com a provocação do Willian escrita, só me fez criar ainda mais ódio e repulsa por sua vida. O objeto tinha sido entregue por uma criança no hotel que estávamos e imediatamente chamaram os agentes para apanhá-lo.

— Eu irei assistir sozinho.

O meu protesto não fez nenhum dos fuzileiros parar de me seguir, ainda não admitindo, fiquei comovido pelo apoio incondicional dos meus companheiros.

No quarto, posicionei uma cadeira próxima a uma tomada e, colocando o notebook no assento, abri a tela e liguei o dispositivo.

As batidas do meu coração aceleraram imediatamente, o sangue pulsava forte fazendo minha cabeça latejar ainda mais. A tela se ascendeu e conectando o *pendrive* logo apareceu somente a pasta, contendo um arquivo somente.

Meus olhos assustados encontraram os do Paschoal, ainda agachado de frente à tela, percebi meus irmãos se acomodarem a minha volta e, assim que dei *play* no vídeo, a cena inicial me faz arregalar os olhos de horror crescente.

Perdi totalmente as forças das minhas pernas e caí no chão sentando, coloquei as mãos em meus ouvidos querendo abafar os gritos sofridos de Linda.

Amarrada feito um animal para o abate, vi o quanto lutara contra as cordas, pois seus pulsos estavam em carne viva. Os cabelos não lembravam em nada os fios soltos e castanhos em que deslizara meus dedos enquanto ela dormia, estavam em tufo embaraçados e sujos. A calça marcada pela imundície e a gola da camiseta manchada por lágrimas e suor, mostravam o quanto ela já sofrera, Linda apareceu no vídeo usando as mesmas peças que estava no quarto naquele dia, a boca rachada estava arroxeadada, ela passava frio, pois as temperaturas estavam cada vez mais geladas e a perda de peso dela era significativa.

Seus pés descalços estavam dentro de uma caixa de madeira pequena e eu sabia exatamente o que estava acontecendo para ela soltar aqueles berros angustiantes, estavam torturando ela com picadas de formigas.

Ela lutava contra os insetos que subiam por sua pele, quanto mais ela se remexesse mais as formigas se irritariam e picariam sua pele.

Um homem apareceu na imagem, não seria possível ver quem era, pois estava usando um lenço popular para os afegãos enrolado à cabeça, tapando seu rosto. Ele retirou a caixa e quando sumiu das vistas, Linda surgiu respirando com dificuldade, o rosto todo molhado por seu choro e o meio de sua calça molhada por sua urina.

O nó formado em minha garganta me sufocava de tal maneira que aspirei forte procurando ar.

Ouvi no áudio do vídeo algo metálico sendo arrastado e de repente um jato forte de água foi direcionado a Linda, que imediatamente ficou ensopada, ela desesperadamente buscava a água com a boca aberta, mostrando que estava passando sede também.

O choque foi tão grande que não tive expressão, não conseguia falar, não conseguia pensar e nem chorar. O que restaria da mulher que eu amava quando eu a resgatasse? Linda me odiaria pelo resto da sua vida, prometi proteção e ela estava tendo somente sofrimento, tormenta e dor.

Ainda tapando meus ouvidos não prestava atenção em nada além do vídeo, observando a duração ainda tinha três minutos restantes. Meus irmãos assistiam comigo toda aquela cena de terror e não abriram a boca por respeito a mim.

Quando o homem, por fim, desligou a mangueira, Linda encontrava-se molhada e imóvel, o homem alto e forte se aproximou dela e, sem piedade, chacoalhou a corda para ver se ela estava consciente. *Nada*. Fiquei estático aguardando a reação dela e quando ele aproximou um pouco mais seu rosto ao dela, Linda rapidamente inclinou a cabeça para trás e acertou, com a força que lhe restava, sua testa na face do homem, que ligeiro saiu de perto dela com a mão onde o tecido cobria seu nariz, e já se apresentava ensopado de sangue.

Os homens comemoraram brevemente a atitude dela, e eu, por um instante, também pude celebrar, Linda ainda lutava como uma leoa, uma mulher destemida e imbatível.

O homem, irritado, aproximou-se dela e lhe deu um soco na altura do estômago e com uma voz alterada segurou seu rosto forçando-a a olhar para o dispositivo que gravava a cena.

— Diga *isporchennoye der'mo* — ele gritou em seu ouvido e Linda, tentando se desvencilhar de seu aperto, repuxava seu rosto, o *desgraçado* apertou um pouco mais formando em sua boca o formato de O.

Eu já tinha ouvido aquela expressão antes, reconheci a fala russa de imediato, mas as palavras rodaram em minha mente procurando similaridade.

— DIGA. — Ele deu um tapa tão forte quanto um soco em seu rosto e vi quando o corpo dela se mexeu desacordado e o vídeo acabou.

Fechei os olhos tentando assimilar tudo o que vira, escutei alguns dos homens bater em algo, outros xingavam e a maioria saiu do quarto, indignados demais pela situação.

Ainda entorpecido por tudo que vira e ouvira, me remexia para frente e para trás como um lunático, repassei cada segundo do vídeo em minha mente, de novo e de novo. Até que, como num estalo, levantei assustando meus irmãos pela minha atitude, fui até Paschoal e o segurei pelos ombros olhando fundo em seus olhos.

— *Isporchennoye der'mo. Isporchennoye der'mo* — repeti as palavras do *filha da puta*, pois sabia exatamente quem ele era.

— Eu escutei, irmão, ele chamou ela de mimada de *merda* — ele retorceu a boca ao falar.

— E ele chamou ela em?

Seige e Jon, que ainda estavam no quarto, olharam um para o outro, confusos.

— Russo.

— O que um russo está fazendo no Afeganistão, Paschoal?

— Espião! — agradei mentalmente por ele entender minha linha de raciocínio, os reforços que os rebeldes estavam recebendo vinham da Rússia, armamento, dinheiro e informações.

— Eu sabia que já tinha escutado essas palavras — soltei Paschoal e expliquei para que todos me compreendessem. — A última vez que encontrei com o *palhaço loiro*, eu estava junto a Linda e ele sussurrou-me essa expressão, mas eu não tinha compreendido até agora. Willian é um espião russo e é ele quem está torturando a Linda. Por esse motivo, não solicitaram resgate, aquele doente mental quer vê-la sofrer.

— Temos que informar a Julianne — Jon antecipou. — Do mesmo jeito que eles têm gente aqui, também temos pessoal infiltrados na Rússia. *Não?*

— Chame ela, Seige — retirei o *pendrive* do notebook e guardei no bolso. — Temos que dar início a uma caçada.



—...dois grupos de pessoas. Concorda, Brassard? — Gorse, apoiado sobre o mapa sul da cidade, indicava o lugar.

Eu me encontrava distante, voltei a xícara ao lugar, todos reunidos em volta da mesa me olhavam aguardando minha aprovação. Balancei a cabeça concordando e foquei minha atenção na reunião. Após confirmamos que Willian era o traidor e espião russo, iniciamos um pente fino na região sulista de *Kandahar*.

Julianne fora essencial nessa caçada, junto aos colaboradores da inteligência buscaram a fundo informações sobre o Willian e descobriram sua podridão embaixo da pose de bom moço. Ela não podia compartilhar

todas as informações, mas o que nos deu foi o suficiente para montar a operação.

Em quatro dias, tínhamos informações de onde Linda poderia estar, mais fuzileiros se juntaram a nós para as buscas. Nossos informantes deram oito possíveis lugares e os nossos aliados disfarçados monitoraram cuidadosamente cada lugar e dois se mostraram propícios a ser o cativo da Linda.

Willian fora escolhido a dedo para se aproximar de Linda desde a academia militar, mas o objetivo maior era o general, suas informações sobre a defesa americana eram de grande interesse russo e o envio de ajuda para os insurgentes eram testes sequenciais para saber a fragilidade e brechas do exército no Afeganistão.

— A equipe *Asas* e *Alpha* irão a dois quilômetros da coordenada indicada — Florence, outro líder de tropa, explicava a tática adotada por nós. — Farão uma única investida assim como todos da outra equipe. Rastreamos uma informação preciosa, senhores, então iremos aproveitar a chance. Temos que resgatar o *Arcanjo* em segurança e capturar o traidor. Ele é esperto, não se esqueçam disso.

— Os drones já sobrevoou os locais — disse ao grupo. — Fontes de calor emanam do terreno. E é onde a tropas *Asas* e *Alpha* irão invadir e conferir. Se confirmar que o local é o cativo. *Apaches* se deslocaram para lá imediatamente.

— Temos uma chance boa, pessoal, não temos margem para erros e nem para vacilos — Julianne cruzou os braços ao falar. — É de suma importância que o traidor seja capturado vivo.

Eu sabia que ela dizia isso mais para mim do que para o resto de nós. Eu tinha a necessidade de matar Willian, nada me traria mais prazer e satisfação, uma alternativa rápida e eficaz. Mas, após ver todo o sofrimento infligindo por ele a Linda, queria que ele sofresse por horas, dias, semanas, meses e até anos. E, mesmo assim, nunca seria o suficiente para mim.

— Todos já entenderam como funcionará, vocês terão três horas de descanso e só então partirão — a tensão na voz de Julianne mostrava o quão apreensiva estava para essa missão. — Estão todos dispensados — o burburinho dos homens ao sair me deixou ansioso. — Brassard, você fica.

Parei e aguardei todos passarem por mim, coloquei as mãos nos bolsos e, quando o último homem passou pela porta, a fechei, ainda de costa para Julianne, a ouvi suspirar.

— Não irei matá-lo!

— Eu sei que não — sua calma de sempre não me surpreendeu. — Fará pior, Apolo, irá por a refém como sua prioridade.

— Ela é minha prioridade, Julianne! — me alterando, virei, encarando seu rosto pacífico e delicado. Retraí. — Ela é tudo *pra* mim.

— Apolo, eu até entendo, mas não pode pôr em risco uma missão inteira por ela. Antes eu tinha certeza do seu comprometimento, hoje está cego pelo desejo de salvá-la — ela cruzou um braço e com a mão livre esfregou os dedos na testa. — Se, em certo momento, precisar escolher entre seus irmãos ou a Linda, quem irá escolher?

Eu não tive resposta para sua pergunta, eu daria minha vida pela minha tropa, respeitava meus irmãos, admirava cada um e amava a lealdade que tínhamos uns com os outros. E Linda era a mulher da minha vida, em cada batida do meu coração pulsava em mim o amor que tinha por ela, sua garra e força me inspiravam e seu jeito me atraía. Era movido por ela, assim como era movido pelos meus irmãos.

— Só não te vetei nessa missão, Apolo, porque não me perdoaria jamais se algo acontecer — ela se encaminhou para a saída e abriu a porta. — Não me faça arrepender dessa decisão, *fuzileiro*.

Julianne deixara claro para mim quem eu deveria ser dali a três horas, não o homem apaixonado e ávido pela sua amada, e sim o homem louco e focado na missão, no início de qualquer tarefa, eu sempre era anunciado como o *Anjo da Morte*.



Linda

Fiz mais uma vez o teste e constatei que não enxergava com meu olho esquerdo, fechei o direito, *escuridão*. Não sabia dizer se era pelo inchaço no meu rosto ou se o soco que eu recebera na face poderia ter me cegado de vez, o que eu sabia era que estava mais um dia nesse buraco do inferno. A dor da fome me corroía, meus braços dormentes não eram incômodos mais, se eu contabilizasse bem, hoje era dia de passeio.

A música que escutava há horas, ou dias, se repetia mais uma vez, apoiei em meus pés feridos e minha fraqueza era tanta que eles não iriam suportar meu peso por muito tempo. Estava fedendo pela sujeira, sabia que, quando urinasse, iria chorar novamente, pois a pele da minha virilha estava irritada e com fissuras.

Meu único conforto na minha atual situação era que eu sabia que estavam procurando-me, meu pai e o Apolo viriam a qualquer custo ao meu resgate.

Sonhei ou delirei com a minha mãe, a vi quando ainda estava saudável, belíssima com seus cabelos longos e escuros. Acariciava minha cabeça em seu colo, e cantarolava suave para mim, o calor de suas mãos era tão acolhedor que aproveitei de suas carícias até despertar com um balde d'água gelada na cara.

Desde então, procurei imaginar que ela, de alguma forma, estava cuidando de mim. Por conta da música alta, não escutava quando meu carrasco se aproximava e abria a porta do meu cativeiro. Das minhas costas, ele soltou o nó da corda e, quando fui liberada, caí de joelhos no chão, ferindo mais uma vez a carne já exposta. O homem segurou meu braço com força levantando-me, e ordenou para que eu caminhasse em círculos, não lhe dei a satisfação de saber o quanto cada passo que dava era sofrido. Mas, ainda assim, ele ria da minha *desgraça*.

— Só mais um dia.

Não me entregaria facilmente, a vertigem fazia meus passos serem cada vez mais lentos e, com a pouca de força que ainda me restava, estudei mais uma vez o local em que estava. Pela a porta aberta, vi que estava escurecendo ou amanhecendo, a confusão era demais na minha mente, mas, olhando escada acima, deduzi que o buraco em que estava era profundo e isolado, dei mais uma volta ao redor do recinto, tentando me apoiar nas paredes, mas o lodo escorregadio deixava quase que impossível a tarefa. Sempre escoltada pelo homem mascarado, já tinha um plano formado em minha cabeça então, quando, mais uma vez cheguei à entrada do lugar, desmoronei no soalho frio e imundo, usando meu olho que ainda enxergava, tentei captar algo para me indicar onde estava e no início da escada avistei uma bota militar e, como se recebesse outro soco no estômago, reconheci o modelo, pois eu mesma que havia comprado e dado de presente.

— Willian. — Virei o rosto de imediato para ele, como uma pantera, ele se aproximou devagar e abaixando, ficou de frente a mim e retirou o lenço da cabeça, revelando seu rosto que ao mesmo tempo era angelical, e também demoníaco.

— Até que enfim me reconheceu, *passarinho*!

Eu me tremi inteira de pavor pelo tom de prazer que emanava de sua voz.



Apolo

— A partir desse ponto, iremos a pé, senhores! — Seige freou o *Humvee* a exatos dois quilômetros do ponto de contato.

Estava amanhecendo e o último relatório do drone mostrara que poucos homens estavam no local. Vantagem para nós se permanecesse

assim, segurando meu fuzil, dei o sinal para iniciarmos a caminhada e olhando para Jon e Caine, eles entenderam o recado balançando suas cabeças.

— Silenciosos iguais ao um bater de asas, homens. - clicando no laringofone pedi à equipe que me acompanhasse com cautela, pois, além da minha tropa, outros fuzileiros se juntaram a mim sob a minha liderança.

As ruas estavam vazias e silenciosas, cada passo que dava era um passo para o desconhecido, não obtive mais notícias de Linda além do vídeo, e o temor de encontrá-la sem vida insistia em tentar me tomar.

— Meio quilometro — Julianne falou ao meu ouvido pelo fone e sabia que a partir de então qualquer movimento seria crucial para o sucesso ou não da missão.

— Positivo — virando para olhar a equipe, vi que meu plano já estava sendo executado. — Silenciadores.

Soltando uma mão, fui até o bolso de trás do colete, peguei o objeto e, encaixando no bico do cano da arma, destravei e conferi rapidamente se estava tudo certo. A casa de dois andares a nossa frente não oferecia perigo, me esgueirando como uma cobra coleí meu corpo na parede e aguardei o grupo se dividir pelo sinal de dois que indiquei. Estudamos essas investidas dezenas de vezes, mas nenhuma simulação se comparava à emoção de cumprir o nosso dever.

Controlei minha ansiedade, se não fosse meu treinamento na marinha, já teria feito uma besteira, mas éramos táticos e cautelosos, os fuzileiros procuravam lacunas e defeitos até no mais puro diamante polido, sabia que, quando meu plano fosse colocado em prática, Julianne não iria gostar, só que não iria mais confiar no sistema, cumpriria minha única razão de estar ali e, se preciso fosse, morreria tentando. Linda era minha motivação e a segurança dos meus homens era a minha sensatez, respirei lentamente e repeti em minha mente todo o plano que acertara com minha tropa, deixei meu emocional de lado e, como se fosse um interruptor, acionei meu lado tático, nenhum erro seria cometido, nenhuma falha seria aceita e logo teria meu amor em meus braços.

— Em posição, Brassard — Jon comunicou a mim.

Aguardei ainda alguns segundos.

— Posicionado e pronto. — Ouvi Caine confirmar.

Assim que Jon e Caine falaram comigo, comecei a escutar Julianne surtar nos meus ouvidos e sorri sabendo que estava pronto para o curso seguinte.



— Suboficial Brassard, isso é uma ordem. Recuem imediatamente — se Julianne pudesse entrar pelo fone, ela, com toda a certeza, faria. — Recuem, *porra!*

— Não posso.

Após a reunião, horas antes, fui para o alojamento com intenção de descansar, mas suas palavras martelaram em minha mente uma, duas, *várias vezes*.

Eu sou um *SEAL*. Terra, água e ar.

No quarto, enquanto alguns homens conferiam seus equipamentos, eu fui olhar a planta do quartirão novamente e, analisando de perto cada centímetro do papel, me surgiu uma ideia.

— Jon?

— Fala, irmão.

— Confia em mim, Jon? — Vi ele se aproximar, curioso.

— Só com a minha vida, cara.

Jon disse relaxado, nossa conversa chamou a atenção dos outros no quarto que se juntaram ao meu redor, já sabendo o que esperar de mim.

— Então, meus irmãos, saibam que eu tenho um plano do *caralho*.

Voltei meus pensamentos ao plano, Julianne insistia para que eu abortasse a missão, mal ela sabia que para me fazer recuar, eu teria que levar um belo tiro na cabeça. Minha vida, minha esperança, meu amor, podia estar a metros de distância de mim ou a quilômetros.

Posicionado de frente à porta, bati duas vezes como uma pessoa qualquer, assim que ouvi passos se aproximarem e quem estava do outro lado destrancar a fechadura, não me deixei pestanejar e dei dois tiros numa altura mediana, escutei o corpo cair e Paschoal empurrou a porta, nos dando passagem. Ainda não perceberam nossa invasão, passei por cima do corpo já morto no chão, um homem de idade militar com uma metralhadora nas mãos, mas não me atentei a ele, estávamos no lugar certo e meus objetivos eram outros.

— Dividem — disse baixo no laringofone.

Gorse liderava um dos grupos de três homens e Seige, o outro, logo começaram a varrer o local e eliminaram um a um, já eu e Paschoal saímos à procura de qualquer vestígios de Linda ou do traidor.

Eles foram escada acima, enquanto Paschoal e eu vasculhávamos a cozinha, e outros cômodos térreos da casa, nos separamos num quintal extenso e ao fundo um casebre me chamou a atenção. Olhei para meu irmão que confirmou com um aceno as minhas suspeitas.

Antes que pudesse fazer qualquer movimento, a porta do casebre se abriu e, de lá de dentro, saiu Willian usando Linda como escudo e apontando uma arma para a cabeça da mulher que eu amava.

Meu coração se partiu em tantos fragmentos que não sabia se poderia juntá-los, Linda não se parecia em nada com a mulher que vira pela última vez, estava tão abatida e ferida que fiquei cego pela raiva que senti e levantei o fuzil mirando na cabeça do *desgraçado*.

— Acha mesmo que eu não sabia que estavam a minha caça, sereia? — Willian falava convencido e meu dedo coçou no gatilho.

— *Sukin syn.*

Ele riu e eu tentei controlar minha respiração quando ele levantou o rosto de Linda para mim, deixando mais visíveis os ferimentos em sua face.

— Seu russo é perfeito, fuzileiro, mas me xingar de *filho da puta* não adiantará em nada, temos que resolver a sua situação.

— Eu vou te matar — dei um passo. — Juro que vou te matar.

Aquele imundo me olhou fundo nos olhos e enfiou a mão livre por dentro da blusa surrada e agarrou o seio de Linda, fazendo-a chiar de dor. Foi o primeiro som que ela emituiu desde que nos encontramos e minha agonia se elevou ao extremo, quando fui para atirar, ele apertou o gatilho da sua arma, não houve disparo, mas eu travei de pavor. Ele estava brincando com meu psicológico.

— Há só uma bala, *rusalochka*, cada vez que eu me sentir ameaçado irei disparar e uma hora a bala certa estourará o cérebro dela. — Linda não reagiu, seu olho esquerdo estava roxo e inchado, em seus pulsos sangue seco e fresco se misturavam e mesmo frio, seus pés descalços mostravam as consequências de centenas de picadas de insetos, com bolhas e feridas expostas.

— Me chame de sereia novamente que... — não consegui completar a frase, pois ele disparou mais uma vez, sem o projétil.

— Não se esqueça, *rusalochka*, que eu treinei como vocês e sei que há atiradores de elite mirando em mim nesse momento — ele olha ao redor, despreocupado. — Mas vou te dar uma valiosa informação. Sabe o outro grupo que está na outra casa vasculhando nesse exato momento, pois então — ele olhou para um relógio em seu pulso. — Se eu não sair vivo e livre daqui a três minutos, eles todos irão morrer. Talvez todos já acharam as bombas que estão espalhadas pela casa ou talvez não, o que

eu sei é que meu tempo está acabando e eu quero ir embora logo desse país.

Quais seriam as minhas opções? Tinha que admitir que ele fora mais esperto que todos nós juntos, abaixei o meu fuzil e o protesto do Paschoal me colocou em uma situação ainda mais difícil, abaixei até encostar a arma no chão e levantei ambas as mãos para cima em sinal de rendição.

Ele riu com graça e gosto, Linda estava como se não estivesse presente e Paschoal pirava ao meu lado. Dei alguns passos até ficar mais próximo dele e minhas narinas foram invadidas pelo fedor de Linda, meus olhos ameaçaram encher de lágrimas, mas empurrei o choro para longe, eu amava tanto essa mulher que o meu desejo de ter sofrido em seu lugar tudo o que ela sofrera era maior do que tudo.

— Se eu deixar você partir — procurei chamar a atenção de Linda para mim. — Entregará ela para mim?

— APOLO? — Julianne ainda estava aos berros. — ELE É A PRIORIDADE. O ESPIÃO TEM QUE SER TRAZIDO A NÓS.

Ainda que Willian se sentisse confiante, podia ver medo em seus olhos, o covarde se garantiu à custa das vidas dos outros e se divertiu torturando Linda nesse meio tempo. Escutei bem de longe o som dos helicópteros se aproximando e Willian sabia que tinha que partir antes disso.

— Eu já tirei tudo dela — seu nojo ao se referir a ela me enfurecia ainda mais, só que me contive. — Tirei seu pai, seu orgulho, sua paz e, principalmente, eu tirei sua vontade de viver. Deixarei para você o que sobrou, mas te digo que não foi muita coisa.

Willian passou por mim ainda carregando Linda sob a ameaça da arma, quando se aproximou da casa, dei sinal para que os homens o deixassem passar. Segui seus passos ainda com as mãos levantadas e, ao sair pela porta de entrada da casa, ele empurrou Linda para mim, fui ao encontro dela e, quando eu a tinha em meus braços, tentei não agarrá-

la, meu medo de ferir ainda mais seu corpo me consumia e olhei ferozmente para Willian que sorria satisfeito.

— Mesmo que tenha seu corpo, fuzileiro — ele se referia a Linda.
— Nunca mais a encontrará sã, eu garanti isso.

Assim que o desgraçado virou as costas para mim e se posicionou para correr, sabia que era chegada a hora.

— Agora!

Assisti em câmera lenta Willian se mover e logo em seguida gritar de dor, ambos os ombros sacudiram pelos tiros que acertaram tanto o da direita pela frente, quanto o da esquerda por trás. Ele caiu de cara no chão, impossibilitado de usar seus braços, sangue jorrava dele e a satisfação de vê-lo sofrer me deu um pouco de felicidade.

— Seus homens morrerão por isso — tentando se arrastar pelas pernas, vi ele lutando para fugir. — Eles já devem estar em pedacinhos, *ublyudok*.

Sem nojo algum pela imundície que Linda estava, a peguei no colo e plantei um beijo suave em seu rosto. Chamar-me de *desgraçado* não me abalou, tinha cumprido ambos os objetivos da missão, resgatar Linda e capturar o traidor. Meu amor por ela determinara cada passo que eu dei, ainda que tenha sido o fuzileiro a executar a tarefa, foi o desejo de tê-la para mim que me fez agir.

— Eu te encontrei. — Empenhei em passar todo meu carinho a ela.

Os helicópteros surgiram no céu, e protegi o rosto dela da poeira, a rua começava a ficar cheia de curiosos e isso não era favorável a nós.

— Dois minutos para o *PJs* pousarem — Paschoal me comunicou.

Ele segurou meu ombro e eu agradeci meu irmão com um maneio de cabeça.

— Suboficial Brassard? — Julianne me chamou no rádio. — Que *merda* toda foi essa? Pode me explicar?

— Sim, agente. Assim que sairmos daqui, lhe explicarei tudo.

Segurando Linda nos meus braços, olhei em seu rosto vazio, fiquei extremamente grato por ela estar viva, mas, ainda assim, as palavras de Willian começavam a me assombrar. Dentro desta casca silenciosa e ferida, o que ainda sobrara da minha Linda?



Sendo assistido por uma pequena multidão de agentes e oficiais do *army* e do *navy*, comecei a explicar o início do plano enquanto Linda era atendida pelos médicos na base.

— Quando fui ver o mapa de ambos os lugares que iríamos invadir, soube de imediato qual seria o cativeiro correto. Somente um terreno continha dois telhados — gesticulando pela ansiedade de poder estar logo perto de Linda, continuei. — E pela insanidade que Willian demonstrou eu calculei que o outro lugar seria uma armadilha, então compartilhei minhas suspeitas com o Florence e ele me apoiou, fingindo que sua equipe foi para o local, mas ficaram a apenas pouco metros da casa, se houvesse falha no plano, iriam por em prática lá. Gorse e Seige junto com os outros vasculharam toda a casa para eliminar qualquer tipo de distração e Jon e Caine se posicionaram um a direita e outra a esquerda, pois eu tinha certeza que Willian daria um jeito de fugir. Já Paschoal foi bem convincente ao se opor a mim.

— Por que não compartilhou seu plano com a inteligência?

— Ele sabia que iríamos invadir — a incredulidade no rosto de alguns não passou despercebida. — Minha única opção foi comunicar somente os líderes de tropa e aos meus companheiros e executar o plano. Não podia correr o risco de vazar a informação.

— Você sabia que o traidor era a prioridade, Brassard, e mesmo assim ordenou que metesse duas balas nele — Julianne ainda chateada questionou. — Por quê?

Molhei os lábios para falar, mas não pude dizer o que realmente gostaria.

— Pedeu para trazê-lo vivo, agente, e não intacto.

Ela arregalou os olhos para mim, mas se calou.

— Mais alguma coisa, senhores? Preciso ir para minha viagem agora.

— Não, Suboficial Brassard. Se mais alguma dúvida surgir, ligaremos para o senhor. — Um engratado tomou a frente e me dispensou.

Concordei e prestei continência aos oficiais presentes, saindo da sala, encontrei Gorse e Florence que provavelmente seriam os próximos a serem interrogados.

— Irmãos, só tenho a agradecer o apoio e a confiança que depositaram a mim.

Dei um abraço em cada um, que retribuiu o gesto com sinceridade.

— Brassard eu só tenho uma dúvida — Gorse me inclinou o rosto ao falar. — Como teve tanta certeza?

— Eu segui a intuição do meu coração, irmão.

Virei-me e fui para o meu destino mais aguardado, Linda seria encaminhada para a Alemanha, precisava de tratamento médico adequado e eu iria acompanhá-la.

Na saída do complexo, meus irmãos estavam a minha espera, a cena me comoveu, pois seria a primeira vez que os deixava para trás.

Sempre íamos e voltávamos juntos.

— Não tenho nem palavras para agradecer a cada um de vocês, seus *putos*.

Como de costume, nos abraçamos em círculo para comemorar o fim de uma missão.

— Se chamar a gente para ser padrinhos do seu casamento já tá valendo — Jon brincou e eu sorri sem graça.

— Pode ir em paz cara — Seige apertou meu ombro. — Ela precisa mais de você do que nós. Amanhã já iremos para casa também.

— Então até logo. Eu amo cada um de vocês.

Desvencilhando-me deles, fui para a pista de pouso onde um helicóptero estava a minha espera, partindo dali até o aeroporto, Linda também devia estar sendo encaminhada nesse instante para lá, onde um avião aguardava pela nossa chegada para que então pudéssemos ir para a Alemanha.

Subindo no helicóptero, fui recepcionado e parabenizado pelo sucesso da missão, ela se espalhou rápido, mas os créditos não eram só meus, sem apoio, eu não teria conseguido nada.

Ao alçar voo, respirei aliviado por estar partindo daqui, meses de reviravoltas na minha vida e agora estava pronto para ser o que a Linda precisava. O trajeto era curto e assim que pousamos, agradei ao piloto e copiloto e saltei direto para o avião. Levava somente uma mala contendo tudo o que eu trouxera para o *Afeganistão*.

Em questão de poucos minutos, o som da ambulância anunciava a chegada dela e meu coração se apertou, não a via desde que os *PJs* a resgataram, quando o veículo parou, fui ao seu encontro, olhando com atenção ao abrirem as portas traseiras e saltarem dois militares para fora, eles puxavam uma maca onde avistei Linda, adormecida

Não tinha a intenção de atrapalhar, mas não conseguia ficar longe. Acompanhei seus passos até subirem na aeronave e afivelarem as pernas da maca, mantendo-a firme no lugar.

— Suboficial Brassard, eu sou o Major Doutor Vieres — ele estendeu a mão e o cumprimentei de volta. — Sei que foi o senhor que a resgatou e somos gratos pela sua bravura e coragem.

O médico, na casa dos cinquenta anos, me parabenizou pelo ato, só que quem merecia toda a glória era Linda, foi ela quem suportara por meses a tortura de um homem doentio.

— Obrigado, senhor, mas foi a primeiro-tenente que aguentou o cárcere por meses, não eu.

Não quis ser rude com o homem e creio que ele entendeu meu ponto de vista, pois olhou para ela e deu um sorriso de canto.

— Tem razão — acompanhei seu olhar e um enfermeiro verificava os equipamentos. — Ela teve a coragem que muitos de nós sequer um dia iremos provar.

O piloto anunciou a decolagem e procurei me sentar o mais próximo possível a ela, lhe deram um banho e as feridas se evidenciaram ainda mais na pele branca, Linda estava com uma máscara de oxigênio para ajudar a respirar e, adormecida, passava uma serenidade invejável.

O aviso de que poderia soltar o cinto de segurança foi a minha deixa para me juntar a ela, segurei sua mão e onde a corda roçara, existia um curativo na ferida, enlaçando meus dedos aos dela, beijei a planta de sua mão com delicadeza e afeto.

— Nunca mais sairei de perto de você, Linda.

— Eu já escutei isso em algum lugar. — Me espantei ao ouvir sua voz rouca.

Seus lábios estavam rachados e o rosto todo deformado pelo inchaço, mas, mesmo assim, a beleza dela me deixava tonto.

— Linda? — Ela ainda permanecia de olhos fechados e fiquei em dúvida se estava dormindo ou acordada.

— Você... — ela engoliu seco. — Você me disse que nunca sairia de perto de mim, Apolo, e olha o que me aconteceu.

Seu tom acusatório me causou arrepios, ela puxou a mão dela da minha e uma lágrima solitária escorreu do seu olho direito.

Estarrecido e incrédulo, a vi me recusar.

Entendi que a questão não era o que sobrara de Linda, o correto seria questionar o que sobrara de mim dentro dela. E eu suspeitava que a resposta podia ser *nada*.



Capítulo Vinte e dois

— Não leve em consideração o que ela fala, fuzileiro. — minha tristeza não passara despercebida. — Os alucinógenos agirão por um tempo no seu organismo.

— Quando ela voltará a si, Major?

— Difícil estimar — o homem suspirou. — Procure descansar, qualquer novidade, mando lhe chamar.

Recusei-me sair de perto dela, não negaria que estava cansado, e suas palavras, mesmo que involuntárias, me feriram, voltei ao meu assento e, com a poltrona reclinada, descansei minha cabeça no couro macio, bocejando observei Linda dando pequenos espasmos e falando palavras indecifráveis.

— Por favor! Por favor! Volte inteira para mim! — Entregando-me à fadiga do meu corpo, implorei a quem me ouvisse, podia ser o destino, a sorte ou uma divindade, só pedia que Linda retornasse e reconhecesse em mim o lugar a que pertencia.



— Vaca desgraçada! — sua voz baixa e falha ecoou pelo quarto, levantei meus olhos do livro que tentava ler e vi sua melhor amiga segurando sua mão.

— Não me julgue — invejei o riso solto que Jordan arrancara da Linda. — Tenho que agradecer ao *army*, mais um pouco que eu ficasse naquele hospital certamente iria parar na ala da psiquiatria.

Tive a impressão que elas se falavam pelos olhos, pois, logo depois, riram novamente.

— Vou pegar outro café. — Jordan se virou para mim e deu um maneio de cabeça, Linda apenas suspirou.

Passei por elas, cabisbaixo, meu livro embaixo do braço e, ao fechar a porta, fiquei tentado a escutar sua conversa, mas fui em busca de outro copo de café preto.

Quando pousamos na Alemanha, Linda já havia recuperado a consciência.

Primeiro foi o choque de ela não saber onde estava, recobrando seus sentidos, eu a vi tão assustada que meu impulso foi abraçá-la. Mesmo ela deixando acontecer nossa aproximação, sentia seu receio, suas feridas externas estavam todas com curativos, mas as internas eu estava disposto a ser o remédio e a cura que ela necessitaria. Outra questão seria como contar a Linda sobre o pai, não sabia como faria, combinei com a Jordan de aguardar um tempo, só que quanto mais eu

demorava para dizer, mais eu me sufocava no montante de problemas que tinha que resolver.

Aproveitei a desculpa de ir buscar um café e subi as escadas até a UTI para visitar o general, olhando o homem entubado e de olhos fechados, fiquei me perguntando quando ele acordaria, meu devaneio foi interrompido pelo meu celular vibrando no bolso.

— Brassard. — Olhei a tela rapidamente já sabendo quem seria.

— E aí, irmão? Novidades?

— Na mesma, Paschoal, ela não quer me falar nada e eu não insisto.

— E o general? — Encarando o rosto sereno do homem, observei mais uma vez seu peito subir e descer com a ajuda da ventilação mecânica. Depois saí do quarto.

— Tentarão retirar os equipamentos na próxima semana. Ver se ele consegue respirar sozinho.

— Cara, você já está aí há cinco dias, precisa de um descanso também.

Paschoal tinha razão, meses dormindo mal e cabeça cheia de preocupação estava cobrando um preço alto da minha mentalidade. Por duas vezes acordei no hotel apavorado pelo pesadelo que tivera, no qual Linda era sequestrada novamente, só que dessa vez eu a encontrava morta.

— Irmão, você sabe quando terei descanso.

— Eu sei — conhecia Paschoal há anos e, pelo seu tom, coisa boa não era. — E por falar sobre isso, ele será transferido amanhã.

Trinquei os dentes só na menção do seu substantivo, minha raiva não passaria tão cedo, poderia ter metido uma bala que daria fim em sua

vida rapidamente, mas optei por entregá-lo à justiça e ele pagaria o preço pelos seus atos.

— Como está Oleen?

— Está preparando o jantar — não quis dar continuidade no assunto e Paschoal respeitou. — Decidimos ter um filho.

Encostado na parede, contive a empolgação pela decisão do meu irmão.

— Que notícia boa, Paschoal.

— Cara, foi uma puta decisão. Mas, depois do que passamos nessa missão, quero aproveitar um tempo com ela e formar uma família.

Essa seria mais uma pergunta que eu adicionaria à coleção de questionamentos que tinha para fazer a Linda, ela teria desejo de ter filhos? Apesar de que a minha maior questão do momento era se ela me queria ainda.

— Fico feliz demais por vocês.

— Apolo, se eu soubesse que a possibilidade de ter um bebê incentivasse tanto assim uma mulher, já teria proposto essa ideia há mais tempo para Oleen.

Contive o riso quando uma enfermeira passou olhando de cara fechada para mim por estar ao telefone na área de UTI.

— Você é um cretino.

— Irmão, vou desligar agora, minha mulher necessita da minha total atenção — ouvi um sorriso tímido na linha. — Te ligo depois.

Não consegui nem me despedir do ordinário, pois ele desligou na minha cara. Fiquei contente pela decisão na vida do meu amigo, ele lutou muito para ter Oleen e por várias vezes me vi espelhando minha luta a

dele, torcendo para que eu tivesse o mesmo resultado, a mulher que amava nos meus braços.

Preferi descer de escada a elevador, ajudava a exercitar, passando a mão pelo meu cabelo, achei graça ao perceber que precisava urgentemente de um corte. Pensei em tudo e em nada ao chegar à porta do quarto e ponderei se devia bater ou não.

Abrindo com cuidado, coloquei primeiro a cabeça para dentro e, vendo que ela estava só, entrei de vez. A tevê ligada, só que sem som, era a única iluminação do quarto, Linda estava de costa para mim, e vi quando sua respiração mudou ao perceber que eu estava ali.

— Linda?

Sem resposta.

Comparei a dor do seu silêncio com uma flechada em mim, e, cada vez que Linda me ignorava, sentia essa flecha sendo torcida no meu peito.

Não sabia o que fazer.

Conversei por várias vezes com a psicóloga e a psiquiatra e ambas me incumbiram a ter cautela e paciência. Eu teria como mantra suas recomendações, só que eu sofria muito em ver aquela mulher autêntica e poderosa, que me inspirara tanto ao ponto de me apaixonar por ela, deitada em posição fetal, olhos fechados e respiração irregular, sendo consumida por algo que não compartilhava comigo.

Indo até a poltrona que estava sendo minha companheira há cinco dias, sentei-me esticando minhas pernas sobre uma pequena mesinha de apoio, cruzei os braços e fiquei olhando as imagens passando na tevê.

— Eu estou cega — girei rapidamente meu rosto para Linda que, ainda na mesma posição, me fitava na escuridão. — E você já sabe.

— Sim — mesmo Jordan não sendo a médica responsável pelo seu caso por ser próxima à família, a doutora me informara as condições

físicas da Linda. — Mas, podem corrigir com cirurgia.

— Ou não! — Linda dizia, dando-se por vencida e essa não era sua postura.

— Ou sim!

Mesmo não havendo claridade o suficiente para ver seu rosto com nitidez, senti como seus olhos frios me queimavam ao me encarar.

— Linda, posso me aproximar? — ela concordou e, totalmente inseguro das minhas ações, fui para mais perto dela, foi quando percebi que ela chorava. R'

— Vi você lá, Apolo — Linda não trocou mais do que algumas poucas palavras comigo desde que acordara, então permaneci quieto para que ela falasse com liberdade. — Eu sei que eram os efeitos das drogas que ele me deu, mas eu vi você lá assistindo a tudo e não fazendo nada, você ia embora todas às vezes, me deixando a sós com ele — engolindo em seco continuou. — Eu acreditei, no fundo do meu coração, eu sabia que estava procurando por mim. Só que quando eu descobri que Will era meu torturador, as coisas mudaram e ele não se cansava fácil — Linda forçava sua voz ao limite. — Não consigo esquecer.

Porra, como é sofrido escutar a sua confissão, saber o motivo por ela me manter distante e recluso.

— Era real demais e mesmo que eu tente não pensar — as lágrimas escorriam de seus olhos enquanto eu abaixei para olhá-la melhor. — Minha mente insiste em me mostrar e, vendo você aqui, fico relembrando de tudo.

— Linda...

— Deixa eu terminar — ela me cortou. — Cogitei em pedir para ir embora, só que sua ausência, mesmo quando saí do quarto, faz eu me

sentir vazia e o medo me toma, Apolo. Por favor, entenda que eu não o culpo, pois fui estúpida e burra o suficiente para cair na armadilha dele.

A rouquidão dela me mostrava o quanto gritara por ajuda, mesmo que ainda não houvesse recuperado sua voz, seu esforço para me fazer entender cada palavra misturada ao choro me faz admirar ainda mais sua força.

— Linda, teremos tempo para essa conversa, tenta poupar sua voz eu não irei a lugar algum — toquei seu rosto e ela não retraiu dessa vez. — E irei se me pedir para ir.

Sua pele ferida aos poucos começava a cicatrizar, Linda ficaria com marcas superficiais no corpo, mas o que me preocupava era a ferida profunda que cultivava na mente e no coração. Aquele filho de uma puta conseguira desequilibrar os sentidos dela, mas, se ela me permitisse ficar, seria o que Linda precisasse.

— Quero que fique.

Ainda inseguro, retraí os lábios, aproveitei a liberdade que ela me dera e sentei na cama, mirando seu rosto, passei os dedos em suas mãos e, lhe dei apoio para se sentar também, ela fechou os olhos pela dor enquanto secava suas lágrimas.

— Quer que eu me deite com você?

Ela só concordou com a cabeça, saltando da cama, dei a volta e me ajeitei em suas costas, esperei ela se acomodar para que assim ficássemos de conchinha.

— Apolo, eu já perguntei a Jordan, à psicóloga e à psiquiatra, mas nenhuma delas me falam quanto tempo fiquei lá.

— Elas não sabem exatamente — reprimo minha tristeza por vê-la tão ferida, senti o cheiro floral do condicionador em seu cabelo e aproveitei o momento para beijar sua cabeça antes de falar. — Oitenta e seis dias, nove horas e vinte e dois minutos até eu te ver Linda.

Ela tremeu e senti as gotas quentes escorrerem em meu braço, não queria ser o portador de lembranças tão ruins, mas não mentiria para ela, o que me perguntasse, eu responderia.

— Como conseg...

— Eu não descansei até achar um jeito de te encontrar o amor da minha vida — interrompi ansioso. — Não comi direito, não dormi bem e não deixei ninguém descansar até encontrar um modo de te achar.

— Não consigo entender muita coisa, Apolo.

— Teremos tempo para isso depois. Tente poupar sua garganta agora, daqui um pouco terá inalação e logo recuperará sua voz.

— Meu pai ainda não veio me ver, Apolo.

Meu sangue gelou nas veias, meu peito apertou e meu estômago agitou, o quanto mais ela aguentaria?

— Tenho medo do que ele possa ter feito.

Eu iria arder nas chamas mais quentes abaixo da terra se não contasse a ela a verdade.

— Linda, seu pai está aqui hospital — comecei não mentindo. — Acontece que ele está hospitalizado também.

Sei que, se Linda não estivesse com uma costela fraturada, ela se viraria rapidamente para mim.

— Apolo, não me esconda nada — baixando mais ainda o tom. — Por favor!

— Não foi somente você que ele prejudicou — *calma homem*. — O general há meses vinha sendo envenenado e a dose final foi no dia em que você desapareceu — ela voltou a chorar, soluços e sons esganados

saíam do seu interior. — Linda, seu pai está em coma induzido, logo irão retirar os equipamentos dele, tudo ficará bem.

— Isso tudo é *culpa* minha.

Difícil expressar se ela quis dizer a mim ou para ela mesma, de tão baixo que saiu as palavras.

— Te imploro que não diga mais isso! — tentei convencê-la. — Eu juro que levarei você para vê-lo. Mas, você precisa se recuperar um pouco mais.

Linda não disse mais nada, mesmo coberta por uma manta e atada ao meu corpo, ela tremia, seu choro baixo foi cessando quando, devagar, ela foi adormecendo em meus braços, sua respiração ficava cada vez mais suave e seu corpo foi relaxando, seu corpo se encaixava perfeitamente no meu, e me senti completo próximo a ela. Ainda que tivéssemos um longo caminho pela frente, avistei um ponto de esperança de que teríamos um futuro juntos, pois ela não queria que eu fosse e eu não tinha intenção alguma de ir.



— Ele parece estar tão sereno. — Linda estava sentada em uma cadeira de rodas, estávamos voltando do quinto dia seguido de visitas ao seu pai.

— Tenho certeza que suas palavras de apoio ajudarão ele.

No corredor observei a movimentação de militares de um lado para o outro e Linda se portava envergonhada por sua condição, devido aos ferimentos e infecções em sua região íntima foi necessário o uso de sonda vesical, seu incomodo me fez acelerar meus passos e, chegando ao quarto, peguei ela no colo e a deitei na cama.

— Sinto falta do meu pelotão, Apolo — ela confessou ao se deitar.
— Fiquei realmente feliz pela conclusão do colégio.

— Também fiquei — sorrindo ajeitei seu travesseiro. — O sargento treinou muito bem os afegãos aliados. Já estão até defendendo a vila sozinhos.

O roxo do seu olho estava menor, e seus cortes já formavam finas cascas amarronzadas, devagar a via se recuperando e, com as sessões diárias de terapia, Linda começava a se mostrar menos temerosa. Observei pequenos detalhes em que a via vacilar de medo, quando as portas eram abertas sem aviso prévio, ou quando algo metálico caía no chão, a tevê sempre no mudo, Linda não compartilhara comigo os tipos de horrores que ele praticara nela, mas seus ferimentos me diziam muito mais do que suas palavras poderiam.

— Apolo?

Voltei minha atenção para ela.

— Onde ele está?

Não fiquei surpreso por sua curiosidade natural.

— Preso e sendo interrogado — custava a entender os motivos por ainda mantê-lo vivo. — Já está em casa e será julgado, perpétua ou morte por traição à nação.

— Ele era mesmo um espião?

Cada vez que me referia a Willian, um gosto amargo tomava minha boca, talvez algum dia eu pudesse aliviar esse sabor com a morte do *desgraçado*.

— Sim — me limitei a não dizer mais do que isso.

— Nunca desconfiei de nada. — Linda pegou o livro que deixara em cima da cama e começou a folhear.

As batidas na porta anunciaram a entrada de alguém, ajeitei a postura e, quando Jordan colocou sua cabeça para dentro, Linda mudou sua aura de tristeza por uma feliz e amistosa.

— Olá a todos!

Ela entrou quase que saltitante pelo quarto, lançando-me um aceno rápido indicando que precisava ficar sozinha com a amiga, indo direto para os braços da Linda, que já estavam abertos e deram um abraço curto.

— Vou deixar vocês a sós.

Assim que estiquei a mão sobre o livro para pegá-lo, Linda se mostrou mais rápida e, enlaçando seus dedos nos meus, me deu um pequeno puxão para eu me aproximar mais dela, pensei que ela iria dizer algo em meu ouvido, mas fui surpreendido por um beijo nos lábios. Sua boca estava com algumas peles finas saltadas e ressecadas, e eu não me importei com isso, preocupei-me com seus ferimentos e retribuí com carinho e cuidado. Foi um beijo curto e, admirando sua atitude, dei um sorriso esperançoso.

Ainda que Jordan permanecesse no quarto, senti que não havia mais ninguém além de nós dois, nesse momento de genuína sinceridade, entregamos de bandeja um ao outro todos nossos medos, inseguranças, angústias e ansiedades. Para que juntos pudéssemos remediar cada sentimento ruim que tínhamos dentro de nós por um bom e amável. Afirmando nosso vínculo, vi formar em seu rosto um sorriso natural e franco.

— Eu também te amo! — ela sussurrou e eu perdi o chão abaixo dos meus pés de tanta alegria ao ouvir suas palavras.

Ela me soltou e, renegando meus passos, saí do quarto com o peito inflado de euforia, Linda já tinha confessado seu amor por mim, só que por escrito. Agora foram com palavras, suas palavras e eu só pensei em uma única coisa nesse instante.

Eu irei me casar com essa mulher



Capítulo Vinte e três

— Sua cara de boba tá me assustando. — Jordan conteve o riso.

Cobri timidamente meu rosto com a manta, seu cheiro, ainda permeável às minhas narinas, me fez olhar para dentro de mim e encontrei um coração transbordando de sentimentos bons.

— Me dê notícias positivas sobre meu pai —desconversando, apoiei a cabeça no travesseiro, ainda doía muito me mover, então continuei deitada.

— Amanhã de manhã irão retirar os medicamentos e o ventilador, os testes mostraram que ele reagirá bem. Então, são notícias boas — Jordan estava tensa e se sentou na poltrona ao meu lado. — O general irá sair dessa, não se preocupe.

Suspirei na esperança de que realmente teria meu pai de volta, acreditei em suas palavras, mas, conhecendo ela, sabia que algo a incomodava, não sabia dizer se estava relacionado ao meu pai ou não, só sabia que, sempre que eu visitava seu leito, sofria insistentemente, Willian só se aproximara dele porque fui a intermediária, a causadora e a única culpada.

— Linda, gostaria de te fazer uma pergunta — o receio de Jordan já me faz imaginar sobre o que seria. — Se não quiser falar, eu irei entender.

Tornou-se um hábito piscar meus olhos em diferentes tempos, ficava testando se, milagrosamente, meu olho voltaria a enxergar. *Bem, ainda não.*

— Você quer saber como fui sequestrada?

Jordan levantou a expressão surpresa, confirmando minhas suspeitas.

— Só se estiver confiante em falar. — Ela me deu um sorriso finito.

As lembranças escaparam aos poucos da caixa de *Pandora* que habita em minha mente. Todos os dias, conferia se minhas recordações estavam trancafiadas naquele canto não habitado. E, a cada vez que alguém pergunta sobre aqueles três meses, era como se ganhassem vida própria e com suas próprias chaves abrissem a caixa e eu vivenciava cada memória novamente.

— Eu não me lembro — menti.

O canto de sua boca se elevou minimamente, Jordan não insistiu e agradei mentalmente por tal atitude.

— Advinha quem me ligou ontem?

— *O enfermeiro* — respondi, o clima taciturno foi embora e a Jordan serelepe estava de volta.

— Estou com saudades do sexo com ele — ela me olha endiabrada. — Eita! Eu realmente sinto falta. Ele pegou uma dispensa de vinte dias e quer voar para a Alemanha.

— Sério? Tenho que admitir que gosto do empenho dele.

— E recusei a oferta.

Notei o quão mexida Jordan estava em relação ao Hugo, só que os anos amadureceram aquela mulher ingênua e apaixonada, depois da última decepção amorosa, soube aproveitar melhor a vida e principalmente os homens.

— Tem certeza? — insisti.

— Absoluta! Ele quer uma coisa e eu quero outra. Somos diferentes em tudo, Linda. Não tem como dar certo.

— Eu não sou a melhor em dar conselhos amorosos. — Ela sabia a quem estava me referindo.

— E eu nem quero!

Abanando as mãos em protesto, percebi o falso desespero em seu rosto.

— Você é uma...

— Vaca — Jordan concluiu e se levantou, caminhando até a cama.
— Eu não preciso e não quero ninguém agora.

— Esse era meu mantra, esqueceu? — Encarei seus olhos.

— E você falhou miseravelmente, porque olha sua cara de apaixonada.

Quando fui rebater sua língua afiada, ouvi baterem na porta e, olhando rapidamente para o relógio, percebi que já é hora da sessão de terapia.

— Entre.

A Doutora Clifford entrou com sua prancheta e penteado militar impecável.

— Tenente Shawn, está pronta?

— Só minuto.

Nem precisei dizer nada para Jordan, ela me deu um abraço cuidadoso e beijou minha testa.

— Mais tarde, eu volto.

Afastando devagar, olhou a psicóloga e cumprimentou com um aceno curto, saiu do quarto fechando a porta e nos deixando a sós.

— Há quanto tempo são amigas?

Esperei ela se acomodar na poltrona e, cruzando as pernas, segurou sua prancheta e caneta, e aguardou minha resposta.

— Desde a adolescência, Jordan está mais para uma irmã. Ela é uma das poucas pessoas em que confio.

— Confia a que ponto?

Busquei internamente a resposta e concluí que era a única pessoa que sabia tudo sobre mim.

— Não tenho segredos com ela.

Fiquei curiosa com suas anotações e, mesmo a doutora sendo extremamente simpática e profissional comigo, a voz que me atormentava soou baixinha e insistente martelando em meus ouvidos. *Todos podem ser meus aliados.*

— Maravilha, tenente, se não há barreiras entre vocês duas então o que já confidenciou a ela sobre o que você passou no cativeiro?

Permaneci muda, pois a resposta seria a mesma. Fechara esse tópico e não toquei no assunto com ninguém, nem com a Jordan, nem com o Apolo e principalmente não entrei nesse ponto nem comigo mesma.



Estava tão confortável que me recusei a abrir minhas pálpebras, o som baixo da tevê indicava que Apolo assistia a algum tipo de

campeonato de luta, ele respirava lentamente, tão tranquilo e silencioso. Enlaçados, senti seu carinho no meu cabelo.

— Tá com fome?

— Não. Tenho sede, na verdade.

Apolo pegou uma garrafa d'água em cima de uma mesa de cabeceira, abriu e me entregou. Ao beber fiz careta pela ardência da minha garganta.

— Linda, queria falar algo com você — dei mais uns goles antes de encará-lo. — A inteligência quer sua autorização para vasculhar seu apartamento, como vocês moravam juntos...

— Tudo bem! — não o deixei terminar a frase, queria encerrar esse ciclo o quanto antes.

Apolo voltou a assistir a programação e eu procurei dormir novamente, torcendo para que aqueles olhos cor de mel, cheios de fúria e rancor não assombrassem meus sonhos mais uma vez.



— Linda, pode demorar horas ou dias para o general despertar do coma — mesmo com o médico responsável presente, pedi para que Jordan me acompanhasse. — Tenha paciência, você terá alta em breve e irá retornar para casa. Seu pai também será transferido para o hospital militar na capital se não despertar.

Apolo segurava meus ombros me dando apoio, quatro dias se passaram desde a retirada dos aparelhos e meu pai permanecia dormindo. Custei a acreditar que ele pudesse viver o resto dos seus dias naquela situação, não iria deixá-lo para trás, eu o coloquei nesse estado, então era minha obrigação cuidar de tudo relacionado ao meu pai. Minha

bexiga apertava e sabia que isso me causaria outro banho, sem a sonda urinária, ficava incomodada todas às vezes que ia ao banheiro, depois do que passara, até quando fazia xixi, sentia a necessidade de tomar uma ducha.

— Preciso voltar para o quarto — Apolo e Jordan rapidamente trocaram olhares e o constrangimento me tomou. — Eu estou apertada.

— Tenho uma ronda me esperando agora. Mais tarde nos falamos.
— Jordan saiu apressada do nosso meio.

— Apolo.

— Linda — ele não soou carrancudo como eu, o carinho em sua voz me amoleceu e deixei para lá a questão.

A rotina do hospital começava a me enjoar, em dias intercalados, minhas consultas com a psicóloga e a psiquiatra rendiam horas de conversas e desabafos, as diárias sessões de fisioterapia me ajudaram a voltar a caminhar, tendo de volta minha autonomia, não necessitando mais de ajuda para os meus banhos.

Ensaboando meu corpo, senti nas pontas dos meus dedos as cicatrizes em minha virilha, a segurança que antes eu mantinha dentro de mim estava abalada, não conseguia me ver tão bonita quanto antes, pois as queimaduras deixaram a pele manchada e com uma aparência estranha.

— *"Verá meus sinais em todos os lugares."* — olhei aterrorizada a minha volta, a sua procura, abri o box do chuveiro e me vi sozinha dentro do banheiro, mas podia jurar que ouvira sua voz alta e clara.

Terminei de me ensaboar e optei por não lavar o cabelo, sequei minha pele que saía vapor por conta da água quente e, cansada do pijama hospitalar de sempre, coloquei uma camiseta e um short de malha. Assim que abri a porta, vi Apolo se despedir de alguém e guardar o celular no bolso.

— Melhor? — indo ao meu encontro, tirou a toalha da minha mão e jogou na cama.

— Eu descobri a oitava maravilha do mundo — já em seus braços, seus olhos inquisidores me observavam. — Banho quente.

Apolo soltou uma gargalhada de virar a cabeça para trás.

— Pensei que seria eu!

— Você é a minha maravilha — roçando meus dedos em sua barba, puxei seu rosto para encontrar o meu. — As outras maravilhas mundiais todos os outros podem desfrutar, agora você pertence somente a mim, assim como eu pertenço a você.

Apolo me deu um beijo que eu me acostumaria a receber todos os dias e senti quando seus lábios se alargaram num sorriso.

— Eu amo quando diz coisas assim para mim, Linda.

— E eu amo você!

Confessar a mim mesma o quanto estava completamente apaixonada por ele foi um dos motivos por eu ter aguentado tanto tempo no cativeiro. A cada dia, cada humilhação, cada castigo eu me imaginava outros mil dias sendo amada e cuidada por ele. Apolo me mostrou que nem o tempo, nem a distância, nem a dor ou a raiva poderiam separar dois corações pertencentes um ao outro.

— Já se decidiu sobre a cirurgia?

Retendo uma careta, soltei meu corpo do dele e procurei um pente na bolsa de mão.

— Eu irei fazer ou aqui na Alemanha ou nos Estados Unidos. — Dei os ombros, não dava tanta importância para o assunto.

— O quanto antes melhor. Não concorda, Linda?

Observando seus gestos, sabia que ele estava me escondendo algo, tinha receio de pressionar e acabar sabendo de algo que me machucaria mais.

— Apolo, sei que quer me poupar dos detalhes de tudo — passando o pente nos fios, reparei o quanto meu cabelo crescera. — Só que eu preciso saber o que se passa ao meu redor, se continuar a construir essa bolha de proteção imaginária, uma hora ela poderá estourar e será pior para mim.

Sua tensão se elevou e como se estivesse lutando dentro de si, suspirou quando o vencedor tomou a decisão de me falar. Apolo se sentou na poltrona e, com cara de que estava carregando o mundo nas costas, abriu e fechou a boca repetidas vezes antes de começar a me contar.

— Vasculharam seu apartamento e encontraram pontos de escutas em toda a parte e pequenas câmeras escondidas — ele roçou um dedo no outro. — Todas as coisas dele já estavam empilhadas dentro do seu apartamento, indicando que quando foi levada alguém já tinha sido incumbido de fazê-lo. Descobriram que seu sequestro vinha sendo planejado há tempos e que usariam você como moeda de troca. Acontece que ele levou para o lado pessoal, desobedeceu às ordens e te torturou por deleite próprio.

Só percebi que estava tremendo quando Apolo me abraçou e carinhosamente passou a mão nas minhas costas.

— Chegou um dossiê para a inteligência informando todas as atividades espia que ele cometeu, todas as informações vazadas e todo o conteúdo de sua missão. Como ele agiu por conta própria, ao decidir te machucar, abandonaram ele à própria sorte. Ele será julgado pela corte e terá somente um fim, perpétua ou morte.

Não tive pena em momento algum, mas a mágoa dentro de mim formou lágrimas em meus olhos, o afago do Apolo me confortava.

— Juro que não estou te escondendo mais nada — Apolo me orientou até a cama e, subindo nela, procurei seu abraço novamente. —

Eu estou aqui por você, lembra? Eu te amo, Linda, e eu prometo que, para cada ferida aberta, eu serei a cura que precisa, serei presente, serei seu amigo e, principalmente, serei o seu anjo protetor.

Não podia desejar nada mais que isso, mesmo estando fora do meu lar, encontrei nele minha casa, meu apoio e meu ponto seguro. Apolo se mostrou como meu farol iluminando e indicando o caminho que eu teria que pegar nesse mar agitado e furioso que navegava. Meus raios lunares em meio à noite escura e nublada que minha mente se encontrava. E tinha imensa gratidão por ele ter tanta paciência e cuidado ao me fazer descobrir o significado de uma palavra tão pequena, mas com poder e astúcia tão grande que se tornou minha favorita. O *amor*.



Com meu dedo indicador, passei a ponta no seu nariz até acordá-lo. Ele abriu as pálpebras e piscou várias vezes até me olhar e dar um sorriso.

— Já está acordada? — Apolo bocejou. — Preciso ir ao banheiro, já volto.

A cama hospitalar não era ruim, acomodava nós dois muito bem, me sentia segura com ele e, olhando seu caminhar até ao banheiro, o vi espreguiçando seu corpo.

— Não me olhe assim! — Apolo advertiu.

— Assim como? — me fiz de cínica e ele riu indo porta adentro.

Rolei para o outro lado e vi as horas, sabia que era bem cedo, mas decido ir fazer outra visita ao meu pai. Esperei Apolo sair e já entrei em seguida no banheiro, não demorei para escovar os dentes e pentear o cabelo, iria com a mesma roupa, calça e moletom.

— Quero ver meu pai.

— Então vamos ver o general.

Assim que saímos pelo corredor, naturalmente Apolo pegou em minha mão enlaçando nossos dedos, um gesto tão íntimo e significativo para mim. Não sabia dizer se era intencional ou não, mas a cada toque, cada carícia e cada atitude, Apolo se mostrava e se fazia presente na minha vida, sempre me lembrando de que estava disposto a estar comigo, me ajudando e auxiliando na minha recuperação.

No andar onde ficava o quarto do meu pai geralmente sempre era silencioso, então, respeitando a ordem do lugar, permanecemos quietos. A poltrona permanecia no mesmo lugar que deixara nos últimos dias, então quando entrei já a procurei para me sentar e puxei a mão do meu pai para mim.

— Bom dia, general! — beijei a face da sua mão. — Hoje é mais um dia, pai, e não sabe a saudade que estou de você.

Não conseguia distinguir nada quando recebi um aperto nos dedos e virei meus olhos para a cara espantada de Apolo e voltando meu rosto para meu pai, vi seus olhos semiabertos me encarando e uma voz fraca saiu de sua garganta.

— Bom dia, *passarinho*!



Capítulo Vinte e Quatro

Aguardando meu pai finalizar seus últimos exames, andei de um lado para outro, tentada a roer as unhas pela ansiedade. Apolo, de braços cruzados, conversava com um conhecido num canto do corredor, dentro do campo de visão do meu olho bom, achava graça quando via seu olhar entre mim e o homem com uma muleta.

— Irmão, te desejo melhoras e vamos marcar um dia desses de se reunir — ouvi ele se despedir do pobre homem e caminhar ao meu encontro. — O piso desse chão logo partirá se continuar andando assim.

Minha cara de reprovação para ele faz Apolo soltar uma lufada engraçada.

— Não tem graça, sabia.

— Tem razão. — Com pura falsidade, ele levantou as mãos em ato de rendição.

Não conseguia me irritar com ele e acabei sorrindo, aproximando mais do seu corpo, coleí meu rosto em seu peito e ele me abraçou.

— Apolo, se meu pai ficar com sequelas por conta do veneno, não irei me perdoar nunca — meus cílios ficaram úmidos e segurei na garganta o choro. — Consegue entender a culpa que sinto?

— Linda, o objetivo sempre foi o seu pai, ter se aproveitado de você só foi mais um passo no plano dele. Você não tem responsabilidade alguma nisso — ele me apertou um pouco mais. — Não se pune por algo que não se encontrava no seu controle. Me dói ver você castigando a si própria desta maneira.

Quando ia abrir a boca para argumentar, ouvi o trinco da porta se abrir e o médico a frente do caso sair acenando em despedida para o meu pai.

— Tenente Rodriguez? — o desespero em minha voz fez o homem parar subitamente.

— Tenente Shawn, vamos às atualizações — dei uma espiada para detrás dele antes que fechasse a porta e consegui ver parte do meu pai. — O general teve sorte, apesar da alta quantidade de toxina ingerida por ele, seu corpo reagiu bem aos medicamentos — ele observou a mim e ao Apolo, mas não comenta nada. — Bem, as sequelas como dores estomacais, anemia e restrição alimentícia, já eram esperadas e, apesar desses pequenos males, não houve consequências gravíssimas. Mantendo a medicação e a alimentação equilibrada, poderá viver tranquilamente. Irei dar alta para ele em breve e vocês retornaram para casa.

Coloquei a mão na boca, emocionada, Apolo, que não me soltara em momento algum, respirou aliviado, enquanto eu era novamente invadida pelo choro. Não tive vergonha de deixar rolar as lágrimas pelo meu rosto. Parte da culpa que carregava foi se esvaindo pelas gotas quentes e úmidas que Apolo secava.

— Se quiser entrar para falar com ele, tenho certeza que o general aguarda sua visita, tenente.

Só consegui balançar minha cabeça, e, não perdendo tempo, já tratei de desvencilhar do seu abraço e fui porta adentro.

— Pai?

— Passarinho?

Meu pai me chamava de passarinho desde que me lembrava, sempre dizia que minha personalidade forte e a determinação que possuía nunca poderiam ser contidas. Que minha resiliência superaria os obstáculos e nada me iria me satisfazer mais do que ser livre.

— Venha mais perto. — Não percebera meu receio de me aproximar dele.

Como uma criança encolhida, aguardando a bronca, dei passos curtos até chegar a ele e fui recebida de braços abertos.

— Pai, me perdoa — seu peitoral chiava um pouco. — Por favor, me perdoa pelo que causei ao senhor.

— Linda. Você é a minha razão de vida, filha, se tem alguém que teria que pedir perdão, essa pessoa sou eu — levantei meu tronco e encarei sua face magra. — Aceitamos cumprir nosso dever e o preço foi alto, tanto para mim e muito mais para vocês, passarinho.

Observei seus gestos e quando lentamente passou seus dedos pelos curativos em meus pulsos, fiquei espantada por ele saber o que houvera comigo.

— Quem lhe disse?

— Apolo! — vi seus olhos lacrimejando de tristeza. — Ele veio se explicar comigo umas noites atrás, Linda, não pode se envergonhar por isso e...

— Pai! — Minha garganta ardia por tentar conter mais uma onda de choro, tornara-se um hábito constante. Interrompi antes que nós dois acabássemos afogados no mar salgado que brotava de nossos olhos verdes, a semelhança das cores de nossas íris tornava impossível não se identificar um ao outro.

— Filha, saiba que o restante dos meus dias não será o suficiente para que eu me perdoe pelo que houve contigo.

— General Shawn, já passou, o que houve comigo ficou lá no passado e é onde ele pertence — abri um sorriso curto. — Não iremos remoer esse assunto mais, tudo bem?

— Tudo bem, passarinho!

Agradei por ele não insistir, pois cada vez que alguém tentava arrancar de mim algo sobre o que acontecera, minha insanidade, pensamentos e medos ganhavam mais forças sobre mim e eu temia perder essa batalha.



— Pegou sua nécessaire? — Jordan de mãos juntas na sua frente, apoiava o calcanhar do sapato no chão e balançava o pé.

— Sim, já está na mochila. Acredito que não há mais nada.

Iria me despedir mais uma vez da minha melhor amiga, nosso voo de volta para os Estados Unidos iria sair em uma hora, após dias internada nesse hospital, cercada de tanta atenção e cuidados, uma certa insegurança se apossava de mim.

— Estou mal-acostumada, todos os dias eu passava por aqui para te ver e agora está partindo.

— Você terá uma dispensa em breve e ficarei te esperando em *Nova York* — puxei um elástico atado ao meu pulso e preendi meu cabelo, olhei mais uma vez a cicatriz avermelhada e ignorei a sensação. — Engraçado que, a cada despedida que fazíamos uma da outra, sentia que um pedaço meu ficava com ela.

— Se continuar assim, vou chorar, tenha absoluta certeza disso. — Ela me deu um sorriso murcho.

— Sonhávamos com isso não? — ergui um sobrelance e Jordan concordou com a cabeça.

Sem aviso prévio, fui ao seu encontro e abracei minha melhor amiga, minha irmã de alma e de coração, aquela que estivera comigo em todos os meus momentos, sendo eles bons ou ruins e estando perto ou longe, nunca se mostrara ausente.

Jordan retribuiu o gesto com tanto afeto, a gratidão por ter alguém como ela na minha vida se apossou de mim e as lágrimas escorreram sem pedir licença pelo meu rosto.

— Eu amo você!

— E eu amo você, vaca. — Chorando também, ela só confirmava o que já sabia.

Quando seu nome foi escutado no alto falante do hospital, Jordan se soltou de mim e, retraindo os lábios, insistia em ficar.

— Não quero ir, mas precisam de mim. Me mantenha informada sobre tudo. Tudo mesmo. — Levantando o dedo mindinho me aguardou enlaçar o meu no dela para selar a promessa.

— Tudo mesmo!

Quando Jordan foi solicitada pela segunda vez, desfaz nossos dedos e, sem olhar para trás, saiu porta afora. Eu sabia que Apolo aguardava do lado de fora, mesmo assim ele me aguardou chamá-lo para entrar no quarto.

— O carro já está aguardando, Linda, seu pai já desceu para o estacionamento — não questionou meu choro e, oferecendo seu braço para eu apoiar, perguntou. — Posso pegar sua mochila?

— Apolo estou cega de um olho e não aleijada. — brinquei para nos animar e dei risada da minha própria piada, enquanto Apolo, sem reação, ficou estatístico olhando para mim.

— Desculpa, não quis ofender a você.

Ainda nos encarando, questionei se ele não entendera a piada, acontece que Apolo não se mostrava confuso, em seu rosto, estava estampado o sentimento de arrependimento e culpa. Minha pele arrepiou quando, em meus ouvidos, ouvi claramente a sua voz.

Eu estarei sempre entre vocês!

Estacionando o carro militar em frente ao meu apartamento, o *private* manteve o silêncio, após os longos minutos do trajeto do aeroporto até o meu endereço, um misto de sentimentos estava se apoderando de mim, saudades do meu lar, medo das lembranças e esperança pelo futuro. Apolo, assim como meu pai, convidaram para me hospedar em suas casas e eu recusei. A psicóloga me orientara a enfrentar meus monstros internos, então tomei a seguinte decisão, segui seu conselho e girei a chave na fechadura e quando ouvi o clique, uma covardia, que antes eu desconhecia, surgiu servida em bandeja de prata para mim. Travei na entrada, meus músculos começaram a tremer e meu corpo, tensionado, não se movia.

— Linda?

Apolo. Relaxei no mesmo instante, como ele chegara tão rápido ali, eu não sabia, só sabia que estava grata por isso.

— Você está aqui! — Meu pedido de socorro foi compreendido por ele assim que meu olhar pousou no seu.

Desviando do *private* que carregava minha mochila e o restante das minhas coisas que estavam no *Korengal*, ele foi ao meu encontro, segurou minha mão e pousou um beijo sobre ela.

— Sempre vou estar aqui, Linda.

Após sua declaração, dei um passo à frente e fui surpreendida pela organização do local, nada que remetesse ao meu antigo companheiro de apartamento estava visível, talvez quem tenha feito esse serviço poderia me ajudar a eliminá-lo da minha mente também.

— Eu amo esse lugar, Apolo — deslizei os dedos pelo sofá e as lembranças vividas aqui começaram a vir com tudo em minha mente. — Mas, não sei se consigo. Tudo está presente demais.

Comecei a sentir dificuldade em puxar o ar, meu peito ardia a cada respiração e o pânico, esmurrando a fina divisão da minha sanidade, me deixava ainda mais apavorada.

— Vamos? Preciso te levar para conhecer um lugar.

Não questionei, deixei me levar pela empolgação dele para sair dali o mais rápido que podia. Cogitara alugar um espaço para mim, talvez uma saída temporária ajudasse no meu tratamento. Segurando minha mão firme, Apolo caminhou ao meu lado. Seu sorriso denunciava que planejava algo, mesmo animado, sua feição de um soldado mandado para uma missão, sempre era a mesma, denunciando sua urgência.

— Você tem quantos dias?

— O suficiente — respondeu sorrindo.

— Quantos meses?

— Aceitei dois, mais que isso, não! — Colocando a mão no bolso, retirou uma chave, então esperei para ver qual automóvel seria o dele, o que eu não esperava era um *Dodger Charger* todo preto a nossa frente. Um clássico.

— Qual ano?

— Mil novecentos e sessenta e nove. — Abrindo a porta para que eu entrasse, Apolo aguardou eu me acomodar no banco de couro e fechou a porta.

Correndo, deu a volta e, entrando ao meu lado, atou seu cinto.

— Precisa colocar o cinto também, Linda — ainda olhando para mim, aproximou o suficiente para que sua respiração se misturasse com a minha e fiquei tão presa pelos seus olhos bicolores que não percebi que

ele já tinha afivelado o cinto. — Se continuar a me olhar assim, eu queimarei no inferno pelos pensamentos que passam na minha mente nesse instante.

— Acredito que queimaremos juntos, então.

Apolo afastou balançando a cabeça, e eu abri o vidro procurando uma brisa, o modo como Apolo me instigava era diferente de tudo o que já sentira, nesses dias todos, ele vinha se comportando muito bem ao meu lado, não houvera cobrança e muito menos forçara alguma situação e o respeito que ele demonstrava por mim só fazia eu me apaixonar ainda mais por ele.

— Onde está me levando?

— Minha casa.

Meu espanto tirou um riso dele.

— Quero que conheça o lugar, que se sinta à vontade lá antes de eu ir — ele deu os ombros. — Espero que esteja com fome, pedi comida para nós.

— Obrigada!

Com o sinal vermelho, Apolo parou o carro e com os dedos foi acariciando desde minha sobrancelha até o queixo.

— Não precisa me agradecer, Linda. Quero você presente na minha vida e principalmente quero amar você dia após dia.

Mesmo com dificuldade por conta do cinto, fui ao seu encontro e o beijei, e não foi como os beijos de ultimamente, foi mais urgente, mais necessitado, Apolo forçou sua língua e eu deixei ser invadida por ela, seu sabor misturado ao meu foi agradável, mas não o suficiente. Fomos interrompidos por uma buzina, Apolo rindo se desvencilhou de mim e continuou a dirigir pelas ruas de *Nova York*. Em frente a um modesto prédio acidentado, observei Apolo digitar uma senha no dispositivo para que a porta se abrisse.

— A senha é simples. Onze, quarenta e seis.

Balancei a cabeça, assim que a porta foi destravada e abriu, ele me aguardou entrar, no hall tinha sofás e espelhos espalhados pelo espaço. O mármore escuro dava um requinte ao lugar, admiti que Apolo tinha bom gosto.

— No elevador só digitar o andar — ele me mostrou o vigésimo andar. — e depois confirmar.

Quando as portas duplas de aço se fecharam, senti a inclinação da subida e dei um pequeno tropeço, Apolo me puxou para ele, apoiada com minhas costas em seu corpo, desfrutei do seu calor me colando ainda mais nele.

— Linda! — passando sua mão pelo meu pescoço, Apolo puxou meu rosto para olhá-lo. — Eu sinto sua falta mais do que possa imaginar, mas quero que realmente esteja pronta para o sexo. Se você continuar se esfregando em mim assim, vai acabar esmagando o bom moço que mora dentro de mim.

— Eu sei o que quero, Apolo.

O elevador deu um aviso sonoro de que havíamos chegado no vigésimo andar, Apolo só mudou sua mão de posição, do meu pescoço foi para a minha mão, com uma chave na outra, destrancou a fechadura e me deu acesso ao seu interior. As luzes foram acesas automaticamente e para minha total surpresa, estava todo decorado com flores brancas e rosas.

Lírios.

O aroma que as flores exalavam deixou todo o ambiente fresco e delicado. Apolo fechou a porta e apenas me observou, apoiado na parede continha um sorriso enquanto eu andava de vaso em vaso recolhendo os bilhetes numerados neles. Após conferir que não havia nenhum bilhete mais, em minhas mãos, eu tinha o total de sessenta e dois papéis dobrados.

— Você irá ler um a cada dia que eu estiver fora — ele caminhou até a mim. — Não vale roubar, seguirá a sequência e a hora de ler a cada um.

— E qual será o horário?

— Sempre às vinte. Promete?

— Palavra de escoteira!

Parado na minha frente, ele me abraçou pela cintura.

— Você foi escoteira?

— Não! Mas para dar credibilidade na minha palavra. — Rimos juntos, a leveza que estabelecíamos juntos era tão boa. Ficar dois meses sem ele não seria fácil.

— Vamos jantar?

— Qual o menu? — questionei, ele me soltou e, ajeitando os bilhetes, os coloquei em cima de uma mesinha de centro.

— Comida tailandesa.

— Hum! Nunca provei. - Quando voltei a olhá-lo, Apolo estava encarando meu corpo com desejo, ferocidade e admiração. E me sentindo poderosa pelo efeito que eu causava nele, imaginei que após o jantar a sobremesa poderia ser *eu*.



Capítulo Vinte e cinco

Engraçado como, dia após dia começava, a gostar cada vez mais de estar no apartamento de Apolo. Nossos dezoito dias juntos antes de ele ir em missão foram como menta no paladar, tão delicioso e refrescante. A voz e a presença que me atormentava não tinha poder ali, *e/e* não ousava entrar nesse recinto e eu agradecia aos céus por isso.

As sessões de terapia me traziam um progresso significativo, só que o diferencial nesse processo de cura fora minha visita ao centro de veteranos, ver tantos irmãos e irmãs se recuperando de algo pior do que eu passara, ouvi-os sobre suas terríveis perdas e sequelas deixadas por tanta dor e aflição, me mostrou que, com ajuda e persistência, iria vencer meus traumas.

Já abrira um total de quarentena e sete bilhetes e todos eles possuíam uma mensagem sobre seu amor por mim. Apolo não me ligava há dias e ler seus recados era como se a cada um eu o ouvisse lendo para mim.

Desmanchei minha cara de boba quando o celular começou a vibrar em cima do sofá. Olhando a tela, fiquei um pouco decepcionada, pois esperava que fosse Apolo do outro lado.

— Oi!

— Oi? Está tudo bem? — Jordan estava com a voz falha na linha, como se estivesse um pouco rouca.

— Jordan, eu que lhe pergunto? — Ajeitando meus bilhetes numa caixa vazia que encontrara, deixei de lado e me concentrei mais em minha amiga. — Sua voz está estranha!

— Ah, isso! — a ouvi bufar na linha. — Não se preocupe, vamos dizer que mugii mais do que deveria essa noite e acordei assim.

— Não!

— Sim! O enfermeiro veio e mesmo quando bati a porta na cara dele...

— Você fez o quê? — soei em tom mais agudo.

— Ele falou que ia até mim na *Alemanha* e eu não acreditei! Meu turno havia acabado e eu fui fazer a troca de roupa, saindo do vestiário, lá estava ele no corredor e, quando ele veio até a mim, fechei a porta na sua cara! Linda, eu só estava flertando com ele.

— E ele foi para a *Alemanha*.

— E ele veio para a *Alemanha* — com o celular no ouvido, só balançava a cabeça em choque. — Como ele já estava aqui mesmo, aproveitei!

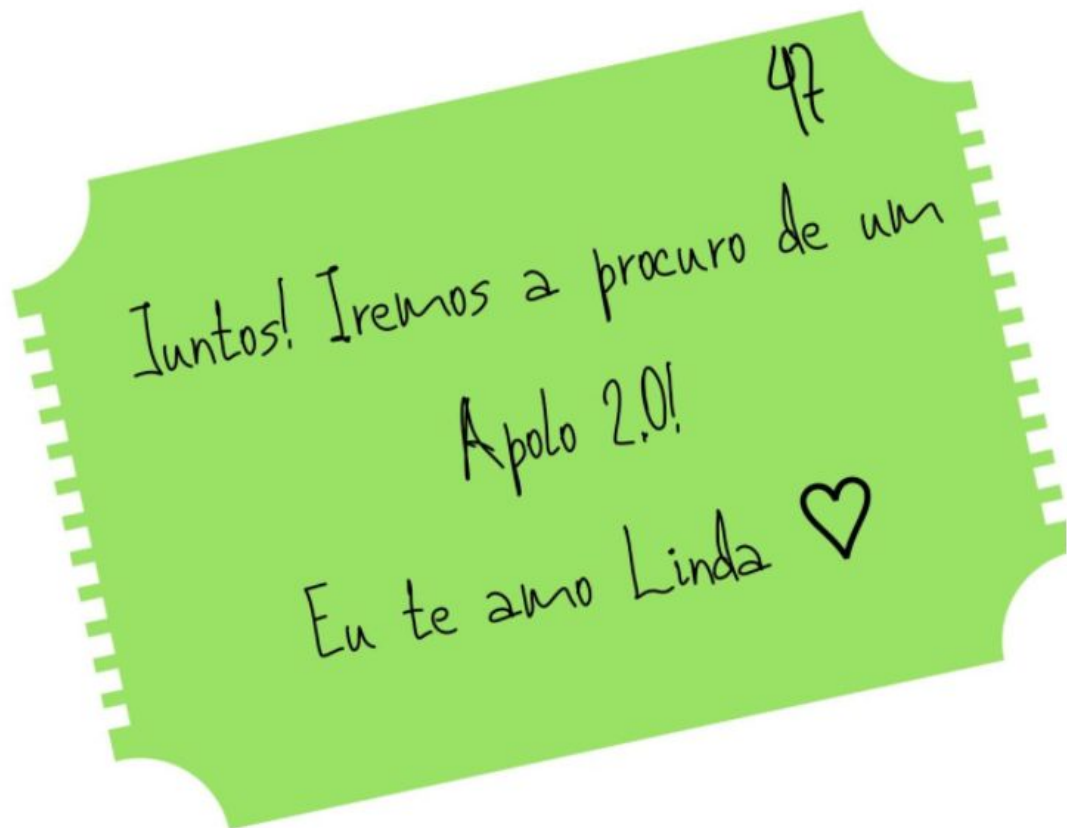
— Agora está explicado a rouquidão!

— Não sei o que fazer, eu gosto de estar com ele, só que depois do que eu passei... — Minha amiga deixara morrer a frase, o medo de se decepcionar novamente ainda pairava sobre ela.

— Não sofra antecipadamente! — soei otimista, pelo menos tentei.
— Deixa ir rolando, vê no que dá!

— Tem razão! E qual foi o bilhete de hoje?

O sorriso que se formou em meu rosto iluminaria um quarteirão, podia apostar todas minhas fichas nisso. Procurei novamente na caixa e, ao avistar o número quarenta e sete, li para minha amiga entender o tamanho da minha felicidade.



— Isso são planos para o futuro?

— Sim! Não faz assim, Jordan!

Sabia onde ela queria chegar, em um assunto do qual eu estava fugindo há semanas, qual seria o nosso futuro? Apolo não deixaria de ser um SEAL e eu primeiro-tenente do exército americano. Quais as reais chances de conseguir uma vida estável juntos?

— Desculpa, Linda! — ela foi sincera e não insistiu no assunto. — Eu te amo, vaca, e te ligo em breve!

— Eu te amo também!

Desliguei a ligação e, sentada sozinha em um sofá que não era o meu, em um apartamento que não pertencia a mim e cercada de pequenas promessas em forma de papel, olhei ao redor e me questionei.

Será que nós dois temos futuro?



Todos os sábados meu pai e eu marcávamos de nos ver, o exército vinha acompanhando nosso tratamento de perto e repetidas ligações para saber como estávamos eram recebidas diariamente, e optar por não atender a chamada resultava em militares indo em sua casa para verificar se ainda estava vivo.

— Primeiro-tenente Shawn, aqui é o *private* Mendonza, liguei para confirmar sua sessão às dezesseis no centro de veteranos?

— Confirmo!

— Agradeço o contato, senhora.

Bem assim, ágil e seco, não que fosse ruim, só que uma animosidade em meio ao caos que vivíamos não seria nada mal.

— Como estão suas sessões? — meu pai, levando a xícara de café à boca, questionou cauteloso após a ligação.

— Bem! — O que mais eu poderia dizer?

— E o seu apartamento?

— Passei lá no caminho para cá — sorri, tentando disfarçar a mentira.

— Passarinho!

— Vou vender aquele apartamento, general — encostei-me à cadeira. — Aquele não é mais o meu lar!

— E a casa do marinheiro?

Estando de cabeça baixa, limitei a somente levantar um olhar para ele, e um sorriso curto se formou em meus lábios.



— Bem-vinda novamente, Tenente Shawn! — a terapeuta estendeu a mão para mim.

— Obrigada, sargento!

— O procedimento você já conhece.

Ela não precisou indicar o sofá mostarda para eu me acomodar. Sentei-me depressa, e o riso abafado dela denunciava minha ansiedade, pois, se tudo ocorresse como esperado, teria a autorização para voltar ao trabalho. E o principal, Apolo retornaria para casa amanhã. Não sei se era por conta da viagem, mas não pude falar com ele, seu telefone estava incomunicável. Pensei no único bilhete que faltava para abrir, a saudade e a ânsia de tê-lo perto de mim outra vez tomava meu ser.

— Conseguiu cumprir as atividades?

— Sim, senhora! — perdida em meus pensamentos, respondi no susto e aproveitando uma almofada encostada no braço da poltrona, puxei para mim e a segurei no colo.

— Deseja voltar a campo, tenente?

— Não de imediato! — fui mais sincera possível.

Observei a sargento fazer umas observações e voltar sua atenção a mim.

— Continue! — Ela fez um gesto para eu continuar falando.

— Não estou preparada para ver o sofrimento de um povo injustiçado, meu dever e honra com meu país continuam intactos, sargento — a franqueza de minhas palavras ecoou pelo cômodo. — Porém o preço que eu paguei foi alto, quase irreversível. Posso me corromper se alguns dos meus passarem pela mesma experiência que eu e não serei soberba em dizer que o trabalho burocrático não irá me satisfazer.

Se tinha algum jeito de eu ser mais aberta que isso, eu não via como.

— Falou com alguém sobre o "lodo"?

Eu apelidara meu cativo na primeira sessão e desde então permaneceu esse nome.

— Não!

Eu me irritava com suas anotações, porém compreendia.

— Acredita que em algum momento poderá falar sobre o assunto com alguém?

— Sim!

— Tenente, meu relatório final será encaminhado ao seu superior e notícias em breve serão enviadas a você. Mas, adiantando o veredicto... — meu coração disparou. — Acredito que quando falar com alguém sobre o "lodo", estarei com total certeza do voto de confiança que estou lhe dando.

— Isso quer dizer que posso voltar a trabalhar?

— Por mim sim, tenente.

Soltei o ar que nem percebi que estava preso, e me levantando do assento, estendi a mão para agradecer a sargento pela sessão e por me liberar.

— Obrigada!

— Até semana que vem, Tenente. — Ela gentilmente apertou minha mão e me direcionou até a saída.

— Só mais uma coisa, Tenente — já de saída, olhei de volta e seu rosto mostrava receio. — Com todo o respeito, senhora, pois você é minha superior, porém eu sou sua terapeuta — meu aceno curto deu a liberdade para que ela falasse livre comigo. — Você tem um caminho longo para superar esse trauma, talvez um que percorra para sempre, porém, saiba que não está nele sozinha, se abra com eles!

Mantive firme a postura em frente à mulher e ela continuou.

— Sei que seu treinamento lhe ensinou sempre cuidar, sempre ser responsável pelos seus e se manter indiferente a qualquer situação, porém quanto mais endurecer essa fachada, tenente, mais fácil ela pode começar a rachar e as consequências não serão boas. Compreende?

— Agradeço seus conselhos! Até a próxima semana.

Virei meu calcanhar antes que a poça d'água em meus olhos denunciasse que eu iria começar a chorar.

"Eu estarei dentro das suas rachaduras!"

Procurei aflita atrás de mim de onde a voz surgira e me vi sozinha na recepção.

— Eu só posso estar enlouquecendo!

Nova York continuava com o mesmo trânsito agitado de sempre, não tinha pressa em chegar ao apartamento, então deixei ser ultrapassada por quem estava.

Ouvindo *Haunting* da Halsey cantei e curti a letra, batendo os dedos no volante, parando no sinal vermelho, reparei no meu pulso esquerdo onde finas cicatrizes denunciavam um ferimento recente ali.

A dor dilacerante que senti em meus pulsos só não era maior porque a sede que estava superava qualquer uma. Ouvi a porta abrir, ainda era madrugada, o silêncio do lado de cima e a pouca claridade vinda de lá me fizeram deduzir isto.

— Willian, eu tenho sede, por favor, me dê água — falei rouca e engolindo uma bola de agulhas, pois nem saliva se formava mais.

A sua risada tomava meus ouvidos, não conseguia ver com tanta clareza seu rosto que estava tão próximo a mim, que arrepiei com sua respiração quente.

— Se me pedir água mais uma vez, terei que tomar medidas que não serão... — ele estalou a língua. — Prazerosas.

Não conseguia identificar quando estava jogando comigo ou não, mas tinha que arriscar, se não bebesse nada, iria morrer, meu corpo definhava e minha precariedade estava tão degradante que lutava contra mim mesma para não me entregar ao cansaço tão convidativo que me sondava dia e noite.

— Eu imploro, Willian.

Eu o ouvi bufar, ele não estava jogando, meu corpo balançou pela brutalidade que ele me soltara do pendão que estou, caí no chão e senti ferir meus joelhos mais uma vez, ele não se dava ao trabalho de me levantar e, sem falar nada, apenas agindo com fúria, me arrastou escada acima, nunca tinha ido ao andar de cima, a dor aguda de cada degrau batendo em minhas costelas me fazia ter ânsia de vômito e eu vomitaria se houvesse algo em meu estômago. A corda em volta dos meus pulsos cortava ainda mais minha carne, mesmo perdendo peso, ainda era

pesada o suficiente para forçar ainda mais as voltas que me prendiam. Meu choro o irritaria ainda mais, então tentei conter minha voz, mas as lágrimas eram involuntárias e caíam pelo meu rosto.

— Quer água, não?

O puxão que senti em meu cabelo mostrava o quão irado estava, os picos de ardência no meu coró cabeludo eram resultado da força que ele atribuía em segurar minha cabeça para olhá-lo, meus olhos, embaçados pelas lágrimas, não me deixavam enxergar o riso que ouvia se formar em seu rosto.

— Por favor, não! — Não sei se ele conseguira ouvir.

— Linda, poderíamos ter tido um futuro, sabia?

Não consegui nem responder, pois fui surpreendida pela imensidão d'água que minha cabeça foi tomada, e, no meu desespero, suguei o líquido para dentro, o gosto não era o melhor, mas a sede em mim falou mais alto, o sabor de barro e a consistência pesada do líquido indicavam que seria alguma espécie de reservatório, não conseguia identificar. Bebi tudo o que podia e, quando fui levantar a cabeça para respirar, seus dedos me apertaram ainda mais, impedindo meus movimentos, ele estava me afogando e aquele cansaço tão amigável veio se aproximando mais uma vez, esticando sua mão para que eu pudesse enlaçar a minha na dele.

O arder dos meus pulmões me fizeram dar a primeira lufada de ar, mas era água e o sufocamento por minhas vias aéreas estarem se inundando cada vez mais me fez me debater com a pouca força que ainda me restava, ouvindo meu desespero e o som abafada da voz dele, deixei de lado todo meu desespero e me concentrei nas batidas do meu coração, não entendia muito sobre medicina, só sabia que ali no turbilhão que eu me encontrava, , eu estava morrendo.

A buzina atrás de mim me fez voltar à realidade, olhando o sinal verde, acelerei a camionete e tentei acalmar a respiração acelerada.

— Acabou, Linda! — disse em voz alta.

Quase chegando ao apartamento, fui surpreendida pelo nome que apareceu na tela do meu celular, estacionei numa vaga e atendi a ligação.

— Alô?

— Linda? Nossa nem acredito que estou falando com você depois de tantos anos!

— Alisson? É você?

Eu realmente estava surpresa pela ligação, a última vez que a vi foi em um treinamento de Airborne anos atrás.

— Quem mais teria uma voz tão sensual como eu?

Caímos na risada juntas.

— Linda, estou passando uns dias em *Nova York* e Jordan me falou que está por aqui! Liguei para saber se quer sair para beber algo comigo?

Olhei o horário antes de responder, Apolo ainda não tinha dado nenhum retorno, então ainda estava no ar.

— Claro, só me envie o endereço que vou!

— Que maravilha! Bem, gostaria de relembrar os velhos tempos, que tal nosso antigo bar?

— *Firts?*

— Sim! Acredito que uma noite nostálgica poderia ser legal.

— Está combinado. Daqui uma hora chego lá.

— Até lá!

Desliguei e percorri o trajeto que me levava ao apartamento, deixei a camionete estacionada na rua mesmo, tinha tempo de sobra para tomar

um banho e me arrumar.

Antes de ir, liguei mais uma vez para Apolo e o celular caiu na caixa de mensagem mais uma vez.

"— Bem sou eu de novo. Quero que saiba que estou com saudades e estou cumprindo nosso trato de manter nosso último bilhete junto a mim e não abri ainda. Vou sair com uma amiga e estarei no Firts, assim que pousar, me ligue que vou te buscar. Te amo, Apolo! Beijos!"



Acredito que poderia se passar todos os anos possíveis e o prédio de *West Pont* se manteria o mesmo, estava próxima à estrada que dava ao bar e lembranças da noite que conhecera Apolo vaguearam na minha mente, um sorriso satisfeito se formou em meus lábios, olhei mais uma vez o celular e nenhuma mensagem dele, uma voz de preocupação queria tomar minha mente, eu a abafei e saltei da camionete estacionada em frente ao bar.

A mureta de pedras estava intacta, somente com mais musgos crescidos sobre a rocha, acreditei que chegara cedo demais, pois não escutei nenhuma música vindo de dentro e as cortinas estavam fechadas sobre as janelas de vidro, sabia que não se podia considerar invasão de propriedade minha exploração, pois, não resistindo a minha curiosidade, fui exatamente até mesma árvore e muro onde vira meu desconhecido pela primeira vez.

Vestindo uma calça branca, blusa preta e jaqueta preta dei passos cuidadosos para acabar me sujando, deslizei meus dedos pelo muro, imaginando o que se passava na cabeça dele me vendo pela primeira vez, ainda mais na situação que tinha sido.

Meu celular vibrou no bolso de trás e, olhando a tela, meu coração explodiu em felicidade ao ler o nome do homem que eu amava.

— Estava ficando preocupada!

— Eu sei, saiba que jamais foi a minha intenção!

— Ouviu meus recados? Marquei um compromisso para agora, mas posso desmarcar e ir te buscar agora mesmo! Tenho boas notícias!

— Sim eu ouvi, Linda! — ele falava baixo ao telefone, devia ser para que seus irmãos não escutassem. — Não precisa me buscar, aproveite sua amiga, posso aparecer no bar mais tarde se quiser.

— Tem certeza?

— Absoluta! — Apolo foi irredutível. — Quero te pedir algo, posso?

— O que seria?

— Quero que entre no bar. — Olhei ao redor procurando por ele.

— Como sabe que estou do lado de fora?

— Quero que entre no bar, e assim que entrar, pegue o último bilhete que deixei e leia. Promete que fará isso?

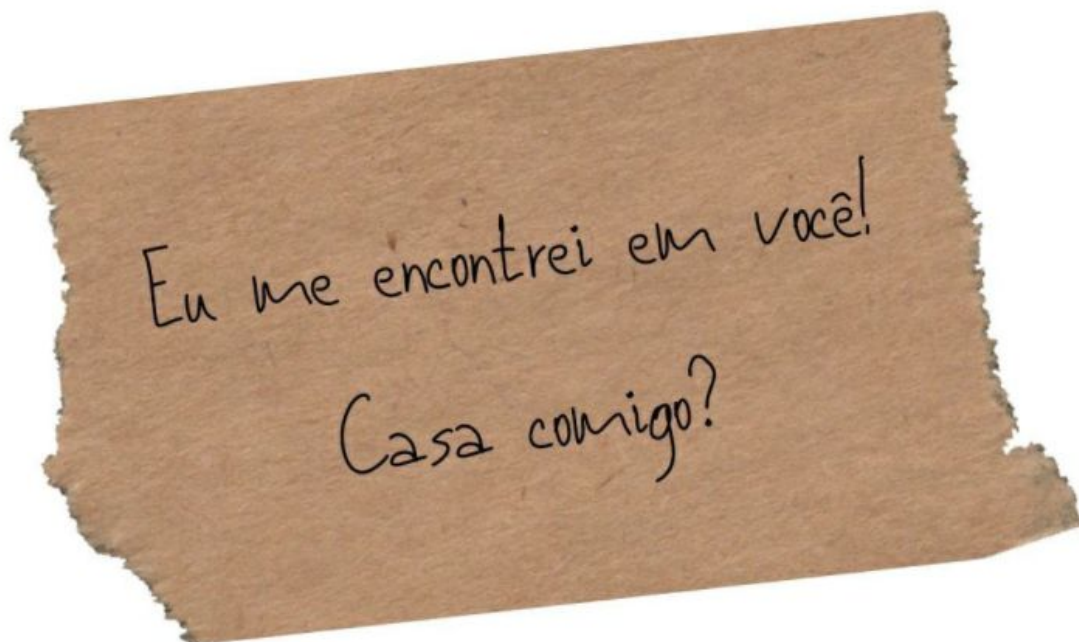
— Apolo, por favor, não me assuste assim? Está tudo bem? Me diga que você está em Nova York.

— Linda, pode fazer isso?

— Sim! — Meu medo tomou conta dos meus passos e, um a um, fui tomando o caminho da porta, assim que entrei no recinto, pisquei meus olhos para se adaptarem à pouca claridade do lugar e o que eu vi tomou meu ar. Velas acesas pelo bar garantiam a iluminação, o cheiro de flores invadiu meu nariz e lírios rosés e brancos decoravam as mesas e o chão,

deixando tudo tão delicado e lindo que, raciocinando tudo o que estava acontecendo a frente dos meus olhos, não soube reagir à surpresa.

Levando a mão no bolso, onde guardava o bilhete, retirei o pequeno papel do envelope amassado, uma música começou a tocar e, com meus dedos trêmulos, levei o papel à altura dos meus olhos e li.



E me surpreendi ainda mais, Apolo caminhou na minha direção, segurando um buquê lindo de lírios brancos e ramos verdes, senti seu perfume ficando mais intenso ao se aproximar cada vez mais de mim e, parando na minha frente, dobrou o joelho direito e se ajoelhou oferecendo a mim o buquê, peguei as flores e cheirei o aroma refrescante das flores, meus olhos se turvaram pelas lágrimas e, quando voltei a olhar para o homem aos meus pés, ele estava com uma caixa azul marinho aberta mostrando um anel prateado com uma pedra central em tom claro de cinza e cercado com pontos brilhantes.

— Linda, você apareceu na minha vida quando eu não via nada mais, me tirou a cegueira do desespero e me deu uma chama de alegria

que queima até hoje dentro de mim. Você é forte, determinada e a mulher mais incrível que já conheci. Linda, quer se casar comigo?

Olhei fundo nos olhos dele, Apolo tinha a mesma personalidade de seus olhos, um verde que transmitia paz e segurança e um azul que mostrava seu perigo e desafio. E eu me apaixonei.

— Sim!

Apolo se levantou e com delicadeza, retirou o anel da caixa e a guardou rapidamente no bolso, esperando minha reação, estiquei a mão e ele colocou o anel no meu dedo anelar esquerdo, beijou minha mão com carinho e, quando olhou meu rosto, deu o sorriso mais lindo que eu pude contemplar vindo dele.

— Eu te amo, Linda!

— E eu amo você! — Não tive tempo para falar mais nada, pois em seguida fui tomada em seus braços e o beijo que ele me envolveu transmitia as palavras que nenhum dos dois pôde dizer pela emoção.

Gratidão, felicidade e principalmente, esperança!



Capítulo Vinte e seis

Meu coração queimava pela avassaladora carga de emoções que me tomou quando os homens da minha tropa foram entrando um a um pela porta do bar. Todos muito bem arrumados, por sinal, sem a insistente poeira no rosto e a barba extremamente grande, pareciam até outras pessoas.

— Como conseguiu organizar tudo isso? — ainda nos braços de Apolo, questionei com a voz embargada.

— General!

Arregalando meus olhos, contive um sorriso.

— Bem, se eu tinha alguma dúvida que me amava, minhas dúvidas foram sanadas agora.

Apolo soltou um riso alto, chamando ainda mais a atenção das pessoas que já se aproximavam de nós, ele resistia em me soltar, mas tinha tanto tempo que não via os homens a minha frente que senti a necessidade de abraçá-los, todos de uma vez. Vínhamos mantendo contato por telefone, mas no *Afeganistão* foi a última vez que os vira.

— Vocês são uns filhos de uma...

— Seu carinho por nós me surpreende, tenente. — Copolla, fingindo estar ofendido, olhou para Hernandez e apontou para mim.

— E ainda dizia que sentia nossa falta! — Troy engatou na brincadeira.

Encostei minhas costas no peito de Apolo e ele passou os braços por minha cintura, o nível de testosterona estava alto, Sanders olhou com receio para minha mão onde o anel estava, mas se manteve calado.

— Eu vim obrigado! — Ivanov disse baixo.

— E eu pela comida! — O riso que se estourou pela constatação de Michelangelo chamou a atenção de todos ao nosso redor, foi quando

notei, em meio aos meus amigos e aos de Apolo, uma sombra conhecida por mim e os sons de alegria foram sendo abafados pelas batidas do meu coração.

Não era possível, ele não poderia estar livre. Ele não poderia estar aqui! Fixei meu olhar no seu sorriso de deboche, um dos poucos lugares onde um ponto de luz iluminava, e como uma mariposa é atraída pela claridade, eu fui seguindo para a saída do bar atrás daquele que eu conhecia muito bem. Meus passos descompassados se juntavam a minha boca seca e ao enjoo que tomava meu estômago, meus suspiros eram os únicos sons que eu escutava e, já no estacionamento, meus olhos estatelados procuravam vestígios de onde ele poderia ter ido.

Quando senti uma mão quente tocar meu ombro, endureci meu tronco e, prendendo a respiração de pavor pelo que eu sabia que ele poderia fazer comigo, ouvi a voz do Apolo me tirando do transe de medo e horror que permeava minha mente.

— Linda? — ele surgiu em meu campo de visão e, tão assustado quanto eu, me abraçou de um modo como se pudesse me quebrar a qualquer momento. — O que está acontecendo?

Levantando meu olhar, encontrei um rosto tão aflito que, por um momento, pensei que estava sentindo dor, Apolo tocou seus dedos em meu rosto colhendo lágrimas que eu nem sabia que escorriam dos meus olhos.

— Me diga o que está acontecendo, Linda, por favor!

— Ele está aqui, Apolo! Ele está em todo lugar!



Apolo
Três meses atrás

— Irmão, você tem que ter paciência! — Paschoal tentava me manter sentado, após nosso superior sair da sala e nos deixar a sós.

— Ela precisa de mim! Não posso simplesmente deixá-la nesse momento.

Minha fúria latejava em picos de dor na minha cabeça, o processo que Linda estava era tão doloroso, vê-la se debatendo à noite e implorando para que aquele desgraçado não a machucasse corroía minha alma.

— Brassard, precisamos finalizar a missão. O traidor só foi a ponta do iceberg gigantesco que enfrentamos.

Mantive-me calado, mesmo sabendo do meu dever e que Paschoal estava certo, não me conformava em abandonar Linda neste momento. Minha tomada de decisão fora tão impulsiva que meu irmão não conseguiu me controlar, saí atrás do contra-almirante e o encontrei ainda no corredor.

— Senhor?

Conversando com alguns homens que não me dei ao trabalho de cumprimentar, ele se virou para me encarar.

— Alguma dúvida, Brassard?

— Se conseguirmos cumprir a missão mais cedo, posso voltar para casa?

A surpresa dele e minha por conta da ousadia em desafiar, pela primeira vez, suas instruções me fez falar a coisa mais estúpida que um SEAL podia dizer. *Voltar para casa.*

— E como pretende reduzir uma missão de seis meses, suboficial?

— Senhor, com todo o respeito, se meu pelotão cumprir o objetivo da missão, temos permissão para voltar?

Como se não acreditasse em minhas palavras, ele balançou a cabeça em descrença.

— Filho, se cumprir a missão, dou permissão para retornar! Porém, se em quatro meses não finalizar o que lhe foi proposto, será deposto, entendeu?

— Sim, senhor! — Prestei continência e virei meus calcanhares para voltar à sala.

Paschoal, já acompanhado dos meus outros irmãos, estava encostado na mesa com os braços cruzados.

— O que você fez, porra?! — Jon, que andava de um lado para o outro inquieto, levantou uma sobrancelha quando Seige questionou, divertido.

— Ainda não sei como vamos fazer acontecer, mas eu dou um prazo de dois meses para nós cumprirmos essa missão!

— Enlouqueceu? Brassard, temos seis meses contando com a sorte!

— E acha que eu não sei? Mas não posso deixar ela sozinha por muito tempo! Eu preciso dela e ela precisa de ajuda.

Eles se entreolharam e, como se um lesse a mente do outro, deram um suspirar em derrota.

— Certo, então antes que tome mais decisões estúpidas — Caine com a face totalmente séria se colocou a minha frente. — Temos um recado para lhe dar.

— Bem, tenho somente mais uma decisão para tomar — sorrio. — Quando voltarmos, vou pedir Linda em casamento!

Não tive nem tempo de me preparar para o abraço que recebi do meu irmão, fui parabenizado pelas pessoas que mais me importavam, e

isso já foi um motivo a mais para saber que estava tomando a decisão correta.

— Brassard, saiba que não queremos estragar o momento fofo que estamos, mas Julliene mandou um recado.

O silêncio que se instalou na sala fez meu coração pulsar, pois sabia que não seria algo agradável de se ouvir. Encarando o rosto de Paschoal, ouvi atento suas palavras.

— O traidor aceitou em falar, porém ele exigiu somente uma condição.

Quando reparei em Jon roendo a unha, Caine coçando o nariz e Seige franzindo os lábios, tive a certeza de que algo de ruim estava por vim.

— Fala, porra!

— Ele só vai falar se você estiver presente para ouvir.

E instantaneamente me lembrei da fala que Linda às vezes dizia enquanto dormia, sempre antes acordar de um pesadelo.

Eu vou estar sempre entre vocês!



Linda

Apolo segurou meu rosto com ambas as mãos e, olhando profundamente em meus olhos, se aproximou devagar como se esperasse que eu fosse negar sua intenção de me beijar. Quando seus lábios encostaram-se nos meus, senti aquecer de dentro para fora, antes com um ritmo mais suave e cuidadoso que foi se tornando urgente e desesperado, dei passos para trás sendo guiada apenas por ele e, quando minhas costas encostaram

em algo frio, imaginei que fosse um carro estacionado, me deixei ser envolvida e entreguei o mesmo tanto que Apolo se entregava a mim.

— Eu que estou aqui! — ele separou nossas bocas somente para ir constando suas palavras. — Sou eu aqui com você, Linda! — Apolo passou a mão para minha nuca e pressionou seu corpo no meu. — Sou somente eu e ninguém mais!

Suas carícias ousadas começaram a deixar meu interior dolorido, estava sem ele há dois meses e o seu calor era tão bem-vindo que estava à beira de cometer a loucura de transar com ele ali mesmo no estacionamento.

— Apolo! — supliquei por ele e, sabendo da minha necessidade, pressionava ainda mais meu corpo, fazendo-me sentir que ele me queria do mesmo jeito que eu o queria.

— Temos tempo, Linda! — ofegantes, ele se afastou somente para me encarar mais uma vez, reparei o quanto seus olhos traduziam seu estado de espírito. — E ainda tenho uma surpresa te esperando lá dentro.

O sorriso divertido dele fez meu coração rodopiar e vê-lo de tão bom humor significava que iria adorar o que vinha a seguir.

Levantei minha mão e, encarando o anel no meu dedo, eu sorri.

— Mais surpresa que isto?

Apolo segurou minha mão e beijou onde o brilho das pedras reluzia a claridade da lua, um beijo cheio de significado e ternura.

— Pode apostar que irá me amar ainda mais!

Minha curiosidade falou bem mais alto e, saindo do seu aperto, puxei sua mão em direção ao bar.

— Preciso saber agora o que é, Apolo!

Gargalhando ele foi me acompanhando para dentro e, assim que passei pelas portas, via a cena que fez meu coração derreter em várias partes e formarem poças de amor.

Segurando um filhote de pastor alemão, vi minha melhor amiga, minha irmã, minha metade em pé na entrada do bar, meus olhos embaçaram pela cena e lágrimas de felicidade escorreram quando fui correndo ao encontro da Jordan para abraçá-los. Ela recebeu meu impacto, mas não se moveu do lugar, apenas me abraçou o mais forte que conseguia com um braço livre.

— Vaca, filha de uma...

— Vaca! Olhe os modos na sua festa de noivado! — ela me cortou e me repreendeu com falso moralismo. — Como eu senti sua falta!

— Como? Não sei nem o que dizer!

— É bom você se casar com esse estranho que está no encarando ali atrás, porque ele conseguiu o impossível para eu estar aqui hoje!

O cãozinho reclamou por estar sendo amassado por nós e, quando afastei de Jordan, peguei meu presente de sua mão, o animal pequeno estava com uma coleira e, quando peguei a plaquinha para ler, mais lágrimas se formaram em meus olhos.

— Apolo 2.0 — cochichei mais para mim mesma.

Levantei meus olhos e vi quando meu pai estendeu a mão para Apolo e o puxou para um abraço, olhando ao redor, vi o quão eu era amada e querida pelos meus irmãos, amigos e família. E me dei conta de que, quanto mais ficava rodeada por eles, menos espaço e domínio ele teria sobre mim. Então sussurrei.

— *Eu não estou sozinha, Willian! Eu tenho eles todos comigo!*



Capítulo Vinte e sete

Casa.

Amor.

Medo.

Deitada no chão entre almofadas e fazendo carinho no cãozinho manhoso esparramado junto a mim, olhei as imagens da tevê que não chamam a minha atenção, então ouvi o som do chuveiro onde Apolo tomava o seu banho e a respiração do filhote balofo, fixei mais uma vez meu olhar na foto dos seus falecidos pais. Indo até os porta-retratos, peguei um onde um menino de olhos coloridos estava assoprando uns pares de velas.

— Vocês fizeram um ótimo trabalho! — sorri como uma criança boba. — Ele se tornou uma pessoa maravilhosa.

— Linda? — Apolo me chamou do banheiro e dei um salto, assustando-me e, deixando cair no chão, vi o porta-retratos se separando em duas partes, e 2.0 saiu correndo, assustado, para sua caminha, recolhi rapidamente e reparei que havia uma data escrita no verso da foto, seria o aniversário de Apolo e, fazendo as contas, faltavam menos do que dois meses. Arrumei a foto novamente e deixei no mesmo lugar.

Meus pés descalços tocaram o chão frio e fui ao encontro dele, já imaginando o que seria. Recolhi a toalha dobrada em cima da cama e fiquei mais uma vez surpresa com a quantidade de vapor que saía do vão da porta, achei graça e comentei ao entrar naquela névoa quente e úmida.

— Sua pele vai derreter. — Ele colocou sua cabeça para fora.

— O que disse?

— Sua pele irá desgrudar do seu corpo, como consegue tomar banho na água tão quente?

Gotas grossas pingaram dos seus cabelos e cílios e eu, hipnotizada pelos os olhos mais distintos que se podia imaginar, senti o quanto meu coração amolecia ainda mais vendo o sorriso que se formara em seu rosto.

— Eu acredito que é um hábito — a sinceridade de suas palavras me distraiu dos pensamentos pecaminosos que tive ao ver suas formas nuas. — Quando eu chegava dos programas, ligava o chuveiro no mais quente possível para tirar toda a sujeira que eu acreditava que estava impregnado na minha pele.

Estendi a toalha para ele sem conseguir formular um comentário sobre este assunto.

— Pode falar com a terapeuta hoje sobre isso se quiser.

Apolo me olhou com desconfiança.

— Tem certeza que quer eu lhe acompanhando nesta sessão?

Eu o chamara durante um jantar dias depois do nosso noivado. Estávamos sentados, rindo da falta de limite do Jon, o celular do Apolo chamou nossa atenção pelo toque, quando ele se levantou para atender, franziu o cenho e indicou que iria atender a chamada no quarto, ouvi seus lamentos abafados, mas não pude compreender suas palavras, quando ele retornou, ia começar a dizer algo quando eu interrompi e o convidei para me acompanhar na sessão.

— Sim, eu desejo que me acompanhe.

Apolo enrolou a toalha na cintura e saindo do box, balançou seus fios encharcados esparramando pingos de água para todo lado, arrancando um riso pela brincadeira. Fui surpreendida quando ele segurou meu pescoço com firmeza e me puxou para um beijo. Seus lábios macios e úmidos junto com sua pele quente eram de encher e transbordar meu desejo por ele.

— Apolo...

— Linda...

— Nós temos horário marcado.

Nenhum tinha coragem de se afastar.

— HUUUM! Tem razão!

A decepção em sua voz me causou mais um riso discreto, então, para amenizar o abraço e, piscando lentamente, vi meu reflexo no espelho totalmente distorcido pelo vapor no vidro, e foi quando fixei o olhar eu o vi atrás de nós, conforme o embaçado ia se dissipando, eu conseguia vê-lo melhor, encostado na porta, olhava para mim com a mão na boca segurando um riso.

— SAIA DAQUI! — empurrei o Apolo para trás de mim para protegê-lo e, quando olhei desesperada para minha frente, não havia ninguém lá. Não havia ninguém conosco.

— Linda? — ele me virou novamente para ele e examinou meu rosto assustado. — Estamos só eu e você!

— Por que ele não sai da minha mente, por que ele não me deixa em paz?

Deixei as lágrimas escorrerem dos meus olhos enquanto era confortada pelas palavras doces e pelos toques de carinho de Apolo.

— Vai ficar tudo bem! Eu prometo!

Eu juro, juro de coração que acreditara nas palavras do amor da minha vida, o único problema era que eu começava a não acreditar mais em mim.

Depois do episódio, terminamos de nos arrumar com poucas palavras trocadas e, deixando ração e água para 2.0, saímos para a

minha sessão.

O trajeto não era longo, vinte minutos no máximo, Apolo me espreitava com olhares, mas me mantive quieta, apenas cantarolando a música que tocava no rádio. Um dos pontos mais positivos dele era o quanto respeitava meu silêncio, ele sempre falava: *"se quiser que eu saiba, irá me falar, não precisa eu ficar perguntando"*, senti seus dedos quentes se enlaçarem nos meus e ele levou minha mão a sua boca pousando um beijo.

— Eu amo você!

— Hã? — com o olhar sério e fixo no trânsito, fiquei em dúvida se ele realmente me escutara.

— Eu amo você, Apolo! — disse um pouco mais alto do que a música da *Adele* que soava animada no carro.

— O que disse? — entendi que estava brincando comigo e dei um tapa leve no seu braço. — Eu também amo você, Linda! Estou feliz de confiar em mim para compartilhar esta parte, quero que fique à vontade para pedir que eu me retire se desejar.

Seria necessário?

— Apolo, quero que me prometa algo.

Estacionando o carro, ele desligou a chave e me olhou atentamente.

— Claro!

— O que ouvir hoje, me prometa que você não sentirá pena de mim.

— Linda, c...

— Me prometa!

— Eu já prometi, Linda! — eu soube o quão sincero era o que ele dizia pela seriedade do seu olhar, seus olhos estavam calorosos e calmos.

— Tudo bem — suspirei, e suspirei de novo, rodava meu anel de noivado no dedo sem parar, a ansiedade gerava em mim medo e o medo gerava angústia, Apolo segurou minha mão parando meus movimentos e assim que desvencilhou a mão, segurei na maçaneta e tomei coragem para descer do carro. — Então vamos, pois hoje irei dizer o que eu passei no *lodo*.



A sargento olhara pela oitava vez o relógio que ficava em cima de uma mesa de apoio, porém não demonstrou frustração pelo meu silêncio. Eu batia os pés freneticamente no chão e Apolo, mostrando seu apoio, apertou minha mão com carinho que dizia; "*Está tudo bem, eu estou aqui*".

Puxei o ar pelas narinas e senti meu pulmão inflar, quando ia dizer algo, senti meu peito arder e perdi a voz novamente.

Era exaustivo lutar comigo mesma, não havia sincronização entre minha mente e coração, não quando o assunto era o *lodo*.

— Linda pode me dizer o que fez convidar seu noivo para a sessão?

Sorrimos juntos, pois sabíamos que compartilhávamos a mesma alegria de estarmos noivos, eu o olhei brevemente criando coragem para falar abertamente sobre meu sofrimento.

— Sargento, eu mantenho essas lembranças presas na minha mente e quanto mais eu tento oprimir esses pensamentos, mais eu sinto o poder deles em cima de mim. — meus olhos arderam pelo choro contido. — Quando ele bateu na minha porta, jamais imaginei que estava estendendo minha mão para um demônio, eu ainda pago um preço

enorme por este erro, porém cheguei à conclusão que, em vez de guardar para mim o que aconteceu, vou expor a vocês, vou vasculhar cada vestígio daqueles meses em minha mente e jogar tudo para fora. — As lágrimas escorriam dos meus olhos e gentilmente a sargento me ofereceu lenços, que aceitei e, secando com cuidado meus olhos, os fechei voltando ao lugar onde tentaram arrancar minhas forças, minha vida e minha alma, e comecei a falar:

Will não percebeu, mas estou marcando os dias arrastando meu sangue pelo chão, e já fazem vinte e seis dias que estou neste lugar, pelo menos é a minha estimativa acordada, já perdi a consciência umas sete vezes, mas não sei ao certo dizer se foram minutos, horas ou dias. Sinto vontade de fazer xixi novamente e sei o quão doloroso é, não só a minha carne que está machucada quanto ao canal de urina que eu tenho certeza que está inflamado.

Já fui socada, chutada, e humilhada de todas as formas possíveis, porém, se ainda não me matou, é por que tenho algum valor, meus pensamentos são voltados sempre aos que eu amo, meu pai, Jordan, meus irmãos e ao Apolo. Na base de muita dor e sofrimento, vejo que Will tenta arrancar de mim meu sentimento pelo único homem que me fez abrir meu coração, dizem que, quando você encontra a pessoa certa no momento errado, a vida se encarrega de juntá-los novamente, acredito fielmente que esse foi nosso caso.

A porta acima da escadaria se abre e minha carne treme de medo. Sim eu admito que sinto muito medo, não consigo identificar qual, seria da morte? Não sei, mas eu posso somente afirmar que o pavor me percorre como brisa todas as vezes que a porta de cima se abre, pois eu sei que ele está pronto para fazer de mim o que lhe dá mais prazer, me ver sofrer e implorar.

— Bom dia, querida! Ou boa tarde. Ah isso não lhe importa mais, me diga, como passou seu dia?

Lunático, é um ritual sempre se iniciando como se ainda morasse com ele, depois, aos poucos, ele mostrava a sua verdadeira face. O que Willian tinha de beleza, ele tinha de crueldade.

Ele se aproximou de mim e fez cara de nojo, entende que ele mesmo me colocou neste estado, mantenho a boca calada, porém ele se abaixa e, olhando em meus olhos, riu ao identificar meu medo que era transmitido através deles.

— Escolha um dedo, vamos, vai ser legal! — estendendo os dez dedos na minha frente, vejo o anel de formatura de West Point, ele sabia que isto iria mexer comigo. — Você terá dez chances, em um desses dedos está a chance de um banho, comida e água. Porém nos outros estão alguns castigos, vamos dizer assim.

Ele estava brincando com minha mente novamente, sabia que eu ansiava por aquilo que oferecia, principalmente pela água, a infecção dos meus rins e a inflamação do meu canal estava me matando a cada dia, eu sabia disso e ele também.

— Escolha um dedo! Qualquer um, vamos ver se terá sorte hoje.

Com a ponta do nariz, escolhi o dedo indicador direito e ao fazer isto, Will torceu os lábios em reprovação.

— Mal começamos a brincadeira e já vamos acabar. — Ele enfiou a mão esquerda no bolso da calça e arrancou um punho inglês, tentei em vão me afastar dele, mas as cordas imobilizaram meus movimentos.

— Por favor, não! — Eu já chorava de desespero.

— Não implore, cada vez que implora, sabe que eu fico mais irritado com você, Linda.

Com a maestria de um sádico, encaixou a peça na mão e com a outra levantou meu rosto para olhar seu dedo mindinho esquerdo onde, com muita dificuldade, pude ver o que estava escrito.

— Água, banho e comida.

E num movimento rápido e preciso, fui apunhalada no rosto e a partir deste dia não pude enxergar com os meus dois olhos.

Voltando à realidade, vi que meus dedos estavam sem cor de tanto que os pressionara, a sargento me olhava comovida e Apolo se manteve firme ao meu lado, cumprindo a promessa que me fizera. Uma leveza se apoderou de mim e, mesmo com toda a tristeza me cercando e querendo dominar todo meu interior, tive coragem para continuar a falar como foram os dias e meses seguintes.

William não voltou por dois dias seguidos, fiquei num escuro total, ora dormia pelo cansaço físico, ora apagava pela fome e ora desmaiava pela febre insistente.

Quando ele retornou, estava diferente, como se a fúria que ela já tinha tivesse se multiplicado, xingava em várias línguas diferentes e ria só. Notei que as olheiras e a perda de peso eram consequências do seu cansaço, ser o malfeitor também estava lhe custando caro, mas ainda não era o suficiente.

Ele trouxe ampolas em suas mãos e injetou em minha pele, as agulhas picaram minha carne, porém não sentindo dor alguma, não reclamei e continuei a observar seus movimentos.

Apolo, onde você está?

Meu coração chamava por seu nome dia e noite, olhava para cima acreditando poder ver o céu e implorei por ajuda, alguma que fosse.

— Você é uma puta procurada, meus aliados me deixaram por medo das consequências de te manter aqui. São uns covardes! — Ele deu um tapa forte em meu rosto e senti a carne arder, soube que minhas preces começavam a ser atendidas.

Deitou se no chão a minha frente não se importando com o cheiro e imundice que eu me encontrava, dormiu em poucos minutos, que duraram horas, eu ouvia sua respiração tão tranquila e meu desejo era conseguir me desamarrar e estrangular seu pescoço até a morte, meu desejo maior era ver o último fôlego de vida se esvaindo do seu corpo lentamente, e ele consciente em saber que eu fui a responsável pelo ato.

Ele se remexeu, dissolvendo meus pensamentos malignos. Não sei o que me aplicou, mas a dor, que antes me castigava, era amenizada a

cada instante. Ele irá me manter viva para continuar a me torturar. Meu sofrimento não teria fim deste modo.

E foi exatamente como eu pensei, nas semanas seguintes foram dias e mais dias de sofrimento. William tratou de utilizar em mim todos os tipos de torturas imagináveis, a fome e o espancamento eram meus amigos inseparáveis, só que notei que houve um certo padrão.

*Tortura, água.
Tortura, tortura.
Tortura, comida.
Tortura, tortura.
Tortura, remédios.
Tortura, tortura.
Tortura, tortura.*

E assim o ciclo se repetia, mas, quando ele começou a aplicar os alucinógenos, eu realmente perdi a real noção de como tudo estava funcionando.

Não sei como ele fazia, mas todas às vezes eu via a mesma cena.

Eu sabia no meu interior que aquilo não podia ser real, ver Apolo assistir a tudo e não fazer nada e, quando Will já estava satisfeito, eu via o amor da minha vida virando as costas e indo embora.

Eu implorava, chorava até a exaustão, porém eu nunca recebi ajuda alguma.

William recitava seu mantra, um que impregnou em minha mente.

— Eu estarei sempre entre vocês!

E a corda em meu pescoço apertou um pouco mais até que o ar não conseguia passar para os meus pulmões e desmaiei.

— Eu estarei nas suas rachaduras!

Eu estava dentro de um tambor cheio de água há três dias, onde vestígios das minhas necessidades boiavam e minha sede era tanta que eu ansiava beber aquele líquido imundo. E quando ele decidiu me tirar da água, minha pele estava tão enrugada e machucada que, acredito eu, por piedade ele me deu água limpa para beber e bolachas de água e sal, devorei instantaneamente, porém ele começou a rir e, voltando um pouco à realidade, pude realmente ver o que ele me dera de comer era barro e o que eu bebia não sei identificar até hoje.

Aprendi nos últimos dias a me comportar como ele realmente queria. Era espancada e não chorava, morria aos poucos por falta de água e alimentação, porém não implorava e agradecia quando alguma migalha de gentileza partia dele. Mesmo ele sendo cruel cada dia mais. Eu não sabia distinguir mais o que era real ou não, Apolo não vinha mais nem para me ver ser torturada e minha única companhia era o próprio diabo.

William se contentava em me manipular e controlar, então em momento algum me violentou, porém as palavras de baixo calão eram meus nomes e sobrenomes e a droga mexia tanto com minha mente que começava a me esquecer que chamava Linda.

Na última semana, eu não fechei meus olhos por dias, pois todas as vezes que meu corpo ia desligar, ele acionava o choque e me dava uma dose de adrenalina. Arrancou algumas unhas com um canivete e fez meu cabelo de apoio para me suspender do chão.

E foi assim até o dia em que eu estava sentindo um calor que eu reconhecia, desejava me lembrar de onde, e enxergando mais turvo do que nítido, vi que estava junto ao meu Apolo. Ainda que não reconhecendo a realidade, fiquei feliz por achar que na minha morte, no meu fim, eu estava em seus braços.

Ainda de olhos fechados, senti, no fundo da minha alma, a Linda se libertando das correntes que Willian tinha colocado em mim, meu medo não havia se dissipando por completo, mas senti uma coisa que há tempos não sentia.

Abri meus olhos e sorri, pois fui tomada de um sentimento tão brando e satisfatório que não pude evitar falar.

— Eu me sinto finalmente em paz.



Capítulo vinte e oito

Engolindo o nó que formara se na minha garganta, apertei sua mão mais uma vez, mostrando-lhe todo o meu apoio. Uma das coisas boas de ser um SEAL era que treinávamos para esconder bem nossos sentimentos e reações, nunca entregar nada ao inimigo, mas, se tratando do que eu soubera e ouvira, se não fosse pela promessa que fizera a ela, eu, com toda a absoluta certeza, estaria aos prantos. Vi a cara de satisfação que a sargento fez a ela, quando Linda confessou que estava em paz, meu desejo era puxar seu corpo para o meu, abraçá-la com meu amor e, com todo o meu afeto, mostrar a ela que não estava só.

— Eu venho tendo alucinações com ele — eu já sabia disto também. — O ouço falar e vejo em lugares onde estou — sua voz era como se ela estivesse envergonhada por ainda ter resquícios da presença daquele desgraçado em sua mente.

— Eu acredito que, a partir de hoje, esse quadro irá mudar, tenente — a voz calma da sargento chamou minha atenção, eu era só um expectador dentro da sala. — Você, escondendo o que passou, estava semeando dentro da sua mente a presença dele, porém quanto mais

aberta ao assunto, menos pressão sentirá, mas vou passar uma medicação que lhe auxiliará.

— Eu estou doente mentalmente?

— Não, você está se curando! — a sargento colocou seu bloco sobre a mesa. — Não de uma doença, mas de um trauma. E está tendo um progresso significativo, na próxima semana podemos fazer algo diferente?

— Claro!

— Certo, então, estão dispensamos por hoje.

Linda soltou minha mão para se despedir da sargento, repeti o gesto lhe dando um sorriso fraco. A estranheza do lugar me deixara um pouco desconfortável.

— Vou lhe encaminhar a fórmula da receita por e-mail. Até a próxima semana.

Abri a porta dando passagem para Linda, ela, com seus olhos enigmáticos, me olhou de soslaio e não pude captar o que queria dizer. Não quis dar a primeira palavra, então, em silêncio, fizemos todo o trajeto até chegar no apartamento. Ela entrou e a pequena bola de pelo já mostrava sua preferência.

— 2.0 vamos ver o que fez de bagunça enquanto ficamos fora?

Ela se abaixou e fez carinho no pequeno animal, que deitou de barriga para cima recebendo a carícia dada por ela. Ri da carinha feliz que Apolo 2.0 fez e, ao fechar a porta e girar a chave, fui pego de surpresa.

— Desde quando você sabia?

O gelo que percorreu minha espinha fez gelar minhas mãos instantaneamente, suspirei porque sabia exatamente sobre o que Linda falava, fui me virando para justificar e, com uma calma surpreendente, Linda se levantou, cruzou os braços e me encarou, fúria, decepção e

principalmente vergonha foi o que vi naquelas chamas verdes que encaravam até meu espírito.

Abri minha boca para falar e ela balançou a cabeça, foi quando vi uma lágrima solitária escorrer de seu rosto.

— Linda... — eu estendi minha mão, porém ela não saiu do lugar.

— Desde quando, Apolo?

Abaixei minha cabeça, estava encurralado entre ela e a saída do apartamento, Linda tinha em seu sangue o poder de intimidar até um leão feroz, o queixo afiado estava levantado e, por um momento, vislumbrei a primeiro-tenente do exército americano, não soube o que se passava em sua mente, então de, passo em passo, cheguei perto dela e desviei indo para o centro da sala.

— Sente-se, que eu lhe digo.

— Estou bem em pé, Apolo.

A tensão entre nós subia como um foguete em decolagem.

— Eu acho melhor você se sentar, Linda! — fui um pouco mais ríspido, ela abriu os olhos em surpresa e cedeu.

Andei de um lado para o outro, tentando encontrar palavras para iniciar o que eu vinha escondendo dela, tomei coragem e, encarando a mulher da minha vida, revelei.

— Eu sempre soube!

— *Você é um puto de merda, Apolo! Eu preciso desse emprego sabia?* — Seige socou a parede, furioso.

— *Agora já foi, temos que pensar em como vamos concluir a missão!*

Jon riu, não sei se foi tirando sarro da situação ou porque estava indignado demais para dizer algo.

— Escutem, eu posso assumir total responsabilidade sobre o resultado final!

— Tá falando isso pra nos consolar, soldado? Deveria ter pensado antes de ir correndo falar com o chefe! — Paschoal fechou a porta.

— O que todos estão tentando te dizer, Apolo, é que estamos juntos nessa, mesmo se for pra gente tomar no cu — Jon deu os ombros. — Sempre foi e sempre será assim, irmão.

— Estou aberto à sugestão! — soei desesperado, pois era desta forma que me encontrava.

— Ou a gente volta para aquele país para finalizar...

— Ou podemos falar com o principal inimigo aqui no nosso país! — Seige terminou a frase de Paschoal. — Acha que consegue fazer ele falar?

— Não vou ser soberbo em dizer que sim! Mas, posso ser bem convincente!

— Então, começaremos daí, não estou a fim de comer e cagar poeira do deserto tão cedo.

Rimos do Jon, que olhou de um lado para o outro como se estivesse dito a coisa mais natural do mundo.

— Vai contar a ela? — Paschoal indagou.

Pensei brevemente.

— Não!

— E vai fazer como?

Encarei Seige que veio ao meu encontro e colocou sua mão no meu ombro em apoio.

— Eu vou mentir para, Linda! — e um gosto amargo tomou minha boca ao pronunciar aquelas palavras, pois, por mais que eu quisesse poupar minha Linda, a mulher que deu sentido a minha vida, eu sabia que minha mentira teria um preço e eu que iria pagar.

Ao escutar minhas palavras daquele dia, Linda colocou a cabeça entre as mãos escondendo seu rosto, meu estômago doía, mas eu não iria esconder mais nada dela.

— Julienne entenda, isso pode dar certo!

— Como pode dar muito errado, Apolo! — ela tentava, em vão, se controlar.

Eu havia proposto a ela a ideia que eu e meus irmãos tivemos, do mesmo jeito que Willian nos enganou, mentiu e nos manipulou, iríamos fazer com ele.

— Ele vai entrar na sua mente, Apolo!

— Não, Julliene, eu que vou entrar na mente dele.

Não posso dizer que me orgulho de certas atitudes, porém eu sabia que teria prazer em fazer o que fosse necessário com aquele filho da puta para cumprir minha missão.

— Então você veio, mentiu para mim e me fez acreditar que estava em outro país em missão sendo que estava aqui.

Ela ainda não tinha levantado o rosto, a voz murcha denunciava o choro contido, o anel de noivado, que dera a ela, reluzia pequenos pontos coloridos e meu maior medo era que, no fim desta conversa, ela decidisse não usá-lo mais, e gotas de suor tomavam meu corpo fazendo meu coração acelerar.

Eu não sei dizer como aconteceu, pois, quando dei por mim, eu estava sentado em frente ao homem que eu gostaria de matar com minhas próprias mãos.

Ele estava desacordado, tinha os cabelos crescidos e embaraçados, seu rosto, já desfigurado, não emitia mais a arrogância de antes.

— Bem-vindo ao inferno. — O cadete que me levara para dentro falou, e aquilo não me ofendeu, porém permaneci calado, a porta rangeu ao ser fechada e as trancas sendo fechadas só afirmavam que somente um dos dois sairia dali vivo.

— Bem que eu senti cheiro de peixe podre.

Filho de uma puta, ele não estava dormindo, fingia como sempre.

— Me falaram que quer falar comigo?

— Falaram é? — Suas gargalhadas medonhas queriam me por medo? Permaneci sem expressão.

— Talvez eu tenha algumas coisas para lhe dizer mesmo. Mas antes me diga, como vai a Linda?

Entendi por qual motivo contestaram sobre eu ficar a sós com ele.

— Livre!

Se era um jogo de palavras que ele queria, estão íamos jogar.

— Tem certeza? — desgraçado, sabia o que falava, Linda poderia estar livre fisicamente, porém mentalmente as dúvidas permeavam insistentemente. — Eu fui um amor inesquecível!

Ri e o peguei de surpresa, mexi na barba rala e apoiei os cotovelos nas coxas.

— *Amor inesquecível? Quantas vezes teve que disputar a atenção dela somente com um nome?*

Ele ficou vermelho de irritação, a motivação de ter sequestrado Linda eu já havia descoberto, era amor ressentido e não correspondido. Amor disfuncional, doentio e perigoso. Essa foi fácil, agora o que eu precisava descobrir era quem realmente era o Willian traidor.

Linda me olhou nos olhos e uma fagulha de irritação me fez recuar meus passos, ela se levantou rapidamente e foi para o quarto, segui seus passos e a vi entrando no banheiro e fechando a porta, os soluços dela eram audíveis e cada som de sofrimento emitido por ela fazia meu coração sangrar de várias maneiras diferentes.

— Eu ainda te escuto, Apolo, pode continuar! — ela fungava ao pronunciar as palavras, então, sentando no chão e encostando as costas na porta, puxei o fôlego para continuar.

— *Quer saber o que me dava mais prazer, sereia? — queria tirar seu deboche no soco. — Ela chamando seu nome sem parar. Apolo. Apolo. Apolo.*

— *Não precisava ter levado ela! — soei ameaçador, ele riu.*

— *Claro que sim! Foram o que me ordenaram e eu resisti de início, sério! — ele falava como se fôssemos velhos amigos, pois já estava ali dentro com ele há dez dias.*

A cada palavra dele, eu retirava forças do meu amor pela Linda, estudei meu inimigo por dias afinco, Willian era inteligente e perspicaz.

— *Mas a levou mesmo assim!*

Ele encarou minha tristeza e não tentei esconder que era real.

— *Aquela vadia me deu um trabalho dos infernos. Eu perdi anos da minha vida com ela, fazia todas as suas vontades, fui tudo o que ela precisava, quando precisava. E aquela puta ingrata me substituiu.*

— *E castigou o general e a ela? Qual a motivação? Vingança por um amor não correspondido?*

Ele me fuzilou com seus olhos, exalava morte e ódio.

— *Eu sei o que está fazendo, peixe de merda! Não se esqueça que fui treinado como você e por dois exércitos ao mesmo tempo.*

Boa, Apolo, pensei comigo mesmo, ele estava ali a mando do exército russo.

— *Ah, é verdade — levantei e fui para a saída. — Às vezes eu me esqueço que foi tão incompetente que não soube nem ser leal a uma nação só!*

Saí ao som dos xingamentos em inglês e russo do traidor, suspirei quando saí da cela, Julliene estava me esperando do lado de fora.

— *Foi muito bem! Parabéns, soldado.*

— *Obrigado, agente!*

Meus irmãos aguardavam no meu quarto, montamos uma verdadeira base num quarto de oito metros quadrados.

Acenei para cada um e fui para o chuveiro, necessitava de um banho fervendo, talvez assim queimasse a culpa que eu sentia a cada dia que ligava para ela e mentia um pouco mais.

A porta se mexeu e deduzi que ela sentara também, a sombra que saía pela fresta de baixo confirmava, subi os joelhos e abracei minhas pernas dobradas, já tinha começado e tinha que terminar de dizer tudo o que se passara.

— *Suas visitas estão me deixando entediado, porém quero lhe falar mais uma coisa. — Era meu prazo final, eu precisava saber a motivação dele, então usei minha última cartada.*

— Que bom, eu também!

Eu o vi se ajustar para dar seu bote final, já havíamos descobertos outros esconderijos através das conversas que vinha tendo com ele há semanas, estava exausto, porém ainda falta a cartada final.

— Quando vi que ela morria diante dos meus olhos, comecei a introduzir remédios, não iria admitir sua morte. — ele cuspiu perto de mim. — No começo, eu fazia para cumprir meu dever com meu camarada, porém, quanto mais eu a fazia implorar por sua frágil vida, mais prazer fui sentindo no trabalho que me fora designado — não pude conter as lágrimas que haviam se formado em meus olhos, Will se aproveitou disto e realmente destilou seu veneno. — Mesmo desacordada ela o chamava, implorava, chorava até que desistiu de você, desistiu dela. As chicotadas que eu lhe dava para acordar, me dava o maior prazer do mundo ouvir seus uivos de dor, quando arranquei suas unhas, o desespero em seu olhar era meu alimento para me dar forças para o dia seguinte e quanto mais eu a manipulava, mais ela se entregava de bom grado a mim. Korsov não aguentou, foi fraco o suficiente para me abandonar — caí de joelhos, pois sabia que ele só havia começado a falar, ele estava adorando me ver tão vulnerável. — Linda exalava medo e eu adorava o aroma, sabe, as cicatrizes nos braços dela, os pontinhos, tenho certeza que até hoje ela ainda não sabe, mas os ganchos de açougue, ah, eram sons adoráveis quando perfurei um por um em sua pele frágil.

Chorei, sim eu chorei diante meu inimigo.

— Nem toda causa do mundo pagava o prazer de tê-la somente para mim — Will falava rapidamente e gotas de suor brotavam de sua testa. — Abandonei minha missão com meu verdadeiro país somente pelo prazer de fazer Linda se entregar a mim novamente. No início, foi um pouco difícil, sereia, mas eu sei ser muito persuasivo, guardei lembranças ótimas, pois Linda tem alguns ângulos espetaculares. Confesso que às vezes era difícil conseguir certas coisas para meu divertimento com ela, mas um soldado bem preparado é uma coisa valiosa, temos meios de esconder muitas coisas quando queremos. Sabe quando eu soube que havia ganhado ela para mim, quando ela o viu e expulsou você de lá. Não houve vitória mais gloriosa que esta, os choques elétricos são bem eficazes quando necessários e os afogamentos mantêm qualquer um na linha.

Meus soluços eram altos e cada palavra dele soava mais prazerosa que a outra.

— Linda foi sendo moldado a minha forma, nossa música entoou por muitos dias, e rapidamente ela obedecia aos meus comandos ao ouvi-la. Eu consegui entrar em lugares onde jamais você entrou, eu soube como a dominar, coisa que jamais você conseguirá, ela se tornou submissa as minhas vontades, meus desejos e as minhas ordens, podem tê-la resgatado, mas eu jamais sairei dela. Você chegou tarde, soldado, pois Linda é mais minha do que jamais será sua. Abandonei minha missão de descobrir como o general e a cúpula iria terminar de dominar os insurgentes e conquistar os postos de petróleo, para o seu governo, coisa que meu país deseja ardentemente, porém dei prioridade a mim e conquistei aquilo que mais desejei em anos, agora e sempre, ela será minha por corpo e mente, pois sua alma eu roubei e irei carregar até a eternidade. Mas vou te dar um conselho, sereia, se a deseja tanto assim, pode usar meus métodos, eles são bem eficazes.

Secando as últimas lágrimas do meu rosto, me levantei e dei as costas para o meu adversário.

— Obrigado pela sua cooperação, Willian.

— Eu não... — Virei me, andei até ele e dei um soco em sua face.

— Hoje eu a pedirei em casamento e ela aceitará — ele se debatia como se estivesse sendo eletrocutado e continuei a sussurrar. — Enquanto estava aqui, eu a amei, curei cada uma das suas feridas e a trouxe de volta. Você nunca roubou nada dela porque nada lhe pertencia, Linda já havia entregado tudo a mim antes mesmo dela perceber. E enquanto apodrece neste lugar imundo até o dia da sua morte, saiba que eu continuarei amando ela dia após dia e você será uma lembrança resumida a nada.

— Eu vou matá-los.

Saindo de perto dele, fui saindo pela porta que já estava aberta.

— Ah, lembrei o que eu iria te dizer, espero que saiba contar muito bem, pois seus dias estão acabando, sua condenação saiu e será executado daqui a duzentos dias — fingi estar confuso. — Desculpas, cento e noventa e nove.

Ouvi Linda destrancando a porta e me levantei antes de abri-la, encontrei seu rosto molhado e seus olhos inchados pelo choro, suas íris estavam claras como uma floresta de Pinheiros novos, encaramos um ao outro por um tempo até ela se jogar em meus braços, eu a recebi e o frio do seu corpo me causou arrepios.

— Obrigada!

Minhas pernas amoleceram, não fizera nada comparado ao que ela passou e ela estava me agradecendo. Não resisti e a beijei, nossas lágrimas se misturaram ao sabor do nosso beijo, nossas línguas buscavam com urgência um ao outro, me deixei levar pelas emoções que sentíamos e, a cada gesto e toque, eu sabia que ela jamais fora dele, Linda era minha por inteiro assim como eu era dela.



Apolo

Sabe o que queima mais do que fogo?

Gelo.

Linda queimava como gelo, era arrebatador o modo como ela levava as coisas. Não resisti aos seus lábios e, intensificando os beijos, ouvi um gemido saindo dela, pressionando ela na parede, passei a beijar seu queixo, pescoço e pousei beijos em seus ombros.

Afastei-me, nosso dia fora turbulento e dramático. Linda estava eufórica e quando levantei seu olhar para mim, juro aos céus que ouvi raios e trovoadas esverdeadas.

— Sabe de uma coisa — ela se aproximou de mim e começou a dar círculos em minha volta. — Eu amo como o Apolo me trata, sou completamente apaixonada por ele.

Fiquei confuso, meu pau latejava de desejo e, a cada volta dela, ela me tocava com aqueles dedos gélidos em lugares diferentes, despertando em mim mais excitação e menos autocontrole.

— Só que eu preciso de outro hoje — ela estava nas minhas costas e percebeu como fiquei inquieto com a informação, não me virei e, quando recebi um beijo abaixo da minha orelha, arrepiei. — Preciso do meu *Desconhecido* por está noite.

Linda brincava com minha sanidade, ela enroscou os dedos na barra da minha blusa e, com meu auxílio, retirou a peça de mim, depositando beijos em toda as minhas costas, ora molhados, ora estalados enquanto arranhava meu peitoral.

— E o que deseja de mim, senhora? — minha voz saiu rouca, *inferno*, eu usei a frase que falava com minhas clientes de quando era um prostituto.

Linda soltou meu corpo, porém, permanecendo no mesmo lugar, deduzi, pelos sons, que retirava toda a sua roupa.

— Eu quero que se embebede de tudo que eu vou lhe oferecer! — a luxúria estava disfarçada pela voz manhosa.

Linda passou por mim e se voltou em direção à parede, ela era a minha visão do paraíso, mesmo com tantas cicatrizes, algumas vermelhas ainda, sua beleza continuava. Quando se virou para mim e vi a sua mão indo em direção ao seu triângulo, perdi o ar, encarou meus olhos e com o seu dedo começou a se tocar, um O perfeito formou-se em seus lábios, era um chamado, em total rendição a ela fui me abaixando em sua direção, não pedi permissão, pois estava sedento para sentir seu sabor,

toquei minha boca em sua boceta molhada e beijei seus lábios assim como beijara sua boca anteriormente.

Subi sua perna esquerda sobre meu ombro dando ainda mais acesso a ela, Linda agarrou meus cabelos com força e eu aproveitei para inserir um dedo dentro da sua fenda, ela gemeu em resposta, e quando comecei a sugar seu clitóris inchado pelo prazer, ela gritou o som mais lindo que eu já ouvi.

— Apoloo...

— Não, esse não é meu nome, senhora. — Eu a soltei por pouco tempo enquanto se recuperava do primeiro orgasmo.

Ela sorriu ainda fraca, terminei de retirar minhas roupas ficando completamente nu de frente a ela. Linda me cobiçava e eu adorei ver o desejo dela por mim. Comecei a movimentar meu membro para provocá-la.

— Me diga, *desconhecido*, qual a sua melhor especialidade?

— Ah minha, senhora — o estímulo estava tão prazeroso que tombei a cabeça para trás fechando meus olhos por um instante, mas fui surpreendido por lábios extremamente macios em volta do meu pau. — *Putá merda!* — foi a única coisa que consegui pronunciar.

Linda sugava na hora correta, passava a língua áspera em torno de toda a extensão, mas quando segurou minhas bolas com firmeza e engoliu tudo o que suportava, urrei de prazer, era demais até para mim, eu gozaria em pouco tempo.

Suas unhas marcaram minha bunda com arranhões que despertavam ainda mais vontade em mim, ela se desvencilhou para pegar um pouco de ar, aproveitei o momento e segurei seu pescoço, desejando sua boca na minha, enquanto a envolva num beijo quente e intenso, massageei seu seio, a textura macia da pele e o mamilo extremamente duro, não resisti e suguei cada um como se minha vida dependesse deles.

— *Porra!* Você é um cara mal.

Sim, ela sentia o mesmo que eu, nos encaixávamos perfeitamente um no outro como YIN e YANG.

Direcionei-nos para a cama.

— Eu preciso estar dentro de você, minha senhora.

Ela sorriu e não foi com timidez, foi com assanhamento e sabendo exatamente o que queria, a deitei na cama e dando beijos em seu pescoço, seios e em sua barriga, me ocorreu algo que sabia há tempos, eu venerava aquele corpo, olhei a aliança que formava meu compromisso com está mulher e eu sabia que a porção do meu amor aumentara um pouco mais.

Eu precisava sentir seu calor, Linda podia ter a pele fria, agir desta forma quando necessário, só que eu me sentia o homem mais sortudo do mundo quando lentamente eu fui sentindo seu calor me abraçar, ela pulsava de tesão e eu delirava por ver aquela mulher se desmanchar abaixo de mim. Eu não estava com pressa, então iniciei a estocadas lentas, a cada centímetro dentro dela, eu conhecia um céu e um inferno diferente. Ela trancou suas pernas para que eu fosse mais fundo e foi o meu sinal para que eu fosse mais forte, mais fundo. Meu apetite por ela não acabaria nunca.

Ela se contorcia e eu tentava em vão me controlar, abaixei para sugar aqueles seios que se movimentavam em uma sincronia perfeita, seus cabelos esparramados pela cama junto ao som que nossos corpos emitiam era como um bálsamo aos meus ouvidos.

— Por... Ahh. Favor, *caralho*, eu vou gozar.

Sim, eu também!

Saindo dela rapidamente, girei seu corpo sob o meu domínio e a deixei numa posição que meus olhos vibraram, Linda com a bunda empinada para mim, se apoiou nos cotovelos e olhou de lado, o que ela enxergava, e como se me desse autorização entrei dentro da mulher da minha vida, como se a minha vida dependesse disso.

Não foi preciso dizer nada, nossos gemidos entrecortados soavam altos pelo quarto, não liguei para os vizinhos, não reprimi em mim aquilo que meu corpo sentia, quando sua boceta sedenta se apertou ao meu redor, segurei seus fios e dei tudo de mim, Linda recebeu lascívia, com ânsia e poderosa.

Urrei.

Gozamos juntos, Linda sugava com apetite minhas forças enquanto suas contrações foram ao ápice e seu corpo flutuou como uma pluma.

Saí de dentro dela, meu corpo queria a cama então deitando puxei ela junto a mim, fazendo carícias pela sua pele ainda nua.

— Apolo? — ela estava sem fôlego, assim como eu.

— Sim?

Eu a ouvi suspirar alto, então fiquei com receio das suas próximas palavras, ela se virou de bruços apoiando nos cotovelos e, com uma cara de satisfeita, olhou nos meus olhos e perguntou;

— Vamos marcar a data do nosso casamento?

Não pude disfarçar a cara de espanto, que logo foi substituída por uma imensa alegria, a puxei para cima de mim e, tentando organizar seus fios para eu ver seu rosto melhor, notei o quão leve ela estava, voltei a beijar seus lábios com ardência e vontade e meu pau deu sinal de vida de novo.

— Vamos — separei suas pernas, colocando uma de cada lado do meu corpo, sabia que ela ainda estava encharcada, não me importei. — Mas antes quero que monte em mim e me faça andar mais uma vez no paraíso.



Capítulo vinte e nove

— Claro que eu aceito! — Jordan pulava empolgada por eu tê-la convidado para ser minha dama de honra, estava somente de camisola na chamada de vídeo e não se importou com Apolo ao meu lado da cama.

— Vamos marcar uma data em breve, Jordan, pode ir avisando que irá precisar de uma dispensa!

— Isso é o de menos, tenho que me programar para vestidos, flores e... — ela se sentou numa poltrona. — Apolo, necessito de uns minutos a sós com minha amiga, pode por gentileza nos dar espaço?

Ele estreitou os olhos com humor, pegou seu notebook e quando levantou o lençol, desviei o celular, pois aquela cena pertencia somente a mim, Apolo nu movendo suas asas tatuadas.

Assim que a porta do quarto se fechou, Jordan falou chamando minha atenção.

— Pode limpar a baba que está escorrendo pelo canto da sua boca! — mostrei o dedo do meio para ela que caiu na risada. — Ansiosa para a cirurgia amanhã?

Jordan sanara todas as minhas dúvidas, só reforçando a segurança que o cirurgião me passou, que já havia me explicado como funciona o procedimento e a recuperação.

— Eu estou mais ansiosa com o casamento - confessei.

Jordan pendeu a cabeça na poltrona, seus olhos estavam um pouco vermelhos, observei melhor sua feição e cheguei à conclusão de que ela esteve chorando recentemente.

— Jordan... — quando uma lágrima teimosa escapou, escorrendo por sua bochecha, vi minha melhor amiga, minha irmã de alma chorar descontrolada.

— Ele... — fungou — ai, Linda, que ódio! — mais choro. — Casado! Ele é casado!

O choque deixou minhas palavras presas na ponta da língua, minha vontade era pegar um voo para a Alemanha naquele instante para poder consolar minha amiga.

— Linda, amor não é pra mim! — ela secou as lágrimas na base do ódio. — Não quero ser pessimista, pois está num momento lindo. Só não consigo acreditar mais em amor.

— Não fale assim, Jordan, me conte como aconteceu.

Os quarenta minutos seguintes foram dela me explicando o quanto apaixonada estava pelo Hugo, no quão carinhoso e atencioso era com ela, que ele pedira transferência para a Alemanha para ficar mais próximo dela, que encaixaram seus plantões no mesmo horário, que o sexo era incrível e que quando ela estava pronta para conversar em dar um próximo passo, em assumir o relacionamento deles, ela atendeu uma ligação no celular dele enquanto ele tinha descido para pegar o delivery que tinham pedido, e na ligação o soldado responsável pela transferência dele perguntava se podia reservar a passagem da sua esposa.

— Linda, quando ele chegou com nosso japa eu simplesmente passei o celular pra ele e fiz a mesma pergunta que o soldado — ela secou mais algumas lágrimas com a manga do roupão. — Não deixei ele responder, eu peguei um casaco e, quando fui fechar a porta do meu apartamento, falei que quando eu voltasse não queria ver nada dele lá, e que principalmente não queria vê-lo mais.

— Jordan, vocês trabalham no mesmo complexo.

— Eu mudei meus horários, estou um caco, mas assim eu não preciso encontrá-lo — ela suspirou — Não vou deixar que essa oportunidade e experiência estrague por causa disso.

— Sabe que pode contar comigo para tudo. Eu amo você! — tentei ao máximo passar todo meu amor para ela naquelas palavras.

— Como não amaria essa maravilha? — mesmo triste, Jordan fazia os outros rirem. Ela teve algumas decepções amorosas, só que desta vez eu realmente vira o quão entregue e confiante estava com seu relacionamento com o Hugo.

— É errado eu sentir falta dele? Por que estou sentindo uma *puta* saudade.

— Você tem todo o direito de sentir o que quiser! Saudades, raiva, ódio e amor.

Ela me encarou pela tela e os olhos marejados só confirmaram o que imaginei. Ela amava o enfermeiro cafajeste.

— Linda, não viaja!

Não quis insistir no assunto por enquanto, a versão da Jordan ferida me feria também, deixei ela pôr para fora tudo o que sentia. Seu desabafo sincero e afobado distraiu ainda mais minha mente e quando meu celular anunciou a bateria baixa, despedi dela prometendo que ligaria para ela assim que acordasse da cirurgia.

A sensação que essa história ainda não tinha nem começado permeava minha mente, só que era uma conversar para se ter frente a frente com ela. E logo eu poderia ter este papo com a Jordan.



Meu celular soou na madrugada, a cirurgia marcada para às seis da manhã me fez ficar com insônia, então já estava acordada quando o despertador tocou. Apolo abriu os olhos preguiçosos, às vezes seu sono pesado me causava inveja, só que quando eu fechava meus olhos,

entrando em sono profundo, imagens e flash do meu cativeiro dançavam na minha mente e me manter acordada à noite toda era sempre um convite bem-vindo.

— Bom dia, Linda! — Apolo sorrindo de manhã era como um girassol imponente, o brilho natural atraía qualquer um para perto para admirar a beleza e a singularidade que oferecia.

— Bom dia! — sorri de volta.

— Antes de ir, o médico deu a recomendação de ficar de jejum, mas ele falou algo que não pode transar?

Seu sorriso logo se transformou em safadeza e o puxão que me deu, colocando-me sobre ele, confirmou o que eu já imaginava, seu membro já duro, roçou minha calcinha fina.

— Olha, ele não falou que não pode, mas também não disse se eu tinha autorização. — Me fiz de boba e ele, segurando meus fios, colocou sua boca em minha orelha.

— Então, eu espero que não haja uma recomendação dizendo que era proibido — ele deslizou a alça da minha camisola pelo ombro, deixando beijos quentes ali. — Porque eu pretendo foder com muito prazer a minha noiva agora.

Meu interior já pulsava com suas palavras, passei a mãos em seus cabelos e Apolo fechou os olhos quando segurei com mais força seus fios claros e aproveitando para beijar seus lábios, deposei mais uma vez meu coração de bandeja a ele, pois eu tinha absoluta certeza de que não estaria sozinha nesta queda livre chamado futuro.



Escutei sussurros, os sons, que antes eram baixos, aumentam gradativamente e iam me trazendo de volta ao mundo real. Consegui

identificar meu pai e Apolo conversando próximos à janela, pisquei meus olhos várias vezes, forçando para mantê-los abertos e, enquanto com um olho enxergava com exatidão, o outro era uma confusão de sombras e picos de luzes.

— Passarinho? — sorri devagar.

Ele segurou minha mão, senti que, depois do que passara, meu pai mantinha uma postura culpada diante de mim.

— Como está se sentindo? — ouvi ruídos quando Apolo se sentou na poltrona de acompanhante atrás do general.

— Com sono. — Ambos acharam graça da minha voz mole.

— Descanse mais um pouquinho, passarinho — ele fez carinho na minha bochecha e o sono foi me tomando novamente. — Estaremos aqui quando acordar.

Não teimei, a leveza foi tomando meu corpo e meus olhos abriam e fechavam lentamente e permiti me entregar novamente àquela amável escuridão.

Olhei para o relógio e dois minutos nunca se passaram tão lentos, assim que cheguei ao escritório, tivera a informação de que o meu general gostaria de falar eu iria a sua sala às catorze e trinta. Eu sabia muito bem qual era o assunto e o sim e o não se enfrentavam cara a cara na minha mente. Assim que deu o horário combinado, saí da minha sala, andei poucos passos e, assim que bati na porta, ouvi o general pedindo para entrar, meu destino estava sendo selado.

— Pediu para falar comigo, senhor? — meu retorno ao trabalho foi gradativo, semana a semana, fui recuperando cem por cento da minha visão e enxergar só me fez ter mais confiança na direção que iria dar na minha carreira.

— Preciso de uma resposta definitiva, tenente! — o General Beck girava a caneta em seus dedos, quinze dias atrás, ele foi conversar comigo sobre voltar a campo, Apolo não se intrometeu e nem tentou me influenciar na minha escolha, somente falou que me apoiaria em qualquer parecer que eu tomasse. — Seus homens a aguardam, e seu talento está sendo desperdiçado atrás daquela mesa, soldado.

Rapidamente um filme se passou na minha mente, eu e somente eu que poderia decidir, minha recuperação mental me fez tomar iniciativa.

— Estou pronta para retornar, general! — prestei continência e ele sorriu, o mesmo sorriso que meu pai me daria em algumas horas, de orgulho por um filho da pátria retornar ao seu lugar pertencente.

— Maravilha, tenente, daqui mais ou menos seis meses você e sua equipe parte para a Síria.

Perdi o ar por uns instantes. Não tive resposta.

— Posso me retirar, senhor?

— Está dispensada.

Saindo da sala, senti minha adrenalina estourar, meus ouvidos chiavam e meu coração disparado só intensificava meus sentimentos, medo e ansiedade, tudo misturado. Eu realmente estava pronta para retornar?

Meu telefone tocou e em passos ligeiros fui para um lugar mais reservado no Camp, a foto de duas asas tatuadas nas costas brilhou na tela e atendi o celular tentando controlar a respiração.

— Linda? Amor?

— Oi!

— Tenho que te fal...

— Preciso te cont...

Rimos por interromper um ao outro.

— Pode falar primeiro, como foi a reunião? — Apolo estava tão tenso quanto eu.

— Estou de volta à ativa e tenho uma missão daqui a seis meses.

Silêncio.

— Apolo?

— Linda, acabei de receber uma ligação do meu Almirante, saio em missão daqui a cinco meses.

Fiquei tão surpresa quanto ele, eu sabia que nossas vidas seriam corridas, tínhamos responsabilidades que muitos não entenderiam.

— Para onde vai? — questionei.

— Síria e você Linda?

— Síria.

Ele suspirou e ouvi que seus passos aceleraram, pensei no quanto iríamos treinar, e seria extenuante, a rotina de preparação era tão exigente e cansativa quanto à missão.

— Linda?

— Apolo?

— O que vamos fazer?

Tenho uma ideia.

— Marcar a data do casamento!

— E para quando está pensando? — ele se divertia tanto quanto eu.

— Um mês!

Um dos motivos que me fez amar tanto esse homem era porque a mesma coragem que eu tinha, Apolo também tinha, a ousadia em desafiar e cumprir o desafio, em se guiar no instinto e ouvir sua mente e coração. Quando fui surpreendida por sua presença ali no corredor, desliguei o celular e fui ao seu encontro, não podia beijá-lo como gostaria, mas segurei sua mão e encarei os olhos que eram minha loucura e razão.

— Então em um mês você será minha esposa?

Concordei com a cabeça e ganhei um riso que quase me fez perder a compostura. Apolo se aproximou do meu ouvido e falou suavemente.

— Avise ao seu superior que precisa sair mais cedo hoje — ele inala meu pescoço. — Preciso da minha noiva somente para mim.

— E o que tem de tão especial que não pode esperar até a noite?

Apolo se afastou, levantou uma sobrancelha e coçou a barba rala.

O calor que ele deixou em minha pele foi se esparramando, onde Apolo colocava seu olhar a pele queimava.

— Hoje é meu aniversário, Linda, e o único presente que eu quero é você!

Ah, porra!

Não me importava com quantas mulheres e homens tiveram a oportunidade de transar com Apolo, o que realmente me importa era o quanto ele e eu nos entregávamos um ao outro. Principalmente na cama. Sem regras, sem julgamentos, só nós.

Puxei seus cabelos, não muito forte, somente para ele entender o quanto estava bom.

— Não para, por favor! — eu implorei e Apolo, no meio das minhas pernas, levantou aqueles olhos bicolores para mim e me segurou no lugar. Ele passou a língua áspera na minha fenda aquecendo meu interior, eu já havia recebido outros orais, mas ele sabia fazer como nenhum outro.

Sem a pressa de muitos, e não lambendo só. Apolo realmente gostava do que estava fazendo, eu gemi e me contorci quando ele chupou com certa pressão meu clitóris, sua barba áspera intensificava todo o contato. Ele beijou meus lábios inferiores, mordiscava e sugava minha pele sensível.

— Ah, Apolo! — sim, eu não conseguia dizer muita coisa, ainda mais quando ele começou a inserir um dedo em mim, deslizando-se pela minha umidade e, depois de um vai e volta lento, retirou seu dedo e voltou inserindo dois.

— Eu sou o cara mais sortudo do mundo! — o ouvi dizer, não sabia dizer se era para ele ou para mim.

Ainda me fudendo com os dedos, Apolo continuava a torturar meu clitóris com a outra mão, se ele continuasse desta forma eu ia acabar gozando e ele sabia disso, observando meu corpo reagindo aos seus toques sincronizados.

— Quero seu mel somente para mim, Linda! — Apolo retirou os dedos lambuzando toda a minha buceta, deixando ainda mais encharcada, e voltou a me chupar, segurou ambas as pernas com força e com a língua fazia a mágica acontecer.

— Apolo! — gritei seu nome como um mantra, assim como uma onda de calor, lambeu cada parte do meu corpo.

Apolo se deitou em cima de mim e, apoiando em um braço, passou o outro numa forma de abraço, enquanto meus espasmos se tranquilizavam, ele deu pequenos beijos entre meu pescoço.

— Eu te amo!

Olhei em seus olhos e vi o quão sério dizia. Como podia descrever que eu o amava da mesma forma?

— Quero que deite aqui! — pedi indicando que ia ficar por cima dele.

Ainda encarando um ao outro, trocamos de posição, não encaixei nele de imediato. Passei meu nariz em seu rosto e senti seu cheiro, Apolo com suas mãos fortes passeavam em meu quadril e demorando um pouco mais em minha bunda sorriu com seus pensamentos, que eu tenho certeza de que eram extremamente sacanas.

— Eu ainda quero!

Comecei a beijá-lo lentamente, ele riu, meu gosto salgado estava em seus lábios e eu não me importei, ele subiu uma mão em meus cabelos intensificando o beijo, e eu aproveitei para acariciá-lo, quando alcancei meu objetivo, senti o quão duro estava, comecei a massagear o pau grosso e rijo dele, e ele gemeu em meus lábios. Passei sua cabeça inchada entre minha buceta misturando meu líquido ao dele, o tesão que sentia estava me levando à loucura.

— Linda, preciso que sente em mim agora! — ele ordenou e eu gostei.

Encaixei sua cabeça na minha entrada e descí devagar, muito devagar, senti cada centímetro dele entrar em mim. Apolo mordeu os lábios e fechou os olhos, seu rosto era de puro êxtase.

— Gostosa do *caralho*! — comecei a movimentar o quadril num vai e vem lento, os pelos curtos da pélvis dele roçaram toda minha buceta e eu adorei a sensação que senti.

— *Putá merda*! — Joguei meu troco para trás e o senti ir ainda mais fundo, estava toda preenchida, meu clitóris roçava nele e Apolo apertava meus seios ainda mais forte a cada movimento.

Meus cabelos começavam a grudar em minha pele suada, o modo como Apolo me encarava só intensificava ainda mais meus sentidos.

— Rebola — eu comecei a rebolar. — isso, Linda, encaixou gostoso demais.

Não conseguia formar muitos pensamentos, pois comecei a sentir uma sensação se concentrar no meu íntimo, Apolo me apertou ainda mais e eu soube que estava se segurando, então intensifiquei os movimentos e gemi ainda mais alto quando a sensação se transformou numa onda que tomou cada partícula do meu ser e se estourou em pequenas explosões, Apolo começou a gozar também, juntando-se a mim entre gemidos, xingamentos e declarações de amor. Nunca havia experimentado uma sensação tão insana, intensa e prazerosa quanto esta.

Apolo me puxou até ficarmos nariz com nariz, ainda encaixados, eu estava exausta, a garganta seca e o sono que me tomava era muito bem-vindo.

— Um mês? — ouvi Apolo sussurrar.

— Um mês! — confirmei, só me lembrando de uma coisa que eu tinha que fazer antes de me entregar por completo a este homem.

E eu tinha que fazer isso completamente sozinha!



Capítulo Trinta

Teria pouco tempo até que a informação chegasse ao meu pai, Apolo e o general iam ficar furiosos, mas eu não me importava, sabia o que precisava fazer para ter minha liberdade mental por completo, então

aproveitaria cada segundo. Pedindo uns favores e cobrando alguns, consegui a informação que tanto queria. As semanas que antecederam a data de hoje se passaram tão rapidamente que pensei que não daria conta de tudo. Jordan ter conseguido um afastamento só me fez amar ainda mais aquela mulher. Ela foi meu total apoio em tudo, até no meu plano de hoje.

Ainda era madrugada, tinha algumas horas para chegar até o hotel onde eu e Apolo dançamos pela primeira vez, beijamos pela primeira vez e transamos pela primeira vez. Eu me casaria com ele em algumas horas, meu nervosismo percorria minhas veias como ácido, meu estômago, que já não estava dos melhores, retorcia ainda mais.

Passando pelo corredor, vi que em cada porta um soldado de baixa patente se mantinha em guarda, eles prestavam continência para mim, eu só acenava com a cabeça e seguia em passos firmes para a última cela, a quarenta e nove.

— Bom dia, soldado... — vi na TAG o nome da mulher. — Hayes.

— Bom dia, senhora!

Ela era nova no cargo, tinha certeza disto. Pelos relatos que ouvira, não permaneciam dois meses com o mesmo guarda na porta, por segurança, tanto do preso quanto do soldado.

— Peço que não me interrompam por nada!

— Tenente, todos os cuidados foram tomados como a senhora sugeriu.

v Obrigada! — suspirei tomando a coragem necessária. — Pode mandar liberar a porta.

— Liberar a quatro nove — ela pede no rádio e o clique alto e o som do ferro sendo arrastado pela engrenagem automática fez meus batimentos acelerarem ainda mais.

Pisquei meus olhos mais para tentar adaptar à pouca luminosidade do local, forcei meus passos para dentro e logo avistei quem eu tinha ido procurar.

O cheiro me enojava, e não era porque o lugar estava sujo, eram as lembranças que um lugar escuro e a presença dele me traziam à mente.

— Sentiu saudades, Linda?

Ele estava sentado numa cadeira bem no centro do recinto, correntes cercavam seus pulsos e tornozelos, o corpo, que antes era cheio de músculos, agora estava magro e mal cuidado. Os cabelos estavam raspados e, ao levantar os olhos, reparei nas olheiras de noites mal dormidas.

— Willian! — o gosto amargo de falar seu nome tomou minha boca, meu repúdio a ele só aumentava.

Ele me encarou, eu estava usando o uniforme militar tradicional, meu cabelo estava preso num coque formal, sabia o quão firme ele estava preso à cadeira chumbada no chão, então dei passos adentrando ainda mais no local.

— *Suka!* — ele pronunciou alto.

Ficando a um metro e pouco dele, soltei um riso sarcástico.

— Não adianta falar em russo comigo, Willian, não falo essa língua.
— Enrolei meus dedos nas costas, sabia muito bem do que ele estava me xingando, *desgraçada* ou *puta*, a tradução vai de ocasião em ocasião.

— Veio rir da minha cara agora? — Ele se remexeu e constatei que as correntes estavam cumprindo bem o seu papel.

— Não! — fui sincera. — Não ia perder meu tempo somente para isso.

— Então o que veio fazer aqui? — o ódio permanecia o mesmo. — A sereia não está cumprindo bem o seu papel?

Eu sabia que ele iria querer jogar baixo comigo, então aproveitei para jogar o mesmo jogo que ele.

— Muito pelo contrário, ele cumpre muito bem! — tirei as mãos das costas e coloquei minha mão na altura dos seus olhos, onde meu anel de noivado se destacava em meio à penumbra. — Eu me caso hoje com ele!

Willian, arregalando os olhos, me encarou furiosamente, mordeu o lábio onde eu pude ter certeza que vi picos de sangue se formarem e, ao sorrir, pude ver as manchas vermelhas se esparramarem sobre os dentes dele.

— E como vai sua mente? — ele ironizou cada palavra.

— Quer saber se me perturba em meus sonhos, saiba que quase funcionou! — Cheguei perto do seu rosto, não muito e destaquei, — Quase! Mas, com a ajuda necessária, tirei todos os resquícios de você de mim Willian, você não está mais em minha mente, não está mais entre Apolo e eu, não está entre minha pele e logo não estará nem aqui.

Ele virou o rosto assustado como um rato encurralado.

— Não podem fazer nada comigo!

Tomei a saída da porta, mas, antes, tive o gosto de dar a notícia em primeira mão a ele.

— É aí que se engana, Willian, eles podem fazer tudo e a decisão já está tomada — dei as costas a ele e finalizei. — Lembre-se de mim amanhã, quando vierem te buscar para dar o veredicto final.

— Eu vou te matar, sua filha de uma puta! — Encostei a mão na porta de ferro e comecei um tique taque com a boca, isso o deixou ainda mais irado e possesso.

— Não, Willian, você não vai me matar, pois quem morre amanhã é você!

Saí andando para o corredor, deixando para trás um Willian desesperado e cheio de raiva, nunca fui uma pessoa vingativa, mas eu tinha a necessidade que ele soubesse que todas as promessas que ele fizera de me perturbar pelo resto da minha vida caíram todas por terra.

Quando alcancei o lado de fora, respirei o ar puro do amanhecer, tinha certeza de que meu celular, que estava na camionete, devia estar com tantas chamadas e mensagens perdidas do meu pai e do meu noivo que não teria como contabilizar. Deixei instruções para Jordan avisá-los assim que possível, meu dever comigo mesma estava cumprido. Paz, eu sentia uma paz plena, estava na hora de ir para o meu próximo passo. E para este eu me encontrava mais ansiosa que nunca.

Porque eu iria me casar com o amor da minha vida hoje!



Apolo

— E se ela desistiu? — Olhei assustado para meus irmãos que convidara para serem meus padrinhos de casamento e recebi vários olhares de volta, meu nervosismo era tanto que não conseguia identificar o significado de nenhum.

— Cara, a amiga médica dela já te explicou. — Paschoal se solidarizou com minha situação e me puxou pelos ombros. — Ela vai estar aqui no horário.

Linda e eu não discutimos... Muito... Em relação aos preparativos do casamento, o local onde a cerimônia iria ser realizada fora decisão dela e eu acatei feliz. O *The Thayer Hotel* iria acomodar todos os nossos convidados, fizemos questão de uma festa mais privativa, a maioria

militares, mas, olhando da janela do meu quarto, vi quão bonito estava o lado de fora.

— E os votos, Brassard? — Sorri e dei tapinhas no bolso da calça onde o papel amassado fez barulho.

Dei outro gole no whisky que ganhara de presente do Jon, o gosto amargo tomou minha boca, e fiz careta pelo sabor extremamente forte.

Ouvindo três batidas na porta, a cerimonialista entrou sem esperar alguma permissão e, observando todos os homens ali prontos e vestidos, sorriu satisfeita e veio até minha direção.

— Ela já está pronta?

Ela fez um gesto de zíper na boca indicando que não me daria pista alguma sobre a minha Linda. Trincando os dentes, puxei um suspiro frustrado, deixei meu copo em cima da mesinha e peguei meu sabre. A minha hora estava chegando.

Meus irmãos, vestindo o uniforme de gala, todos de branco como eu, fizeram questão de me abraçar e, um por um, fui parabenizado por hoje.

Já havíamos treinado como seria toda a cerimônia no dia anterior, a cada passo que eu dava, minha ansiedade aumentava, agora era para valer.

Paschoal seria o mestre entre meus irmãos e vestia o uniforme azul com listras vermelhas.

— Brassard, dá pra relaxar, *porra*? — Eu não conseguia colocar as luvas nas mãos pela umidade e, balançando meu corpo na vã tentativa de relaxar, fui anunciado pela minha música de entrada.

Ajustei como pude, o clima agradável só intensificava meu entusiasmo, estávamos beirando às dezessete horas e, seguindo em passos sincronizados para a passarela, acabei me encontrando com o general Shawn, o olhar desesperador que trocamos só indicava a mesma

coisa, sem sinal dela ainda. Respirei e pensei no sorriso mais fácil que eu já recebera. Minha mãe, se ela estivesse viva, estaria caminhando ao meu lado, fazendo carinho em meu braço e dizendo palavras doces e sábias, acalmaria meu coração e cheio de lembranças meu peito apertou de saudade mais uma vez e o trajeto até o altar, que seria um pouco longo, se tornou um borrão perto do meu único objetivo que era me casar com a mulher mais incrível do mundo, minha mãe aprovaria Linda, tenho certeza disto.

A maioria dos nossos amigos era militar e a diversidade dos uniformes de gala só deixava mais elegante o lugar. Linda escolheu lírios brancos, com a decoração branca com tons em azul, para tentar distrair minha mente, comecei a observar os detalhes que antes eram despercebidos.

Assisti todos meus irmãos tomarem suas posições, assim como a tropa e amigos de Linda, nossos padrinhos eram homens, exceto pela única mulher que entrava neste instante. Jordan, a melhor amiga da minha futura mulher.

Encarei Jordan procurando algum sinal, alguma pista, algum indício de que estava tudo bem e só vi a médica caminhando sorridente até o lugar reservado para ela.

— Ela está aí! — Jordan sussurrou.

Encarei meus sapatos lustrados, meu nervosismo fez minha boca secar e meu estômago pesou, a marcha nupcial iniciou, estava acontecendo, fechei meus olhos e tomei coragem de levantar minha cabeça em direção a ela, meu coração ardeu pela visão que eu tinha. A mulher mais forte que eu já conhecera entrava de braços dados com o pai e eu perdi o fôlego por sua beleza.

— *Putá merda!* — Eu iria me casar com a mulher da minha vida.

Linda sorria para os convidados e, a cada passo dado em minha direção, pude reparar no quão linda ela estava vestida de noiva, ouvira por várias vezes ela falando com a Jordan que seria estilo sereia e minha

curiosidade foi tanta que acabei pesquisando na internet, mas nada se comparava com ela.

Linda chegou na metade do caminho da passarela cercada com velas e flores, comprimiu os lábios como se precisasse tomar coragem e olhou para mim, seus olhos verdes penetraram ainda mais fundo na minha alma e meus olhos se encheram de água, não resisti a emoção, não relutei para me manter forte, todos ali sabiam do quanto eu esperara por ela, lutei por ela, quase morri por ela. E faria tudo de novo só para tê-la em meus braços novamente.

— Irmão! — A mão de Seige em meu ombro trazia a certeza que eu já tinha, ela seria toda minha em breve.

Linda sorriu de modo discreto para mim e cochichou algo para o pai que sorriu também. O general mantinha firme sua postura rígida e, quando se aproximaram o suficiente de mim, fui ansioso para recebê-la.

Minha vida.
Minha amada.
Minha *Linda*.



Linda

Sorri.

Sim, eu somente sorri ao caminhar ao encontro do homem com quem eu viveria até o fim dos meus dias. O jardim do hotel ficou exatamente como pedi, simples e cheio de iluminação natural, fosse com as velas, fosse com o entardecer no horizonte. Segurei ainda mais firme meu buquê, a cada passo que dava, meu coração não batia, explodia.

A mente da gente é louca não? Enquanto caminhava acompanhada pelos sorrisos e olhares dos nossos amigos e familiares, me lembrei do quão resistente fui a ele, do quanto tentara ser indiferente, mas aqueles olhos me acompanharam dia após dia, sua voz e seu toque traziam a vivacidade que eu tanto precisava e não sabia.

Passei a língua nos meus lábios e senti a textura do batom rosé, senti frio e calor, seria mesmo possível? Nem quando desarmava bombas ativas, sentia tanto nervosismo.

Meu pai sentiu que eu tremia.

Seria medo?

Não, eu caminhava com absoluta certeza de que escolhera o melhor caminho, pois, quando pousei meus olhos em Apolo, algo dentro de mim vibrou em resposta. Ainda bem que estava bem fresco, se não as ondas do meu cabelo colaria na fina camada de suor que formava em minha nuca.

Meu vestido marfim, que antes pesava um pouco, ficou leve como pluma, as pérolas e as pequenas miçangas cintilantes, que refletiam as luzes direcionadas a mim, tomaram novas cores e o decote em coração deixava meu colo bem à mostra e quase não se via mais minhas cicatrizes. Optei pela cauda curta que combinou muito bem com o estilo sereia do vestido que deixava à vista somente as pontas finas do meu par de sapatos azuis.

— Ele também está nervoso! — falei cochichando com meu pai e ele riu junto a mim.

Meus dedos formigavam pela expectativa, e, assim que meus olhos encontraram os de Apolo, encontrei o calor, a segurança, o desejo, a admiração a veneração que ele e eu compartilhávamos.

Apolo caminhou ao meu encontro sorrindo do jeito que eu mais gostava, um sorriso tímido, como se precisasse esconder algo nele e que revelaria somente a mim.

— General! — Ele estendeu a mão cumprimentando e meu pai, num impulso, o puxou para um abraço.

— Filho, eu estou te entregando o que tenho de mais precioso no mundo, Apolo — eu tentava em vão conter as lágrimas que começaram a acumular em meus olhos, vendo os dois homens que eu mais amava abraçados em puro respeito. — Ela é o motivo pelo qual eu guerrearia contra a minha pátria.

— Eu sei, senhor! — Apolo inclinou o rosto e, olhando para mim, afirmou. — Porque eu também faria igual e até mais!

Meu pai se desvencilhou dele e veio ao meu encontro, segurou com ambas as mãos meu rosto e, olhando em meus olhos, falou.

— Voa meu, passarinho! Voa!

Deixei as lágrimas rolares, não precisava me fazer de forte ali, há muito tempo construíra um muro, tijolo a tijolo, e meu coração não aceitava dividir espaço com ninguém, porém quanto mais eu tentava não me apegar, não me importar, mais pequeno o espaço ficava para ele e eu perdi muita energia tentando consertar suas rachaduras.

— Onde estava? — A mão quente de Apolo tocou minha pele e arrepiei sabendo que a partir dali seria até que a morte nos separasse.

— Finalizando um ciclo. — Era a mais pura verdade.

Ele levantou uma sobrancelha, mas logo relaxou.

— Pronta? — quando deslizou levemente os dedos pela minha pele exposta dos braços, senti o choque da química, e como só ele sabia ler meus sinais tomou meu braço rumo ao altar.

Estávamos caminhando juntos, lado a lado para o nosso futuro.

O capelão a nossa frente deveria ser um pouco mais velho que Apolo, olhei para Jordan e fiquei curiosa quando notei que encarava algo.

Linda segurando meu buquê, ela se ajeitou rapidamente e me deu uma piscadela com um sorriso.

— Amigos, irmãos e família — a voz do homem era forte e contida. — Temos todos os dias objetivos diários, lutas para batalhar e tratos para negociar, porém esses dois... — ele indicou com a mão em nossa direção e encarei minhas duas cores favoritas. — Resolveram compartilhar e hoje estamos reunidos todos aqui para testemunhar o primeiro passo para serem um só.

Como parar de admirar a beleza daquele homem, não só a exterior, mas a interior.

Viramos de frente um para o outro e vi quando Apolo tirou do bolso um papel amassado.

— Ouviremos seus votos e compromisso que farão a partir de hoje um com o outro! — Eu não havia escrito nada.

O papel mexia frenético em suas mãos, todos riram quando ele desvirou mostrando que estava de cabeça para baixo. Ri junto e aguardei suas palavras, palavras que ele escrevera para mim.

— Linda, *minha Linda* — ele enfatizou. — De todas as minhas missões, você foi a que eu mais batalhei, e eu lutaria por você outras mil vezes se necessário — meu coração transbordava de emoção e sorri ouvindo seus votos. — No meio da minha obscuridade, você foi a luz que me iluminou e trouxe-me esperança e o nosso primeiro bilhete foi o mais difícil de escrever — Apolo tirou os olhos do papel e a sinceridade com que seus olhos me encararam me fez saber o quanto havia de verdade ali. — Eu juro perante todos que te ouvirei quando desejar falar e me calarei quando o silêncio for necessário, cuidarei das suas feridas internas e externas, irei abraçar sua loucura e mantereí a sua sanidade, eu prometo ficar e jamais ir embora, mesmo quando quiser que eu vá — rimos pelo tom divertido com ele que dizia, e porém meu riso era misturado às lágrimas que desciam pelo meu rosto, Jordan me estendeu um lenço e sequei meu rosto com cuidado para não borrar muito minha maquiagem. — Linda, eu te entrego meu corpo, coração e alma, pois sei que você é e será para sempre meu lar.

Quando ele dobrou o papel e colocou de volta ao bolso, vi passar o dedo no olho colhendo suas lágrimas, meu único desejo era beijá-lo loucamente, afirmar que eu aceitava e que era recíproco. Todas as palavras, as atitudes e principalmente o amor.

Percebi quando o capelão me olhou esperando eu iniciar meus votos, todos os olhares se voltaram a mim e o mais curioso deles se divertia porque já me conhecia o suficiente, Apolo sabia que eu não havia escrito nada. E não foi por falta de tentativa, mas como descrever em palavras que ele era minha vida.

— Menino filho de Zeus e da Titã Latona... — o choque que se instalara em seu rosto compensou, Apolo não sabia, mas durante anos eu recitava esse poema em minha mente repetidamente para conseguir me acalmar ou dormir. — Era deus do sol e da poesia. Também, irmão gêmeo de Ártemis cuja história nos ânsia — nossos convidados ouviam curiosos minhas palavras, que para Apolo e para mim carregavam tanto significado por nossa história. — Sua mãe se escondeu na ilha de Delos onde nasceram os irmãos, Zeus havia traído a esposa e Hera tinha ira em mãos. Era irmão de Hermes, Hefesto, Ares e Atena, sua pontaria era perfeita, com um ano matou a serpente que sua mãe sempre repudia. Desafiou um cúpidos — pisquei para ele e ele sorriu. — Sentiu o que era desilusão quando apaixonou-se por Dafne e sofreu grande rejeição — em minhas palavras finais, respirei tentando controlar minha emoção. — Era um deus justo e generoso, apesar de ter sofrido muito por amor, nunca desistiu e sempre soube que o encontraria e essa é a história de Apolo.

Ouvi vários suspiros em nossa pequena plateia, alguns cochichos, uma música baixa, porém o que mais me interessava estava com seus olhos vidrados em mim, Apolo dominava sua fúria e calma ao mesmo tempo, era intenso e contido, como se na divisão de cor dos olhos, também houvesse duas versões dele, Apolo e o *desconhecido*, e eu amava os dois.

— Então, pelas palavras ditas e promessas feitas que as alianças selem seus votos.

Atenta aos próximos passos, vi Apolo se virando para Paschoal que retirou uma caixinha de veludo preta com fios em arabesco dourado do

bolso e entregou sorrindo para ele.

Ele abriu a caixa e um par dourado imponente de alianças *Bvlgari*, a noite caindo deixou tudo ainda mais especial, o capelão colocou as alianças em cima da Bíblia, deu um sermão sobre paciência e respeito e recitou um verso.

— ...Acima de tudo, porém, revistam-se do amor que é o elo perfeito. Colossenses três, versículo catorze. — ele entregou cada aliança ao seu oposto. — Repita comigo Apolo.

Com delicadeza, Apolo pegou minha mão esquerda e eu repeti o gesto, encaixamos os anéis nas pontas dos nossos anelares e juntos, olhando um para o outro, pronunciamos as palavras que cravaram meu peito com força.

— Eu, Apolo Philip Brassard, aceito você, Linda Shawn, como minha legítima esposa...

— Eu, Linda Shawn aceito você, Apolo Philip Brassard, como meu legítimo esposo...

Enquanto o amor da minha vida foi deslizando a aliança pelo meu dedo, fui absorvendo suas palavras e fazendo da mesma forma, um gesto tão simples e tão cheio de significado, nunca fora religiosa, mas, naquele momento, agradei a Deus pela oportunidade de felicidade que Ele estava a me dando.

— E prometo amar-te e respeitar-te na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, por todos os dias da minha vida — recitamos.

A aliança pesou em meu dedo, mas nem se comparava à carga de emoção que eu senti naquele momento.

— Pelo poder investido em mim pelo estado, pelos homens e por Deus, eu vos declaro marido e mulher.

Senti que parara de respirar.

— Pode beijar a noiva.

Apolo exalava expectativa, e quando demos o último passo que separava nossos corpos, pude sentir o calor, aproximando seu rosto ao meu, suspirei e o perfume que lembrava o frescor de uma floresta inundou meus sentidos, e encarei seus olhos. Os olhos que me salvaram do meu pior pavor, meu pior tormento, o medo de amar.

— Eu amo você! — disse antes que nossas bocas se tocassem.

O beijo foi delicado misturado com uma brutalidade contida, Apolo segurou minha nuca e meus pelos arrepiaram pelo toque quente, meu interior vibrou porque eu sabia o que me esperava mais tarde. Sim, a paixão, o desejo e o carinho estavam ali. Nossos convidados viraram fumaça naquele momento, não me importei com nada nem ninguém naquele instante, pois o que eu tinha de mais valioso me segurava em seus braços. Diante das estrelas que brilhavam no céu, da lua que iluminava nossa noite e de todos ali presentes, nosso beijo selou um juramento secreto, de que nem a morte poderia nos separar.



Epílogo

Passo, mais uma vez, o protetor solar na pele avermelhada dos meus braços, não me incomodo com as diversas cicatrizes em minha pele. Sentada na areia, numa esteira de palha, admiro meu marido sair do mar vestido um short de tacetel azul com verde. Bem brasileiro.

Planejamos esta viagem por mais de três anos, ficamos frustrados por várias vezes por não conseguir conciliar as agendas do trabalho, quando não era Apolo em um serviço era eu em uma missão. Encaixar férias com forças americanas distintas foi quase impossível, quase.

— Devia entrar, Linda, a água está incrivelmente quente.

Entrego para Apolo os óculos escuros estilo aviador e, quando ele se agacha para pegar a toalha na sacola, respinga água em mim.

— Você já está cumprindo muito bem essa tarefa me molhando toda — passo minhas mãos para tirar o excesso de água. — Assim, nem preciso entrar no mar.

Apolo se senta ao meu lado rindo, um leve bronzeado começa a aparecer em sua pele, o tour que estamos fazendo pelo país está compensando cada momento. Desembarcamos no estado do Amazonas e a experiência que passamos naquele lugar foi surreal, as lembranças dos Lençóis Maranhenses estarão em minha mente para sempre. Nunca pensei que o país tivesse tantas belezas, o sabor da Bahia, a vivacidade do Rio de Janeiro e o fascínio pelo Pantanal são totalmente justificados.

Porém, nada me fez tão feliz quanto às praias de Santa Catarina, as trilhas, as cachoeiras e o mar se tornaram meu destino favorito.

— Vou pedir outra caipirinha, você não quer beber mesmo? — Apolo me questiona e mais uma vez nego a bebida tão famosa.

— Quero outra água de coco, traz duas. — Faço sinal com os dedos indicando a quantidade.

Ele não insiste e sai em busca de um quiosque, observo as pessoas ao meu redor, muitas famílias com sotaques variados estão aproveitando o calor de janeiro. Meu celular começa a vibrar e, quando o pego, vejo a foto da minha melhor amiga na tela.

— Por favor, me diga que não está na praia. — Jordan surge na chamada de vídeo, engraçado que meu primeiro pensamento quando cheguei neste país foi de que queria que ela viesse vivenciar tudo isso.

— Estou aproveitando uma das mais bonitas que eu já vi.

— Você é uma vaca sortuda. Estou a uma temperatura de congelar até o sangue. — E ela não poderia estar mais certa, Jordan está em serviço no Alasca. Enquanto ela fala, a fumaça que sai da sua boca e as camadas de roupas que veste só confirmam o quão gelado está.

— Temos que vir para o Brasil juntas!

— Nós iremos, quando estiver mais tranquila. Por falar em tranquilidade, já contou para seu marido?

Olho ao redor para ver se Apolo está perto, não o vejo, somente os turistas animados

— Não, vou falar hoje — Digo sussurrando, e não sei se Jordan escuta pelo som das ondas, do vento e das várias caixinhas de sons que cada amontoado de pessoas utiliza.

— Tá bom, me conte tudo depois e, Linda — observo que ela mudou de ambiente e fico surpresa quando ela aparece na tela segurando um cupcake com uma velinha, a imagem não está muito nítida, porém estou emocionadíssima com o gesto. — Feliz aniversário!

— Obrigada! Eu amo você! — A saudade faz com que meus olhos fiquem marejados

— Eu te amo! Tenho que trabalhar.

Vejo Jordan apagar a velinha com um sopro.

— Jordan, só uma coisa. Como você está?

Dói-me ver como minha melhor amiga está ferida, pois ela muda seu comportamento repentinamente.

— Linda, aproveite o seu dia. Tchau!

Não tenho a chance de falar mais nada, Jordan encerra a chamada sem querer tocar no assunto mais uma vez.

— Ela precisa falar, meu amor. — Assusto quando ouço Apolo ao meu lado e guardo o celular. Não sei o quanto da minha conversa escutou.

— Sim, só que não sei mais o que fazer — ele me entrega meus cocos e dou um gole pelo canudo sentindo o sabor gelado descer pela minha garganta. — Semana que vem, quando chegarmos em casa, terei ainda mais alguns dias, pensei em ir para o Alasca.

— Ela vai adorar.

Acho engraçado como os brasileiros são soltos, mesmo Apolo estando ao meu lado e de aliança, vejo os olhares sugestivos para meu marido. Ele está ainda mais forte e as asas em suas costas chamam atenção tanto quanto o próprio Apolo, ou talvez sejam os olhos bicolores.

— Poderíamos ir para a casa. Estou cansada e queria descansar antes do jantar.

Espio de lado e vejo que ele não está bebendo, entrego um dos meus cocos para ele, que aceita de bom grado.

— Acha que eu deixarei você descansar? — Ele toma o canudo com a boca, mas antes de sugar, passa a língua pelo plástico.

Não respondo, pois os efeitos desta cena começam a mexer com meu interior e, sem perder tempo, organizamos tudo e vamos para a casa que alugamos pelo *Airbnb* à beira mar. Enquanto conversamos sobre o que iríamos jantar, Apolo sobe para o andar de cima para tomar uma ducha e tirar o sal do corpo, sempre insinuantes suas

palavras me convidam para o banho e eu recuso.

— Onde está? — Reviro minha nécessaire desesperadamente, quando encontro, pego papel e caneta e escrevo o texto rápido, embaixo da cama, a caixa pequena está intacta e coloco tudo dentro. Ouço quando o chuveiro desliga e deixo tudo em cima da cama.

— LINDA! — quando ouço Apolo gritar meu nome, o nervosismo faz meus músculos pularem, seus passos rápidos o levam rapidamente para as escadas onde estou sentada no primeiro degrau — Você está falando sério?

Quando tenho coragem o suficiente para olhá-lo, reparo que Apolo está somente de toalha e gotas grossas de água deixaram um rastro pelo piso de madeira. Ele vem até minha frente e se ajoelha, ficando rente a mim.

— É verdade! Estou grávida e morrendo de medo, Apolo.

Seus olhos tomam cores novas, há tanto amor que se as gamas de cores pudessem ser interpretadas, seriam descritas que ele está me conhecendo mais uma vez. As lágrimas já escorrem por minhas bochechas, fiz dois testes há dias atrás e guardar o segredo vem sendo tão difícil que, agora que o vejo segurando o teste positivo em sua mão, o peso e a angústia se esvaem através dos meus olhos.

— Linda, você não poderia me fazer mais feliz, amor — ele com delicadeza segura minhas pernas e entendendo o que Apolo deseja fazer, deixo ele se aproximar da minha barriga. — Oi, é o papai e eu sei que você não vai entender nada, mas eu irei fazer uma coisa agora.

O toque suave que ele dá pela minha pele, ajuda a apaziguar o medo.

— Apolo, eu sei que n... — Não tenho tempo de terminar minha fala, pois sem aviso, o amor da minha vida me toma os lábios num beijo afetuoso, que logo se transforma em um beijo ardente.

— Eu te amo, Linda e, mesmo sendo o seu aniversário, quem ganhou o maior presente de todos fui eu. Pois, além de ter o amor da minha vida em meus braços, agora teremos nosso amor em forma física. E eu não poderia estar mais alegre.

E assim, mais uma vez Apolo me toma nos braços, subindo sem esforço as escadas acima, sua toalha fica pelo caminho e quando entramos no quarto e Apolo fecha a porta com o pé, tenho certeza de que mais uma vez ele me fará passear no paraíso.

Agradecimentos

Linda e Apolo, obrigada por aparecerem quando eu mais precisei.

Hugo Boaz, você é a criança mais compreensiva e incrível do mundo e Rodrigo, o pai mais incrível do mundo.

Bruna e Juliana, sou extremamente sortuda por ter vocês duas na minha vida, pois meus surtos, somente alguém que fosse tão igual a mim, suportaria.

Ana Flávia e Carla que me disseram para meter a cara e escrever.

Helô por acreditar na força que minhas palavras possuem.

E a todos os leitores e amigos literários que fiz pelo caminho, meu muito obrigada.

Quem é E. Prado?

Estephane Prado nasceu em 1993 no interior do Mato Grosso do Sul, desde a adolescência sempre foi apaixonada por livros, séries e viajar. Queria ter sido militar e se matricular no ITA, porém tomou outros rumos. Descobriu que foi trocada no hospital quando nasceu e o seu melhor remédio para a sua ansiedade foi escrever. Hoje, casada e com um filho, se aventura em pôr no papel as conversas que os personagens falam em sua mente.

